



DEZEMBRO

Revista Feminina



ANNO VIII - N. 91

PREÇO: 5\$000

Nunca encontrei um medicamento tão eficaz para as

MOLESTIAS DO UTERO

como

A Saude da Mulher

Eu, abaixo assignado, Doutor em Medicina pelas Faculdades do Rio de Janeiro e de Paris, onde exerci a clinica durante longos annos:

Declaro e affirmo, sob a fé do meu grão, que, em minha clinica, nunca encontrei medicamento tão efficas para as molestias do utero, principalmente para a irregularidade menstrual, como seja "A SAUDE DA MULHER".

Dr. Valeriano Ramos

(Rio).

Centenares de médicos brasileiros, em attestados authenticos, concordam com a opinião do illustre clinico Dr. Valeriano Ramos, que proclama "A Saude da Mulher" o melhor remedio para as doenças do utero.

"A Saude da Mulher" allivia, regularisa e cura o utero e os ovarios.

"A Saude da Mulher" combate com successo incomparavel os corrimentos, as flores brancas, as hemórrhagias, as suspensões, a falta de menstruação, as regras excessivas, as menstruações dolorosas, as dores do utero e dos ovarios, o rheumatismo, a fraqueza, a anemia, as côres pallidas das senhoras, emfim todas as doenças do utero e dos ovarios.

Assinatura annual para todo o Brasil 150000
Assinatura com registro 200000
Idem para o estrangeiro 300000

Revista Feminina

Redacção

AVENIDA S. JOÃO N. 87

Primeiro andar

Telephone N. 6559 Cidade

FUNDADA POR VIRGILINA DE SOUZA SALLES

Secretaria: Aveilina de Souza Salles

O 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas declarou que a "Revista Feminina" é um modelo digno de imitação.

Sua Eminência o Cardeal Arcoverde afirma que a "Revista Feminina" é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas.

ANNO VIII

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 1921

NUM. 91

DEZEMBRO



ADA anno que se passa, meos encontra as tradições de nosso Natal e do nosso Anno Bom. Tudo em nosso paiz, aos poucos, perde sua individualidade propria para se apropriar da estrangeira. Neste mez de dezembro, tanto nos chromos das caixas de confeitos, quanto nas lithographias dos cartões de boas festas e de anno bom, commemoraremos mais uma

vez não o nosso Natal senão que o Natal, ou Christmas, ou Noel, de outras raças, desde o joveus révellon do primeiro até o dinner-concert com jazz-band do dia da visita dos "reis" magos ao presepe do Jesus da religião dos tangos e dos maxixes....

O tempo ali se nos depara como um velho de longas barbas brancas, tropeço andar, tremulas mãos, quadris amarrados, rouqueba voz, mal almeitados olhos, figura de canicie que vai abrindo os annos como se abrisse as portas de um museu de morte. A paisagem que o enquadra é de pinheiras da Curlandia, ou da Noruega, ou cumes dos Alpes ou dos Pyreneus, paisagem de frio, de morte, entanguida, triste; o funeral branco da neve.

E assim commemoramos o Natal, com pinheiros importados, e feitos de papelão e gesso, quando dezembro para nós é mês de festa, de arvores verdejantes, de musica, de soll... Estranha molestia de estrangeirismo!... É quando nossas florestas exhibem seu melhor verde, nossas cigarras suas mais estridulas canções, nossas fontes seus mais apaixonados madrigaes, nossas aves, seus mais limpidos gorgiejos, nos pomares suas mais profusas sorvalhadas, nossas flores seus mais cadimios perfumes e mais vivos coloridos, nossas elmas seus mais apaixonados amores!... Nosso Natal é de desabrochar, de fragrança, do pleno triumpho na Natureza e na vida em todas suas formas!... Nosso Menino Jesus é gordo, corado, de coxilhas redondas, bocca de sorriso, impaciente de movimento, a bater com as mãosinhas repolhadas a agua do banho como se annunciava nova marca de sabonete fino... Nossa Senhora, a Maria que idealizamos, e que entroncamos em nossas salas e em nossos corações, é a mãe feliz que acaricia, risonha e orgulhosa, o recém-nascido da côr da polpa dos jambos e do grão da roman.

A agua que corre junto a nosso Presepio não pôde ser aquelle veio pobre que um risco de brou assignala na paisagem de cartão. É a agua que jorra e se despenha em cachoeiras, e vem matar seu impeto, humildemente, aos pés de Jesus. Os bois que levamos a adorar o filho de Deus não devem ser aquelle gado Zebú, ou Caracó, ou sei lá que, que a Europa nos manda

enfardados com suas castanhas, sua champagne e seu vinho verde, num Natal de conserva e factura consular que nos é exportado contra saque a noventa dias. Temos que pôr ali, para que sejam nossos os bois, o gado chucro, o pello creoulo, isto é toda nossa sinceridade no offercer, a nada artifício ou Academia no pedir.

O céu que, de facto, cobre o nosso Natal não é aquelle ceu europeu de asperas inverneiras com o carregueiro da morte, e ro qual parecem os neveiros que o correm (raldinhãs e cueros, e timões, de lan com que a natureza previne o Menino Jesus contra os resfriados e as bronchites.

Não. Nosso ceu de dezembro é bella colcha de seda azul, colcha ainda de noivado que se guarda para o berço do primeiro filhinho; colcha festiva, fresca e alegre que se estende ao ar livre para que sobre ella o Menino Jesus brinque a "amarelinha", e fazendo da lua a pedra do jogo, leve-a com bons pontapés do "interno" ao "purgatorio", e do "purgatorio" ao "ceu", enfeitando os foot-ball, e tennis, e crickets, e base-ball, e tudo quanto nossa macaqueação tem importado.

Os proprios reis magos, se bem que devessem conservar sua indumentaria característica, poderiam aqui receber a transusão do sangue tropical para os compensar da sangria occidental.

Este Natal, e esta paisagem, deviam-n'a fazer nossos pintores, porque seria o nosso Natal, o nosso menino-Deus. Jesus nasceria no Brasil, a cada um de nossos 25 de dezembro, e não nos seria exportado dentro de caixas de papelão e serragem de madeira, esse Menino Jesus internacional e inexpressivo que toma passagem na agencia Cook, e se guia por um Esdeker!... Todas as nações, desde o inicio do mundo, plasmaram suas crenças em imagens suas, imagens de sua propria raça. Vede a Madonna italiana, e a Virgem hespanhosa; compare um Christo suco a um Christo português; um diabo inglês charqueado, e monsyllabico, a um diabo marselhez rubicundo, amigo do riso e da boullabaisse, e vereis que todos os povos nacionalizam o que importam, da semente, que a propria terra nacionaliza, ás crenças que os proprios corações adaptam ás virtudes e aos vices de sua raça. Só nós, brasileiros, nem só não nacionalizamos o que nos vem de fóra como ainda desnacionalizamos tudo quanto nos está portas a dentro... Quando nascerá o Christo salvador que nos redima do grave peccado em que vamos contra nossa propria patria?

Não ha, podemos quasi assegurar, em toda a terra noticia de tão horrivel e dilatada lepra descamante como a que nos afflige, nos leva a arrancar com as unhas toda a epiderme de tradições nacionaes que nos vestia.

E em vez de procurarmos remedio a esse horrivel mal esolativo, a esse tremendo portulamis generalizado, mais e mais nos intoxicamos de estrangeirismo, desde o comer pelo menu francês, até o beber do espirito pelo livro gallico. Alimentados physica e moralmente no estrangeiro, vestidos pela moda estrangeira, com os olhos postos incessantemente na historia de outros povos que estudamos com mais interesse que a nossa, educados em collegios onde só se fala o francês, aos poucos o Brasil se despojava de brasileiros, enquanto vinte e tantos milhões de macacos se empoleiraram nas arvores, pintam-se de carmin e pô de arros á francesa, boxam-se á americana, shootam-se á inglesa, injectam-se de "côcô" o de morphina á parisiense, e sem patria, sem crenças, sem tradições, satimbanços nomades, armam á beira da civilização o circo em que se devem exhibir como os palhaços do mundo civilizado!...

Renacionalizemos, ao menos, nossa religião. Acabem nas casa de familia com essa historia ridicula que se conta ás crianças do "papá Noel": isso é bom para as crianças abobadas e retardadas da França, não para nossas vigorosas crianças nas quaes a puberdade impetuosa aneia por explodir, o que lhes põe na intelligencia acuidades tropicaes, que não se deixam facilmente emtahir.

Voltemos a nosso antigo Natal, e collaboratemos nossos artistas em formar o Presepio brasileiro. Em vez das orgias dos reveillons ou das vinhças e castanhadas, em vez dos panetons ou dos Christmas-cakes, e demais calabreações de festins alhosos, regressemos a nossa ceia familiar, á canjiquinha de leite, á mandioca assada, ás saborosas pipocas, ao leitão de forno, ao delicioso cuscús, e comamos tudo isso com orgulho e com prazer, como fazem os estrangeiros com seus manjares e com suas ideas. E que entrem e saiam, sem vexame, antes com o mesmo orgulho, os bandos de nossas antigas patriinhas, a circular em volta do presepio, e a cantar com sua voz clara e languida, as antiphonas de sua devoção:

Vinde pastorinhos
Cantando e rindo
Vereis o Infante
O mais bello e lindo...

E Christo nascerá assim no Brasil brasileiro, que de tão pequeno só vive em alguns corações, e com elle nascerá o Messias desta pobre patria esquecida que se via, aos poucos, submergindo no naufragio que lhe prepara sua obstinada cegueira, e sua perigosa doença de imitação....

ANNA RITA MALHEIROS

(PARA A REVISTA FEMININA, DE S. PAULO)

ANDAR 3º PRAT. f
EST. 19 de ORD.

A Republica Tchecoslovaca

Como sabem as habituaes leitoras da "Revista Feminina", nós, no interesse de pol-as ao par de tudo que diz respeito ao feminismo e ás victorias que a mulher vem alcançando nos paizes adeantados, dirigimo-nos, não ha muito, ao illustre diplomata sr. Jan Havlasa, ministro plenipotenciario da joven republica entre nós, solicitando-lhe puzesse-nos elle em contacto com algumas das maiores mentalidades femininas do seu paiz affim de nos guiar na penosa campanha pela qual combatemos. A resposta de S. Exa. não se fez esperar, e nós gostosamente publicamos-a num dos nossos numeros passados. Agora, daquella Legação acabamos de receber este officio:

"Legação da Republica Tchecoslovaca.
Rio de Janeiro em 20 de Setembro de 1921.

A' illustrada Redacção da
"Revista Feminina", S. Paulo.

A Legação da Republica Tchecoslovaca tem a honra de enviar a essa Redacção algumas publicações relativas á Tchecoslovaguia. Ao mesmo tempo tem o prazer de comunicar que a Sra. Dra. Anna Fischerová, (endereço: Praha II — Dürichova, 7) deseja entrar em relação com essa Redacção, estando prompta a colaborar em vossa magnifica Revista."

A Tchecoslovaguia commemorou no mez passado o anniversario da sua independencia. E' um dos paizes em que o feminismo fez maiores conquistas, o que bem evidencia a sua superior cultura. O excellento jornal que se publica no Rio, "A Noite", a proposito desse anniversario, solicitou esclarecimentos á senhora Bertha Lutz, presidente da Liga para a Emancipação da Mulher, que mantem relação com os centros feministas do exterior. Eis as declarações da distincta patricia:

"— Com muito prazer, correspondo á gentileza, pois, sem exagero, é possível asseverar que a Republica Tchecoslovaca, cujo anniversario transcorre, hoje, e que graças á actividade e aos excepcionaes predicados intellectuaes do ministro Jan Havlasa, seu digno representante no Brasil, tem conquistado no curto praso da sua independencia politica a viva sympathia e estima da Nação Brasileira, representa no que se refere ao feminismo e não só a este, como tambem ás outras questões sociaes que agitam a nossa época um dos expoentes maximos de progresso e elevação.

Fornece esta nação, no seu conjunto, uma bella lição de sociologia. A sua formação definitiva equivale ao triumpho do esforço heroico de gerações que não tiveram outra aspiração senão estabelecer e garantir a sua nacionalidade. Sua organização actual é baseada na perfeita comprehensão dos problemas sociaes. Sua constituição é um documento eloquente de quanto pôde o homem melhorar as condições de vida da collectividade, quando guiado por ideias nobres e elevadas aspirações.

De facto. Naquelle paiz, dominado durante seculos pela cubia da dynastia dos Habsburgos, que mantinham com difficuldade o seu jugo oppressor e por isso mesmo instavel sobre um imperio heterogeneo constituido por elementos inconfundiveis e hostis, sempre reinou aquella ancia de liberdade que caracteriza as nações e os individuos que se vem obrigados a uma resistencia diaria contra a supressão do que tem de mais individual. Esta impaciencia nobre, esta resolução firme de não se deixar absorver, de manter integra a sua nacionalidade, resume toda a historia do povo tcheco-slovaco, encontrando a sua maxima expressão nos

grandes vultos como Huss, cujas idéas de reforma não se limitaram ao terreno religioso, mas visavam a constituição da nacionalidade e a emancipação social.

E o que de mais bello ha e de admiravel na historia desse povo é o papel que coube á mulher, a qual, erguendo-se, sahindo da obscuridão da vida diaria, como sempre o tem feito a mulher nos trances difficéis atravessados pela humanidade, levou á luta o seu contingente de coragem, de perseverança e de resolução. Tem-se a mulher destacada na historia tcheco-slovaca desde a época legendaria que lhe attribuiu o papel de amazona, através as "guerreiras de Deus" da época Hussita até as mulheres modernas que exerceram no ultimo seculo, durante a guerra e exercem actualmnte funções essencialmente constructoras. Cuidaram da integridade nacional pela conservação da linguagem e pela fundação de escolas para o sexo feminino na certeza de que ao gráo de elevação e de cultura feminina dependia a sorte do paiz. Finalmente tomando parte nos "comités" nacionaes que preparam o terreno e que no momento propicio estabeleceram por intermedio de uma revolução pacifica a independencia politica da nação. Foi de uma mulher que partiu a iniciativa de constituir os conselhos economicos que impediram que o paiz fosse completamente drenado dos seus recursos agricolas e materiaes e é uma mulher que actualmnte preside ao Conselho Central.

Tendo participado nos "comités" nacionaes que se transformaram em Assembléa Constituinte foi chamada automaticamente a figurar nesta e a colaborar na "Constituição". E' talvez a primeira vez que semelhante facto se dá na historia da humanidade, representa, pois, uma grande victoria para a mulher. Dada esta circumstancia, é profundamente significante que a Constituição assim elaborada corresponda ás aspirações mais elevadas de uma época e que visse os interesses de todas as classes representadas naquella nação.

Para provar que assim é de facto, basta referir o systema eleitoral no que respeita a representação dos partidos ou então alguns artigos da Constituição como, por exemplo, o artigo 106 que resa: "Não serão reconhecidos privilegios de sexo, de classe e de profissão".

No que respeita á questão feminista temos os artigos 10, 14 e 15 e seguintes, que tornam as mulheres eleitoras e elegiveis ao Congresso a todos os cargos e até á presidencia do paiz.

Aliás esta prova de confiança tem sido justificada, pois a organização das mulheres é esplendida e sob a direcção de Mlle. Pláminková e outras "leaders" feministas, as mulheres têm desenvolvido grande actividade conseguindo as deputadas e senadoras no Congresso importantes reformas de ensino e de ordem social.

A emancipação da mulher tcheco-slovaca esta, aliás, em relação directa com o adeantamento geral daquelle Republica, cujo presidente Masaryck, bem representa a corrente emancipadora que predomina. Ora, a organização da Republica Tcheco-slovaca representa não só a emancipação propria, mas um passo importante na emancipação geral das nações.

Equivale nas oscillações e incertezas de nossa época ao mais alto nivel atingido pelas aspirações sociaes.

Devemos, pois, na data de hoje, prestar as devidas homenagens a uma nação que com ponderação e dignidade soube traçar de uma só vez as grandes directrizes da evolução futura e, numa época em que algumas grandes potencias se mantem alheias ás correntes renovadoras, em que outras se modificam lentamente ou se precipitam em reacções exageradas, conseguiu estabelecer com toda naturalidade as mais importantes reformas sociaes.

Devemos congratular-nos com o seu digno ministro, Jan Havlasa, que tornando conhecido e querido o seu paiz em nosso meio, abriu tão amplas perspectivas e desfraldou horizontes tão vastos e fecundos á nossa visão."

Appello ás nossas amigas

As mulheres, que são sempre profanas na profissão das letras e do periodismo, são incapazes de calcular a somma de esforços que são precisos para levar avante, através de mil e um obstáculos, uma revista, e principalmente uma revista como a nossa. que tem de cingir-se a um programma de combate. Os obstáculos são innumerables e cada um delles, se antolha, a cada passo, intransponível. Ora é a má vontade, ora é a rotina, ora é a desconfiança, ora é a inveja, ora é a indifferença, que é o peor dos óbices. Quem põe hombros a uma empreza destas, necessita estar disposto a todos os combates, affeito a todas as lutas, couraçado contra os ataques ao seu amor proprio, resolvido a não cahir seja qual fôr o adversario e a não recuar seja qual fôr a barreira que se lhe opponha á avancada, necessita enfim, tal é a complexidade da luta, ter uma enfibratura de Hercules.

Conta a lenda que Hercules executou doze trabalhos, e que, para triumphar, lançou mão de todos os seus recursos, auxiliando-se da força, da coragem, da vontade, da astucia, da seducção, numa palavra, de todas as suas armas. Se, para alcançar o nosso triumpho, nos fosse preciso apenas executar, como o heróe da fábula, doze trabalhos, daríamos por bem facil a nossa empreza; mas a verdade é que os nossos trabalhos são muito mais numerosos e cada um delles mais desencorajador. Mas, vencemos, triumphámos. O sonho de Virgínia de Souza Salles entrou, de ha muito, no campo das realisações. De então para cá, desde os saudosos tempos em que ella presidia, com seu alto espirito e com sua visão superior, aos destinos desta revista, até á hora presente, em que nós outra coisa mais não fazemos senão desenvolver o programma traçado por suas mãos, todo o nosso esforço consiste em invocar, a cada passo, ante cada difficuldade, deante de cada embaraço, a meiga e energica figura daquella de quem herdámos o sangue e a pesada, mas gloriosa tarefa de continuar a sua obra.

Com o presente numero entra a "Revista Feminina" no seu oitavo anno de existencia. Não nos tem faltado amparo. De todos os pontos do Brasil, dos rincões mais obscuros do norte ou do sul, nos chegam vozes de encorajamento e do louvor, de solidariedade e de cooperação. São tantas as senhoras que se apresentam espontaneamente para nos auxiliar, para trabalhar connosco, para soffrer com

as nossas vicissitudes ou gosar com os nossos triumphos, são tantas a que querem colher connosco os louros da nossa victoria, que cremos, nas primeiras paginas desta revista, uma secção especial destinada a perpetuar o nome dessas corajosas e queridas patriotas, ás quaes, pelo muito que lhes somos devidas, não sabemos como lhes agradecer. A secção especialmente creada para inscrever o nome dessas preciosas collaboradoras do nossa obra de combate e de edificacão, e a que demos o titulo "O que dizem de nós", tem occupado, de alguns mezes a esta parte, duas paginas cerradas; pois essas paginas não bastam, e talvez sejamos forçadas a ampliar a secção, que, já agora, não acabará mais porque o numero das adhesões é cada vez maior e dia a dia novas combatentes se nos apresentam.

Entretanto, a despeito do esforço colectivo de patricias tão illustres e do seu numero acultado, a verdade é que ellas ainda não bastam. Necessitamos que outras, muitas outras venham em nosso auxilio. E é preciso advertir que a victoria, que contamos conquistar, não é nossa, senão dos nossas companheiras de sexo, da mulher brasileira. E' para ella que trabalhamos.

D'aqui lançamos um novo appello ás nossas representantes de todos os estados do Brasil, para que se esforcem quanto puderem em prol da nossa causa, auxiliando-nos por todas as fórmulas ao seu alcance. O presente numero, em cuja confecção se gastaram muitas dezenas de contos, é o resultado de um esforço titanico. Não haverá por certo, uma senhora que, vendo-o, não se interesse de prompto por elle e consequentemente pela nossa revista. E' mister, pois, em cada sympathia despertada, conquistar uma dedicacão. Será esse o esforço das nossas representantes e embaixatrizes. A tarefa não é difficil, e para muitas das nossas amigas, dotadas de intelligencia vivaz, será quasi um entretenimento. E isso, que é um mero entretenimento, constitue uma pedra para o edificio que construímos.

Appellamos para as embaixatrizes da "Revista Feminina", concitando-as a intensificar a sua actividade, para que no anno que se vae iniciar seja menos pesado o nosso trabalho e mais suave a nossa tarefa.

AVELINA DE SOUZA SALLES

AO LUAR

A UMBELINHA FLEURY

Na grande sala, florida e iluminada, de amplas janellas abertas para a rua estreita e silenciosa, uma alegria febril — suggestões irresistíveis da musica encantadora — se apossara das almas.

Era quasi meia noite.

A orchestra começava a soeitar baixinho, em surdina, phrases de amor, profundamente ternas, perturbadoramente melancolicas. Alguns pares valsavam languidamente, mas outros, muitos, preferiam cadeiras isoladas a um canto da sala, ou o refugio das janellas, para a conversa a meia voz, para o flirt.

Lucia atravessara a sala rapidamente, desviando-se dos pares que valsavam. Um grande espelho oval, entre duas janellas, reproduziu um instante a sua figurinha franzina e branca, num vaporoso vestido de tule. Parecia uma noiva. Lucia sorriu inconscientemente á sua propria imagem, ageitou o penteado numa caricia ligeira das mãos pequeninas e buscou uma janella vazia. De costas para a sala voltou os grandes olhos castanho-claros, tão claros, — que dir-se-iam doirados — para a immensidade azul do ceu, frizado de nuvensinhas brancas, donde se derramava a melancolia vespéral de um fraco luar.

A rua estava deserta. Só um curioso, na calçada fronteira, — braços cruzados e postura humilde — olhava pacientemente os pares elegantes passando e repassando na moldura das janellas abertas.

Lucia suspirou profundamente. Sentia-se aborrecida, entediada, triste, enfim! Decididamente não nascera para festas, não fóra feita para a vida fútil de salão.

Toda a vez que era obrigada a comparecer a uma dessas reuniões elegantes e mundanas, sentia a alma invadida por um sentimento extranho, mixto de malancolia e tedio, que não saberia definir. Mas nunca, como naquella noite, o sentia tão agudo, tão penetrante, tão oppressivo!

E ella que era sempre alegre, gostando de conversar e rir, encerrava-se num mutismo, incomprehenivel a toda gente.

Si nem ella mesma se comprehedia!

A musica calára-se. Lucia voltou-se para a sala e entre as cortinas da janella observava, sem ser vista.

Os pares davam lentos passeios pela sala, sorrindo e conversando.

As senhoras alegres, e bonitas, dessa belleza que os arrebiques e a luz artificial sempre dão ás mulheres, e os homens cortezes, dessa fir cortezia que é o ambiente dos salões.

Um par passou rnzte de Lucia. Elle, muito conhecido, pelo seu talento, fortuna, e inegavel sedução physica. Embora moço, Fabio Torres, depois de um curso brilhante conquistára um nome entre os advogados mais distinctos e era adorado pelas mulheres. As qnes tratava com irreprehensivel galanteria e completo indifferentismo.

Ninguém como elle sabia o segredo das palavras doces e lisonjeiras, e ninguém era tão insensível aos olhares femininos.

Alto e robusto, tinha um perfil energico, talhado em linhas firmes e harmoniosas. Mas o maior encanto do seu rosto, de um moreno trigueiro, residia no sorriso e no olhar; no sorriso perpetuamente ironico dos seus labios finos e na expressão profundamente fria dos seus olhos de um cinzento metallico.

Fabio passara, levando pelo braço uma formosa morena. Elza possuía um rostinho perfeito de traços irreprehensíveis numa pelle setinosa, esse admiravel colorido roseo que só as morenas sabem ter.

Seus dentes pequenos e brancos brilhavam entre o corte vermelho da boquinha sorridente e seus olhos esplendidos de oriental, olhos negros, perturbadores, profundos, supplicando escrivavam-se...

E Elza falava e ria, cheia desse intimo e completo jubilo, que caracteriza ás mulheres bellas, que conhecem o prestigio da belleza...

E Fabio ouvia-a silencioso, o habitual sorriso fluctuando-lhe nos labios finos.

Lucia suspirou de novo e debruçou-se á janella.

Fóra já não havia ninguém. O curioso desaparecera e a tristeza envolvia a terra na gaze opalescente do luar.

E sobre o muto fronteiro um jasmimero florido se desmanchava em perfumes embriagadores.

— D. Lucia, perdõe-me si interrompo os seus devaneios. Desajava que me concedesse o prazer de uma valsa.

Elia estremeceu, quasi assustada, e voltando-se para Fabio Torres, desculpou-se:

— Sinto muito, estou um pouco fatigada, mas Elza dansaria, muito melhor do que eu, a valsa que o senhor me solicita...

— Póde ser, disse elle, friamente, mas prefiro conversar, si o permite? Uma linda noite, uma festa encantadora, e a senhora tão triste, preocupada...

— Não, não, protestou ella, ruborizada. Sou uma exquisite. Os bailes não me distraem. Ao contrario. Saio delles, aborrecida. Sou uma mysanthropa, uma selvagem, não acha? perguntou rindo.

— A senhora é sim uma natureza muito bôa, muito delicada, muito sensível. Não proteste... Sou sincero.

E por isso, porque julgo conhecê-la um pouco, é que desejaria pedir-lhe um conselho.

— Um conselho? indagou Lucia, entre curiosa e incredula.

— Sim, um conselho, parecia-lhe isso extranho. Na verdade — de que me poderia valer, a mim, quasi um velho, conhecedor do mundo e descrente delle, conselho de uma criança inexperiente como a senhora? Mas é que este conselho, que eu sollicito, só poderia me ser dado por um coração puro e nobre, como o seu.

Queira ter a bondade de me ouvir. Apesar de descrente do amor comprehendí um dia — e com que jubilo! — que esse sentimento poderoso é o grande mago que transforma a vida e nos transforma. É a maior força da terra, é a fonte dos mais bellos sentimentos... E esse affecto profundo que eu desconhecia e do qual zombava — floriu-me a existencia de esperanças, inundou-me o coração de luz...

E eu amei a sua joven honita e graciosa, possuidora de um nobre coração.

A belleza de sua alma fascinou-me para sempre. Mas como dizer-lhe esse amor, que eu sinto será eterno? Como falar-lhe do que me vae no coração?

— D. Lucia, julga que eu serei amado? Que eu poderei merecer esse amor?

Elia ergueu para elle os olhos supplices. Ouvira-o falar longamente e não tivera forças para interrompê-lo. Mas agora que Fabio se calara, ella sentia dentro de si como um desmoronamento, uma fadiga tal, um tal desânimo, que desejaria morrer.

Seu rosto oval estava pallido, de uma pallidez mortal de flor ceifada, e seus olhos claros, — que tão bem sabiam sorrir — falavam de uma agonia sem par, de uma grande magua secreta, que ninguém deveria suspeitar nunca.

Tentou sorrir em vão e tirando do cinto uma grande rosa rubra desfolhou-a, esmagando-a entre os dedos tremulos.

Elle esperava a resposta, muito serio, os enigmáticos olhos cor de cinza, cheios de uma luz desconhecida, palpantes de ternura, fitando-a ansiosamente.

Por fim ella balbuciou:

— Não sei o que deve lhe dizer. Sua consulta tão melindrosa! mas penso que o senhor tem todas as qualidades para provocar, para merecer um affecto profundo e intenso... e interrompeu-se, confundida, tendo ter dito muito.

— Continue D. Lucia, pedio elle gravemente.

— Não sei, não sei, murmurou ella nervosamente. E que tenho eu com a sua vida? perguntou num torturado sorriso de revolta. O senhor está zombando de mim... Com licença... e deu um passo para retirar-se.

Elle fez um gesto para retê-la e disse-lhe baixinho, emocionado, fitando-a de perto, com uma ternura immensa:

— O' Lucia, não me comprehendeu? Não vê que eu a amo, que a amei sempre? Não quer ser minha esposa adorada?

Lucia estendeu-lhe as mãosinhas tremulas que elle apertou docemente. Seus labios se recusaram a pronunciar o monossyllabo que a faria feliz, mas nos seus olhos claros, cór de ouro, luminosos e risonhos, uma serena ventura abria mansamente as azas. Debruçaram-se á janella, e mudos ditosos, albeitados de tudo e de todos, mergulharam os olhos na vastidão illuminada do firmamento. — O luar victorioso espantára as nuvens e inundava a terra com a sua luz maravilhosa. E o jasmimero, numa cascata de estrelas de neve, offercia aos noivos a essencia suavisissima das suas flores, tão bellas, tão puras, tão lyriacas, como corações jovens, em que floresce o amor...

MARILDA PALINIA.



Septenario das Dores
de Nossa Senhora

I

Nossa Senhora vae... Céu de esperança
Coroando-lhe o perfil judaico e fino...
Um raio de ouro que lhe beija a trança
E' como um grande resplendor divino.

O seu olhar, tão cheio de ondas, lança
Clarões longinuos de astro vespertino.
Sob a tunica azul uma alva Creança
Chora: é o vagido de Jesus Menino.

Entram no Templo. Um hymno do Céu tomba.
Sobre elles paira o Espirito celeste
Na fórma etherea de invisível Pomba.

Diz-lhe o velho Semeão: "Por uma Espada,
Já que Elle te foi dado e que O quizeste,
A alma terás, Senhora, traspassada..."

II

Soffrer por Elle! E pallida, offegante.
Nossa Senhora aperta-O contra o seio...
E nas linhas tranquillas do semblante
Descem-lhe nuvens de maguado anceio.

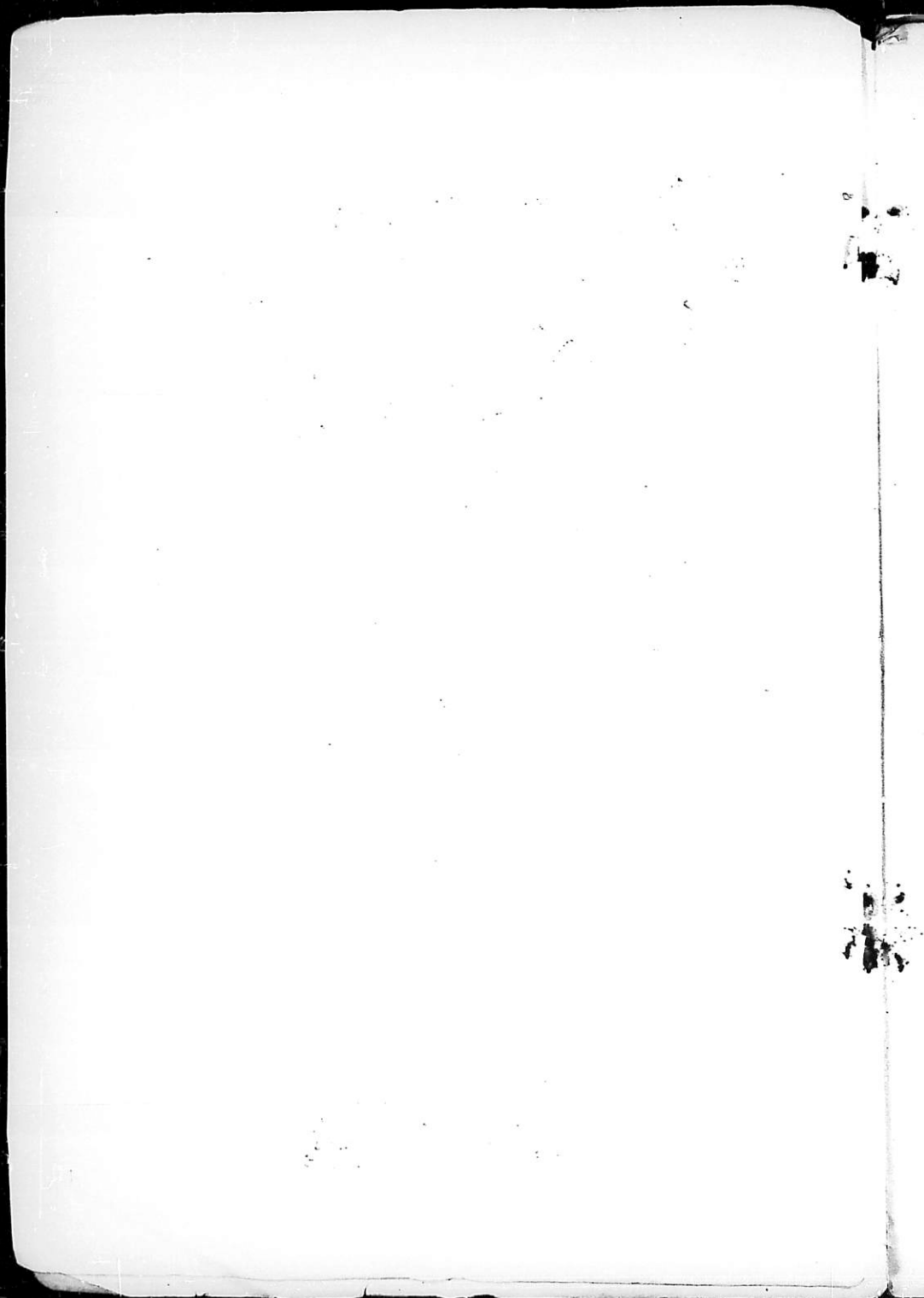
Soffrer por quem? Ventura semelhante,
Só a um peito como o seu de estrellas cheio...
Soffrer por Esse que do Céu distante
Na voz do Archanjo do Senhor lhe veio...

Que lhe importavam lagrimas sem brilho,
Nessas horas de paz erma e saudosa,
Se ella chorava por seu proprio Filho...

Soffrer pela amargura dessa bocca,
E aos pés depôr-lhe a vida desditosa,
Vida que eterna ainda seria pouca!

Alphonsus de Guimaraens.





O dadaísmo

O período calamitoso da guerra européa em sua duração de quatro annos, actuou tão intensamente sobre a fragil constituição do genero humano que o marcou indelevelmente.

Agora, interrompida apenas a applicação do sinapismo, começam a expectativa e a indagação posterior dos seus efeitos. E elles são multiplos e complexos. Sobem de vulto no mundo das sciencias applicadas com a Economia Política, os prodígios da balística e as proezas da aviação, multiplicam-se nas sciencias abstractas com o Direito e a Sociologia.

Uma simples enumeração já seria longa e difficil e os comentarios formam hoje materia para muitos volumes.

Innumeros problemas corriqueiros da vida, recebem interpretações novas e a renovação parece ter atingido todas as manifestações do pensamento humano.

Basta n'esse terreno assignalar que, mesmo a sciencia pura não escapou. E n'esta hypothese está por exemplo a Mecanica, sofrendo os embates da moderna interpretação de uma das leis de sua base objectiva. Isto vem indicado n'um artigo recente de João Ribeiro com esta phrase: "Umhas tantas perturbações no conceito newtoniano do mundo geraram a theoria de Einstein". E mais do que isso ainda, o notavel mathematico francez Poincaré garante ao *Matin* que demonstrará á Academia de Sciencias, como a nova lei relativa á gravitação, podia ser obtida com absoluta exclusão da theoria exposta por aquelle sabio suizo.

Está-se portanto em plena revolução do pensamento e não ha um só pedestal bastante seguro, para se julgar livre de alluir ao sopro das innovações iconoclastas.

Por outra parte, di-se-ia que a intensidade da evolução, o rigor de uma actividade incessante, os excessos de inquietações durante a febre guerreira, ultrapassaram a capacidade de resistencia do cerebro humano e elle manifesta symptomas do seu desgaste, da sua impotencia, nos pontos do globo onde culminaram as causas perturbadoras.

Surgio então essa exotica senilidade precoce que é o *dadaísmo*. Sua definição ainda não poudo ser recolhida por um profano, por sêr impossivel comprehender qualquer de suas manifestações.

Quanto á sua origem, já foi dito allures que: — o *dadaísmo* foi imaginado em 1917 pelos allemães refugiados em Zurich para fugir aos multiplos desgostos da guerra insuportaveis aos nervos gastos e que procuravam rehabilitar-se imitando as balbuciações da primeira infancia — E' uma explicação, mas o processo alastrou-se e um jornalista belga com a insuspeição mesma de sua nacionalidade, escreve com a sua assignatura n'um dos jornaes mais lidos de Bruxellas que sem duvida ha de parecer a muitas intelligencias d'onde o bom senso ainda não tenha emigrado que os allemães têm já: "trop de choses sur la conscience

pour qu'on essaie encore de leur coller cette tentative de remolissement du cerveau de l'ennemi".

Seja com for, o que importa assignalar é que essa onda obscura de *incomprehendidos* de nova especie, prosegue ameaçadora.

Uma revista franceza das mais conceituadas do mundo, annuncia aos seus leitores o resultado de uma investigação pela qual, veio a ter conhecimento da existencia de uma cultura de publicações do genero entre a França, Suissa e Italia.

O *Dadaísmo* é a negação de tudo e principalmente da Arte.

A pintura que já vinha sendo trabalhada pelas extravagancias do cubismo e pelos dislates do futurismo, sofre-lhe, as investidas desatinadas.

Ao primeiro concilio *dada* reunido o anno passado em Genebra, já accorreram 199 associações por seus representantes de ambos os sexos, resultando a escolha de commissões para regular questões como estas: vida, moral, locomoção *dada* chimica, cosinha, architectura *dada* etc....

Seguia-se uma exposição de pintura onde figura a tela "Gorgonzola meditando ao pôr do sol" (synthese protoplasmica vascular) adeante o commentario "symphonia em amarello — flagrancias... dedos... gendarme... narinas... Phunnh..."

Um outro quadro tinha ainda o titulo: "Lucta a mão aberta entre uma baleia e um Casoar ao longo do cabo Horn".

E muitas outras couzas do mesmo genero foram ainda mencionadas em um resumo noticioso da "Tribune de Genève".

Não ficam porém n'essas manifestações, já bastante symptomaticas, os *dadaístas*, disputam-se agora entre si por questões doutrinarias e combatem o *futurismo* e o seu chefe italiano Marinetti.

Os jornaes brasileiros em noticias recentes, deixavam transparecer certo contentamento porque em Paris uma orchestra futurista não conseguira executar o programma annunciado, abafada por uma vaia tremenda e em Roma, a primeira tentativa de representação de uma peça d'esse genero, escripta e encenada pelo proprio Marinetti fora interrompida, fracasando sob uma vaia violenta com arremesso de legumes ao palco e conflicto entre espectadores por questões doutrinarias.

Mas, teria sido o futurismo n'essas duas ultimas manifestações, repellido pelo bom senso, pela velha moral estabelecida, ou teria sido batido na arena pelo seu digno adversario, o *dadaísmo*?

A pergunta fica no ar.

Fica porém de pé a segurança de que, os povos jovens da joven America, terão mais essa endemia a evitar, fingindo á dependencia intellectual, á influencia moral de velhas sociedades carcomidas e gastas.

Rio. 921.

Lauro Borbu.

ALMA ERRANTE

(EVOCAÇÃO)

— Lá vem ella, lá vem ella, gritava o bando das crianças, avistando ao longe, na estrada solitaria, o vulto encarquilhado da tia Felicidade, de bastão na mão e fardo ás costas.

Os meninos mais afoitos corriam a encontrar-a e disputavam a hospedagem em suas casas.

— Desta vez, dizia um ao outro, é em minha casa que ella vae parar. A vez passada foi com vocês.

E assim disputavam, enquanto a boa velhinha desanuviava o seu semblante de agua parada, ao bafejo alegre das crianças, brisa passageira e caridosa.

Depois seguiam todos, ladeando aquelle vulto errante, como se seguissem um mundo fantastico de sonhos.

Tia Felicidade para todos era o esboço mal expresso do destino. Em seu aspecto de amargura havia a ruga imperativa dos que dizem verdades. O soffrimento fizera della uma criatura depurada de vãs mentiras.

Curta era sua permanencia em cada lar. Uma força superior a impellia a andar, a andar, sempre...

Por isso, toda vez que por alli apparecia, os lares se alvorçavam. Abriam-se as velhas arca empoeiradas, remexiam-se os mil trapos e inutilidades, que são a riqueza das crianças, e retiravam-se as bonecas de panno, sujas e esfarrapadas, que um anno antes a boa tia Felicidade fizera.

Aquelas a quem o carinho infantil arrancara um braço, descollara o cabello de franjas pretas ou desgastara os rudes traços da physionomia estadeavam suas mutilações á espera da fada das bonecas.

Os ouvidos das crianças

aguçavam-se para as historias encantadas; auciavam os corações das noivas por desvendarem a face meiga do futuro, e a alma dos velhos para rever a infancia que ella trazia com a saudade pela mão.

E á noite, ao serão, junto á lareira, era de vella, a face bamba, o olhar perdido dentro de si, a revolver a memoria, a trazer á polpa resequida e arida dos labios, tudo o que, no naufragio da vida, lhe sobrevivera de bello e risonho — os contos imaginarios de fadas.

As faces rosadas das crianças ao pé della, ao calor da chamma que ardia rubra, dava a sensação acariciadora e pura de uma intimidade com os anjos...

Aquella boa velhinha, que nunca fruira na vida o prazer, a alegria, a ventura, espalhava-os a mancheias entre as crianças, que se derramavam em riso, os moços, que se contemplavam enlevados, e os velhos roídos de saudades.

E o vento a gemer, a gemer lá fóra com a voz das casuarinas, na noite de inverno, orchestrava os serões, onde a voz enroquecida da tia Felicidade deixava então vagamente perceber uma

leve contracção dorida no seu rosto, modificada logo para vir aos labios murchos disfarçada em sorriso. E ao clarão da chamma que desprendia a lareira, viam-se então nos seus olhos mortas lembranças dolorosas do cortejo funebre dos annos, passarem rapidamente para o carnaval da vida.

Assim pas-



savam-se as longas noites de inverno, no encantamento das histórias fantásticas a que dava extranha atracção a vida mysteriosa da tia Felicidade.

.....
Hoje, á distancia, quando evoco a figura mesquinha da santa criatu-

que me passou algumas vezes pela infancia, tenho saudades de um bem, metade vivo, metade morto, projectado em sombra ignota. Nunca lhe soube de um ninho onde uma alma gemea da sua lhe permittisse que a vida não fosse um eterno abandono...

Passados alguns dias no repouso acolhedor, aquella alma, irmã das cinzas frias, quedava muda e triste. Nostalgia?!... Nunca o pude saber. Começava por sentir-se afflicta, inquieta, ia e vinha sem destino, e á noite, alta horas, lutava com insomnia mortal.

O somno, como a vigilia, era incerto e duro.

E que força extranha a obrigava a andar, a andar sempre!...

Seria a saudade do que nunca teve, ou a fuga á vista da felicidade alheia com horror de si mesma, da sua solidão, e num desejo de mais ampla



liberdade, ver o céu que não era seu, mas que também não era de ninguém, ouvir chorar as fontes que correm sem parar, com destino incerto como o seu?... Mas porque fugia, si allí era cercada de carinhos, cercada de desvelos?

Nunca poude alguém comprehender, como, ao fim de alguns dias,

aquella creatura sem lar, sem familia, sem um canto da terra que lhe chamasse seu, fugisse como uma sombra perdida pelos areas do caminho.

Fôra aquella a ultima vez que que tia Felicidade por allí apparecera.

Morreu? Quem sabe?!... Talvez alcance a morte o que não teve na vida, um pedaço de terra onde uma tumba, não sob o peso do marmore brunido que fale ainda do mundo, mas sob o céu serenamente azul, e onde repouse seu corpo num abandono coberto de malmequeres e boninas.

S. Paulo 1921.

Do livro "Quinze Noites".

Yaynha Pereira Gomes.

UM PARALLELO...

Escuta, arvore irmã: — Nós ambos somos em quase tudo eguaes. O mesmo ancio que te abala e te despe de teus ponnos, vem arrancar-me as illusões do seio.

F' a saudade, talvez, do que já fomos, ou o temor de um mal que inda não ve'do... De descepo em mórribidos assomos não cre's no sonho, assim como não creio.

Estendes a ragem nos espacos, como se fóra uma legião de braços, benzendo os mds tratos que te dão.

Differimos ahi: — Supporto a vida como o rebél Precito, a mão erguida num gesto de infinita maldicção.

FONTOURA COSTA.

JESUS

(O mais bello soneto da lingua hespanhola e uma das composições mais perfectas do engenho poetico).

*No me muève, mi Dios, para quererte
El cielo que me t'enes prometido,
Ni me muève el infierno tan temido
Para dejar por esso de ofenderte.*

*Tá me muéves, mi Dios; muéveme el verte
Clavado en esa Cruz y escarnecido;
Muéveme... el ver tu cuerpo tan herido,
Muéveme el ver tus afrontas y tu muerte,
Muéveme, en fin, tu amor, y en tal manera
Que, aunque no hubiera cielo ijo te amara
Y, aunque no hubiera infierno, te temiera.*

*No me tienes que dar por que te quiera,
Porque, aunque lo que espero no esperara,
Lo mismo que te quiero te quisiera.*

SANTA THEREZA DE JESUS.

Poeta de idéas e de pensamentos



Entre os grandes nomes das letras pátrias que contamos na lista de nossos colaboradores, e que nunca se esquecem de nossa Revista, figura o de Luiz Murat, o admirável cinzelador do verso, o mestre do rythmo, o luminoso sonhador, cuja fantasia se abre como flores doiradas de lotus no orientalismo de sua imaginação assombrosa... O autor de *Sara e dos Rythmos e Ideus* é dos mais celebrados artistas da difficil arte dos joaheiros de Ponte Vecchio: nas suas mãos os segredos que a natureza mineralizou em seus marmores e em seus metaes preciosos, abrem-se em confissões, como se não esperassem que o seu poeta, e o seu cantor para jorrar as bellezas que avaramente guardam... Nem o oiro nem o marmore, nem o bronze resistem ás supplicações de seu estro, a que se dão na mais profunda e intima de suas virgindades, no esponsalicio das hieraticas communhões da alma do artista com a alma da natureza e das coisas...

Nossa edição de Natal, por uma gentileza do grande cantor, vem ornada com os versos ineditos que abaixo damos, e que mais enriquecem o valor desta nossa excepcional edição.

Arvore Santa

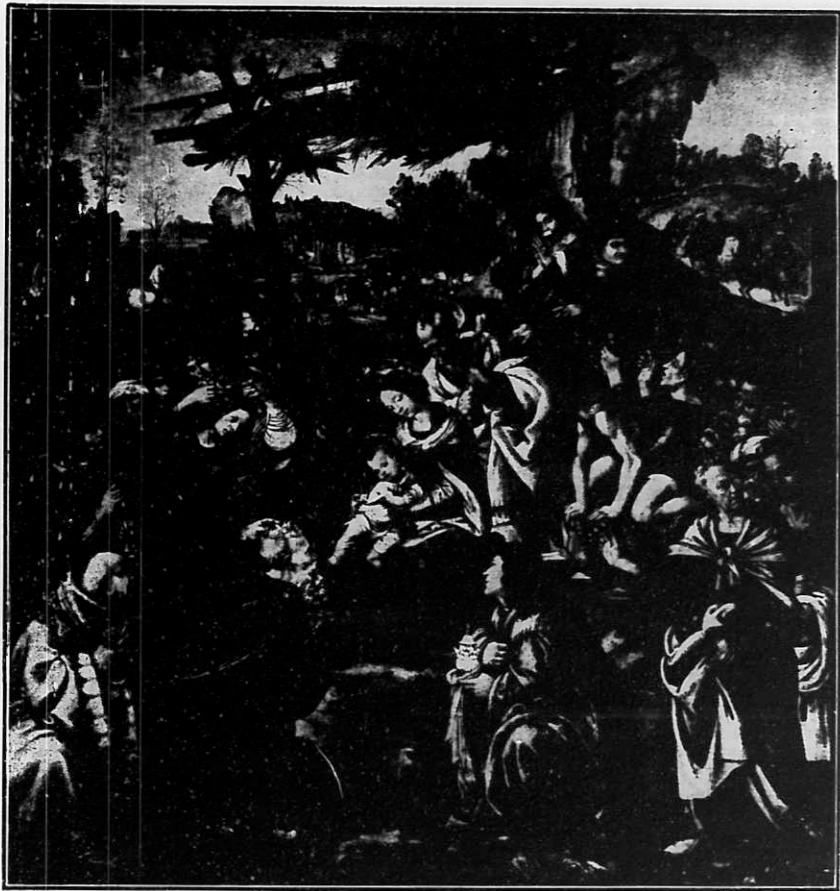
*Sae desta arvore um hymno de bondade...
Ouvem-se preces, supplicas, adejos,
Quando surges como uma divindade,
Entre as sarças de fogo de meus beijos.*

*Do sol de Outubro os pallidos lampejos
Dão mais realce á tua virgindade,
E tornam mais crueis os meus desejos,
E mais ingenua a tua castidade.*

*Arvore santa, arvore onde aprendemos
A amar, e onde a saudade ergue o seu canto,
E o nosso sonho ephemero recorda...*

*Recordações de tudo que perdemos:
Tu — vendo o chão secar-te o ultimo pranto,
Eu — vendo a dôr partir-me a ultima corda.*

LUIZ MURAT.



Adoração dos Reis Magos

Quadro de Felippino Lippi

Filippino Lippi, o grande pintor da Renascença italiana, floresceu de 1457 a 1504.

Esse quadro é uma maravilha de composição. Todos os valores estão estudados com tal rigor, que evidencia, logo á primeira vista, a mão do mestre e a sua technica assombrosa.

Lippi não se contentou, como outros pintores que representaram a scena da adoração, de pintar o tecto de colmo sob o qual

nasceu o pequeno Messias e os Tres Reis; a sua arte exigia mais encenação, mais movimento, maior numero de espectadores e, sobretudo, um scenario mais amplo.

Nesta tela não ha, por certo, aquelle cunho de humildade que ha nas outras do mesmo genero, em que ha poucos personagens e em que toda acção se resume no divino Bambino aureolado. Nesta tela ha a glorificação.



Por ALFAN GALVAN.

"Bem-aventurados aqueles que crêm sem nunca ter visto..." — S. João Cap. XX.

As estrelas brilhavam no céu azul como diamantes espalhados no infinito. Brilhavam com tanto esplendor, que o coração do homem ia até ellas, ávido de interrogações. Ellas, porém, permaneciam mudas, ciosas, do seu segredo e palpitando na altura como lagrimas.

As donzellas foram até ao terraço para respirar a noite cálida e perfumada, cheia dos aromas do Líbano trazidos pelas auras. Sentaram-se em grupo, envoltas em seus véos. Tinham, como todas as donzellas, sonhos nos olhos e suspiros no peito. Uma d'ellas falou em voz baixa:

—Tenho pena do nosso amo. Não dorme, não descansa, vela continuamente. Parece que quer descobrir o mysterio da dôr terrível que o ameaça.

Outra falou tambem, baixando a voz: — A dôr de nosso amo augmenta a nossa dôr. Já vistes homem mais nobre, mais generoso, mais valente que elle? Somos as suas servas, mas dir-se-ia que somos as suas filhas. Lembra-me o que minha mãe ouviu á minha avó e esta á sua mãe, que por sua vez o ouviu á sua. A estirpe da casa de Hiradz é nobre e legendaria. E' de origem phenicia. O fundador della foi Hiram, aquelle que seguiu com suas naves audazes rumo de Ophir, e que voltou trazendo para o rei Salomão riquezas desconhecidas, pedras preciosas, pavões reaes cujas plumas eram como

mantos regios, Hiram, o mesmo que, com os cedros do Líbano construiu o templo de Salomão.

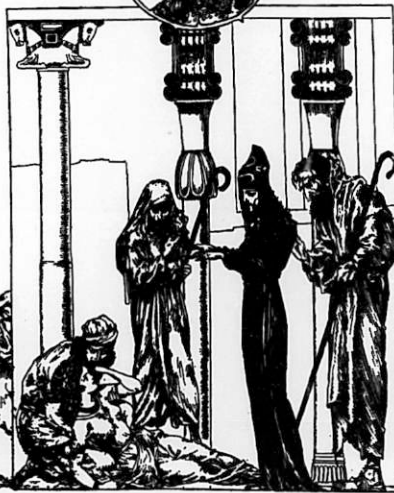
Permaneceram um momento silencioso, pensando nas lendas poeticas que corriam ácerca do rei Salomão. Aquella noite, no terraço de mosaicos vermelhos e de altas columnas de marmores brancos illuminados de luar, appareceu de surpresa Hiradz. Elle assomou no terraço e poz-se a contemplar o horizonte, immovel. Ricas eram as suas vestes. Um turbante de seda prendia-lhe os cabellos negros e espessos Como todo oriental, tinha na cutis as tonalidades do bronze e do ambar.

Era joven e bello. A sua vida atribulada de viagens e aventuras, de guerra e de commercio, deram-lhe ao rosto uma expressão de força e de dominio.

A moça continuou em voz baixa:

— Esta é a casa que fundou, ha seculos, Hiram, e onde a sua descendência accumulou riquezas incalculaveis.

Suas naves sulcaram triumphadoras os mares longinquos; suas purpuras cobriram os hombros dos imperadores e dos heróes. O "paladamentum", que envolveu Cesar nas apotheeses, foi tecido nos teares da casa de Hiram; a purpura das biremes de Cleopatra foi tingida com as cochonilhas dos seus campos. Todos morreram ricos e felizes e já velhos. Hoje, pela primeira vez, a dôr se alberga neste palacio e fere o coração de Hiradz, o ultimo e o mais



Ajudou-a a levantar-se. Os olhos da joven olharam assombrados o desconhecido

sobre da estirpe. A' tenue claridade da noite viram as donzellas que o formoso amo levantava os braços para as estrellas.

A mesma que falava, continuou:

— Hiradz era radiante e diltoso. Soccorria com o seu dinheiro e com os seus homens os imperadores romanos e os tetrarchas da Galliléa. Era mumiificante e generoso. O moço ia e vinha ao longo do terraço, sensitivo. No alto, as estrellas, mudas, continuavam a palpitar. A brisa, que vinha do lado do Libano, estava carregada de aromas. As donzellas aconchegaram-se mais nos seus mantos.

— Numa primavera, Hiradz voltou de uma longa viagem e trouxe então a sua esposa. Seus olhos azues tinham a profundidade de dois céos, suas faces a frescura das rosas de Jerichó, e suas tranças negras eram eguaes ás da Sulamita dos Canticos. Sua belleza deslumbrava os olhos e eternecia os corações. Hiradz amava-a mais que á menina dos seus olhos, mais que ao sol. Adorava-a com mais humildade que a ara de Moloch ou de Astartéa.

As moças suspiraram.

— Então Hiradz deu liberdade ás suas concubinas, desprezando o direito da sua religião e despediu-as de sua casa, livres e ricas. Entre ellas havia as mais bellas. Arsinóe, a grega; Rachel, a hebréa; Milroe, a lusitana. Todas se foram chorando. Nosso amo só queria á sua esposa, porque era a mais bella, porque era a mais doce, porque é uma filha dos deuses. Nosso amo foi feliz, mais que Salomão com o amor de Sulamita, mais que Antonio com o fogo de Cleopatra, mais que Páris com a ternura de Helena.

Uma dellas, que se mantivera em silencio, exclamou por fim:

— Nós todas eramos felizes tendo-a por senhora. Porque é que os deuses descarregaram sobre o nosso amo tamanha desventura?

Hiradz, com o rosto escondido nas mãos, soluçava:

— Quem trouxe o mal foram aquellos velhos mercadores da Persia, que usavam tantos esconjuros e sortilegios. Os malditos velhos, vendo-a tão joven e bella, tiveram inveja á ventura do esposo, e enfeitiçaram-na.

A essas idéas de maleficio, um terror correu entre ellas, que estremeceam e esconderam a cabeça sob os véos.

— Fizeram-lhe bruxarias, disseram as outras.

— Desde aquelle dia começou a empallidecer. Seus olhos perderam o brilho. Seus labios, de rubros que eram, tornaram-se brancos. Ella morre aos poucos, dia a dia, hora a hora.

— E elle, que era tão forte, chora como um fraco. Entanto cá vieram os

sabios chaldeus, os medicos gregos, os fakirs da Índia, os rabinos hebreus, as velhas egypcias, e ninguém conseguiu cural-a. O seu mal é mais forte que a sciencia dos homens.

As moças entraram no quarto onde jazia a ama. A' porta, dois escravos ethiopes pareciam, á luz dos archotes que ardiam nas pyras de ferro, duas estatuas de bronze. Um levantou a cortina de brocado. Ellas entraram em silencio e sentaram-se em torno do leito. As donzellas, que velavam a enferma, levantaram-se por sua vez e sahiram para o terraço.

Hiradz entrou naquelle momento, avizinhou-se do leito, inclinando-se para beijar as palpebras cerradas da sua amada.

Em seguida, dirigindo-se ás escravas:

— Preparem a minha liteira. Quero ir ao velho templo de Moloch. Os deuses do meu povo castigaram-me por eu ter abandonado a religião da raza. Castigarão-me porque, mal guiado pela philosophia grega e pela corrupção romana, aprendi a rir-me do seu poder e deixei em abandono a ara de Moloch, onde já se não fazem mais sacrificios.

As escravas, que tinham adoptado as crenças civilizadas de Roma, estremeceam. Estremeceam á idéa de voltar aos antigos e horrendos ritos phenicios, que pareciam esquecidos já sob o dominio das idéas romanas, da politica dos proconules e dos pretores que liam Platão. Ellas empallideceram ao recordar a terrivel estatua de bronze de Moloch, em cujas entranhas, que eram um forno incendiado, o monstruoso deus devorava meninos e jovens. Phenicia e Carthago viviam sob a influencia da grande nação civilisadora, e as terriveis aras jaziam apagadas. Os terrores causados pela presença do monstro eram coisa que pertencia a um passado remoto, quasi esquecido... Entanto, era o joven senhor que se lembrava de restaurar o culto barbaro!

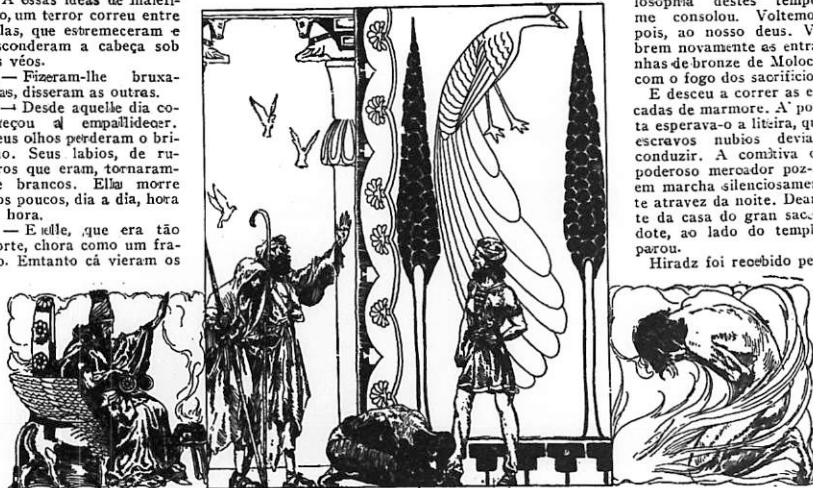
As moças tremiam dos pés á cabeça.

E o bondoso, o magnifico senhor, esquecido da generosidade que aprendera com os toicos gregos, erguera-se com violencia, com os olhos acceos:

— Nenhum deus dos homens de agora, nenhuma philosophia destes tempos me consolou. Voltemos, pois, ao nosso deus. Vibrem novamente as entranhas de bronze de Moloch, com o fogo dos sacrificios.

E desceu a correr as escadas de marmore. A' porta esperava-o a liteira, que escravos nubios deviam conduzir. A comitiva do poderoso mercador poz-se em marcha silenciosamente através da noite. Deante da casa do gran sacerdote, ao lado do templo, parou.

Hiradz foi recebido pelo



Pousou a fronte sobre a sandalia recamada de ouro de seu senhor...

gran sacerdote, sentado num alto escabelo de bronze recoberto de púrpura, com sua mitra de ouro onde faiscavam estrelas.

— Que é que traz aqui, Hiradz, filho da casa de Hiram, tu que tens em tua estirpe os nomes de Annibal e de Asdrubal? Que te traz de novo, depois que leste a philosophia grega e de haveres orado no templo de Jupiter Capitolino?

O moço exclamou com magua:

— Ah! uma dôr terrível que me punge. Todas as velhas crenças da minha raça, as suas superstições e terrores despertaram novamente em meu coração. Tenho receio que morra a minha amada e venho, por isso, oferecer um sacrificio a Moloch.

O sacerdote ergueu-se de súbito:

— Sabes o que me pedes? Ha annos que cahiu Phenicia. Ha annos que cahiu Carthago. Estamos sob o poder de Roma, a legisladora do mundo. Os pretores apagam as nossas aras. Eu, velho, que conservo o culto, sou o ultimo dos sacerdotes de Moloch. Suas entranhas de bronze estão frias desde ha muito tempo e seu fogo apagado.

Hiradz sorriu

— Nossos sacrificios offendem os romanos delicados; sem embargo, no circo morrem mil gladiadores e nos funeraes de Cesar foram mortos dez mil. Venho pedir-te que de novo accendas o fogo de Moloch, e eu te trarei pela madrugada as victimas.

— Mas sabes que não posso desobedecer á ordem dos romanos! Isso me custaria a vida.

— Nada temas. Os romanos não podem oppor-se á minha vontade. Sou o banqueiro de uma centena de senadores, de pretores e de proconsules. O proprio Tiberio recorre a mim para encher as suas arcas. Manda que deitsem fogo no forno do deus. Pagarei o teu serviço com tanto ouro, como nunca sonhaste.

Os olhos do sacerdote brilharam como as facetas do rubi da sua alta mitra, e levantou a mão chamando os servos.

Hiradz correu até á porta e fez signal a um dos seus escravos núbios.

— Vae á minha casa. Dize a Amabal que me mande seus dois filhinhos. E' meu escravo. Dize a Ezra que me mande a sua filha. Traze as dez donzellas mais jovens da tua senhora. O que protestar, que seja crucificado.

O escravo arrojou-se aos pés de Hiradz, compreendendo todo o horror daquellas palavras.

— Senhor! senhor! tu, o generoso, o p'doso, o bom, não podes querer o que ordenas, murmurou o escravo apoiando a frente nas sandalias recamadas de ouro de seu senhor, enquanto á luz dos archotes brilhava o seu dorso como ébano invernado.

Mas Hiradz estava desvaivado de dôr. O feroz sangue phenicio e punico fervia em suas veias.

— São por acaso generosos os fados commigo? Têm os deuses piedade do meu coração? Moloch me devolverá a minha amada se eu lhe offerecer victimas de que está ávido ha cem annos.

— Espera, escuta-me um momento Tu recorreste aos sabios chaldeos, aos rabbins judeus, aos magos egypcios, aos indus, rogaste á misericordia de todos os deuses, mas não te lembreste de um, que é o unico verdadeiro, que é o unico que pode tudo, que restitue a vista aos cegos, a voz aos mudos, a vida aos mortos. Não te lembreste de um Deus que não pede holocaustos de meninos e donzellas, que não exige sacrificios, que é misericordioso tanto para o amo como para o escravo:

Hiradz inclinou-se até ao servo:

— De quem falas?

— Falo de Jesus de Nazareth, do Messias.

— Onde o viste? Quem te falou d'elle?

O escravo levantou-se com serenidade. Ao falar de Jesus, elle se julgava igual ao seu amo:

— Vinhamos atravessando o deserto, rumo de Jerusalem, a ultima vez que conduziâmos as tuas caravanas.

Descançámos num oasis pela manhã. Dormiamos ao lado dos camellos, quando uma voz, que falava no silencio daquellas horas, chegou até nós e nos despertou, e todos nós estremecemos e nos sentimos atirados para ella.

Hiradz e os servos e o sacerdote do alto do seu asento, escutavam o escravo. Havia um silencio profundo. As tochas crepitavam, fazendo fulgar as portas de bronze polido e as altas columnas de marmore.

— Quem falava era um homem de trinta e dois annos. Estava n'ú sob as pelles que o cobriam. Era João, o precursor do Messias, que o ia annunciando por toda parte. Nós criamos que João ensinava a palavra do Deus verdadeiro, e como seguíamos a sua rôta com nossa caravana, ao chegar ao Jordão, nos baptisou. Desde aquelle dia deixámos de lamentar a nossa escravidão e o peso dos nossos trabalhos.

Hiradz falou com voz tremula, com ansiedade:

— Onde está Jesus de Nazareth? Dar-me-ei o meu palacio, as minhas riquezas, se salvar a minha esposa.

— Não, senhor. Não podes pagar a Jesus de Nazareth. Elle não é um medico grego nem um mago chaldeo. Elle só quer aos limpos de coração, as que creem nelle.

— Traze-o ou vae buscá-lo onde quer que o encontrares, se é que dizes a verdade.

— Não podemos ir chamal-o. Está agora em Jerusalem. Foi para lá, como annunciaram os prophetas.

— Então porque falas d'elle, se seu poder não pôde chegar até aqui? Ah! abusas da minha generosidade! Vae e traze os meus servos, que eu quero offerecer uma hecatombe a Moloch.

— Espera, senhor. Eu não sei convencer-te, mas ha homens que viram os prodigios de Jesus e virão ensinar-te o que deves fazer para salvar tua esposa.

— Onde estão?

— Vi que nos seguiram a passo, enquanto levavamos a tua liteira, e disseram-me que tinham visto Jesus. São dois hebreus, que vão levando pelo mundo a Boa Nova.

— Traze-os á minha presença.

Hiradz olhou com ansiedade para a porta. Os judeos alli estavam. Suas roupas pareciam frangalhos. Os ventos e as rudes jornadas tinham-nas rasgado. Suas barbas eram revoltas, as mãos tremulas, os olhos illuminados.

— Disseram-me que sabeis dos milagres desse Jesus. E' verdade que ressuscita os mortos, dá vista aos cegos e cura os enfermos?

Um delles falou:

— Vimos levantar-se com vida a filha de Jairo, que estava morta; vimos Lazaro sahir com sua mortalha da tumba, depois de quatro dias. Vimos o filho da viuva de Ephraim levantar-se e andar. Vimos curados os leprosos, com vista os cegos. Vimos converter-se a agua em vinho, multiplicarem-se os pães e os peixes. Vimol-o andar sobre as ondas. Ouvimos-lhe a voz, que acalma os corações e os torna puros.

— Vou buscá-lo então. Deve ser o filho de Deus. Sinto em meu coração que vossas palavras traduzem a verdade. Sinto renascer a esperança. Vou buscá-lo.

— Talvez chegues tarde, observaram os hebreos.

— Porque?

Baixaram ambos os olhos, envergonhados. Seus labios tremaram, sem proferir palavra.

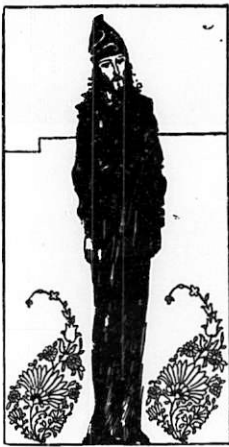
— Falae!

— Ah! senhor! nós vimos até aqui fugidos, e deixámo-lo abandonado em mãos dos soldados do pretor.

— Porque prenderam um homem que fala de paz e de amor, como dizeis, e que é luz e verdade?

— Os doutores da Lei o perseguiram. Os romanos chamaram-no revolucionario, e os pontifizes, hereje. Um dos seus discipulos orou num horto de oliveiras. Era noite. De repente, os centuriões de Roma, guiados por um discipulo trahidor, appareceram e o prenderam; e nós, ao vel-o seguir, humilde, tivemos medo aos romanos e fugimos. Não sabemos si se salvou. Sabemos que é filho de Deus. Quem sabe se, a estas horas, já arazou elle Jerusalem e se proclamoou rei?

Hiradz ergueu-se e levou a mão á sua cimitarra:



Um homem alto e magro, envolto em vestes negras avançava...

— Sois uns covardes, uns miseráveis, porque o deixastes só e não o defendestes. Vou mandar enforcá-los porque sois vis. Em companhia de todos os meus homens irei buscar o Jesus ou pedirei ao pretor de Roma, em Jerusalém, que interceda em favor d'elle.

Os dois judeus estremeciam sob aquella colera.

Nesse momento outro escravo entrou, cambaleando. O suor cobria-lhe o corpo, e a sua voz era entrecortada pela fadiga:

— Senhor! senhor! Depressa! A senhora! Hiradz empallideceu:

— Está morta?

O escravo não respondeu. Os soluços responderam-lhe pela sua voz.

Hiradz vacillou como se um dardo lhe atravessasse o coração. Ficou abatido, acobrinhado pela immensa dôr. Não teve um gesto de colera nem de rebeldia.

Os escravos o rodearam e o ampararam até que viesse a liteira. Deixou-se então cahir nas almofadas de seda e ouro, e murmurou, enquanto as lágrimas lhe inundavam os olhos:

— Oh! Jesus de Nazareth, cnso em ti e avistei a tua luz. Não me deixes nas trevas.

De novo desceu Hiradz deante das escadas do seu palacio. Os escravos, immoveis, alumiaavam o atrio com as tochas fumegantes. No silencio da noite ouviam-se os lamentos das mulheres, que cantavam e psalmodiavam a sua dôr. O senhor entrou na camara, onde, estendida sobre um tapete persa, jazia a esposa morta. Em torno della, as mulheres, com seus ocelllos despen-teados e os braços nus, carpiam plangentemente. O moço permaneceu silencioso, contemplando aquella figura branca, envolto em suas roupagens recamadas de prata. Sobre o seu peito, uma flor de lotus, que uma escrava piedosamente collocara, abria as petalas ao calor da camara mortuaria. Seu rosto era um marmore, e tão triste era a sombra das suas longas pestanas, que Hiradz, contemplando-a, soltou um gemido.

De subito as escravas cessaram os seus lamentos e olharam, surprehendidas, para a porta. Um homem alto e magro, envolto em vestes negras, avançava em silencio, acompanhado dos dois judeus. O desconhecido aproximou-se e pousou suavemente a sua mão branca e diaphana sobre o hombro de Hiradz. Este voltou-se:

— Quem és?

O desconhecido não respondeu, mas os judeus falaram por elle:

— Senhor, elle estava com o Mestre e reconhece-mol-o. Interrogamol-o e elle nos disse que Jesus de Nazareth foi crucificado e enterrado, mas que, no terceiro dia, seu tumulo estava vazio. O rabbi resuscitou como annunciara.

Hiradz chegou-se ao homem de vestes negras. Elle contemplava a morta e parecia murmurar uma prece com os labios tremulos.

— E' certo o que dizem os homens?

— E' certo, como disseram.

— E tu, quem és?

— Eu levo a palavra de Deus aos homens. Mas diz-me: porque chamaste Jesus do fundo do teu coração?

Hiradz estava pallido e sua voz tremia:

— Eu esperava que Elle viesse salvar a minha amada. Mas, como vês, já está morta. Entretanto, Elle resuscitava os mortos...

— Logo, crês n'Elle? Crês tambem que Elle resuscitou?

— Sim. Uma voz em meu coração diz-me que Elle é o filho de Deus.

O desconhecido olhou-o fixamente e pareceu ler no fundo do seu coração.

— Hiradz, tu és dos escolhidos, porque sem o vêr, sem o ouvir, crestes n'Elle.

Então, mansamente, deslizando como uma sombra, aproximou-se da morta, e recolheu-se em si mesmo durante um momento curto. Os presentes olhavam ora o desconhecido, ora a morta. Depois estendeu suas mãos sobre ella, suas mãos brancas e puras, e falou com uma voz que achou eco em todos os corações:

— Mulher, em nome de meu Pae, desperta e levanta-te pelo da joven. Suas palpebras se descerraram e seus olhos se abriram.

Um terror subitaneo agitou os circunstantes, mas Hiradz, que tinha fé, inclinou-se sobre ella e a ajudou a levantar-se. Os olhos da joven olharam assombrados o desconhecido. E ella falou:

— Senhor, chamavas-me?

Mas o desconhecido não respondeu. Em silencio, como entrara, ante o assombro e a surpresa de todos, sahiu da camara. Ninguém se atreveu a acompanhal-o, e Hiradz, embriagado na sua ventura, estreitando entre os braços a esposa, esqueceu-se d'elle.

Só ao cabo de alguns momentos é que recobrou o dominio de si mesmo; buscou-o então com os olhos, e não vendo-o, levantou-se e correu até ao terraço. Não viu ninguém. O terraço estava solitario. Os primeiros al-bores da manhã tingiam de rosa os marmores do palacio

— Correil! Correil! exclamou o senhor. Buscae-o! Quero dizer-lhe da minha gratidão. Oh! creio em Jesus, creio que é o filho de Deus!

Ninguém soube dizer como desaparecera o desconhecido. Hiradz interrogou os hebreos.

— Parece-me que o vimos em companhia de Jesus.

E Hiradz, extendendo para elles os braços, onde as pulseiras de ouro scintilhavam:

— Vós fignstes do Rabbi, vós o abandonastes covardemente e não pudestes reconhecer-lo porque Elle não quiz mostrar-se a vós. Suas roupas vos enganaram, porque vossos corações eram incapazes de adivinhar a sua presença. Eu não o tinha visto nunca, eu não poderia nunca reconhecer-o, e entretanto vos digo que era Elle. Sei que era Elle porque o amei, porque cri, sem o ter visto, sem o ter ouvido e porque o chamei do fundo do meu coração. Ide-vos embora! Os dois hebreos afastaram-se humildemente, baixaram os capuzes e perderam-se por entre a bruma matinal. Uma nova luz entrara na casa de Hiradz.



Nisso, appareceram os judeus cujas roupas estavam em frangalhos



O órgão, instrumento maravilhoso

O QUE ELLE É, A SUA ANTIGUIDADE, AS SUAS MODIFICAÇÕES

"Se o órgão não existisse desde remotíssimos tempos, expressão suprema de todas as bellezas musicas, para entoar hymnos de gloria sem palavras — disse um escriptor — se esse instrumento de todos os instrumentos não existisse para cantar Deus nos altares, seria preciso invental-o. De facto, o órgão tem tanto effeito, é tão maravilhosa e penetrante a sua voz,

própria, afim de constituir uma escala de sons naturais. A meia tonalidade, os sustentidos e bemoes, eram obtidos com o labio. Foi esta frauta que inspirou o órgão.

O modelo do primeiro órgão com folles e machina foi encontrado nas ruínas de Thebas, dando-se-lhe então uma antiguidade de quinhentos annos antes de Jesus Christo.

Vem depois o órgão hydraulico, inventado por Archimedes, duzentos e oitenta annos antes da nossa era. Consistia em utilizar a força motriz da agua como aspirador do ar comprimido. Por muitos annos foi o instrumento de luxo em palacios e jardins.

A esse órgão succedeu o portatil, que exige duas pessoas, uma para accionar os folles e outra para o teclado, tendo este dominado durante os sete primeiros seculos da era christã.

O pontifice Vitaliano ordenou o uso do órgão nas ceremonias do culto religioso.

Dos seculos X ao seculo XIV houve muitos progressos nas combinações, mas sem estabelecer um principio de arte.

Nos seculos XV e XVI começou-se a fazer teclados com escala chromatica, pedaes e diversas combinações e registros. Já no seculo XVII se estabeleceu a tonalidade e os sons harmoniosos, occupando-se então varios congressos e tratadou da construcção e reforma deste instrumento.

Ao celebre J. Sebastião Bach se deve a supressão da oitava corda, a medida de teclados, extensão de pedaes e até 26 notas, de que as suas famosas fugas necessitavam.

Desde aquella epocha até a actual, os progressos têm sido notavelmente rapidos, por dispor a fabricação de tres recursos: o mechanico, o tubular e o electrico. A applicação deste ultimo se deve a um musico hespanhol, don Ricardo Rodriguez. Até ha pouco tempo, era preciso o braço do homem para puxar as cordas que moviam as tampas dos folles, afim de produzir o ar. O maestro Rodriguez, á vista de um ventilador electrico, concebeu a idéa de applicar um processo semelhante para fabricar o vento, que, distribuido logo pelas arterias do órgão, havia de arrancar aos seus tubos a variedade infinita das tonalidades.

O motor é instalado separadamente do instrumento, ou perto deste ou mais afastado. O ar é recebido por uma camara á proporção de 80 metros cubicos por minuto. Uma pressão regularizada faz expellir esse ar, que passa por um conductor secreto do órgão, apparelho sensivel que serve para repartir, quasi que se poderia dizer dosar-lo, o ar pelos diversos canaes afim de fazer soar os tubos.

No interior do órgão, e sobre o conductor secreto estão collocados os tubos unidos por familias, como os instrumentos de uma orchestra. Estes tubos são de madeira, de estanho, abertos, fechados, de todas as dimensões, desde seis millimetros, que é o mais pequeno, até dez metros, que é o mais alto.

Para ter idéa da variedade destas peças, basta advertir que o organista quando faz uso de qualquer dos tres teclados, pôde fa-



No órgão existem as vozes de todos os instrumentos

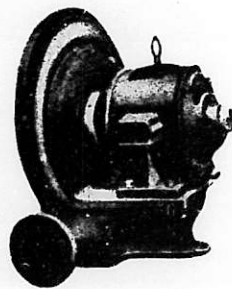
ção mysticas as suas expressões, que o individuo, quando o ouve no templo, por mais frio e sceptico que seja, não pode fugir ao seu magn-tismo nem evitar de ser arrastado na onda da sua profunda religiosidade. Naquelle momento, quando as vozes do instrumento divino se fazem ouvir despertadas por mãos inspiradas, todo mundo se sente arrebatado, sahe da materialidade em que vive e ascende para o mais alto mysticismo.

Sabemos que, com suas grandes sonoridades, nos acariacia os ouvidos e nos fala profundamente á alma, mas á nossa vista e ao nosso exame escapa o complicado, o maravilhoso do seu mecanismo interno. É preciso vel-o fabricar para não crer que elle é obra dos anjos.

O órgão é, de todos os instrumentos, o mais completo, o mais complicado e difficil. Como todas as grandes produções, é labor de muitos seculos. Cada paiz e cada epocha contribuíram, através de millenios, para o seu aperfeçoamento.

Para formar o órgão era preciso unir tres elementos: tubos que produzissem sons, ar comprimido e machinaria.

O instrumento mais antigo e mais elementar é a flauta, ou melhor, a "frauta". A flauta já é um instrumento civilisado, e a frauta é o rude instrumento de canna. A fistula, a charamella, a avenna, a frauta de uma ou duas cannas eram usadas pelos antigos pastores, e foi Pan que as inventou. Pan inventou a frauta de diversas cannas, cada uma com sua dimensão e largura



Electropneumatico productor do vento para os órgãos

zer soar 3.000 tubos, um a um ao mesmo tempo, e para isto são postas em movimento mais de trinta mil peças grandes e pequenas.

Essa maravilha de tonalidades é produzida pelo vento em tubos de diversos calibres e dimensões. Merecem especial menção as "celestes", que têm um freio para imitar os violinos, e as "vozes humana", que, se estão artisticamente collocadas, fazem um conjunto coral, e possuem larynge e labios. O engenho humano inventou até umas bocças artificiaes, que modulam, como se fossem modulados a distancia, canticos de kerulos.

A expressão se obtem de uma maneira muito simples: as sonoridades são projectadas, por assim dizer, no interior do órgão, em uma caixa cujas paredes são janellas que se abrem ou se fecham automaticamente, á vontade do executante, e tão só com pisar um pedal como no piano.

Antes, para a mudança do registro, era preciso que o organista tirasse as mãos do teclado e as levasse a uma alavanca especial. Hoje, sobre os teclados, e ao alcance de um dos seus dedos, dispõe o organista de linguetas, que, só com o cahir, originam a mudança das sonoridades que se desejam.

Para a construção do organ empregam-se geralmente madeiras leves, cedro e faia, e para os tubos ou flautas o estanho.

Entre as empresas do engenho que se revela na construção deste instrumento, é mister mencionar a infinidade de pequenos folles que servem para tirar a resistencia aos teclados, e são a base de todos os instrumentos que soam por meio do papel perfurado.

O organista passa a sua mão de um teclado para outro, e as sonoridades se transformam, chegando aos nossos ouvidos em deslumbrador "tutti", ou em suavissimo "piano", ou em palpitante "expressivo". Passamos de um mundo harmonico a outro. As impalpaveis orchestras e fanfarras, os invisiveis coros obedecem, den-

tro do seu encerro, aos dedos do executante que tocam os teclados guiados pelas notas do pentagramma mas inspirados pelo coração, quando as meditações são divinas como as fugas de Bach, quando têm extases como as melodias de Boellmann, quando são profundas de pensamento como certas phrases do padre Mauricio ou phantasticas ascêses mysticas, como as oratorias de Saint-Saëns.

A impressão que produz tanta grandeza harmonica chega ao nosso espirito, em ondas, como chegam em "tremulos" aos nossos ouvidos.

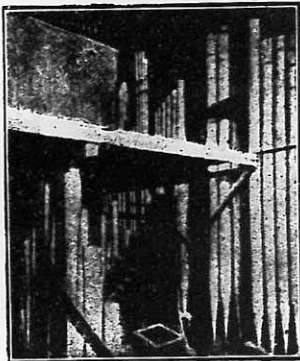
Essa funda commoção não permite á gente avaliar o immenso esforço humano, o estudo, a invenção que representa o conjunto de sons disciplinaes, surgidos de um maravilhoso mechanismo que move milhares de peças grandes e pequenas, entre as quaes ha, imitadas em metal ou em madeira, larynges para emitir notas avelludadas de voz humana, acariadoras notas de violino, ternuras graves de violoncello, deliciosas suavidades de oboe, arrebatedoras modulações de flauta, nubes e brilhantes sonoridades de trompas... É preciso assistir a construção de um órgão para acreditar, quando o ouvimos, que é obra de homens e não de anjos.

E ainda observando o interior de um desses instrumentos, os seus infinitos tubos em trama inextrocavel de bosque, a imaginação não comprehende como é que o ar escapado por cada uma daquellas flautas possa povoar o espaço de tantas e tão luminosas belezas.

É, pois, o órgão, uma das creações mais prodigiosas do genio do homem. Mais que de recreio para os ouvidos, serve de recreio para a alma. Tão completo é o seu organismo, que quantas innovações estabelece a technica musical moderna, acham adaptação em seu vasto e complicado mechanismo. Todas as leis da harmonia e todos os caprichos da sonoridade têm seu logar nesse instrumento soberano. Nem a voz humana lhe falta. O gorgieio dos passaros acompanha as suas tocatas pastoris.



Orgão realjo do seculo V



Parte interna posterior de um órgão moderno



Na feira

Numa feira de ciganos, um velho e gordo cigano elogiava as qualidades da sua besta, para a vender a um estudante.

— Vamos, dizia, compre-me a besta e não seja loiro. Se o senhor a montar, daqui a uma hora estará para além de Pão d'Água.

— E que quer você que eu vá fazer em Pão d'Água?



Entre caipiras

Chove a potes. Um caipirão atravessa a rua com o guarda-chuva aberto, e encontra outro que vai de guarda-chuva fechado.

— Ah! Com esta chuva e você nem abre o guarda-chuva?

— Era o que faltava! Compre-o alogorinha mesmo e não quero molhal-o.



Numa casa de pensão

— Não sou máo inquilino. Pago pontualmente, não tenho piano, nem cachorros, nem crianças.

— Creio, mas não posso aceitar-o. O senhor é muito velho.

— ?...

— Não gosto de enterros em casa.

OS GRANDES ARTISTAS IMMORTAES

MURILLO



Annunciação da Virgem (Amsterdan. Musco do Estado)

Bartholomeu Estevam Murillo foi o pintor do sentimento religioso do seu povo. Ora tratado com indiferença, ora glorificado, Murillo foi entretanto o pintor hespanhol mais amado pelas massas populares.

Orphão aos dez annos, extremecido, pelo seu tio João Augustin

Nascera em Sevilha em 1618. Foi seu primeiro mestre João de Castillo, com quem aprendeu a mechnica da sua arte.

Castillo, porém, retirou-se para Cadix, ficando Murillo ao desamparo, vivendo de pintar imagens sagradas, virgens lindas e romanticas, que os mercadores compravam e enviavam para os paizes de



O milagre de S. Diogo (Paris. Musco do Louvre)

Lagares e por sua tia Anna Murillo, de quem tirou o sobrenome, pelas ruas de Sevilha devia encontrar muitas daquellas creanças mendigas e esfomeadas que tão bem reproduziu nos seus quadros.

além mar. D'ahi o facto de terem sido descobertos varios quadros do grande artista hespanhol aqui na America.

Fazendo assim as mais apertadas economias, ajuntou o necessario



A Virgem e o Menino (Roma. Galeria Corsini)



Adoração dos pastores. (Roma. Pinacoteca do Vaticano)

para ir a Madrid, em 1643, onde se apresentou ao grande Velasquez, o qual estava no supremo fastígio da sua gloria, o qual guiou-o na sua carreira, tornando-lhe accessiveis as galerias e os muscus, onde lá o joven artista aprender a arte dos grandes mestres.

Voltando a Sevilha, gastou tres annos em pintar onze quadros para o claustro dos Franciscanos, obra em que tanto se distinguio, conseguindo uma grande fama, a qual lhe proporcionou innumerosserviços.

Em 1648 a sua arte soffria uma verdadeira revolução. Abandonava elle a sua antiga technica, denominada "fria" para adoptar o estylo "quente", que fez posteriormente das suas obras essa maravilha de vivacidade.

Sua fecundidade artistica na pintura só pôde ser comparada á de Lope de Vega nas letras. Com essa força de trabalho encheu de telas as palacios e as galerias particulares, obras essas que estão espalhadas no mundo e que custam preços fabulosos.

O seu modelo preferido foi "A Virgem da Conceição", cujo mais bello exemplar está no musco do Louvre. Por essa preferéncia de assumpto foi Murillo cognominado o "pintor da Conceição".

Em 1638 idealizou a fundação de uma Academia Publica de Bellas Artes, o que levou a effeito auxiliado por Valdes Leal, e Herrera Junior. Com a morte de Philippe IV, o seu successor Carlos II o nomeou pintor da corte, mas inutilmente se esforçou para que Murillo viesse residir em Madrid.

Continou a trabalhar em Sevilha até á sua morte, que resultou de um accidente no trabalho, cahindo o grande mestre de um andaime, sobre o qual trabalhava.

Morreu o grande artista como o soldado em batalha; pintava nessa occasião a Santa Catharina, para a igreja dos Capuchinhos de Cadix.

A sua obra é forte e variadissima, toda trazendo o cunho especial de uma poesia mysteriosa e profunda. As suas telas são unguidas por um tal gesto de suave unção religiosa, que não ha quem não ame a profunda emotividade casta e suave desse grandel pintor das Conceições Immaculadas.

Murillo foi e é um dos maiores pintores da Hespanha de todas os tempos. Seu nome é um padro de gloria para a terra de Velasquez e de Goya.

Num dos nossos numeros passados, referindo-se, numa breve noticia sobre a arte da pintura, a este grande artista, tratámos de um dos seus discipulos, que desde a mais tenra infancia, revelou uma prodigiosa vocação para a arte. Esse discipulo foi conhecido, no seu tempo, pela alcunha de Mulato de Murillo. Era um pobre mulatino ou talvez um pretinho, que o pintor comprara como escravo e que tinha ao seu serviço.

O tal mulato tinha então uns quinze annos e a sua incumbéncia era limpar as palletas e varrer o atelier do senhor.

O menino, que nunca recebera lição, revelou-se de surpresa um artista de grande valor.

Não maltrate os animaes

"Não maltrate os animaes". Esta recommendação, que graças á Sociedade Protectora dos Animaes, se lê em toda parte, nas esquinas, nas ruas, nas paredes e nas praças desta cidade, é o que serve de epigrafe a

A julgar pela porção de citações que tirei da obra do grande philosopho, não vos é difficil, queridas leitorasinhas, adivinhar que eu amo os animaes. Sim, amo-os, amo-os por elles mesmos, e gabo-me de ser por muitos delles amada. Eu não posso ver cãozinho vagabundo sem o recolher em casa, e trago sempre aberto o portão do meu jardim para nelle se refugiar, e os gatinhos accossados pelas pedradas dos garotos. Oh! eu não vos quero forçar, leitoras amigas, a ter as minhas preferencias

estas linhas, Tratemos agora dos nossos "irmãos inferiores", como disse S. Agostinho. Os animaes,



segundo affirma Taine, foram sempre desdichados. No seculo XVII eram considerados pelos philosophos como "machinas", especies de relógios que se movem e fazem rumor. Naquella época, a gente fina, a gente intellectual "não os considerava senão pela utilidade que o homem podia extrahir delles". São palavras de Taine. De modo que a gallinha não passava de uma machina de ovos; uma vacca, de uma torneira de leite. Mas os tempos mudaram e — ainda é Taine quem nol-o affirma — e os seres se reuniram e retomaram o seu parentesco natural. O animal contem todos os elementos do homem: sensações, senso, intelligencia. São crianças que, sem passar da primeira phase do seu nascimento, guardaram a simplicidade, a independencia e a belleza da primeira idade.

e adoptar esses cuidados, que a muitos parecerão exaggerados e ridiculos. Não vos posso forçar a amar os animaes. O amor não é coisa que se adquire, porque elle reside no instincto e é espontaneo. O que eu exijo de vós é que os não maltrateis, é que tenhaes pena de-



les. A piedade para com os animaes não é coisa vulgar, e ninguém dentro os que a exerceram em toda a sua plenitude, o fizeram mais que Pierre Loti. Que abysmo entrou elle e Descartes, para o qual "o animal é uma machina"! Como elle está longe de Mallebranche, que, batten-do, certa vez, em sua cadelinha domestica, que gan-

nia o seu parto doloroso, affirmava "que aquelles ganidos não eram senão vento expellido por um conducto vibrante".

Quereis julgar, leitorasinhas, a que ponto chega a dif-

REVISTA FEMININA

ferença esses esses homens? Folheae commigo o "Livro da Piedade e da Morte", procuremos a novella intitulada "Vida de Duas Gatas", e leiamos: "E eu tive talvez mais piedade ainda por esses pobres animaesinhos do que por meus proprios irmãos, porque elles não sabem falar, não podem sair da penumbra em que vivem e, sobretudo, porque são mais humildes e mais desdenhados".

Nesse livro o autor refere-se a miudo á alma dos animaes. Eis, pois, um homem de grande cultura, um pensador, que, não apenas concede aos animaes a faculdade de pensar e de sentir, mas ainda reconhece que elles têm uma alma.

A alma dos animaes! Isso é ir muito longe! pensarão muitos dentre vós; algumas acharão chocante a idéa de animal aliando-se á idéa de alma, que, por si só já indica a idéa do bem, do bom, do bello, da elevação, da nobreza, da consciencia. Assim, pensarão muitas leitoras que o illustre escriptor, ao falar da alma dos animaes, não deu á expressão a importância justa que se suppõe. Sem duvida, elle falou da sua alma como se falasse da sua intelligencia, da sua meiguice ou dos seus instinctos.

Não, não, minhas queridinhas, não foi tão ligeiramente que Loti lhes dá uma alma; para vos convencer, aqui traduzo um dos seus trechos: "Eu vi muitas vezes, com uma inquietude infinitamente triste, a alma dos animaes apparecer do fundo dos seus olhos, tão doboroso, por um instante, como uma alma humana, revelar-se de subito num olhar e procurar a minh'alma, com ternura, supplica ou com terror".

Quantas coisas ha nesse olhar! A sua propria expressão é uma prova de reflexão e de intelligencia. Referindo-se á Gata Chinezta, escreve elle: "Ella olhava-me nos olhos, o que já indicava na sua cabecinha um mundo de concepção intelligente; ella comprehendia, por certo, como, de resto, todos os animaes superiores, que eu não era simplesmente uma coisa, mas um ser pensante, capaz de piedade e accessivel á supplica muda de um olhar; demais, ella comprehendia que meus olhos eram olhos para ella, isto é, os espelhos onde sua almasinha procurava anciosamente um reflexo da minha".

Cuido que já estaes convencidas. E não é apenas Pierre Loti que pensa dessa maneira. Vós encontrareis

na "Arte de ser avô", de Victor Hugo, uma poesia intitulada "A Musa em Liberdade", onde se têm estes dois versos, que são eloquentissimos:

"E eu vi que se afastava ao longe essa almasinha
Na claridade rosa ondê um brilho fulgía".

Se cito o grande poeta romantico e se me permitto traduzir alguns trechos de Loti, é para dar mais força á minha asserção e para poder dizer-vos: "Sim, o animal pensa, sente e soffre, e, porisso elle deve merecer os nossos cuidados e carinhos a nossa solicitude, e piedade". Penetrados desta certeza, vós não fareis mais do animal um simples juguete, um simples objecto de divertimento passageiro, e repugnar-vos-á proceder como certas pessoas, que "mandam matar ou desterrar os animaesinhos que nascem em sua casa, para evitarem o incommodo de os tratar ou de os ver soffrer". E' ainda Loti que eu cito. E' porque certos capitulos do

"Livro da Piedade e da Morte" deviam ser lidos por todas as pessoas novas, para lhes servir de lição de moral.

E' preciso recordar tambem algumas paginas das "Visões da Estrada Sombria", cuja belleza, embora não seja integralmente comprehendida pela gente nova, deixa na alma vestigios inapagaveis de bondade. Como não acreditar na dôr de um humilde cavallo, quando os seus olhos são tão eloquentes em nola demonstrar?

Mas não são apenas os poetas, os senhadores, os

intellectuaes que amam esses irmãos inferiores e lhes reconhecem a intelligencia e o raciocinio. Perguntae-o a todos aquelles que, durante os tragicos cinco annos da ultima guerra, tiveram como companheiros fieis, como auxiliares preciosos, cavalos, cães, gatos e pombos-correios. Todos esses soldados unanimemente vos falarão do encanto familiar do seus animaes, do conforto que encontraram na sua companhia, e vos contarão os seus soffrimentos as suas façanhas, os seus impetos de coragem e vos dirão o desgosto que tiveram quando foram forçados a abandonal-os nas horas dolorosas das retiradas!

Lastimô não ter á mão para offerecer á curiosidade das leitorasinhas numerosas "ordens do dia" concedidas a cães e cavallos de guerra. Entretanto, como essas "ordens do dia" têm sempre o mesmo estylo, aqui reproduzo uma, que sei de cor, igual a muitas que li:



"Executou por diversas vezes, sem jamais recuar do seu dever, inúmeras missões, perigosas e diffíceis". Não é de um soldado que se trata, queridas amiguinhas, mas de um simples cão, de um cãesinho sem raça, que foi uma "unidade" entre os combatentes. Houve milhares de combatentes de quatro patas, cujo numero crescia na proporção dos serviços prestados.

Notae bem as leitoras: "Sem jamais recuar do seu dever"! Não é simplesmente admiravel? Compreende-se bem quanto a presença de um animal intelligente, devotado, devia dar confiança e coragem á sentinella, durante as horas angustiosas de vigilancia nocturna, farejando a treva, desconfiando do silencio e erguendo as orelhas a rumores só a ellas perceptíveis!

E' provavel que o soldado, ao cabo de tanto tempo de combater, fivesse perdido o medo; mas nas horas perigosas da vigilancia nas trevas o mais bravo não podia fugir a um sentimento inexprimível de angustia, de inquietação anciosa, attenuada grandemente pela companhia do seu humilde amiguinho de quatro patas.

Perdoae, boas amiguinhas, toda esta longa, e talvez enfadonha defesa dos nossos "irmãos inferiores", porque elles, tanto quanto os nossos "irmãos superiores", que são os homens, sentem, comprehendem e soffrem. Uma vez adquirida esta persuasão, estou certa de que, mesmo que não ameies os animaes, não tereis animo de os fazer soffrer, e talvez chegareis a alliviar os seus soffrimentos, chegareis a mostrar-vos misericordiosas para com elles. Adverti nestes conselhos de Loti: "Os animaes comprehendem perfeitamente as boas palavras e procuram nellas consolação".

Estou a ouvir daqui que muitas das minhas pequenas leitoras affirmarão o seu affecto pelos animaesinhos.

— Eu adoro os cãesinhos, dirão algumas.

— E eu o gatinhos, retrucarão outras.

A estas declarações expontaneas eu respondo com uma simples interrogação:

— Mas quando os cãesinhos e os gatinhos se tornam velhos, cheios de achaques, da rabugem da velhice, quando tiverem perdido todo o encanto dos primeiros annos, o vosso affecto será o mesmo? Será o mesmo o vosso interesse? Continuareis, comb antes, a prodigalisar-lhes caricias?

Se sim, adoptae-os. Se não, não os acceiteis em vossa casa.

Mas não são os cães os unicos commensaes da nossa casa.

Ha outros animaes tambem pelos quaes nos devemos interessar e cujos soffrimentos, na medida das nossas forças, devemos alliviar e consolar. O cavallo, que conduz o nosso carro, o burro que transporta a nossa carga, o passaro que nos enleva com o seu canto, todos os que residem em nossa propriedade, como os que vivem livres, até o proprio e humilde sapo, todos merecem igualmente a nossa piedade, por todos nos devemos interessar, e a todos devemos causar o minimo de soffrimento quando tivermos de os sacrificar para a nossa alimentação.

Revoltae-vos quando o vosso creado procura prolongar, por prazer cruel, o soffrimento da ave que vae matar. Se tem de matal-a, que o faça promptamente e sem refinamentos de crueldade. Esta recommendação deve ser lembrada mesmo que se trate da destruição de bichos prejudiciaes, como moscas, barataes, aranhas e outros mais. Não deixeis que se lhes cortem as patas ou que se lhes arranquem as azas. Matae-os, se isso é necessario, mas não os martyriseis sob nenhum pretexto e nem os deixeis martyrisar.

Durante a ultima guerra, muitos cães, depois de mortos e enterrados os seus donos, ainda foram guardalhes a sepultura, ui-vando com saudade e tristiza.

O cão é o melhor amigo do homem.

Vêde com que solicitude elle faz guarda ao berço da criança, ao quintal do seu amo, a tudo que foi confiado á sua vigilancia.

O cavallo, o burro, o boi, são igualmente merecedores dos nossos cuidados e carinhos.

Antes de me despedir de vós, queridinhas, permitti que, no fim desta palestra que já vae longa, vos faça um pedido. Não vos peço que tenhaes apenas piedade dos animaes, mas tambem das arvores das plantas, de todas as vegetações, por mais rasteiras e humildes que sejam.

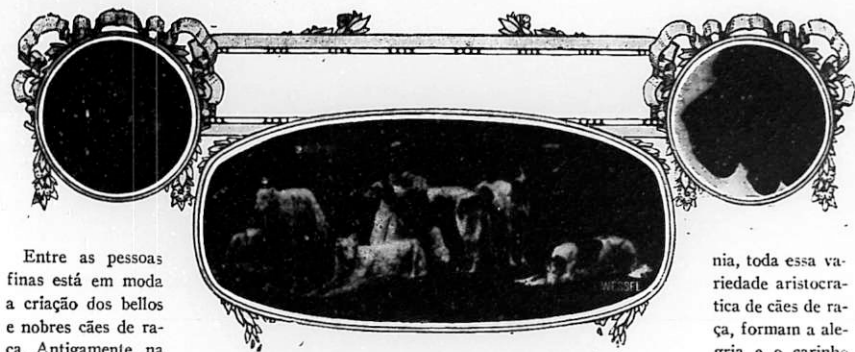
As plantas soffrem? Não soffrem? Essa é uma questão muito complicada. Quanto a mim, cuido que ellas soffrem. Seja, porém, como fôr, não attenteis contra a sua belleza, mutilando-as inutilmente.

Tudo o que anima, embelleza e orna a natureza, bichos, passaros, insectos, planta, nos deve despertar sympathias; devemos proteger tudo que vive, procurar comprehender tudo quanto tem sentimento, consolar tudo que soffre, numa palavra, extender a nossa piedade e amor a tudo quanto vive, porque, como diz o poeta:

"A piedade se estende a toda a natureza".

Clara Camara.





CÃES DE RAÇA

Entre as pessoas finas está em moda a criação dos bellos e nobres cães de raça. Antigamente, na fidalga e senhorial idade media, entre pagens e donzeis, da-

mas e tropeiros, os galgos, elasticos e nervosos, pompeavam a graça suprema das suas attitudes impeccaveis. O senhor feudal não descia ao fossado sem ter, a rodeal-o, ganindo e saltando, os fieis lebreus, companheiros das suas altas façanhas.



Collecção de fox-terriers.

renda veneziana. Os finos dinamarquezes, os lindos fox-terrier, os loulous da Pomerania,

toda essa variedade aristocratica de cães de raça, formam a alegria e o carinho das modernas damas. Hoje em dia ha bull-dogs tra-

tados como bebês, aleitados com biberon e dormindo em alcatifas sedosas, como se fossem pequenos principes cercados por attentas aias. Nalgumas senhoras a estima pelo seu caniche chega ao morbido e ao absurdo. Tudo, porém, deve ter uma conta e medida...

Mas, quando nos lembramos dos intelligentes e uteis cães policiaes, quando nos lembramos das heroicas façanhas dos cachorros durante a guerra, o nosso amor por esses fieis amigos do homem cresce prodigiosamente e ficamos a pensar, paraphraseando o verso de um poema, ao ver os olhos de "Fiel", tristes e humanos, ou ao ouvir os gemidos de "Velludo", como se fosse um ser pensando e soffrendo com ancias de falar:



Cães Vroia e Vendetta.

"Velludo, você tem uma alma [como a gente!]"

E elles são tão dignos da amizade.

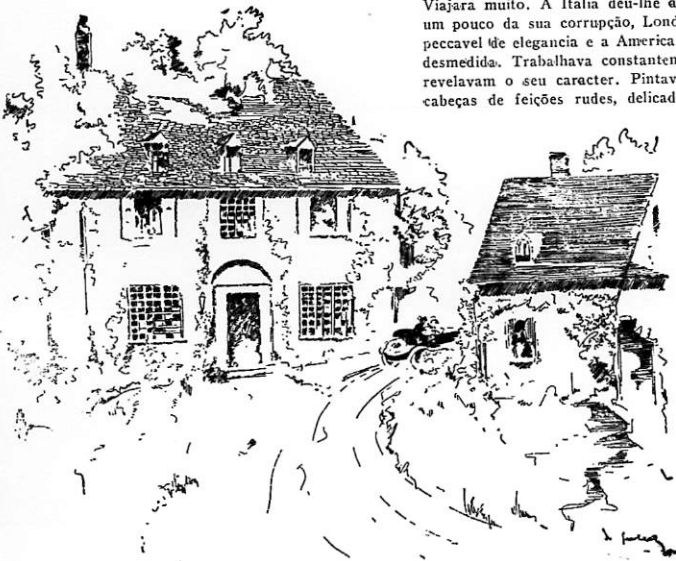


Fox-terrier.

Amizade e amor

Ella assegurava-lhe, entre delicada e fria, que o não amava, e elle, entre teimoso e ardente, não se cançava de confessar-lhe o seu amor.

- Eu não lhe quero e não lhe quererei nunca.
- Agora, talvez seja verdade; mas, mais tarde?



— Ora... fazia ella num muchocho, sacudindo os hombros com desdém.

Conheceram-se dias antes, na rua, por acaso, e sem apresentação.

Era ao entardecer. Ameaçava chuva. Elle, receioso de não chegar á casa antes da tempestade, que os ventos furiosos prenunciavam, imprimiu mais velocidade ao auto. Ella, que ia passando, recuou, e fel-o com tal precipitação, que torceu o pé.

Naquelle mesma tarde acompanhou-a á casa della, uma elegante vivenda rodeada de jardim. Passaram juntos parte da noite, agradavelmente. Nessa mesma vivenda, para festejar uma data qualquer, dançaram juntos, unindo os halitos na intimidade de um "fox-trott".

— Meu salvador, costumava ella a chamar-lhe.

Na estação de banhos, á beira-mar, encontravam-se sempre na praia pela manhã, durante o dia no hotel e parte da noite no casino.

Viam-se sempre, a toda hora.

Elle era pintor, modesto, mas tinha o vicio dos artistas: falar de si e de tudo quanto fazia, sem nunca

lhe occorrer falar do futuro, do seu futuro. Isso não lhe importava.

Libertou-se cedo do aconchego da familia, desse aconchego tépido que só tem a desvirtude de amolecer a alma e desfibrar o individuo. Por isso era um forte. Viajara muito. A Italia deu-lhe as illusões, a França um pouco da sua corrupção, Londres a sua linha impecavel de elegancia e a America do Norte a audacia desmedida. Trabalhava constantemente. Seus quadros revelavam o seu caracter. Pintava semblantes doces, cabeças de feições rudes, delicadezas e brutalidades, mas com muita harmonia no conjunto.

Sua especialidade era o retrato.

Agora estava a esboçar a mocinha, muito sério, e n e errados ambos no atelier. A harmonia do quadro, com que tanto elle sonhara, já estava realisada desde o esboço. No primeiro plano, campo e vegetações rasteiras, e no segundo, muito pequenina, ia-se e destacando, esfumada, a cabeçinha della, incli-

nada sobre uma flor, como a aspirar-lhe o perfume, gulosamente, os olhos em extase.

A figura era insignificante em meio áquelle scenario amplo e vigoroso. Reproduzia uma attitude que ella tinha habitualmente, mas era tão pequenina, que ella, ao rever-se na figura, se sentiu humilhada e resentida.

— Tão pequena, numa tela tão grande!

Aquelle protesto alegrou-o.

— E' que você está longe.

— De você estarei sempre longe.

— Assim á distancia, observa-se melhor o effeito do conjunto.

— Sim, creio. Mas eu quero ver minha cara, meus olhos...

— Pois olhe-se num espelho.

— Está acabada a sessão? Até logo.

— Pode ir-se. Vou pintal-a ainda mais longe.

— Pinte-me tão longe, que me perca de vista.

— Mesmo que a perca de vista, saberei encontral-a.

— E se não?

— Pintal-a-ei de memoria. Não imagina como a conheço. Conheço-a de cabeça aos pés. Tudo em você

me é familiar, desde a pontinha do nariz. E acariciou-a como a uma criança.

Ella encolheu-se, num grínho, e recuou o nariz aos dedos do pintor.

— Arre! que confiança!

— A confiança que deve haver entre pessoas que se amam...

— Que teima! Nunca o amei. Ora já se viu uma coisa dessas!

— Estou tão certo do teu amor como do meu proprio.

Ella ria, ria...

Elle cingiu-lhe docemente a cabeça com ambas as mãos, ia dar-lhe um beijo nos cabellos, mas conteve-se. Envolveu-a com um olhar de ternura e disse:

— Linda!

— Nunca os homens são francos. Vivem de illudir e de illudir-se a si proprios. Você diz que me ama, mas, no fundo, está pensando noutra coisa. Você fez-me agora um carinho nos cabellos e pareceu-me que ia fazer outro mais significativo. Eu consenti; consenti porque o seu gesto foi de simples travessura, e tambem porque sou indifferente ao seu carinho. O homem é só sincero na amizade. Eu, por exemplo, accitaria com prazer a sua amizade, porque o estimo e lhe quero bem. Uma amizade fraternal, pura, sincera, poetisa singularmente a existencia. Porque vocês, homens, só têm um proposito: conseguir-nos, e nós, mulheres, só um: casarmos. Ora, eu não quero casar. O casamento é um sacrificio.

— Pois sacrifique-se.

— Por você? e porque razão?

— Porque é minha amiga, porque me estimas e me quer, como acabou de dizer. Ha amizades que exigem sacrificios... A minha é assim.

— Que mania!

— Está bem, não te impacientes. Nunca mais te falarei de amor. Farei o possivel por transformar o meu amor nessa pura amizade que desejas. Vamos ser amiguinhos, sómente amiguinhos?

— Vamos, exclamou ella, arregalando os olhos num brilho extranho...

— Como dois irmãos?

— Como dois irmãos!

— Como sabe, sou affectuoso e não posso passar sem um romancezinho sentimental na vida. Far-lhe-ei, pois, a confidente dos meus amores...

— E eu tambem dos meus...

— Está dito? perguntou elle, olhando-a fixamente.

— Dito!

*
* *

Elle continuou a pintar, ella a frequentar-lhe o atelier. A's vezes conversavam, quasi sempre sobre assumptos de arte. Elle, com sua longa blusa de algodão branco, barrêta na cabeça e cachimbo apertado entre os dentes — o cachimbo é a insignia de todo pintor — quedava, não raro, no alto do cavallete, a estudar os effeitos das suas perspectivas. Ella, as pernas cruzadas, com o cestinho de costura no chão, absorvia-se no seu bordado, silenciosa.

Quando elle se cançava ou precisava atuchar mais tabaco no cachimbo, virava-se para o lado della, risonho. Ella erguia os olhos tambem, sorrindo.

— E de amores novos? indagava elle.

— Por enquanto, nenhum. E você?

— Na mesma. As mulheres parece que se desinteressam de mim.

— E os homens de mim.

— Que má sorte! Vamos fazer uma cousa, ou antes, um contrato?

— Vamos, qual?

— Eu escolho marido para você, e você escolhe esposa para mim. Procurarei entre os meus amigos o melhor, o de genio mais meigo, o mais gentil, o mais brilhante.

— Um moço que seja pelo menos como você.

— Lisongeira!

— Não, sou sincera.

— Pois está bem, como eu. E você, quem é que me arranja?

— Oh! por certo que uma moça distincta, bella, intelligente, boasinha.

— Como você, por exemplo.

— Não, melhor.

— Basta, como você.

— Lisongeiro!

— Não, sou sincero. E olhe: que tenha os olhos azues e os cabellos louros.

— Como o meu typo... Que máo gosto!

— Máo gosto de pintor.

*
* *

Terminara a estação das aguas. O clima maritimo estava-se tornando insupportavel. Voltaram para a capital. Ella trazia quasi concluido o seu bordado. Elle trazia uma porção de telas novas, reconcavos de praia, occasos á beira-mar e alguns muito interessantes.

*
* *

Foi elle quem, certo dia, assim que ella entrou no atelier, annunciou alegremente:

— Encontrei o amor que procurava.

— Já?

— Demoraste tanto em escolher-me esposa entre as tuas amigas... Sou tão impaciente!

— E' coisa séria? Você a ama?



— Francamente, não. E' irmã de um collega. E' bella e boa. O amor fatalmente virá depois.

— Pensa casar-se com ella?

— Não é pensamento, é já resolução. Se você sentir, eu leval-a-ia hoje à noite à sua casa, para lh'a apresentar. Quero que sejam muito amiguinhas. Ella o merece. E' tão distincta...

A moça olhava o vacuo, sem dizer nada.

— Em que pensa? perguntou o pintor.

— Nessa moça. Estou a ver que não é nada disso que você diz.

— Talvez não. Mas que hei de fazer? O ideal é coisa que a gente não encontra nunca. Claro está que não é bonita como você, nem tão intelligente, nem tão elegante, nem tão boazinha... Por infelicidade, nem tem olhos azues nem cabellos louros. Fui obrigado a transigir com o meu ideal.

— Porque?

— Porque é difficil alcançá-lo. E não é só por isso; é porque a moça me ama muito.

— Confessou-lhe o seu amor.

— Com os labios, não: com os olhos. E' muito timida.

— Como se chama?

— Marianna.

— Que nome feio!

— Acha?

— Horrivel!

— Isso de nome é secundario. Vamos hoje jantar com você. Prepare o seu coração para acolher a minha noiva com bastante carinho.

— Noiva? Já a pediu?

— Ainda não. Pretendo pedil-a hoje.

— Não, não a peça.

— Porque?

— Porque... porque não posso separar-me de você. — Quem falou em separação? Não, seremos sempre amigos. Nossa vida continuará a ser a mesma. Ora! você tem cada uma!

— E' tão aborrecido pôr uma terceira pessoa entre nós dois!

E depois de um silencio, durante o qual se entreteve a morder o dedinho:

— Não consinto. E' superior ás minhas forças!

— Que quer que eu faça então?

— Que me vá pedir em casamento, hoje, ao meu pae.

— Ora, graças! Se a felicidade estava aqui, porque buscal-a fóra?

-- Não é mesmo?

Julia Neves.

DIGRESSÃO PELA HISTORIA ATHENAS

A região onde se ergue a moderna Athenas, segundo os antigos historiographos gregos, foi, em tempos remotos, habitada pelos gregos os quaes, estabelecendo-se na sua Acropole, deram início à fundação da legendaria cidade.

Mais tarde, procedentes do Egypto, lá se installaram Cecrops e seus companheiros, dando-lhe a denominação de Cecropia, em memoria do seu chefe. Posteriormente occupada pelos phénicios, passou, logo depois, para "pôr" dos jonios (vindos do Peloponozo, expulsos pelos doricos) que se apossaram, sem tardança, das fertis campinas do seu territorio.

Assignalam as antigas lendas uma serie de chefes ou reis, que governaram o paiz dividido em dize Estados rivaes entre si, em frequentes guerras, nos séculos anteriores a Theseu, — que logrou reconcilia-los, devendo-se ao seu esforço o chegar a Attica, a ser o centro religioso dessa parte da Hellade, sendo, por isso, considerado como o fundador da unidade politica atheniense.

Elevou-se, portanto, Cecropia à condição de capital do Estado, chamando-se-lhe Athenas, em honra a Athená, que se cultuava no recinto da Acropole.

Em Trezena, Argolia, nasceu Theseu, filho de Egeu. Seu pae, antes de abandonar a Argolia, depositára a espada e as sandalias sob um enorme penhasco. Attingido a maioridade, Theseu, sem nenhum esforço, levantou a rocha, apoderou-se da espada e sandalias, e partiu para a Attica, exterminando, durante a viagem, todos os monstros e bandulos que infestavam as estradas.

Ao chegar à corte de seu pae, Medea, esposa de Egeu, tentou envenenar seu enteado. Theseu, porém, tendo descoberto a criminosa trama, deu-a a conhecer a seu pae, que alijou de junto de si a mulher, associando ao governo seu filho.

Este defendeu seu progenitor contra os palatinos, que haviam invadido os seus estados; dominou o touro de Maratona, que sacrificou em honra de Apollo, e libertou os athenienses do tributo, que pagavam, de sete donzellas e sete rapazes, ao minotauro de Creta, logrando matar o monstro e escapar do Labyrintho, onde aquelle se occultava.

Em seu regresso, porém, já à vista das costas da Attica, esqueceu-se de içar a vela branca, como havia combinado com seu pae, em signal de victoria na arriscada empresa. Egeu, em vendo a mesma vela negra da partida, tomou-a como mão augu-

ria, acreditando ter seu filho succumbido. Desesperado, cheio de dor, precipitou-se nas aguas do mar, que ainda hoje traz o seu nome, perecendo entre as ondas.

Theseu, herdeiro do poder e reconhecido rei de Athenas, leviou sabiamente para seu povo, mas, sem poder habituar-se à vida commoda da corte, voltou-se, novamente, aos empreendimentos guerreiros.

Dirige-se, depois à Laconia, para raptar Helena, e, finalmente, pretende auxiliar Pyriton na obra de libertar Proserpina, o que não consegue, pois, seu amigo é extraçalhado pelo cão Cerberus, ficando elle prisioneiro no Tartaro até que Hercules vae em seu soccorro e o liberta.

De regresso a Athenas, após dois annos de ausencia, encontra sua patria em plena anarchia, motivada pelos diversos partidos que aspiravam o poder. Impotente para restabelecer a ordem, cede o herde das graças do povo, que o expulsa. Uma tormenta arroja-o de Creta à ilha de Syros, cujo rei, Lycomenes, acolheu-o com benevolencia, a principio; mas mudando de conducta deu-lhe, morte trágica, fazendo-o precipitar do alto de uma penedia.

Alguns seculos mais tarde, durante as guerras punicas, Cimón ordenou a traslatação dos restos de Theseu de Syros para Athenas, effectuando-se com grande pompa as exequias do herde.

O vulto de Theseu popularizou-se por toda a região da Attica, onde foi considerado como um grande legislador e fundador da sua unidade politica. A sua energia e dotes de governo deve-se o ter conseguido reunir em um só Estado os dize cantões da Attica, e até mesmo aquelles que disfructavam uma completa independencia.

Para melhor consagrar essa união politica instituiu as chamadas festas panathénicas. Como herde nacional, foi Theseu objecto de um culto especial em Athenas, celebrando-se em sua homenagem as festas thesicas, as quaes, além dos sacrificios, comprehendiam banquetes e jogos. A sua figura proeminente na litteratura hellénica inspirou, por seus feitos gloriosos, os poetas que levaram à scena as suas mais famosas tragedias.



No fim do caminho

Quando começou a ficar moça, habituou-se a fazer aquella caminhada a pé, desde o seu sitio, perdido entre morros, até á estaçãozinha da villa, caiada de branco. Ella encurtava o caminho, tomando por um atalho aberto no meio da matta. Dahi ia dar ao rio, onde havia uma ponte de ferro, que estremecia toda á passagem do trem.

Constantemente fazia ella aquelle longo e penoso percurso, tornado ainda mais penoso porque ia sempre carregada. Alli era o ponto de embarque para a capital. Ella trazia sempre nos seus largos cestos, suspensos dos braços, frutas silvestres,ervas medicinaes e encantadoras orchideas. Seu velho pae jazia entreado no leito, imprestavel para o trabalho. A pequena lavoura era agora quasi uma tapéra, a despeito dos cuidados de Isabel que, de sol a sol, andava mourejando pelas terras, arrancando as hervas daminhas, plantando, podando, colhendo e tratando ainda da pequena horta e do galinheiro.

Era forte e de uma robustez de homem. Mas a sua boniteza e graça eram tantas, que fazia esquecer a sua força.

Tinha a belleza de uma Venus sertaneja. A

sua cor era igual á dos jambos que ia vender á estação de embarque e as suas faces eram tão coradas como as pitangas que levava nos cabazes. Na estação, quando parava o trem, os passageiros que vinham da capital olhavam-na com curiosidade, deslumbrados por aquella belleza que parecia resplandecer.

O caminho a seguir era solitario. Os unicos rumores eram o sussurro das folhagens e os pios dos passaros escondidos. A principio, quando to-



mou a hombros a tarefa de substituir o seu velho pae naquelle trajecto, ia sempre medrosa. Qualquer rumor na matta, a quèda de um galho, o estalar de uma folha secca, lhe parecia suspeito, e ella olhava em torno, com o coração aos saltos.

Agora, não. Caminhava resoluta.

Durante o inverno, quando as baixadas ficavam brancas de geada, a pobre moça, fazendo estalar os calcanhares nus nos tamancos, ia batendo os dentes e encolhia-se toda sob o seu chale roto.

Ahi vem dezembro com todos os seus calores agradáveis. O rio desceu do seu nivel e corre mansamente entre as verdes taboas. Nas ramas cantam as cigarras alegremente.

Isabel, mais c6rada que nunca, caminha a passo por aquelles atalhos familiares. Para descansar os braços, collocou sobre a cabeça a pesada cesta de frutas, e vista assim parece uma cané-phora do velho rito pagão.

O vento desmanchou-lhe os cabellos. Ella bem sabe que é bonita; sabe-o, não só porque lhe dizem todos os homens que a encontram, senão porque vive a mirar-lhe constantemente no espelho das aguas paradas.

E' preciso estar na estação antes da chegada do trem. De caminho, colhe um mólho de maravilhas multicores e enfeita com ellas a cintura.

Por acaso, por um desses acasos que só os namorados sabem arranjar, vem pelo mesmo atalho, em sentido contrario, o Zé Maria, que possui um rebanho de cabras para além da baixada. E' um guapo rapaz. Trabalhador como nenhum.

— Bom dia, Isabel.

— Bom dia, Zé Maria.

O rapaz, contra os seus habitos, tirou o chapéu, um largo chapéu de fibra de taquara, e poz-se a amarrotal-o entre as mãos.

— Zé Maria, eu preciso chegar a tempo. Até logo.

— E' que... eu queria falar com você, Isabel.

— Na volta, sim?

— Pois está bem, na volta.

Isabel seguiu o seu caminho. Que queria della o Zé Maria? O coração da moça já o tinha adivinhado. Sua razão, porém, está incerta. Sim, por-

que o rapaz nunca lhe falara de amor. Suas relações não passavam de um breve cumprimento á distancia e um sorriso. Mais nada. De resto, Zé Maria era filho do mais importante sitiante dos arredores, e ella uma pobresinha de Christo.

Ia preocupada. Alguma coisa de muito alegre cantava em sua alma. Na volta, trazia o cesto vazio. Aquelle encontro dera-lhe felicidade. Vendera todas as frutas, e na ponta do grande lenço de ramagens sentia o peso das moedas de prata e de nickel.

Vinha devagar, como se receasse alguma coisa. O coração batia-lhe descompassado.

Ao defrontar a cancelleira, onde deixara Zé Maria, encontrou-o alli, na mesma postura

— Demorou muito, Isabel.

— Até que não.

O rapaz teve um momento de coragem:

— Eu gosto de você, Isabel.

A moça baixou os olhos. Não foi o pudor que a fez abaixar, mas a felicidade.

— Eu gosto tambem de você. Porque não? Você é um moço tão bom...

— Eu não quero que você me queira por esse motivo; quero que me queira como lhe quero. Só tenho um desejo na vida, e é que você seja minha mulher.

— Você já falou com seu pae?

— Nem eu viria aqui encontrar-me com você se meu pae não consentisse.

— Então está bem. Vá falar com meu pae.

E seguiram juntos. No fim do caminho, quando a casinha de Isabel appareceu, Zé Maria parou e tomou-lhe uma das mãos.

— Então é verdade que você vae ser minha mulher, Isabel?

— Porque não, Zé Maria.

E não disseram mais nada.

Laura Vaz.

NOITE DE NATAL

*O' noite de Natal! O' noite de magia
Na aldeia de Belém. A estrella do Pastor
Inundava de luz a humilde estrebaria,
Onde havia nascido o filho do Senhor.*

*O rosto angelical e lindo de Maria
Tinha a doce expressão do maternal amor;
E o bondoso José, commovido sorria,
Contemplando Jesus, o meigo Salvador.*

*Os anjos pelo céu, num hymnario divino,
Cantavam o Natal do loiro Deus Menino...
E descia do azul a celestial canção,*

*Envolvendo Jesus, o ser extraordinario,
Que havia de morrer no cimo do Calvario,
E devia ensinar, aos homens, o perdão.*

LOLA DE OLIVEIRA.

Saphira, a pedra maravilhosa



Pulseira regia de saphyra, desenhada por Cartier. Artist'ca concepção de ourivesaria moderna.

A saphyra exerciu tanta seducção sobre os homens, que, por muitos seculos, foi considerada a pedra mais preciosa entre todas. Os gregos consagram-n'a a Jupiter. De saphyra eram os olhos pensadores e sabios de Palas Athene. Fulgurou sempre no peito do Grão Sacerdote. Na idade-media foi a pedra por excellencia dos Reis, e o seu uso era defeso á plebe e a todas as pessoas de officio vil. Modernamente, além do seu grande valor nas artes sumptuarias e na joalheria, é a gemma favorita dos altos dignatarios ecclesiasticos, porque é o emblema da castidade e da sabedoria.

Como quasi todas as pedras preciosas, a saphyra mais estimada vem do Oriente, de Ceylão, de Cachemira e de Sião principalmente. Encontra-se tambem na Australia e nas duas Americas, mas a oriental, chamada "saphyra macho" é a preferida pela sua cor de azul indigo e sua perfeita crystallisação, que offerece ampla margem á arte de lapidação.

A denominação saphyra comprehende, em joalheria, todas as pedras de cor azul; mas a verdadeira é um silicato de alumina, e sua classificação depende da coloração e de alguns outros attributos. Ha, por exemplo, as seguintes variedades, co-

nhecidas pelos joalheiros: Saphyra oriental, ou macho, de profundo azul indigo e a rainha da sua gloriosa stirpe; a femeta, de cor mais pallida, a saphyra do Brasil, que é uma turmalina; a saphyra d'agua, que é um quartzo; a occidental, que é de um branco azulado, e a Asteria ou saphyra de estrella, que é uma pedra branca azulina com uma estrella movediça de quatro pontos que muda de posição conforme o luz que a fere.

A asteria ou saphyra estrelada é uma das gemmas mais lindas que se conhecem, e como ao "olho de gato" e a certas agathas prismaticas, que dão a impressão de pupillas, attribuiu-se-lhe, desde as mais remotas epochas, as mais extranhas virtudes, e foi considerada como pedra viva, que tinha o poder de ver, de penetrar nos corpos e nas consciencias. Mas sempre se considerou

a asteria como muito favoravel ao seu possuidor. O famoso orientalista, Sir Richard Francis Burton disse que possuía uma que era um maravilhoso talisman, pois sempre lhe proporcionava bons cavallos e camellos, alojamento e comida nas suas expedições através do Oriente.

O orientalista Kunz affirma, entretanto, que a fama da saphyra estrelada ou asteria de Sir Richard, viajava mais depressa que o illustre explorador e que os indigenas, no interesse de ver essa pedra e de receber o seu influxo benefico, se apressavam em facilitar-lhe todos os meios de locomoção e as comidas que lhe eram necessarias em seu percurso pelo interior.

A asteria foi a pedra favorita dos bruxos, magos e nigromantes. Bartholomaens Anglicus diz que as bruxas estimavam muito essa pedra porque, por essas virtudes, as punha em condições de operar prodigios.

A saphyra oriental é reputada tambem pelas suas virtudes. Em França tornou-se popular a saphyra do conde de Wallicky, chamada "A Saphyra Maravilhosa", que lhe offertou madame de Genlis, pois, segundo ella e segundo a voz do povo, servia para provar se uma pessoa era innocente ou ma-

ligna. Essa gemma era de uma intensa cor azul; mas se a pessoa que a levava era culpada de uma falta, sobretudo de infidelidade, ella adquiria uma cor violeta, semelhante á amethista. Isto parece estar de accordo com a lenda de que a saphyra tem o poder de penetrar as consciencias e tambem de denunciar as faltas que sobre ellas pesam.

Na arte moderna da joalheria, occupa um dos primeiros logares. É uma pedra que tanto vae bem aos magos como aos velhos. Combina-se admiravelmente com os brilhantes, mas é summamente difficil harmonisala com outras gemmas. Recommenda-se especialmente que não seja usada com esmeraldas nem rubis, pois, em vez de sobresahir a sua belleza, perde muito com a combinação, por causa do contraste desagradavel.



Original pendente de saphyra engastada em platina



A saphyra engastada em platina. Joia de effeitos originaes.



A saphyra combinada com a platina. Formoso pendente.

Em broches e "pendentifs", em collares e diademas, a saphyra occupa lugar que lhe é proprio. Em anéis tem mesmo relevo, a não ser como distinctivo de dignatarios ecclesiasticos. Assim como ao contemplar os diamantes se experimenta uma sensação de riqueza e de magnificencia, e ao contemplar as perolas, uma sensação de tranquillidade e de bem-estar, a saphyra nos inunda a alma de irradiação de belleza, de poesia e de inspiração.



Lindo broche de saphyra.

As propriedades curativas dessa pedra, segundo uma velha superstição popular, são o antidoto contra o veneno e allivio para as febres; infunde sabedoria a quem a possui; dá dignidade, e aos poetas aviva a memoria. A saphyra é a pedra do mez de Setembro.

Nas joalherias do Brasil, que têm sempre os seus mostruarios a palpitar com a fulguração das pedras preciosas e que fazem a cubia das senhoras, vêm-se numerosas "saphyras", de todos os tamanhos, de todas as "praças", de todas as colorações, factadas de varios feitios e fulgurando em anéis,

em collares, em broches, em pendentifs, em diademas, em alfinetes de gravata, em pentes, em tampas de Relógio de senhora e em mil outros objectos de adorno. Desconfiae, porém, dessas "saphyras". Ellas não são do Oriente, nem do occidente, não são machos nem fêmeas, porque não são saphyras scño no arremedo da cor azul.

Desconfiae, pois, dos joalheiros. A maior parte das pedras azues que se vêm nos mostruarios dos joalheiros, e que têm um effeito tão seductor no conjuncto das outras pedras, não passam de pedras syntheticas, de cabochons, de crystaes azues ou, quando muito, de turmalinas, que são liados crystaes que têm todas as colorações e effeitos realmente surprehendedentes.



Broche de saphyras combinadas com platina.

A turmalina é uma pedra muito bella; e a azul pôde illudir os profanos, que a comparão como saphyra. A differença, porém, é grande. A turmalina, que é um simples crystal, vende-se mais ou menos a oito mil réis o quilate, o que importa dizer que custa cincoenta vezes menos que a saphyra macho.

AS MULHERES

O homem não pôde reflectir sem ficar mais ou menos tristonho. Concentrado, absorvido nos seus pensamentos, reveste-se dum ar sombrio, descontente, não raro hostil. Meditar constitue para elle um trabalho e uma pena. As idéas que no seu cerebro nascem, fatigam-no, acabrunham-no; e quando mesmo tenham que lhe valer depois o triumpho, a gloria, naquelle momento pesam-lhe e doem-lhe, como uma carga rude ou um infortunio. O "Penseur" de Rodin é um gigante taciturno. A' robustez dos seus musculos corresponde uma alma torturada. A mulher que pensa, torna-se, ao contrario, uma creatura, senão em appollo, relativamente ditosa. Se a vida lhe é um supplicio, o proprio pensamento a consola. O homem quer saber, resolver, vencer; ella se contenta em devanear. A realidade mais tormentosa obedece ao poder da imaginação feminina que a adelgaça, a dilue, a desfigura e chega, ás vezes, a transformal-a por completo, ou a substituil-a por uma bella chimera...

"O pensamento é o trabalho da intelligencia, o devaneio a sua voluptua". Assim disse o philosopho. As suas palavras podem bem servir de definição do homem e da mulher.

Quando o homem pensa, trata sobretudo de "ver". Devora-o uma ancia ardente, insaciavel de realidade. Aspira incorrigivel, irremediavelmente a fazer surgir diante dos seus olhos, bem perto e em plena claridade, para que não haja confusão possivel, o objecto da sua cogitação. Esse trabalho custa-lhe o melhor do seu esforço e leva-o a uma exaltação quasi allucinada. Concentra-se todo, reduz-se todo áquelle ponto supremo, onde lhe parece que está a razão de ser, o fim da sua existencia. Enterra bem a cabeça entre os hombros, aperta um contra o outro os joelhos que tremem, finca as unhas nas palmas e abre desmesuradamente os olhos — para ver. Supposições, imaginações, idealidades não o pôdem satisfazer. Não lhe serve de nada o raciocinio, se o não pôde basear no facto positivo, na pessoa viva, na cousa material, presente, inconfundivel. Quer ver. E ainda ás vezes, depois que vê, duvida e continua a olhar, angustiado, desesperadamente. Quando a verdade se lhe impõe, ainda elle a mira, a espreita, a esquadriña, a esmerilha, luta com ella, valendo-se de toda a força da intelligencia e todas as capciosidades da astucia, para vêr se, por trás ou no bojo dessa verdade patente, não está occulta, a verdade contraria! Essa incontivel e incon-

tentavel necessidade de vêr é a razão maior dos tormentos e desastres naturaes do seu destino. A difficuldade de certos problemas — a que elle, por isso mesmo que lhe resistem, particular ou até exclusivamente se dedica — vai o tornando melancolico e pessimista. A circumstancia de desconhecer, não distinguir, não divisar nitidamente afflige-o sempre, como um signal da adversidade. Ignorar o que é geralmente ignorado algum dia lhe ha de vir a parecer um infortunio especialmente seu, uma injustiça do Destino para com elle... e mais ninguém. E, assim, a sua vida pensante decorre entre o esforço de ver e a angustia de nunca ver bastante. Ao approximar-se da velhice, pensa menos e soffre menos, mas vai gradual e correspondentemente deixando de esperar. De certa idade em diante, declara-se desilludido. E arrende-se de tanto haver indagado, de ter querido certificar-se, ver — quando a vida cada vez mais lhe pesava e o curvava, e o esmagava, como o "Homo sapiens" do poeta, que caminha, carregando

O mysterio dos seculos ás costas!

Ditasas mil vezes as mulheres que, pela intelligencia e o sentimento, são verdadeiramente mulheres! Quando ellas seixam de olhos fitos, no chão ou erguidos para o céu, não vêm realmente o que raspeja pela terra ou o que no céu fulgura. O que as immobilita, as seduz são as miragens criadas na sua alma e de lá emanadas para formar um espectáculo extasiante. Nenhuma verdade, nenhuma certeza vale essa illusão. A vida não pôde offerecer nada tão bello e tão ditoso como essa utopia. Ellas o sentem, ellas o comprehendem, e por isso, em vez de lutar ou de se esforçar, recolhem-se a si mesmas e deixam-se imaginar, sonhar. Dalli a pouco, sahirão realmente do mundo; estão muito longe, muito acima de tudo; estão, conforme a expressão classica, nas nuvens; e é de lá que ellas contemplam a vida — a vida dos outros e a sua propria. Eil-as, pois, a fruir um gozo que o destino lhes negava, mas que a sua imaginação, triumphando do proprio destino, não tardou a lhes proporcionar. Ainda ha pouco chorosas, revoltadas ou desesperadas alli estão agora, numa venturosa fascinação. Não vêm senão primores, bondades, doçuras, refulgencias. E abrem bem os olhos, e admiram e louvam tudo aquillo, como se tudo não fosse unicamente — a sua meditação.

JÓÃO LUSO.

AS PEROLAS

SYMBOLO DA PUREZA E DA BONDADE

Cleopatra, mais que pela sua deslumbradora belleza, distinguia-se pelo seu apurado posto no ataviar-se. E isso foi, provavelmente, o que mais contribuiu para acender no coração de Marco Antonio o amor delirante que lhe tributou. Antonio rememorava, quando já sua alma fluctuava pelo oceano sem limites da sua paixão pela egypcia, as patricias que viram nos banquetes de Roma ou sob os severos porticos das villas romanas; recordava as deslumbrantes cortezãs das bacchanas do Transtevere, e pensava, contemplando Cleopatra, que a rainha egypcia era a mulher mais elegante do seu seculo.

— Sabe enfeitar-se melhor que ninguém, e isso a faz semelhante ás damas immortaes, pensava Antonio.

Mas o seu amigo Manlio disse-lhe um dia:

— São as perolas, de que se adorna, que lhe dão essa seducção irresistivel.

E assim era, com effeito. Ninguém, como Cleopatra, conheceu em seu seculo e por muitos seculos, o secreto encanto das perolas.

Quando offereceu a Marco Antonio o famoso banquete, appareceu-lhe arreada de perolas. Só as duas, que lhe pendiam das orelhas, tinham-lhe custado sessenta mil-

hões de sestercios. Conta Plínio que essas duas perolas constituíam a parêlla mais semelhante que havia no mundo, e em sua Historia Natural citou-as entre as maravilhas da Natureza.

Conta a tradição que Cleopatra fel-as dissolver em vinagre, tendo tomado uma e Marco Antonio outra. E' lastimavel que a sciencia, mais tarde, tenha declarado que as perolas não se dissolvem no vinagre. Ficou assim desfeita uma lenda. E' um sonho de menos nas feias realidades humanas. A sciencia tem sido sempre a responsavel por essas desillusões. O que é indubitavel é que, como Cleopatra, as mulheres de todos os tempos comprehendem que nada ha de tanto realce a uma dama como as perolas.

As perolas são a homenagem dos mares tropicaes á belleza feminina; em suas aguas tépidas e azues nascem e crescem dentro do molusco, e quando são descobertas não necessitam as artes do lapidador nem os auxilios da chimica para que brilhem em todo o seu esplendor. Porisso, por nascer perfeita e não em rude quartzo, como as pedras preciosas, a perola é a mais antiga das jóias que possuiu o homem. Os hindus as collocavam como suprema offenda na bocca dos seus mortos ao sepultal-os. Têm-se encontrado perolas em sarcophagos chinezes de mais de tres mil annos de idade. E' indubitavel que homens de raças prehistoricas, que se alimentavam de

mariscos, descobriram a perola, que os impressionou pela sua belleza, por sua resistencia, pelas suaves e harmoniosas linhas da sua figura e por esse brilho irrisado, que se chama oriente e que é o mais alto dos meritos que ella ostenta.

O brilho da perola dá a impressão de um quê feminino; o que o produz é o reflexo da luz sobre uma série de finissimas camadas superpostas de materia nacarada. E' de uma variedade illimitada de tons e de meios-tons, mas não possui o reflexo audaz do diamante nem o raio de rubro rogal do rubi, senão uma luz suave e tenue, como a que brilha nos olhos de uma creança ou nos de uma moça que sente as primeiras anciedades do amor.

A bondade, a satisfação placida de viver e de ser bom, parece ter seu symbolo na perola; e se as mulheres a querem é porque sentem os effluvios da sua influencia benefica.

As enciclopédias, com essa frialdade de analyse que as torna odiosas, dizem que as perolas são invenções calcareas produzidas por certos moluscos. As perolas, affirma outra enciclopédia, são camadas concentricas de carbonato de cal que rodeam um nucleo

central; as camadas são extremamente finas e pela interferencia da luz produz-se o phenomeno da iridescencia.

Demais, a perola é um calculo, uma enfermidade do repugnante molusco entre cujos tecidos se cria. Uma tenia microscopica penetra na ostra perlifera ou margaritifera; o parasita produz a consequente irritação, e então o molusco o cobre

de carbonato de cal e em seguida de substancia nacarada. E' esse um processo que dura ás vezes alguns annos e durante os quaes a ostra deve soffrer colicas terriveis.

Disse um escriptor que a joia mais querida pela mulher não é senão o tumulo de um parasita.

A poesia forma della um conceito mais elevado. Walter Scott diz que as perolas são as lagrimas das náyades. A ostra perlifera é de um feio aspecto exterior, mas ao abrirem-se-lhe as valvas, está recoberta de nacar e matiza-se das mais lindas cores ao receber a luz do dia. A parte carnosa é de



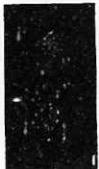
Collar unico no mundo, formado de formosas perolas negras, todas de forma perfeita e de oriente egual, que foram reunidas em mais de 20 annos de laboriosa e dispendiosa selecção.



Lavalliere de perolas e cordão de seda negra retorcido, feita de accordo com um modelo classico, mas com a graça e a subtilidade da arte contemporanea.



Affinidade de duas perolas rosadas e um brilhante, joia muito elegante e de muita actualidade.



Dois diamantes custodiando uma perola, formam uma combinação symbolica e esthetica, que se considera ideal.

cor amarelleta e entre os seus tecidos está a perola. As perolas se criam em todos os mares tropicaes, nos do Oriente e nos do Occidente, na vasta zona em que se produz e reproduz a ostra perliera, e que comprehende os mares da India e da China, o golpho Persico, a costa da Australia, as costas da America Central e as ilhas do sul do Pacifico. Em certos lugares desenvolveu-se a industria de crear ostras perlieras com bons resultados; mas como a perola não se desenvolve dentro da ostra senão quando um corpo extranho ou um parasita nella penetra, e como, demais, não se obtém perolas senão em proporção de uma por mil, a industria não adquiriu o grande surto de que se ufana a cultura de ostra para a mesa.

Na China, onde a mão de obra é tão barata e onde se conta com a habilidade maravilhosa dos dedos chinezes, é onde essa industria está mais desenvolvida. Os chinezes abrem as ostras, introduzem um corpo extranho por meio de finissimos filamentos de bambú e collocam-n'as de novo na agua onde o processo se completa ao cabo de mezes ou annos.

Para que a perola seja perfeita precisa ser livre de manchas e asprezas e tenha um bonito "oriente", branco, translucido e de brilho irisado.

Ha perolas de diversas cores, "osadas", amarelladas, alaranjadas, negras, que se encontram frequentemente nas costas da America Central, mas a mais procurada, com excepção das negras pelo seu excessivo brilho, são as brancas esphéricas ou em forma de pera, com oriente irisado, chamadas "perolas orientaes", embora não sejam oriundas dos mares do

Oriente. A's vezes as perolas têm defeitos nas primeiras camadas; e os joalheiros especialistas tiram-lhes essas camadas até encontrar a camada perfeita. E' esse um trabalho muito delicado, de grande precisão, e o erro de uma fracção de millimetro pôde arruinar a perola ou, pelo menos, fazel-a diminuir de peso, o que a desvalorisa notavelmente. O trabalho de perfurar as perolas é tambem muito arriscado e só os especialistas é que o podém executar. O nome da perola é Margarita e simbolicamente representa a doçura e a simplicidade. Seu significado mystico, segundo Mauro, bispo de Mainz, é a esperança no reino de Deus e a doçura da vida celestial. O Evangelho diz (Matheus, Cap. XIII, 45, 46): "O reino de Deus é como o negociador que buscava perolas e que, quando descobriu uma de grande valor, vendeu tudo que tinha e a comprou".

E assim é com effeito. A perola é tão bella e seu influxo é tão benéfico, que, para possuil-a, daríamos com gosto todos os bens materiaes, como damos todos os bens espirituaes para alcançar o reino de Deus.

A perola, entretanto, é muito facil de ser falsificada.

Além disso, ella envelhece, e, na velhice, perde o brilho e adquire um tom secco.

Ainda neste caso, que é commum, o seu brilho ou oriente pode ser falsificado, e nisso são muito habeis os joalheiros

hindus. Ha, portanto, perolas verdadeiras que são falsas.



Finissimo collar de platina, com dois brilhantes em forma de pera e uma perola oriental ao centro, formando uma combinação de surprechendente belleza.

Digressão pela Historia

III

Carlos Frederico

Só em principios do seculo XIX é que começa, verdadeiramente, a historia de Baden como estado unico e independente, quando estigão grãduco por Napoleão I.

Os antigos dominios da Austria anterior e do Palatinado Eleitoral que Carlos Frederico adquiriu no começo das guerras da Revolução Franceza, os quaes, juntos aos que possuia, deram origem ao novo Estado Badenal, tiveram a sua historia independente dos Estados dos Zähringen.

Não se pôde fallar de Baden como um paiz da corôa ao modo de Württemberg e da Baviera, pois os diversos ramos derivados dos seus primeiros dominadores, em continuar divisiões e trocas territoriaes, tiraram toda a unidade a esse paiz.

O ramo menor dos Zähringen extinguiu-se em 1218, passando a maior parte dos seus dominios para o poder dos condes de Eriburgo e Fürstenberg. O ramo maior appareceu na historia ahi por 1450. Depois de sua separação com a menor, tomam os seus principes o nome do burgo de Baden, onde se achava enervado o antigo castello de Baden-Baden. Do seculo XI a XIII recebem o margallado de Verona, como vicarido imperial.

No principio do seculo XIII separa-se uma nova linha lateral, que, em 1239, toma o nome do burgo de Hoehberg, adquirindo novos dominios pertencentes a Baden Meridional. Em 1306, dividiu-se esta, por sua vez, em dois ramos: a dos margraves de Hoehberg e a de Röteln, extinguindo-se o primeiro em 1418.

Em 1361 o margrave Bernardo logra reunir, de novo, aos seus Estados, grande parte dos territorios badenses disseminados por causa das successivas partilhas; mas, sob os seus successores soffrem estes dominios novas alternativas, perdendo-se ou recuperando-se segundo o exito das luctas em que tomaram parte. Os dois ramos mais importantes do duquado, que são os de Baden-Baden e Baden-Durlach, mantêm-se separados durante tres seculos, até o anno de 1771, data em que se unificam na pessoa de Carlos Frederico, que deve ser considerado o verdadeiro fundador da unidade nacional de Baden.

Filho de Frederico, principe herdeiro de Baden-Durlach, nasceu Carlos Frederico em 1728. Contava sómente quatro annos quando falleceu seu progenitor. Louca sua mãe, em consequencia da emoção que este acontecimento lhe causou, teve sua educação confiada

a seu avô paterno, que o associou ao governo de Baden-Durlach de 1738 a 1746, quando falleceu o velho duque, succedendo-lhe seu neto.

O jovem Carlos Frederico dedicou todas as suas iniciativas em fomentar o desenvolvimento dos seus escassos dominios, e sua actividade e felizes qualidades para o governo não tardaram a ser recompensadas; pois, o pequeno duquado que encontrára ao subir do throno foi se convertendo rapidamente em um estado verdadeiramente prospero e floresente.

Em 1771 reunia os dois ramos que, durante seculos, haviam separado o Estado Badense, incorporando o margravado de Baden-Baden. Muttissimo proveitosa foi para o paiz a administração de Carlos Frederico, pois nelle introduziu quantas medidas pudessem beneficiar-o, extinguindo a sua divida publica, abolindo a contribuição pessoal, fomentando as artes e as industrias e tratando de applicar os principios economicos dos physiocrates, dos quaes era fervente partidario.

Sympathisando com as idéas da Revolução Franceza, foi contra sua vontade que se uniu aos imperiaes na primeira colligação para combatal-a, tendo seus estados sido invadidos pelos beligerantes e soffrendo o paiz as consequencias do choque dos combatentes.

Carlsruhe foi occupada pelos francezes, e Carlos Frederico viu-se obrigado a firmar um armistício em Stuttgart, ao qual se seguiu o tratado de Paris que obriga Baden a ceder suas possessões da margem esquerda do Rheno, comprometendo-se ao pagamento de uma forte indemnização de guerra.

Na Dieta imperial de 1803, em virtude da mediação do czar Alexandre I da Russia, apparento com a familia reinante de Baden, adquiriu Carlos Frederico o titulo de principe elector e amplas compensações territoriaes.

A alliança com o Imperador dos Francezes foi-lhe altamente proveitosa, pois, na paz de Presburgo, em 1805, dilatou as fronteiras do seu Estado e a sua entrada para a Confederação do Rheno valeu-lhe o titulo de grã-duque e a plena soberania de seus dominios sobre os Estados do Imperio.

Casára-se morganaticamente com Luiza Geyersberg, vindo a fallecer em 1811.



Frederico o titulo de principe elector e amplas compensações territoriaes.

SAPHO

A MAIOR POETISA DO MUNDO

A escultura, que ilustra esta pagina, é obra de qualquer dos grandes mestres gregos do quinto século antes de Jesus Christo. É tal a perfeição das suas linhas, que não ha quem, observando esse busto maravilhoso, se não sinta arrastado pela sua sedução.

Sapho parece resuscitar nesse busto. E a materialisação da grande poetisa grega, que, através de tantos seculos, vem sendo a musa immortal dos poetas, sempre radiante de luz cercada de uma aureola de lendas immortaes.

De qualquer lado que seja examinada essa escultura, pôde-se apreciar a finura, a delicadeza da obra. Para julgar-a melhor, parece-nos que a sua verdadeira posição é a que está representada em tres quartos. O perfil é rigorosamente grego, tal como nol-o representaram sempre os grandes mestres. Os olhos e os labios conservam um indiscrepível sorriso, coisa difficil de encontrar em obras d'arte analogas e daquellas epocas. A bocca ligeiramente aberta, de tamanho medio, tem as commissuras finamente recortadas, e os olhos profundos e grandes, segundo o estylo do quinto século antes da nossa era. Recordam particularmente Polyclitus. O queixo curto e a fôrma oval do rosto apresentam uma expressiva combinação de intelligencia, de belleza e de cultura. As orelhas são delgadas e de tamanho regular. O cabelo é penteado de maneira muito original, num compositismo de varios estylos classicos, o que é pouco commum nas obras da estatuaria daquella epoca.

E' tal o poder evocativo do busto notavel, que uma ligeira descripção, ou melhor, um minuto de observação nos convence de que estamos deante de um verdadeiro retrato, e não deante de uma criação imaginativa.

Seus labios entre-abertos parece que vão falar, parece que se entreabriram para dizer uma palavra. Alguns peritos, que estudaram minuciosamente esta obra d'arte, que pertence ao archeologo sr. Fahin, de Nova York, asseguram que só uma poetisa pode ter servido de modelo para esse busto, pela porção de intelligencia intencional que deixa transparecer.

Este bronze foi encontrado numas excavações que se fizeram no sul da França. A julgar pelas extensas incrustações que se lhe adheriram, de mineraes e aguas alcalinas, acredita-se que o busto estivesse collocado em alguma fonte ou mananciai; nem de outra fôrma se podiam justificar os depositos de cal, enxofre, magnesia e gesso que envolviam o bronze.

Sapho não foi a unica mulher de genio da sua epoca. Era a figura central de um cultissimo grupo de damas que constituia a aristocracia de Mitylene, em meados do século setimo antes da nossa era. Foi casada, teve varios filhos. Viveu atormentada pelas revoluções politicas, nas quaes, sem duvida, tomou parte, sendo porisso desterada, vivendo muitos annos na Sicilia.

A maior parte dos ensaios feitos para restaurar a sua vida, o seu caracter, e o



Busto em bronze de Sapho, o mais precioso thesouro de arte antiga que ha na America do Norte.



Outra face do busto maravilhoso.

seu genio, estão muito áquem da verdade. Sua obra lyrica, sobretudo, nunca foi sufficientemente julgada, senão com muita paixão. As poesias de Sapho guardam um fogo, fogo magico que não queima, que nos dá a sensação de intensidade emotiva, semelhante á que sentem os olhos que se afastam de uma luz brilhante: não nos queima os olhos, mas faz-nos ver opaco e incerto tudo quanto pomos diante de nós.

Entretanto, suas palavras são facéis, seu estylo é sobrio. Só os grandes poetas, e unicamente os daquellas epocas afortunadas, é que sabem exprimir-se com essa maravilhosa simplicidade. E' a fôrma magica, superlativa da arte.

Esta magica fôrma de expressão encontramol-a em Sapho, e de maneira mais evidente nas composições de amor, de que servem de exemplo as duas estrophes do seu canto a Aphrodite e a sua ode immortal a Anactoria. O seu estylo tem a diaphaneidade da agua, do ar. A poetisa grega foi muitas vezes comparada a um rouxinol. Nas estrophes de Sapho ha reflexos de paixão, ha realidades tão doces que parecem sonhos; sente-se nellas, ás vezes, como uma voz que chama e que não encontra outra voz que lhe responda.

Platão, o maior dos philosophos, chamou-lhe a "decima musa".

Sapho amou, amou além de todo o limite: é dado ao coração humano. Enamorada de Phaon, em pé sobre a rocha Leucates, cantando ao som da lyra que suas mãos de deusa dedilhavam, arrojou-se ás ondas.

Para terminar, aqui offerecemos essa ode saphica de d. Estevan Manuel de Villegas, que foi qualificada como uma das mais formosas composições poeticas da lingua hespanhola. A versão portugueza, que é de Julio Cesar da Silva, attem-se fielmente ao original castelhano, que é igualmente em versos brancos. Eil-a:

ODE SAPHICA

*Meigo visinho desta verde selva,
Háspede eterno deste abril florido,
Hálito perfumoso da mãe Venus,*

*Zéphira brando:
Se noticias do meu amor tiveste,
Tu, queivas contigo os meus suspiros,
Ouve, não temas, dize á minha nymphã,
Diz-lhe que morro.*

*Philis, um dia, desta magua soube,
E esta magua chorou Philis, um dia:
Um dia já me quiz, e agora temo,
Temo-lhe as iras.*

*Assim os nubes com paterno affecto,
Assim os céos com seu amor benigno,
Neguem, no tempo que feliz voares,
Neve ao inverno.*

*Jamais o peso de cherosa musam,
Quando no erecto píncaro amanhece,
Calque teus hombros, nem o seu granizo
Te roce as azas.*



Uma historia romantica

Por M. OLMEDILLA.

Foi uma transição brusca, cruel, a das ruidosas avenidas de Montmartre para aquella rua silente, recondita, quasi provinciana, onde estava o Asylo. A viagem em automovel, a grande velocidade, foi feita em alguns minutos apenas. Quasi nem nos apercebemos que tinhamos chegado. Ainda tinhamos nos labios um sorriso, que se gelou em rictus ao defrontarmos o edificio, de aspecto torvo e triste. Rogerio Zarzal, o pintor insigne a quem as inapagaveis nostalgias retinham em Paris, longe da patria, exclamou:

— Já chegámos.

— E de pressa, ajuntei. "Como depressa se vae o prazer!" como diz o classico. Eis-nos aqui ante este edificio, em cujo frontão se devera inscrever o "lasciate ogni speranza" do vate florentino. Quem sabe se, como Carlos V que assistiu aos seus proprios funeraes, não iremos ter a visão antecipada de um capitulo de nossa vida futura...

Zarzal encolheu os hombros, sorrindo, enquanto, com o dedo no botão electrico, fazia soar a campainha.

— Bah! não ha razão para nos pormos funebres. Além do mais, a coisa não é para tanto.

A despeito do seu sorriso sceptico, é provavel que o seu estado de alma fosse identico ao meu. Era demasiado grande a desgraça do nosso amigo para nos sentirmos indifferentes deante della. Formidavel esculptor, que em plena juventude gosou todo o mel do successo, assistiu, em curto

espaço de tempo, ao desmoronar do castello das suas illusões. Uma hemiplegia cruel que o impedia de trabalhar, arruinou-o em poucas horas. Eterna cigarra, como bom artista que era, não tinha previsto o caso, realmente absurdo na sua idade, de ser condemnado à inacção. Veiu a hecatombe, o abandono dos proprios parentes e amigos, a necessidade de reduzir-se a um asylo de pobres, como o mais desprotegido dos pobres... Pobre amigo! Depois de varios annos de ausencia, não quiz, na minha passagem por Paris, privar-me do prazer de apertar em minhas mãos aquella mão que soubera esculpir maravilhas, mas que não soubera guardar nada para a subsistencia do corpo.

Cuidei enconral-o pesaroso, acabrunhado pela sua triste sina. Enganei-me. Passado o primeiro momento de surpresa dolorosa, observei que elle era o mesmo de sempre: palrador e sympathico, um tanto ou quanto fanfarrão e pretencioso...

— Podem vocês acreditar, disse elle. Estou aqui muito bem. Todos me querem. Sou mimado como uma criança chorona. Quando tenho vontade de trabalhar, com a mão esquerda modelo as minhas estatuetas que os negociantes me compram por preços irrisorios, mas que me permitem satisfazer meus pequenos vicios. Fumo muito bom tabaco, nunca me faltam as guloseimas de que gosto, e nos dias de sahida dou um passeio de taxi...

REVISTA FEMININA

Sorriu, nostálgico, vendo desfazer-se no ar o fumo do cigarro.

— E pensar que eu poderia ser millionário, imensamente millionário!

— Certamente, concordei. O producto das tuas obras admiráveis...

— Qual obras! atalhou. Nada disso. Isso não tem importância. Acho ter ganho escassamente uns tres milhões de francos nos vinte annos que durou minha vida activa. Compreenderás que, com semelhante ninharia, eu não poderia instalar-me na vida. Gastei tudo, e dou por muito bem gasto. Refiro-me a certa occasião em depender de mim adquirir, juntamente com muitos milhões, as honras de principe... Zarzal recorda-se bem disso...

Não pude deixar de sorrir. Aquelle Renato! F' um gascão incorrigível. Mas Zarzal, muito serio, concordava com repetidas inclinações de cabeça.

— Fará approximadamente uns dez annos — proseguiu o paralytico — isto é, quando o meu talento, a minha veia e o meu bom humor culminavam. Certo dia, tomando um vermouth no terraço de um café, detiveram a descançar perto de mim dois moços, portadores de um soberbo ramallete de flores. Um delles, que me havia servido de modelo tempos atrás, cumprimentou-me.

— Para quem levas isso? indaguei.

— A uma dama estrangeira, a princeza Papatoff, que mora na avenida Campos Elyseos.

— E quem é que a presentia?

— Não sabemos. Só nos deram a direcção escripta neste papel.

Ocorreu-me então uma troça estupenda.

— Vocês acham algum inconveniente que eu colloque uma carta entre estas flores? Tenho aqui uma moeda de ouro para beberem á minha saude.

Accederam sem discussão, como era logico. Pedi ao garçon penna e tinta, escrevi o endereço e dirigi-lhe uma carta concebida nestes termos. "Princeza. Adoro-a loucamente. Permitta-me que lhe envie estas flores, menos bellas, por certo, que a senhora". E puz em baixo meu nome e os attributos necessarios. Quem sabe, pensei, se me sahiria dalli alguma aventura? E sahiu, com effeito, mas de fórma bem differente do que eu tinha imaginado. No dia seguinte, pela manhã, o meu creado despertou-me. Eu estava a sonhar com a princeza.

— Um senhor está á espera e precisa falar-lhe com urgencia.

— Que venha mais tarde, disse eu.

— O homem grita, esperneia, blasphema e ameaça quebrar tudo a bengaladas se o senhor não lhe fór attender já e já.

Esfregando os olhos, li o cartão: "Principe Papatoff de Varsovia". Diabo! A princeza tinha um principe. Era muito natural; mas não me occorreu isso. Vesti-me rapidamente e sahi. Foi-me impossivel convencer aquelle bruto que se tratava de uma troça de que eu não tinha culpa. O resultado foi o duello, de que sahi ferido neste braço. Rogerio Zarzal foi um dos meus padrinhos. Zarzal, muito serio, concordava.

Renato proseguiu:

— Quatro mezes depois, quando já estava



esquecido do facto, recebi uma carta, um bilhete perfumoso, esse bilhete com que sonha todo artista joven e que faz palpitar o coração dos mais experimentados don Juans: "Eis-me outra vez em Paris, livre e ansiosa a fazel-o o mais feliz dos homens. Acaso, para poder dizer-lhe isso me tenha sido necessario que o peso de um crime gravite sobre a minha consciencia... Não importa. Amo-o, e sou livre para lhe offerecer, com minha mão, minha fortuna e meu titulo cuja nobreza está no mesmo nivel da dos czares..." Excusado é dizer que me preparei cuidadosamente para acudir ao convite, muito antes da hora marcada... Oh! o que sonhei emquanto raspava a barba e polia os dentes! Mas, ao chegar ao palacio da princeza, aguardava-me a mais tremenda das desillusões.

— Era uma mulher horrenda, exclamei.
 — Nada disso. Era uma mulher formosissima.
 — Então?
 — Mas era morena.
 — Morena? e que tem isso?
 — E' que nunca pude transigir com as mulheres morenas. Ha algo em meu temperamento que as torna repulsivas... Não sei a razão. Eu tinha sonhado com uma loura ideal, como as sylphides das lendas slavas, e ao defrontar a tez escura e os cabellos negrissimos da princeza, minha des-

illusão foi enorme. Tão enorme, que deixei sua companhia sob um futillissimo pretexto, como soldado bisonho que volta as costas ao inimigo. Eis aqui a razão porque não fiquei millionario e principe ainda por cima.

* * *

Ao sahir do asylo, onde ficava o pobre Renato amarrado a uma poltrona pela paralyasia, exclamei:

— Como Renato errou a existencia! Podia ter casado com a princeza...

Zarzal olhou-me surprehendido:

— Pois que! acreditas nisso?

— Não é então verdade?

— De modo nenhum.

— Mas tu estavas tão serio quando elle falava...

— E' que entre mim e elle houve sempre um convenio tacito para testemunhar mutuamente os maiores absurdos que nos occorressem contar. Elle, gascão, eu, andaluz, nos comprhendemos e nos completamos. Hoje por ti, amanhã por mim. De resto, elle sempre amou as morenas, ou, antes, só amou as morenas.

— Que me dizes, homem!

— E' o que te digo. A sua maior paixão foi uma mulher escurissima que se exhibia numa feira de acrobatas...

LENDA ORIENTAL

Outrora, num paiz longinquo do Oriente, nessas plagas, que cresta e abraça um sol ardente, um "derwiche" habitava uma caserna escura, cavada num rochedo, á sombra da verdura dum oasis viridente.

Em torno a fulva areia, que, ao sopro do simun, se agita, encrespa, ondecia, era como que o engaste immenso, rude e toscó, inundado de luz, talhado em ouro fosco, da emeraldada mais pura e linda do universo.

O "derwiche" vivia allí sósinho, immerso numa contemplação realmente singular. Seu olhar scismador parecia vagar pelo espaço infinito e azul, acompanhando o surto rectilíneo e pesado do bando das cegonhas.

Mas, quem melhor o examinasse, notaria um clarão a illuminar-lhe a face austera, macedrada e como que uma aurora a nimbá-lhe de luz a frente scismadora.

E' que, dentro do peito, esqualido e mirrado, daquelle asceta ardia o lume consagrado de um amor infeliz.

Seu negro olhar sombrio, muita vez o banhara o transbordar de um rio de lagrimas.

Porém, o vendaval desfeito da desgraça passára, a calcinar-lhe o peito, queimando o coração, tornando-o arido e secco. Nunca mais, desde então, fóra accordar o echo daquellas solidões um soluço de dor, um grito de paixão, de verdadeiro amor.

Aquelle magro asceta, emtanto, fóra outrora um gentil cavalleiro.

Audaz, dominadora, sua lança brilhara em todos os torneios, fulgindo ao claro sol, lançando raios cheios de heroismo e de ardor.

O seu corcel fremeiramente devorava a distancia.

E, quando o sopro quente do simun revolvía a areia do deserto, cabellos soltos no ar, o largo peito aberto ás lufadas de fogo, o ousado cavalleiro parecia calcar aos pés o mundo inteiro na celere corrida.

O yatagan brilhante, de lamina recurva e aguda, a cada instante, fulgia como um raio em meio da batalha, talhando a cada golpe uma nova mortalha.

Um dia, o negro olhar de uns olhos de velludo — olhar que tudo lembra e faz esquecer tudo — seus raios embebeu nas pupillas de treva do moço cavalleiro.

E como o vento leva, na sua aza veloz a folha resequida, que da arvore tombou, o coração, a vida, do justador audaz, vencidos e captivos, ficaram, para sempre, atados a esses vivos diamantes.

Mas, passou, qual rapida miragem, que o deserto embebeu e se desfaz na aragem do declinar da tarde.

O juvenil guerreiro, tendo no intimo dalma a descantar, fagueiro, um tropel de illusões e de sonhos dourados, partiu, rumo ao deserto, os olhos deslumbrados, cingida ao corpo esbelto a tunica de asceta, como si o fascinasse, além, ignota meta.

E o tempo foi passando.

Um halo de mysterio circumdava o "derwiche" em seu eremiterio. Louco diziam-no uns; diziam-no outros santo, fugido ás tentações deste mundo.

Entretanto, na sua verde ermidã, o triste solitario, como a espirante luz de pobre lampadario, morria lentamente.

O seu sonho desfeito aspirava-lhe a vida, a embalal-a no leito do somno derradeiro.

Um dia, finalmente, extensa caravana, a fulva estípie ardente tendo vencido, veiu encontral-o já morto, extatico e gelado, o vitreo olhar absorto tal qual si reflectisse ainda uma visáo celeste.

Não batia, ha muito, o coração.

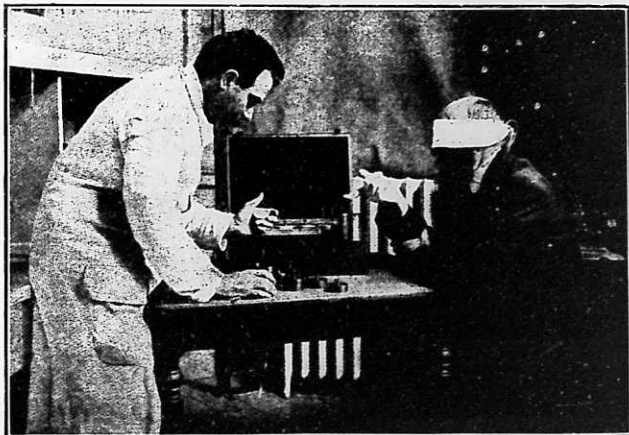
Um velho cavalleiro, então, curvou-se para cerrar-lhe os olhos, onde incidia a luz clara e mordente do sol.

Mas, de prompto, se ergueu, tremulo e commovido, ao ver rasgar-se o véu daquella dôr atroz.

— Como nagua de um lago, se espelha, azul e calmo, o céu, distante e vago, via que reflectia essa pupilla escura um rosto de mulher, de extranha formosura...

Julio Scheibel.

MEDIDA DAS SENSACÕES



Mio-esthesimetro de Toulouse e Vaschide para medir a sensibilidade muscular.

Sensação é o estado de consciencia que se produz quando o som, a luz e os agentes physicos excitam alguns dos sentidos corporaes. O conhecimento do mundo exterior provem das sensações, e não ha outro meio de adquiril-o. Por esse motivo, os homens de sciencia procuram substituir as sensações grosseiras, dependentes de uma multidão de circunstancias e porisso difficeis de observar, por outras sensações mais afinadas, harmonisadas tanto quanto possivel entre si, de modo que parecam independentes do estado particular do individuo.

Como quer que haja uma evidente relação entre a acção do meio ambiente e a reacção sensível, a tarefa do physico logo consiste em determinar em cada sensação a intensidade correspondente do agente excitador, traçar o diagramma dos resultados, e depois de cálculos mais ou menos arduos estabelecer a formula mathematica da sensação.

A principal difficuldade consiste em operar com a sufficiente exactidão e em limites bastante amplos. Para esse fim inventou-se um certo numero de apparatus, pouco conhecidos ainda, e dos quaes vamos dar, agora, uma

breve noticia para elucidação dos nossos leitores. As sensações tactis de pressão medem-se por meio do compasso de Weber; outros apparatus servem para determinar a memoria dos numeros e das palavras, a força de attenção e o funcionamento das facultades intellectuaes superiores, como a imaginação, o senso, o raciocinio. Com o mio-esthesimetro gradua-se a sensibilidade muscular. O chronometro de Arsonval registra as reacções auditivas, e o dynamometro de Regnier-Chéron compara a força da mão direita com a da esquerda.

O compasso hafi-esthesimetro de Weber, aperfeiçoado por Toulouse e Piéron, consta de duas agulhas terminadas em ponta aguda e suspensas de uma barra movel, separadas umas de outras, fazendo deslizar uma lamina sinha graduada. O experimentador toca suavemente com as duas agulhas do compasso a mão do sujeito, que ha de estar com os olhos vendados, e, como é natural, só sentirá uma picada se as agulhas estiverem juntas ou pouco separadas, ou duas se



Apparho electromagnetico de Lahy para apreciar a intensidade da memoria.



Pupillometro para medir a influencia do pensamento e a intensidade visual.

esse fim inventou-se um certo numero de apparatus, pouco conhecidos ainda, e dos quaes vamos dar, agora, uma



Apparelho para medir a potencia visual do individuo modificada pela indole dos seus pensamentos.

se o "apparelho electromagnetico" de Lahy. A rapidez do pensamento avalia-se contando, com o chronometro na mão, o numero de idêas associadas que o sujeito expressa verbalmente em um tempo assás longo para que se descubram as leves falhas da experiencia.

A sensibilidade muscular determina-se por meio de dois cubos metallicos de igual peso e volume. Um delles serve de controle, sem que se altere o seu peso, e o outro vae recebendo peças, que, no decorrer da experiencia, lhe augmentam o peso. O mio-esthesismetro de Toulouse e Vaschide consta de quatro pares de cubos. O primeiro par é de aluminio e só pesa uma grammã cada peça. Os outros tres pares são de cobre e suas peças pesam respectivamente 10, 100 e 1.000 grammas. No cubo variavel de cada serie podem ser collocados até dez pratinhos cujo peso vae em progressão de 1 a 10, com o que o peso do cubo variavel augmentará, segundo o numero dos pratinhos que se lhe juntam, na proporção de uma millesima, uma centesima ou uma decima relativa ao peso invariavel do cubo controle. O sujeito senta-se á mesa com os olhos vendados, e o experimentador colloca delicadamente entre a phalange e a phalangiña do dedo indicador um cubo controle de 100 grammas, deixando-o nesta posição durante seis segundos e devendo o sujeito sopesal-o neste tempo tres vezes com um movimento do antebraço. Depois, o experimentador retira o cubo controle, e ao cabo de tres segundos de espera, o substitue no dedo do sujeito por outro cubo de 100 grammas, mas com um pratinho adicional de nove grammas. O experimentador pergunta-lhe então qual das duas sensações lhe parece mais pesada. Nem todos respondem de accordo com a realidade, pois ha individuos para os quaes parece mais pesada a que é mais leve. Entretanto, repetindo a experiencia com as demais series de cubos, dá-se o caso em que o sujeito percebe a verdadeira differença de peso, que se formula por meio de uma fracção cujo numerador é o peso em grammas de carga ajuntada e o denominador é o peso do cubo controle.

Para determinar o tempo de reacção auditiva se utiliza o chronoscopio de D'Arsonval, composto de uma agulha, que, montada num pratinho de mola, gyra uma volta por segundo ante um quadro convenientemente graduado. Um

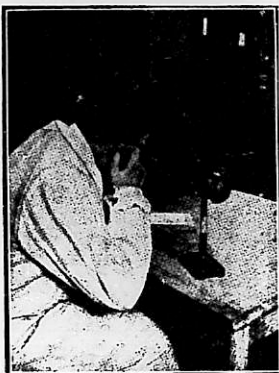
a separação fór maior. A utilidade da experiencia consiste em determinar em que grau de separação das agulhas, isto é, da abertura do compasso, e começa o sujeito a distinguir as duas sensações.

Para determinar a maior ou menor intensidade das facultades intellectuaes (memoria de cifras e phrasas, attenção e outros phe-nomenos) soe empregar-

regulador Foucault assegura durante dez minutos o funcionamento do apparelho. O pratinho sobre o qual está a agulha é accionado por um eixo que consta de duas partes: uma conectada com as rodas do machinismo e outra que engrena com um disco dentado, o qual, por sua vez, engrena com outro de feltro. A outra face do pratinho movel sobre que está a agulha, recebe a influencia de um electromano, e quando por este passa a corrente, atrae o pratinho, desengrena o disco de feltro e a agulha pára; mas, ao abrir-se o circuito, a mola volta a engrenar o disco dentado com o de feltro e move-se a agulha. O experimentador senta-se em frente do sujeito, e com um péso-ninho bate numa especie de pratinho metalico, á guiza de gongo indú, cuja percursão produz um som ao mesmo tempo que se abre o circuito do apparelho. O sujeito, que estará com os olhos vendados, ou pelo menos de costas para o experimentador, fecha o circuito por meio de um barbante emquanto ouve o som. Desta maneira a agulha assignala no quadrante graduado o tempo de reacção auditiva, isto é, o transcorrido entre a emissão do som no instante de bater no pratinho metalico e a percepção do som pelo sujeito no momento em que este fecha o circuito e pára aquella no apparelho.

Por meio do dynamometro Regnier-Chéron determina-se a relação entre a força da mão direita e a da mão esquerda. O apparelho consta simplesmente de uma mola que se aperta com uma mão. Entr-tanto, os resultados são deficientes porque, por uma parte, a dolorosa sensação experimentada ao apertar a mola, restringe o esforço, e, por outra parte, o valor da contracção muscular depende principalmente da rapidez com que se effectua o movimento.

O physiologo Charles Henry, director do laboratorio physiologico de sensações na Sorbone, inventou um apparelho que se denomina "photoptometro", destinado a determinar a intensidade das sensações luminosas, fundado neste principio: a intensidade da luz ao atravessar um diaphragma varia a proporção da superficie de abertura do mesmo. Os raios de luz passam atravez de um papel engordurado e do diaphragma, projectando-se depois em um quebra-luz ocular. Variando o foco de luz e a abertura do diaphragma, obtêm-se a intensidade luminosa que se queira, e pode-se determinar a lei das sensações luminosas.



Audiômetro, para medir as sensações auditivas.

Novidade importantissima para as relações que approximam a physiologia á medicina é a chamada "visão mental", obtida pelo mesmo experimentador Charles Henry, que demonstrou que a pupilla é capaz de dilatar-se pela influencia do pensamento. Para isso, atra-



Olfactometro, para medir as sensações produzidas pelos olores num individuo.



Medida do tempo de reacção auditiva com o chronoscópio de Arsonval.

vez de uma lente convergente, uma superfície movel de configuração angular que deslisa sobre uma régua graduada até que o angulo observado desapareça do campo visual, e então mede-se o diametro da pupilla. A experiencia tem uma segunda parte completa que consiste em manter immovel a superficie angular e ir retrocedendo com a lente até que se torne imperceptivel. Volta-se então a medir o diametro da pupilla, observando-se que se dilata, e como a intensidade da luz é a mesma em ambas as fases da experiencia e só varia a distancia, collige Charles Henry que a dilatação da pupilla provem de um reflexo cerebral determinado pela idéa da distancia.

Para medir e apreciar as sensações calorificas vem muito a proposito a experiencia das mãos cruzadas, que



Experiencia das mãos cruzadas para medir as sensações calorificas.

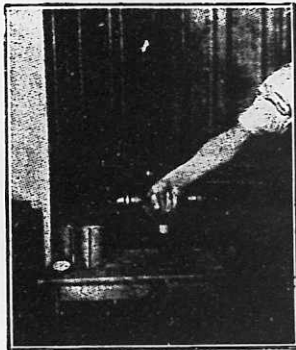
consiste principalmente em collocar o sujeito na posição indicada dentro de vasilhas thermicas com egual temperatura, ou em temperatura distincta a fim de que o experimentador observe a differença de sensação em uma e outra mão. Segundo o gráo de permeabilidade calorifica da epiderme, será mais ou menos intensa a sensação, pois ha individuos tão pouco sensiveis ás radiações do calor, que podem manter impunemente, durante alguns segundos, sobre a palma da mão ascuas de carvão ou de outro combustivel, assim como gottas de agua fervente, sem se mo-

lestar, ao passo que outros ha que não podem resistir á prova nem um segundo. Com este simples apparelho é possível apreciar tambem o estado de conductibilidade e receptividade das vias e centros nervosos, e até contribuir para o diagnostico de tal ou qual affecção do systema nervoso central ou peripherico, pois ao referir o paciente, acertada ou equivocadamente, uma sensação thermica ao lado que corresponde em realidade ao contacto com o liquido, sem ter em conta a posição cruzada das mãos, o acerto ou o erro sensitivo pode indicar a integridade ou alteração respectivamente nas vias nervosas centripetas.

O que é extranhavel é que haja individuos summamente sensiveis a determinadas radiações calorificas, quando a sua epiderme, de aspecto grosseiro, parece indicar uma

relativa insensibilidade. Os mesmos que são capazes de fazer jogos malabares com carvões em brasa, não se atreveriam a tocar a superficie de um ferro de engommar medianamente quente. Ao contrario, as mulheres que se dedicam ao officio de engommadizas, familiarisam-se tão facilmente com a abrazadora ferramenta, que, pelo tacto, conhecem o gráo necessario de calor para utilisal-a.

Um apparelho tão sensivel quanto engenhoso é o dynamógeno, para medir e desenvolver principalmente a força



Dynamometro, para medir a força muscular.

muscular. Está fundado na regular disposição de uma mola de aço cujos grãos de elasticidade correspondem á escala de medição para computar os kilogrammas da potencia. No ponto de vista scientifico não offerece nenhuma novidade esta dynamagem; mas, em compensação, por sua habil disposição, é muito comodo para ser empregado na gymnastica domestica e para verificar os progressos obtidos na cultura physica do individuo.

Finalmente, para a apreciação das sensações olfactivas emprega-se o "olfactometro", composto de uma redoma que contém tres tubos cylindricos concentricos; o primeiro de vidro, para a essencia odori-

fica, o segundo de papel e o terceiro de vidro, graduado em milímetros. O experimentador introduz um dos extremos da redoma, no nariz e obstrue o outro extremo com um tãmpão de algodão em rama muito comprimido. Depois deixa delicadamente o tãmpão, e o perfume passa do primeiro tubo de vidro pelo de papel para o de vidro graduado, até ferir o alfacto do experimentador, e emquanto este percebe a sensação minima, isto é, quando já não nota no perfume a intensidade do principio, retira a redoma e observa na escala graduada a altura a que chegou a redoma para receber a sensação olfactiva.



O aesthesiometro de Weber para medir as sensações tactis

DIGRESSÃO PELA HISTORIA

VII

AHMED SCHAH

AFGANISTAN

Só dos meados do seculo XVIII data a existencia do Afganistan como Estado independente.

Antes daquella epocha teve a sua sorte sempre ligada á das demais regiões circumvirinhas, collocadas no caminho dos povos da Asia Central que invadiram o Occidente, passando de mão em mão aos conquistadores que, expulsando os primeiros, ficaram senhores da região, occupada anteriormente pelos que os haviam precedido.

Assim foi que em remotas eras fez parte dos imperios de Cyro e de Alexandre Magno, sendo logo theatro das luctas consequentes das invasões dos parthos e scythas. No seculo VII foi subjugado por principes hindús, que tiveram de ceder o logar aos emirões dos kalifas do Oriente. Do seculo XI ao XIII formou parte do imperio indo-persa dos Ghaznovidas, e durante os seculos XVI e XVII, sob o dominio dos mongóes, foi assolado e tyrantizado, até que os persas acabaram com o poder mongol no Afganistan.

Em principios do seculo XVIII, Nadir Schah, soberano da Persia, submetteu a poderosa tribu afgan dos abdalís, possuidora dos mais extensos territorios no Herat, não sem que com ella tivesse de manter lucta tenaz; mas, derrotados, por completo, os afgans, foram obrigados a submeter-se ao vencedor, tendo mesmo os auxiliado com fortes contingentes de cavallaria, na guerra que o soberano persa sustentou contra a Georgia.

Nadir, como justa recompensa aos seus serviços, cedeu-lhes uma grande parte do territorio situado a oeste de Gaudahar e cumula de dattivas os seus caudillos.

Um dos chefes que mais se distinguiram nesta expedição militar foi o valeroso Ahmed, filho do "seman", ou chefe do abdalís, que, com o andar do tempo, foi o fundador do actual imperio do Afganistan.

Nascera em 1724 e servia no exercito de Nadir, na qualidade de porta-sacha (assaberdar) acompanhando o monarcha persa em todas as campanhas.

Em 1747, dando-se o assassinato de Nadir no Kurdistan, uniram-se as tropas legaes aos usbeckos e atacaram, de commun accordo, o exercito persa. O combate durou longo tempo sem se decidir pela victoria de nenhuma das forças.

Em vista deste resultado, decidiu-se Ahmed a dar um golpe de audacia, e reunido toda a cavallaria afgan, atravessou o Corassan a marchas forçadas chegando muito opportunamente a Gaudahar, pois conseguiu apoderar-se do valioso comboio que conduzia os tributos que a india pagava ao soberano persa.

Após este successo, proclamou-se Ahmed imperador, reunido sob o seu commando todas as tribus afgans, que o aclamaram soberano, assim se estabelecendo a unidade da patria.

Ahmed organisou o exercito e montou a sua corte á imitação

de Nadir, e para melhor attrahir a si os principaes chefes, distribuiu os altos cargos palacianos pelos abdalís, declarando-os hereditarios; confirmou a todos a posse das terras que occuparam, não lhes impondo outra obrigação mais do que proporcionar-lhe um contingente de cavallaria, de caracter permanente, com o qual formou a sua guarda.

Adoptou o titulo de "Dor Doran", — perola do tempo, — devido ao que, se designou o seu ramo, com o nome de "Dorani". Reorganizados os seus estados, empreeheu com maior energia, a conquista das regiões fronteirizas.

Em 1748 submetteu Galticha, conquistado, em seguida, Chazui, Kabul, Dschelaladab, occupou Lahor e Multan, obrigando, posteriormente, o governador Penojah a pagar-lhe tributo. Encaminhou-se, mais tarde, para o oriente, apoderando-se, em 1749, do Herat, e no anno seguinte, de Nischapur, submettendo completamente, depois destas victorias, o Corassan e o Leistan.

Em consequencia de um convenio com o imperio de Delhi, occupou o Pendjab juntamente com as provincias fronteirizas de este até Sirhind, e em 1752 incorporou Cachemira aos seus estados. Após breves annos de repouso, voltou de novo, a empreender a guerra com o imperio do Grão-Mogol, conquistando e saqueando Delhi em 1756, apoderando-se dos immensos thesouros que, durante largos annos vinham os imperadores hindús recolhendo em seus palacios.

Em 1760, em uma nova campanha, repetiu o saque de Delhi, entregando-se as suas tropas a execráveis excessos durante alguns dias, deixando triste recordação de sua passagem pela capital hindú.

No anno seguinte declarou a gerar ao breve e feliz campanha, conseguida, depois de muitas vicissitudes, a completa proximidades de Panipal, no dia 6 de Janeiro de 1761.

Falleceu em Kandahar, no anno de 1771, deixando a seu filho e successor Timur Sehah, um vastissimo e bem organizado imperio, que comprehendia, além dos territorios do Afganistan actual, as provincias conquistadas em suas campanhas contra a India e a Persia.

A dynastia por elle fundada manteve-se no throno até mais de meado do seculo XIX, em que entrando em desharmonia os varios principes, provocando guerras civis, passou o imperio ás mãos dos Barakzi, antigos vassallos da monarchia Durani.

Os historiadores modernos consideram-no um soberano justo e generoso, vereladeiro pae dos seus vassallos, que choraram a perda do querido principe, que havia logrado, com o seu esfoço, fundar e manter um imperio poderoso e sabiamente organizado.





As moças que habitam os nossos campos e sertões e as das pequeninas e remotas cidades do interior, não sabem pentear-se e não usam nenhum ornato característico para a cabeça. As das cidades do interior andam de cabeça nua, penteadas ao seu modo, ora com as tranças soltas nas costas, se as têm longas e espessas, ora com os cabellos apanhados na nuca ou em cima, sem nenhuma intenção de graça característica ou de efeito original. As do sertão contentam-se de amarrar a cabeça toda com um laço de côr, de preferencia vermelho, com duas pontas em laço na nuca, á moda de certas aldeãs portuguezas.

Diversos modelos de coifas exhibidos pela actriz franceza Suzanna Dumesnil. A de laizoo, no centro, é em filigrana de ouro artisticamente tralalhada.

esses, embora menos complicados, ainda estão em plena voga nas aldeias da Austria, da França, da Hollanda, da Suecia e Noruega, e são confeccionados em renda, em linho, em palha, em çretone e em algodão. Dos modelos apresentados, examinemos, por exemplo, a touca da Bohemia. E' em tecido de prata bordado de ouro. Ainda se usava no principio do seculo passado. Observem a graça deste toque, de que tiravam tanto effeito, nos dias de festa, as côradas e louras raparigas de Linz, em fôrma de um simples volante de renda de ouro montado sobre um fundo de seda, em relevo. O modo de coifar que ordinariamente usam as mulheres de Linz e da baixa Baviera é im-

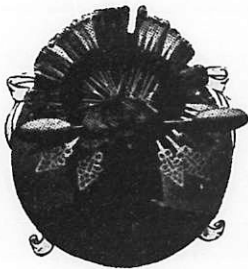
Na Europa, porém, as camponezas e as habitantes das pequenas cidades do interior ou do littoral, têm muita vaidade com a sua cabeça e obtêm os mais lindos pittorescos effectos por meio de penteados, de toucas de feitiços extravagantes e de chapêos de uma riqueza bizarra.



Touca campesina com bordados de prata.

Os diversos mo-

do de que pro-



Complicadíssima touca confeccionada com clina trançada.

priamente um ornato de cabeça. Uma aureola de filigrana dourada enfeita a cabeça das mulheres de Wurtemberg e das do cantão de Sain-Gall, na Suíça; quatro fitas largas, fixadas a um fundo bordado, caem atrás da cabeça. Na Snabia bávara, é ainda a filigrana dourada, guarnecida de cabuchons e de perolas, que serve para compor a touca de fitas longas que caem até á cintura. Em cima vê-se um toucado de Baden-Baden, onde as filigranas de ouro desenham estrellas, que brilham nas suas faces de rubis.

Quereríamos, com estas indicações, suggerir ás senhoras de alto gosto o desejo de recolher estes restos das velhas modas e dos costumes de outr'ora, e com elles, auxiliadas por um fino tacto e com um pouco de paciencia, compor, neste seculo, alguns modelos de toucados e chapéus, evitando, dessa fôrma, que mergulhassem no esquecimento as modas d'antanho. Pena é que sejam modas estrangeiras. Mas nós, no genero, não possuímos absolutamente nada, a não ser, como dissemos acima, o penteado de duas tranças e o lenço vermelho com duas fitas para cobrir a cabeça.

Já que estamos a falar deste assumpto, continuemos a palestra, ao menos para completar a pagina.

O penteado é tão passível de modalidade, como o vestido, o calçado, o chapéo. Ha modas tambem para o penteado, e ellas são todos os annos, duas ou tres vezes em cada anno, creadas em Paris, onde as senhoras elegantes se apressam em adoptalas. Muitas pessoas, que vêm de Paris, ao contar

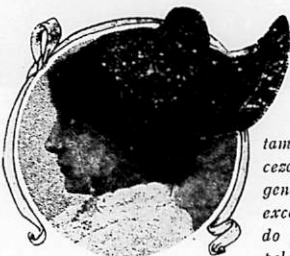
a sua impressão da grande cidade, não podem esconder a admiração, pela mulher franceza. Porque? porque as francezas são mais bellas que as mulheres de outra nacionalidade? Absolutamente, não. Ao contrario, as francezas são notoriamente feias na sua generalidade. As bonitas constituem excepção. Ellas impressionam os olhos do forasteiro observador pela graça, pelo chic, por um quê todo particular. São elegantissimas, de uma elegancia intelligente, de uma elegancia que é apurada sem que o pareça. Ellas adoptam a moda em todas as suas mani-

festações, e é porisso que cada dia a mesma mulher se apresenta sob um aspecto novo e sempre interessante.

Ora, as nossas patricias, sem exceptuar mesmo aquellas que se orgulham da sua elegancia, só usam, as mais das vezes, um só modelo de penteado a que se habituaram e do qual não conseguem libertar-se. Dessa fôrma, por mais variadas que sejam as "toilettes" com que se apresentam num salão, sempre terão o mesmo aspecto, o aspecto invariavel do mesmo penteado. Acontece tambem — o que communmente se dá — que esse penteado saia da moda, envelhece de todo, e ellas teimam ainda em usal-o. O que acontece é que essas senhoras, por mais jovens e formosas que sejam, têm um ar envelhecido, que recorda uma geração passada. Com cabellos muito longos e abundantes não se podem compor certos modelos de penteado.

De resto, a moda dos cabellos longos já passou e só permanece em algumas cidades atrasadas do interior.

Touca de Munich em tecido de prata.



Touca das moças da Baviera, com laminas de ouro.



Touca de Baden-Baden



Touca do seculo XVIII em tecido de prata com palhetas de ouro.



Touca da Bohemia



As heroínas de Goethe

Goethe, o nome mais glorioso da Alemanha, foi um grande sentimental. Enquanto, durante a sua vida, suas amantes o esqueciam, elle as recompensou, aureolando-lhes o nome com a immortalidade. Todas as mulheres das suas



A musa.

novellas, das suas balladas e dos seus "lieder" receberam o legado manifiado de ficarem perpetradas para além dos seculos vindouros. Não houve na Historia principe tão magnânimo, que fizesse taes presentes ás suas amadas.

Todos esses nomes de mulheres são a sua propria historia sentimental. Frederica e Carlota deixaram o rasto mais fundo na larga vida do poeta, que cantou a exaltação do eterno feminino como unica razão da vida, em um dos cantos de *Fausto*.

Goethe amava a mulher, fonte fecunda do futuro, cheia de graça, cheia de pureza, divina estatua do prazer como a deusa de Milo. E amou o ideal da mulher com serenidade esthetica e com febres passionaes, através de todas as mulheres que encontrou em caminho. Teve a energia de não deixar captivar o seu genio no encanto de uma só mulher. Tinha o feitiço da sedução.

Quando adolescente, ia receber lições de dança em casa de um bailarino de Strasburgo, que tinha duas filhas. Ellas enamoraram-se loucamente do poeta. As duas irmãs *cumulavam-n'o de ternos e delicados carinhos*, e, uma tarde, Lucinda, a mais velha, numa magnifica exaltação de amor e de ciume, fulminou-o com esta tremenda ameaça: "Maldição, maldição eterna sobre a primeira que beije os labios que acabo de beijar".

Goethe, que, naquella epoca se dedicava ás sciencias-ocultas, não voltou mais a ver as duas irmãs. A maldição de Lucinda assaltava-o sempre que tinha á flor dos labios a rosa flagrante de outros labios. Sempre acreditou que a maldição recahiria sobre Frederica Brions, a figura mais doce e mais abnegada de todas as suas namoradas.

Aquelle amor sincero, profundo, puro e immenso, que elle abandonou na febre da sua arte e das suas curiosidades de saber, doía-lhe como um remorso e enchia-o de saudade. Elle possuía aquelle amor, constante e humilde, caloroso e cheio de perdão, e, entretanto, passou de largo, como quem foge da propria felicidade. Porisso elle nunca foi feliz apezar da apothese da sua gloria.

Frederica foi a musa da "Canção de Maio". O poeta tinha então vinte annos. O luar e o rouxinol romantico souberam do seu idyllio encantador nos jardins da velha abbadia, de que o pae de Frederica era pastor. A donzella loura cantava ao som do clavicordio as velhas canções da aldeia. Aquella casa estava cheia de beatitude e de sol e tudo era alegria e ingenuidade. Frederica, com as louras tranças cahidas sobre os hombros, com seu typo aldeão, mas gracioso, fazia sempre companhia ao poeta nos passeios pelos bosques legendarios de Sesenheim. Mas foi depressa esquecida. O amor de Margarida encheu-lhe o coração. A despeito disso, Frederica nunca o deixou de amar. Morreu solteira. Quando alguém lhe falava de um novo amor, exclamava, cheia de orgulho:

— Quem pertenceu a Goethe, jamais pode pertencer a outro homem.

Esta pobre alma aldeã, por um milagre de amor, chegou a comprehender o genio de Goethe. Mas elle abandonou-a porque não podia *encerrar na prisão daquella ternura* a sua ancia de saber e a sua febre de novas emoções. O mysterioso impulso de um fatalismo cruel e glorioso arrastava-o, enquanto ouvia o *piafar dos fogaços cavallos, chicotados por espiritos invisiveis, que arrebataam o carro do nosso destino*.



Frederica, a donzella abnegada.

Frederica sacrificou-lhe sua juventude; e toda sua vida foi um culto ardente e resignado pelo grande artista, que lhe deu a honra de ser para sempre desgraçada. Seu es-

pírito vivera do reflexo das glorias do seu amado, e via de recordar os dias idyllicos e romanticos que gosara em companhia delle, como um grande resplendor em sua existencia.

A vingadora de Frederica foi Carlota Buff, essa bella sombra cruel que passa através das paginas desoladas de *Werther*.

O genio, monstruosamente egoista, soffreu o inferno de ver a mulher ardentemente desejada nos braços de outro homem. *Werther* é a loucura da carne, que se funde num lugubre romanticismo que conduz ao suicidio. O espectáculo da felicidade alheia faz-lhe a vida intoleravel. Carlota é uma robusta virgem allemã, consciente do seu dever para com a Natureza. Veio ao mundo para cumprir uma missão doce e sagrada. *Escravo da Espécie* — diz Ganivet — ao genio egoista e voluvel preferiu o forte e simples amor de Alberto, que a fez duas vezes mãe.

Foi esta a maior paixão do poeta. Frederica sacrificou-se pela gloria do poeta. Carlota desdenhou do genio em favor de uma felicidade mais humilde e mais assidua, illuminada por duas cabecinhas ingenias e louças. Goethe houvera, porventura, trocado toda a sua gloria pelo destino obscuro de Alberto Kestner, o marido de Carlota Buff. Assim o declarava melancolicamente no occaso da sua portentosa vida de trabalho, depois que sonou todos os enigmas do saber humano. Carlota exerceu sobre elle uma inconsciente e fática influencia. Foi a musa tragica do *Wertherismo*, quando, na realidade, era apenas uma mãe amorosa.

Dois annos depois de abandonar Wetzlar, fugindo á amarga influencia de Carlota, publicou *Werther*, em setembro de 1774. Todo o livro está cheio de uma grande febre romantica e sensual e, ao mesmo tempo, de uma profunda preocupação da morte. *Feliz daquelle que não vê na queda de uma folha outra coisa mais que a approximação do*

inverno... O inverno é para Goethe uma representação do fim das coisas. É a dor intima e mysteriosa de não poder cumprir nossa missão na vida. Carlota é a exaltação do amor. Fóra da mulher desejada até ao delirio, as outras mulheres não têm influencia sobre nossa sensibilidade, e parte d'ahi o sentimento inconsciente do fracasso da nossa vida. A exaltação romantica da epoca faz o resto. É o momento do amor lyrico pela morte.

O livro de Goethe teve um exito enorme e exerceu uma influencia nefasta, uma influencia pathologica, a enfermidade do suicidio, que, depois que appareceu essa novela, começou a denominar-se *wertherismo*. A febre do genio allemão contagiou a sua epoca. Muitos annos depois, quando Goethe já era velho, viu numa rua o corpo de um suicida, que tinha no bolso um exemplar de *Werther*. Carlota era para o poeta uma creatura quasi sobrenatural. O homem mais glorioso da Alemanha soffreu horrosamente por aquella mulher, que era prometida de um amigo seu, um joven secretario da legação do Hannover.

Mas, apesar do seu equilibrio e da sua honestidade, Carlota, fascinada pelo poeta, uma tarde, aborrida do abysmo. Abordou e quasi se precipitou. Arrependida de uma fraqueza, que não praticou, Carlota nega-se a vel-o, porque nella era profundo o sentimento do dever.

Carlota representa uma epoca de Goethe, unica, irrespondivel. É a loucura da carne, a voz demoniaca que no coro de *Fausto*, canta a exaltação do eterno feminino, com a mais doce razão da vida, junto ás vozes angelicas de Frederica, a abnegada, e de Maragrada, a loura fiandeira, e de outras bellas sombras galantes que encheram a vida deste excelso poeta do amor e do infinito.

EMILIO CARRÊRE.



Carlota.

ANGELICA PALMA

Nossa collaboradora senhorita Angelica Palma, distincta escriptora peruana, filha do glorioso poeta don Ricardo Palma, acha-se actualmente em Barcelona, a passeio. *De lá dirigiu ella á secretária desta revista, Aveлина de Souza Sullés, uma carta muito affectuosa e em que se estende a proposito da nossa acção, no Brasil, em favor da mulher, louvando a nossa obra de construcção e a nossa benemerita campanha em prol do verdadeiro feminismo. Entre outras coisas, escreve a finissima novelista: "Uma distinguida escriptora de esta ciudad, doña Carmen Karr, descendiente del celebre novelista francés Alphonse Karr, se ha ofrecido gentilmente a hacerme conocer algunas instituciones feministas; entonces envié a su periódico mis impresiones. Por ahora solo he podido observar que en esta gran ciudad hay mas prejuicios sociales que en las nuestras de Sud-América".*

Como vêm as leitoras, em Barcelona, a adelantadissima cidade hespanhola, que é a de maior população e a mais culta da Hespanha, ha mais preconceitos sociais que nas

ciudades sul-americanas. Entretanto, lá, as mulheres, tendo de romper correntes mais fortes, tradições mais velhas e arratgadas, rotinas mais teimosas e enraizadas, prejuizos emfim mais tenazes e porisso mesmo mais escravizadores, ellas estão conseguindo aos poucos, mas com segurança, vencer a resistencia tremenda do meio e impondo a sua vontade no sentido de conquistar os seus direitos. Os passos que ellas têm dado são de molde a causar-nos, attentos os embaraços que encontram, verdadeiras surpresas. O voto da mulher, em Hespanha, pôde-se dizer que já é uma conquista. Nós, porém, apesar de, como confessemos Angelica Palma, termos menos prejuizos a vencer, estamos encontrando maiores difficuldades para impor as nossas reivindicações. A nossa acção, pois, é mais facil; o que a torna difficil é a falta de união das mulheres brasileiras, é a sua indifferença pela causa sublime de redempção, é a resistencia que ellas proprias offerecem. Unamo-nos todas, queridas patricias! Unamo-nos todas em torno da "Revista Feminina", que é o orgão destinado a amparar a mulher patrica e a garantir-lhe, graças á intelligencia e á tenacidade com que tomou a hombros a temeraria empresa, o triumpho completo.

UM CONTO DE FADAS

Dona Bebê Mendonça, a rica e encantadora senhora que toda a sociedade conhecia e admirava, estava, uma tarde, em companhia de algumas amigas, passeando por um dos jardins públicos da cidade.

Atraz vinha o marido, num grupo de homens. Estes falavam política. Aquellas discutiam, com uma seriedade inflammada, assumptos de moda e de elegancia.

D. Bebê tinha a preocupação da elegancia. O seu corpo de escultura, cheio sem ser gordo, de epiderme muito branca, parece que tinha sido

talhado para fazer sobressahir todas as extravagancias e demasias da moda. Seus cabellos eram louros, desse louro violento, theatral, que trahiam a acção da agua oxygenada. Todo seu rosto era recoberto de uma camada de "maquillage" onde o rubro do carmin fazia contraste com o branco das pastas e do pó de arroz. E toda ella ria com seus labios fortemente carminados para fazer destacar os dentes, que brilhavam com seu esmalte azulado.

Era a senhora mais mundana da capital. Entretanto, ninguem se animava a fazer o menor



D. Bebê tinha a preocupação da elegancia.

comentario desfavorável á sua conducta. A sua honestidade era inatacavel. Em todas as festas de caridade promovida pelas altas damas da nobreza local, figurava sempre o seu nome. A philanthropia serve, não raro, para a exhibição. A maior parte das pessoas que praticam a caridade, o fazem para pôr em evidencia o seu nome. D. Bebé, porém, tinha a piedade no coração. Parte da renda da sua fortuna escoava-se em esmolas anonymas, dadas na sombra. Era tão fina e sincera a sua sensibilidade, que não podia ver a miseria sem sentir, de subito, um ardor de lagrima nos olhos.

— Já cahindo a noite. O grupo de senhoras, ao sahir o portão do jardim, fronteu um humilde theatrinho de arrabalde. Era hora do espectáculo. Ouviam-se da rua os applausos e as notas agudas dos violinos.

— Vamos ver isto? alvitrou muito alegre, d. Bebé.

— Ora! fez uma moça com um movimento de desdem.

Mas d. Bebé, teimosa, parou á porta. O marido, que não se animava a contrariar-a, apressou-se a comprar as entradas. O publico era composto de operarios e gente humilde.

Na scena, uma menina de oito annos, muito magrinha, dançava umas danças hespanholas, acompanhando as marcas com as castanholas repicadas. As saias tinham tufadas, muito curtas, a meio da coxa, punham a nú as pernas esguias, muito frageis. A menina, porém, dançava com notavel habilidade e fazia flexões incriveis de gymnastica.

Era esse, por certo, o "numero" mais sensacional do espectáculo, a julgar pelos applausos ruidosos e pelos pedidos insistentes de "bis".

Demoraram-se alli mais algum tempo, a ouvir cançonetes que as "artistas", vestidas em trapparia de asseo duvidoso, esganiçavam desafinando. Satisfeita a curiosidade, sahiram.

No corredor encontraram a pequena dançarina, que ia passando, seguida por uma mulher gorda envolvida num velho e manchado "manton" de Manila. Era provavelmente a mãe.

A menina, vista de perto, era ainda mais bella que vista á luz da ribalta. Possuía essa belleza doentia, de pelle flacida e transparente. Parece que toda a sua vida se concentrava nos olhos, uns olhos desmedidamente gran-

des e cheios de um brilho excessivo. D. Bebé interessou-se immediatamente pela hespanholinha. Apressou os passos para alcançá-la. A menina parou, olhando-a muito com seus grandes olhos espantados.

— Escuta-me um pouco, minha filha, falou-lhe a linda senhora, pousando a mão enluvada sobre os seus hombros.

A pequena dançarina encolheu-se toda áquelle contacto.

— Porque tens medo de mim? Sou por acaso muito feia?

Captivada por aquella voz tão meiga, a menina dizia não com a cabeça. Mas permanecia silenciosa.

— Onde é que arranjaste esses olhos tão lindos? Gostas de dançar, minha filhinha? Não? Tens irmãosinhos? Não? É uma mamãesinha? Sim? Foi ella quem te deu estas roupinhas de dançarina? Pois dize á tua mãe que eu te achei muito linda, linda como um anjinho. Eu tambem tenho uma filhinha, sabes? uma filhinha que deve ter a tua idade. Ella chama-se Odette. É a tua boneca? Onde está a tua boneca? Mostra-m'a. Ah! é essa? Que boneca tão engraçadinha! Mas é tão pequena... Não tens uma boneca grande? Nunca tiveste? Gostarias de possuir uma grande boneca, dessas que falam, que fecham os olhos? Sim? Fala, responde-me. Oh! não sei mais o que dizer. Tu não sabes falar?

A dançarina estava estupefacta. Aquella maré de palavras a assustava. Mas a dama tinha uma voz tão doce, um ar tão bom, um olhar tão acariciador! A menina escutava-a, enlevada, como se escutasse uma musica. Entretanto, não ousava falar. Contentava-se de olhar a dama, encarando-a com seus olhos arregalados, muito negros, esplendidos, brilhantissimos, que faziam contraste com suas feições meudinhas.

— Dize-me, queres uma grande boneca? Continuava a tagarellar a formosa e voluvel senhora. Pois bem, dar-te-ei uma, muito linda, deste tamanho... Prometto-te.

As companheiras de d. Bebé riam-se, muito divertidas.

A menina ficou subitamente córada. Uma promessa é alguma coisa. Mas uma duvida atravessou-a, e ella tomou uma coragem repentina. A menina sentiu animo de falar e, fazendo um esforço, perguntou:

— Quando?



Era a mais bella boneca, a que fechava os olhos e dizia mamããã



— Dize-me, queres uma grande boneca?

Todo o grupo riu alegremente. D. Bebê estava encantada. Tinha conquistado a criança selvagem.

— Quando? disse d. Bebê. Amanhã, por certo. E fica sabendo que quando eu prometto é porque a coisa é certa.

A orchestra rompera. A menina e sua mãe voltaram apressadamente para a caixa do theatro.

D. Bebê sonhava. Estava encantada por ter com a sua promessa, despertado uma alegria, mas seu prazer não era completo porque adivinhava que a menina não lhe dera credito. F. veiu-lhe á idéa esta phrase, que lera algures: "E' peor a duvida quando se lhe mistura um pouco de esperanza..." Estava a sensível senhora a imaginar o drama que se passava na cabeça da dançarina.

— Ella pensa que foi uma troça que fiz! E' horrivel! Se eu pudesse dar-lhe immediatamente uma boneca? O que faz o prazer da vida são as felicidades que se realisam no mesmo momento em que são desejadas... A esperanza ex-gotta... E tudo mais vem tarde. E tudo que vem tarde não produz mais prazer. Que hei de fazer, meu Deus? Hoje é domingo. As lojas estão fechadas. E esta pobre criança a soffrer, como um escarneo, a promessa que lhe fiz!

D. Bebê estava triste. Pensou um instante. E depois, bruscamente, bateu as mãos, sorrindo: ella tinha achado.

— Vocês me esperem aqui, disse. Já volto.

Todos estavam espantados.

— Não, não... E' questão de minutos. Fiquem conversando para entreter o tempo. Volto já.

Seu marido, habituado a essas constantes fantasias, resignou-se a esperar.

Ella sahii apressada. Na rua avisou um taxi que passava. Mandou parar, entrou, lançou a direcção e partiu.

Entrou em casa como uma ventania, subiu ao andar superior, onde estava o quarto da filha. A criança dormia. Não chão jaziam espalhadas as bonecas. Ella apanhou a mais bella, a que fechava os olhos e sabia dizer "mamãã" quando se lhe tocava na mola.

Abaixou-se para beijar a filha, toda rosa e branca, a bocca entre-aberta, os cabellos castanhos esparsos no travesseiro... Beijou-a de leve, mal roçando-lhe os labios. A pequena, despertada, abriu os olhos, e carinhosamente estendeu os bracinhos ainda entorpecidos pelo somno.

— Quietinha. Não acordes... Imagina, meu benzinho... Vi uma pobre menina que não tem boneca, que nunca teve boneca... Então, vou dar-lhe a tua... Consentes, filha? Ah, sim? Então dorme, dorme... Amanhã te darei outra mais linda, muito mais linda, verás. Dorme, sim?

E d. Bebê, impaciente, rufava os dedos na janella do auto, na ancia de chegar depressa.

— Um conto de fada, um verdadeiro conto de fada para essa pobre menina.

E d. Bebê nadava em jubilo.

Mas, ah! E' bem verdade que a felicidade de uns se faz á custa da desgraça dos outros.

Porque, no seu leitosinho, onde não conseguiu dormir, quem é que está chorando lagrimas silenciosas e por isso mesmo mais doloridas? E' a linda filha, que em tudo isso não vê senão uma coisa: tomaram-lhe a mais bella das suas bonecas, e o seu desgosto era profundo.

Sua mãe nunca soube disso...

Clara Vaz.



Volto já. E sahii apressada.



Tomaram-lhe a mais bella das suas bonecas

DIAS DE CHUVA

Filho, não vás lá fóra.

Nuvens carregadas amontoam-se velozes sobre a orla escura da floresta.

As palmeiras, junto ao lago, agitam-se furiosas, batendo os seus cimos de encontro ao céu tristonho; os corvos estão silenciosos, de azas cahidas, nos ramos do tamariz; e as margens do rio desaparecem na sombra crescente da bruma.

A vacca mugge soturnamente, amarrada á cerca. Filho, espera aqui, enquanto eu a levo para o estábulo.

Na planície inundada pela cheia de lagoa vão os ra-

pazes á cata dos peixes; a chuva corre em torrentes pelas ruas estreitas, como a risada do menino que foge á sua mãe, para metter-lhe medo.

Ouve, alguém chama pelo barqueiro, no vão do rio. A luz do dia vac morrendo. O céu parece galopar sobre a chuva, em corrida vertiginosa; as aguas do rio crescem murmurosas; e as mulheres cedo da fonte com as suas amphoras cheias.

Não tardam as luzes se acenderem. A estrada está deserta, o caminho para o rio lamento, e o vento ruga na folhagem dos bambús, como a fera presa na rede.

Filho, não vás lá fóra.

Poemas indús de Rabindranath Tagore.

O feminismo no Uruguay

O DIREITO DA MULHER AO VOTO ACTIVO E PASSIVO.
IGUALDADE CIVIL E POLITICA ENTRE AMBOS OS SEXOS.

O dr. Baltazar Brum, notavel estadista oriental, em uma das ultimas reuniões de parlamentares filiados ao partido colorado, uruguayo, apresentou juntamente com Pedragrosa Sierra e It Eduardo Perroti um projecto pelo qual se reconhece á mulher o direito ao voto activo e passivo, e perante a lei se estabelece a igualdade civil e politica de ambos os sexos.

Em apoio a esse projecto o dr. Brum fez uma larga série de considerações que despertou grande entusiasmo entre os colorados, o que significa a sua breve approvação pelo congresso uruguayo, dado o prestigio de que gozam aquelles politicos e as sympathias cada vez maiores, despertadas em muitos parlamentares filiados a outros grupos partidarios. Está assim redigido o projecto então apresentado: "O Senado e a Camara dos Representantes da Republica Oriental do Uruguay, reunidos em Assembléa Geral, decretam:

Art. 1.º — Reconhece-se o direito da mulher ao voto activo e passivo, não só em materia nacional como municipal.

Art. 2.º — Reconhecem-na na mulher os mesmos direitos e obrigações que as leis eleitoraes estabelecem para os homens.

Art. 3.º — A mulher é igual ao homem, perante a lei, seja esta preceptiva, penal ou protectora.

Art. 4.º — Revogam-se todas as disposições que se oppoñham á presente lei, com excepção do n.º 3 do art. 187 e do art. 112 do Codigo Civil.

Art. 5.º — Comuniquem-se, publique-se etc. Montevideo, Junho de 1921.

Façamos, com o dr. Baltazar Brum algumas considerações a respeito desse projecto.

O artigo 10 da Constituição da Republica Oriental estatue que o reconhecimento dos direitos da mulher ao voto activo ou passivo, tanto nacional como municipal, deve ser feito por dois terços do Poder Legislativo. — razão pela qual o artigo primeiro do projecto citado se refere ao Senado e a Camara dos Representantes reunidos em assembléa geral.

Porém, poderia arguir-se que esse direito do voto não implica o reconhecimento de todos os direitos e obrigações que contem as leis eleitoraes uruguayas, mas as disposições do artigo 2.º do projecto Baltazar Brum são taxativas a esse respeito.

Como se vê, os dois artigos primeiros se referem quanto aos direitos politicos da mulher oriental, porém os estadistas colorados, sob a chefia de Brum, levaram mais longe essa obra de reparação, propondo no artigo 3.º, a total igualdade do homem e da mulher, perante a lei, seja sob qual for o ponto de vista a ser considerado.

O artigo 4.º revoga todas as disposições que contrariam a igualdade dos sexos, deixando em vigor

entretanto o n.º 3., do art. 187 do Codigo Civil, que autorisa o divorcio quando requerido pela mulher, não concedendo igual prerrogativa ao marido.

O facto de não ter sido revogado o n.º 3 do artigo 187, não representa uma contradicção ao projecto Brum, porque se o considera com um caminho andado até a implatação do divorcio pela exclusiva vontade de cada uma das partes, se attendendo principalmente ao espirito da lei oriental.

Naturalmente assim redigido aquelle projecto será motivo de longos debates e acurados estudos e antes da sancção do poder executivo, serão estudados diversos alvites para solucionar casos que affectarão ao patrio poder, a administração da sociedade conjugal, exercicio do commercio, etc. que poderão mais tarde crear algumas difficuldades de ordem pratica.

Approvado o projecto Brum, com os artigos 3.º e 4.º desaparecerá do Codigo da vizinha republica irmã, uma multidão de disposições que, a pretexto de proteger as mulheres dão aos homens attribuições evidentemente egoistas.

Desapparecerão os dispositivos que mantem a incapacidade da mulher para o exercicio de certas profissões, da tutela, da administração dos seus bens quando casadas e que a collocam em inferioridade de condições como no caso de delicto de homicidio por adultério etc.

Uma vez admitida a igualdade juridica dos sexos, esta deve ser ampla, perfeita e completa sob qualquer ponto de vista que se queira tomar e essa foi a intenção de Baltazar Brum que trasladou para o artigo 3.º, do projecto que concede á mulher o direito do voto activo e passivo a redacção do artigo 148 da Constituição do Uruguay.

Assim sendo não resta pelo que exposto ficou, a menor duvida.

É justo assignalarmos que na America do Sul o Uruguay sempre se revelou pelo alto espirito de liberalismo dos seus estadistas; as suas leis visam sempre uma melhoria para a collectividade, pondo de lado as paixões partidarias e mesquinhas que embaraçam a vida de um povo.

Apezar da lucta politica travada entre os partidarios dos diferentes grupos que se divide a opinião nacional, o progresso d'aquelle povo é cada vez mais surprehendente em todos os ramos do empreendimento humano.

O projecto Brum é o reflexo do sentir de um povo, do qual o presidente Wilson, ha annos passados, escrevendo ao ministro Buero dizia: "reconheço plenamente a posição de destaque que tem occupado o Uruguay, em tudo que se refere ás reformas liberaes e a sua cooperação internacional para assegurar a paz".

A MUSICA

A musica, por mais espiritual que seja, fala mais directamente aos instinctos. Dahi talvez a razão por que as mulheres, que vivem mais para os instinctos physicos que para as faculdades superiores da intelligencia e do espirito, amam a musica mais que os homens. E' provavel até que, se não fossem as mulheres, os homens acabassem por abandonar o cultivo dessa arte. Mas não a abandonam, porque ali estão ellas a suggerir-lhes a belleza de uma phrase musical, e convidal-os aos concertos, a obrigal-os a ouvir uma hora de musica e a insuflar-lhes constantemente o gosto por essa arte arrebatadora. E elles, então, passivos, obediêntes, são obrigados a attentar na musica, a cultivá-la, a fazer della uma arte quasi que essencialmente masculina.

Em S. Paulo o instrumento popular é o piano, que perdeu a sua nobreza para se tornar plebeu. O violino é que se tornou aristocratico.

O violino, certamente, é mais delicado, mais livre, mais pessoal. A vida dos seus grandes virtuosos, Paganini, Sarasate, Kubeik, é creadora, alheia a toda suggestão, é nova emfim.

O violino, demais, é discreto como um bom pagem, e cortez como um nobre. Talvez seja o unico instrumento que "sabe fazer-se ouvir" galantemente, o unico que não apaga a voz humana. Rousseau, que tinha a preocupação da musica, affirma, num capitulo das suas Confissões, que o violino "tem a ingenuidade de uma criança e a fidelidade de um espelho". E quaes são as duas grandes predilecções da mulher senão os espelhos e as crianças?

No velho mytho de Orpheo a musica amansa as feras. Estas feras, que outras coisas não são senão as nossas paixões, mais excitadas hoje que nunca pela anciedade do esforço da vida contemporanea, repellem as resonancias violentas e aprazem-se com as expressões delicadas, com as surdinas avelludadas.

E as graças modernas, fatigadas do luxo, da ambição, da inquietação, sabem bem que a musica é o melhor dos lenitivos, e que sob o seu influxo as almas mais crezpas se alisam mansamente.

Os musulmanos affirmam "que não ha outro Deus senão Allah e que Mafoma é seu propheta". O tedio contemporaneo poderia dizer que não ha repouso tão amavel e bemaventurado como a musica, e seu propheta, o Violino, fiel como um espelho e ingenho como uma criança, segundo a phrase de Rousseau.

Na arte desinteressada e intima do lar, o piano, que é tão feminino, deve ceder o logar ao violino, mais feminino ainda, e, portanto, mais mysterioso em sua fragilidade, em sua delicadeza e em sua elegancia.

Mas o violino, exactamente porque é o mais nobre dos instrumentos, o mais expressivo, o mais rico de recursos, o que mais variedade de vozes possui e o que é capaz de maior numero de effeitos, é o mais delectavel quando a mão que o tange é incerta ou quando o cerebro que conduz essa mão não está inspirado. Em menos de dez annos de estudos quotidianos, com oito, dez ou mais horas de estudo por dia, o tocador de violino não consegue arrancar-lhe das cordas uma nota supportavel. E ha individuos que, dedicando-se a elle a existencia inteira, creando calos nos dedos da mão, no esforço tenaz do exercicio e outros tantos calos sob o queixo no afan de conservar-lhe a horizontalidade, nunca conseguem executar uma chromatica sem fífias ou um acorde sem rascas.

O violino é tão incomprehensivel como a mulher.

Elle quer dedicações excessivas e exige que essas dedicações sejam guiadas por um grande engenho.

Se não ha ingenho ou se a dedicação é pouca, elle revolta-se, grita, tem blasphemias fanhosas, erros tremendos e ganidos de cão que ladra á lua.



A sociedade e a mulher que estuda

A mulher que estuda parece abdicar dos deveres domesticos e como que toma uma posição falsa de desconfiança para a sociedade, que, geralmente, a julga inapta para exercer o elevado sacerdocio do lar.

E' este, pelo menos, o conceito que a grande maioria do nosso povo faz da mulher que ultrapassa as limitadas raias de acção concedidas ao seu sexo, no vasto campo da actividade intellectual! Ser BOA DONA DE CASA, no entanto, deve ser uma qualidade intrinseca da "alma feminina", não importa se de uma doutora ou de uma engomadeira, como a brancura o é da neve e o brilho da estrella! E quantas donas de casa não ha, infelizmente, com o pouco estudo exigido, e sem outra occupação que a sua casa, que não o sabem ser! Felizmente, tambem, pela lei das compensações, quantas não ha que, obrigadas pelas difficuldades da vida, exercem sua actividade, horas e horas afastadas do lar e apezar disso podem cumprir com os deveres domesticos melhor que as primeiras.

E' justo que em idênticas condições de capacidade directriz, caiba o primeiro logar áquellas que dispõem de todo o tempo na direcção do seu lar. Mas caminhamos a passos largos para uma epocha de tantas difficuldades financeiras, que nem sempre o homem poderá dispensar o auxilio de sua companheira na luta pelo pão de cada dia, e não obstante, se ella estiver na altura de o ajudar e souber desempenhar com gallardia, o verdadeiro papel que a sociedade e o dever exigem de si,

nesse lar haverá felicidade porque não lhe faltará esse conforto que sómente mãos femininas sabem preparar.

O lar deve encerrar algo de divino, e o homem deve sentir nelle um bem-estar superior ao que possa encontrar em qualquer outra parte.

A mulher que não tiver a comprehensão desta verdade, não poderá colaborar na sua felicidade.

Muitas moças que se iniciam nos estudos, desconhecem este ponto; e, olhando a vida por um prisma de mera fantasia, concorrem inconscientemente para o falso conceito que se faz da mulher verdadeiramente progressista.

E sabem as minhas geitãs leitoras como eu, moça tambem e ainda estudante, pude chegar ao conhecimento destas coisas? — Foi reflectindo (muito embora se diga sempre que a mulher nunca reflecte) attentamente sobre tudo que me diziam amigos,

simples conhecidos e até pessoas que me viam pela primeira vez, quando me matriculei na Academia de Direito. Foi indagando o motivo da desconfiança que inspira á sociedade a mulher formada, sob o ponto de vista da familia, que cheguei á conclusão do que disse acima, e comprehendi que talvez algumas, dando opiniões romanticas, que na pratica não observam, dessem motivo a esse falso juizo contra todas.

Tomyris Dalva.



A graciosa e distinta Julietta Santos, filha do sr. Pedro dos Santos Meneses, de Cannavieiras, Bahia.



A distincta senhorita Amélia Bianco, da cidade de Beas, Minas, ornamento da sociedade local.



A exma. sra. d. Alipia Castro de Oliveira, uma das nossas mais esforçadas representantes, residente em Avaly, S. Paulo.

A mãe dos gatos

Ha dias, por uma manhã de neblina, vi um pobre gatinho magro, de ancas fundas, de olhos desorbitados, miando tristemente pela rua. Eu caminhava, ac acaso dos meus passos, pelo bairro do Belém. O gatinho seguia na frente. Os unicos transeuntes da rua, naquella hora, eramos nós. A certa altura, uma mulher do povo, que estava á porta da sua casa, atravessou a rua, dirigiu-se para o animalzinho, que se encolheu todo, ergueu o para o olhar de perto, creio mesmo que ariscou um beijo entre as cerdas do focinho e entrou de novo em sua casa.

O gatinho não era della. Isso percebi eu logo. Era um bichano vagabundo, que, parece, vivia de matar a sua fome em torno dos montes de lixo.

Os gatos, antigamente, eram muito ciosos da sua independencia. Verdade é que podiam ser independentes. Quando tinham fome, elles mesmos, com os seus proprios recursos, proviam ás suas necessidades. Todo o seu esforço, para esse fim, consistia em permanecer uma hora ou mais de emboscada ao exgottito ou ao burraquinho habitado pelo camondongo tenro ou pela ratazana succulenta. A luta entre a caça e o caçador durava alguns segundos apenas. O caçador triturava os ossos á caça e comia-a de vagarinho, com uma gula silenciosa, olhando para os lados, no receio da concorrência, sempre desagradavel, de algum transeunte canino. Devorado o rato, entrava para a casa dos seus donos, para dormir a sua sesta ou espreguiçar sobre uma almofada a sua digestão. Se cahva entrar á hora de jantar e lhe offereciam alguma guloseima o bichano virava a cauda e sahia.

Mas a domesticidade, os cuidados dos amos, o habito do conforto fizeram desaparecer as qualidades venatorias do gato. Hoje elle é lambareiro, preguiçoso. Se lhe não dão comida, prefere morrer á fome.

A culpa não é delle. Hoje, é commum verem-se os gatos farejando o barril de lixo em amistosá camaradagem com as gordás ratazanas. Estas não se arrisocam muito á vizinhança daquelles, não porque os temam, mas por solidariedade á velha inimizade que separou os ancestraes de uns e de outros.

Mas, tratemos do nosso gatinho vadio.

Soube, por informação de um morador daquella rua, que a tal mulher tinha a mania dos gatos. Não era uma colleccionadora, porque quem collecciona escolhe as especies, prefere os exemplares raros, faz selecção dos grandes ty-

pos. Quem collecciona animaes, não o faz por piedade, senão por curiosidade scientifica. Aquella mulher, ao contrario, só albergava em sua casa os bichaninhos enfeitados, os animaesinhos sem dono, e tinha o prazer secreto de lhes dar bom trato e engordal-os. No interesse de ver de perto tão extranho phenomeno, bati palmas e apresentei-me. A mulher estava, no momento, a distribuir a refeição entre os seus hospedes. Havia mais de quarenta, e todos gordos, mansos, bem nutridinhos, excepto o ultimo hospede, cuja magreza e estado de fraqueza exigiam uma alimentação especial.

Conversamos. A mulher falava sem me olhar, tão occupada estava em servir os seus miadores pensionistas. Soube por ella mesma que vivia da mendicidade. De porta em porta, percorrendo o bairro, pedia restos de comida para os seus amiguinhos; e quando as suas necessidades eram grandes tambem pedia algum auxilio para si propria.

— Viver da caridade, falou, não é vergonha, quando se vive a fazer caridade para os "outros".

Os outros eram os gatos...

Nós, em geral, nunca temos uma sympathia muito calorosa pelos gatos. Parece que esses animaesinhos, apesar de viverem commosco, de passarem toda a sua existencia ao nosso lado, não nos comprehendem ou fazem o proposito de não nos com-

prehenderem. E pessoas ha que, crendo nesse proposito, olham os gatinhos com irritação.

E' uma injustiça que se lhes faz. E' uma injustiça exigirmos a elles que nos comprehendam, porque é mais a nós comprehendel-os. De resto, porque exigir que o gato tenha os mesmos sentimentos de cão, a mesma delicadeza e meiguice? E' um animal de indole diferente. Entretanto, ha exemplares da raça, poucos, é verdade, que são tão fiéis e dedicados como qualquer cãozinho de regaço.

O gato é um animal nobre. Elle impaccienta-se facilmente. E' sociavel raramente. Nas horas em que se dispõe ao repouso ou á meditação, qualquer carinho irrita-o, e elle afasta-se da mão que lhe acaricia os pellos.

A tal senhora conhece a alma desses encantadores felinos e distingue o gosto e as preferencias de cada um. Tal é a Mãe dos gatos...

Laura Vaz.



A hora da refeição



Dois gatinhos vagabundos, habitantes dos exgottos e hospedes dos barris de lixo, e agora engordados e felizes graças ao tratamento que lhes dá a Mãe dos gatos.

A ESMOLA TRAGICA

Luiz Felipe ia descendo a escada e dirigia-se para a sua repartição. A creada fel-o parar e falou-lhe:

— Acho que o doutor ainda se lembra de uma moça, que foi sua noiva, d. Elvira Mezezes...

O rapaz encolheu os hombros.

— Pois ella está gravemente doente.

A estas palavras elle ficou pensativo, como a evocar o nome da linda mocinha que era ella, sua companheira de collegio, tão graciosa e intelligente...

Luiz Felipe casara-se havia annos e vivia alli, naquella casa de pensão, com a mulher, na esperança do primeiro filho, que teimava em não vir.

Elle chegou a amar Elvira. Pediu-a em casamento, logo que completou o seu curso de direito, e teve um noivado curto e infeliz. Elvira era immensamente ciumentosa e queria trazel-o escravidão. Fazia devassar nos seus bolsos a ver se surprehendia cartas de outras mulheres, olhava-o senão desconfiada e ás vezes com rancor. Aquelle ciúme era tão exaggerado e sobretudo tão injusto, que, por fim, o rapaz, num gesto de desespero, rompeu o noivado. Sofreu muito aquelles primeiros dias após a ruptura. Por fim esqueceu-a.

Em caminho para a repartição, encontrou-se com o Vieira, seu collega de escola, que fora tambem de Elvira. No decurso da palestra, entraram a rememorar o passado. O nome de Elvira veiu á balla.

— Foi linda a Elvira. E eu amei-a, amei-a a serio. Que é feito della?

— Coitadinha! Está entre a vida e a morte, numa miseria de causar dó.

E o Vieira contou toda a historia.

Passando, por acaso, por uma rua, encontrou-se cara a cara com uma mulher cuja physionomia lhe era muito familiar, mas da qual, de momento, não podia recordar-se.

— Queira perdoar-me, minha senhora... Mas, parece que a conheço.

— E eu tambem acho que o conheço. Como o senhor se chama?

— José Vieira.

— Ah! lembra-me agora. O senhor é o Vieirinha, fomos muito amigos. Eu sou a Elvira...

— Ah!

Vieira notou então a sua pallidez, uma pallidez transparente de cera. Em torno dos seus olhos accentuavam-se as olheiras roxas, pisadas, e a commissura dos seus labios era tão branca como a cutis. Estava magrissima. Notou tambem a pobreza das suas roupas, e a má qualidade do seu calçado.

Vieira, por informações, soube depois outras coisas. Elvira casara-se com um mocinho, mais novo que ella, empregado no commercio. Não era mau rapaz. Era trabalhador e estimado dos patrões. Mas Elvira não podia



habituar-se a viver separada do marido durante tantas horas, e, cheia de ciúmes, rondava a loja,

a examinar a cara dos freguezes e a imaginar trahições de amor. Ao cabo, conseguiu desempregal-o, para tel-o sempre ao seu lado. Data dahi a miseria. Dissipadas as poucas economias que havia, começou

a escassear o pão e a abundar as afrontas que lhes faziam os credores. O rapaz procurava em vão algum emprego. A mulher, cuja magreza ia aumentando dia a dia, tornara-se cada vez mais exigente. Quer o marido ao pé de si, receiosa de que as outras mulheres o cubicem. Elle só tem o direito de ir á pharmacia buscar os medicamentos, e mesmo assim com os minutos contados. O pobre rapaz, para se distrahir, passa pela taverna e molha a garganta com um calix de aguardente. Quando acontece, pois, ir muitas vezes á botica, volta para casa perfectamente emborrachado. Ella, que é logica, perdoa-lhe, convindo que é muito menos perigoso tentar-se elle com o alcool que com as mulheres. Essa situação, como é de ver, acarretou antipathias em torno della e piedade em torno delle. Elle é uma victima. Dizem que era um excellente moço, honesto, delicado, trabalhador e dotado de uma grande belleza. O soffrimento e o alcool alteraram-lhe a indole e o physico. Hoje é violento, turbulento e tem a apparencia de um saltedador de estrada.

— Não sabia dessas coisas. E com que recursos se mantêm elles, se o marido está desempregado?

— Com a caridade dos vizinhos. Eu mesmo tenho contribuido com alguma coisa para os manter, coisa pouca, de accôrdo com as minhas posses...

— Coitados! Onde estão elles morando?

— Rua Alegria, 12. Moram numa pocilga quasi em ruinas, com hervas brancas e crescer no telhado. Uma tragedia! Tal é a situação da Elvira e de Alfredinho.

Luiz Felipe despediu-se do Vieirinha á porta da secretaria.

*
*
*

Durante esse dia Luiz Felipe não conseguiu varrer

do espirito aquella preocupação. Aquella miseria doia-lhe como se elle estivesse participando della. Elle cuidava-se obrigado a reparar em parte aquella situação. Mas como? Era tudo questão de dinheiro, e elle não estava em condições de desembolsar grandes quantias. A sua elegancia, o seu apuro de toilette era producto de cuidados e economias. A unica reserva que lhe restava era uma caderneta da Caixa Economica com um saldo de algumas centenas de mil réis. Elle assignou o ponto na repartição e pediu licença ao chefe para sahir. Foi á Caixa Economica e retirou quinhentos mil réis. De volta para a repartição, ficou indeciso se devia enviar o dinheiro á Elvira ou ao marido. Resolveu, depois de uma longa ponderação, envia-lo a este. Collocou cinco cedulas de cem mil réis num envelope, fechou-o... Que nome poria no envelope? Ouviu que o rapaz se chamava Alfredo. O Vieira disse-lhe: "Alfredinho". Subscripto elle: "Ao Alfredinho", e incumbiu ao continuo de levar ao seu destino a carta, e voltar em seguida para evitar quaesquer indagações.

* * *

Horas depois, quando o marido de Elvira voltava da taberna, onde se demorara mais tempo do que era costume, e já receioso das violencias da mulher, o continuo batia á sua porta.

— Que quer? perguntou o rapaz, que chegava ao mesmo tempo.

— Desejo falar com o sr. Alfredinho.

— Sou eu mesmo.

O continuo olhou-o desconfiado, e afastou do rosto, nauseado da fermentação alcoolica que sentira no halito do homem.

— Onde é que o senhor mora? ainda indagou para se certificar.

— Aqui mesmo, no numero doze.

O continuo entregou-lhe a carta e virou nos calcabanes.

O moço, ao rasgar o envolturo ficou perplexo. Inspeccionou-o por todos os lados, conservando o dinheiro na mão, sem animo de contal-o. Por fim contou-o. Quinhentos mil réis! Quem diabo lhe mandara aquella quantia? Nem um papel, nem uma linha, nem um indício para o esclarecer, para o guiar. O estorço de intelligencia dissipara-lhe a embriaguez. Não lhe occorreu que aquelle dinheiro poderia revelar uma affronta á sua honra domestica. Os seus sentimentos de honra e dignidade já estavam obliterados.

Elvira, mexendo-se no leito, despertou-o da sua abstracção.

Alvorçado, contou-lhe o succedido, mostrando-lhe, como um trophéo, as cinco cedulas em leque.

— Já temos dinheiro! Olha!

Elvira, com os olhos arregalados e sobreceño fechado, não dizia nada. Aquillo parecia-lhe uma coisa absurda.

— Então, Elvira, que dizes a isto?

A tuberculosa, erguendo com esforço a cabeça, falou:

— E não sabes quem te mandou isso!

— Não sei, juro-te.



O ciúme subiu-lhe ao cerebro na forma de um affluxo de sangue, e ella gritou:

— Sabes! Tu sabes quem t'ò mandou! Fala, Alfredinho!

— Mas se o não sei... Juro-te por Deus.

— Será de alguma mulher por certo! Quem é ella? Como se chama ella?

— Tontinha! Lá sei eu! E que fosse de uma mulher, que importa isso ao caso? O que importa é que temos dinheiro, é que estamos ricos. Agora mesmo vou comprar-te umas coisinhas gostosas para comeres.

E dispanha-se a sahir. A enferma, como desvairada, com os olhos a saltar-lhe das orbitas, conteve-o:

— Não, não saias! Não preciso de nada.

— Ora, que tontinha!

— Com esse dinheiro não quero que me compres nada.

O rapaz, avizinhandose do leito com um ar risonho e carinhoso, mostrou-lhe o dinheiro. Elvira então, num impeto de colera furiosa, arreatou-lho da mão, e triumphante, num gesto rapido, sem que seu marido pudesse evitar-o, rasgou em mil pedacinhos o dinheiro todo.

O moço lançou uma maldição. E atirando-se sobre ella, como louco, agarrou-lhe o pescoço com ambas as mãos....

Elvira soltou um grito engasgado e morreu.

A MULHER BRAZILEIRA É OU NÃO É CIDADÃO BRASILEIRO

Esta questão, que ha muito me preocupava, acaba de ser para mim esclarecida com a leitura de alguns preciosos numeros da "Revista Feminina", de S. Paulo, fundada pela inolvidavel literata Virgínia de Souza Salles, ha quatro annos fallecida. Que profunda e grande perda para o feminismo brasileiro! Que doloroso e intenso pesar para todos os corações femininos! Paz e glorias ao espirito superior de Virgínia Salles.

A "Revista Feminina", humidecida de lagrimas e vestida de crepes, prosseguiu impavida pela senda luminosa que lhe havia traçado a inolvidavel directora, e ungiada pelo balsamo divino da immorredoura saudade, vai, cada mez, depôr, com desvelos de amor piedoso, sobre seu tumulo nunca esquecido, uma corôa tecido dos immarcesciveis louros dos seus triumphos e das aureas sempre-vivas e resplandecentes das suas glorias.

Já de nome eu conhecia a "Revista Feminina" de S. Paulo, sem, entretanto, ter logrado haver ás mãos sequer um dos seus primorosos exemplares.

Ha annos, a convite da escriptora d. Prescilianna Duarte, assiduamente collaborei na sua apreciavel revista "A Mensageira", revista feminina que nos deu luminosa e immorredora lembrança.

Presentemente collaboro no "Corymbo", excellente periodico feminino, das distinctas literatas irmãs rio-grandenses — Revocata e Julieta de Mello, e ainda escrevo para a mimosa "Estrella", do Ceará, dirigida com muito garbo pela intelligente senhorinha Antonietta Clotilde. E tinha verdadeiro pesar de não conhecer melhor, de não ter ainda podido apreciar a "Revista Feminina", paulista, tão pertinho de mim, irmanando-se tanto com os meus sentimentos de mu-



Exma. sra. d. Palmyra de Mello Santos, de Brejo, Pernambuco, ornamento da fina sociedade local e uma das mais preciosas das nossas representantes.

lher brasileira, quando, graças á gentileza de uma distincta conterranea, tive a grande satisfação de obter, de lér alguns dos brilhantes exemplares da desejada e sympathica Revista.

Dizer-vos aqui a impressão dessa aprazivel leitura, ser-me-ia impossivel, que, longe da actual Directora, não poderia expressar-lhe meus sentimentos, pois o entusiasmo da alma é immaterial e ineffavel, é intraduzivel!

Pediú-me a gentil conterranea uma assi-

gnatura para a Revista; e, como lhe disse não me ser possivel fazel-o já, pediú-me minha collaboração. Aquiesci, não sem acanhamento, lembrando os primorosos artigos que ornam aquella publicação; mas um calor de enthusiasmo feminino subia-me do coração de mulher brasileira á mente alvorçada, e, — obreira fraca e obscura — embora, não serei eu que deixarei de levar o meu contingente á formação do grande edificio da emancipação da mulher.

Assim, apresento-vos o meu insignificante concurso, começando por este artigo que ao vosso competente e esclarecido juizo submetto, resignando-me, e reconhecendo minha incapacidade si o julgardes sem valor para as columnas da "Revista Feminina", e igualmente — irmã pelo sentimento, — abraçando-vos, agradecida, se merecer um logarsinho entre as vossas collaboradoras.

Agora, abordemos o assumpto: "A mulher brasileira é ou não é cidadão brasileiro?"

Se o é, porque negar-lhe seus direitos? — Se o não é, porque sujeital-a ás leis do seu paiz?

Se temos perdido nosso pae, se não temos marido ou irmão que nos valha, ficamos obrigadas a obedecer a todas as disposições dos governos e ás penas correspondentes em caso de desobediencia ou infracção. Assim, todas, sem excepção de classe social, nem de estado, mesmo ainda de recursos pecuniarios.

Tanto a abastada proprietaria como a pobre lavadeira que apenas possui um miseravel casebre, em tempo designado, lá vão levar o nosso contingente ao erario municipal, comprando, assim, o nosso dever de... o que? — de cidadão, está visto, pois que occupamos o logar do cidadão extincto, — nosso pae ou marido... E quantas vezes pagamos com o

minguado producto do nosso trabalho honesto e penoso, esses exorbitantes direitos!

Se, como a mim acontece, é pouco o rendimento de uma casa alugada, ou a diminuta pensão de um monte-pio de antigo emprego publico, não ha que appellar? O fisco é insacavel! É um abysmo que nos assusta, é uma especie de vampiro que tenta deixar-nos exangues!

Ha pouco diziam, em lagrimas, a minha pobre lavadeira, — pobre viuva honesta, — velha e adoentada, — que pagava a taxa da agua sem que, ás vezes, durante



Senhorita Jandyrá Bukla e Elza Tiberio de Macedo, que fizeram parte da Baraca Instrução, em beneficio da Matriz de Jaboticabal.



Exma. sra. d. Onília Frazão de Arujo, de Canavieiras, Bahia, senhora de superior distincção e á qual esta revista deve os mais assignalados servicos.

semanas inteiras se lhe fornecessem o precioso elemento que lhe proporciona os meios de ganhar a vida. E, se ficava em atrazo, não só tinha de pagar todas as taxas como as respectivas multas!

E' iniquo! E' deshumano!
Ora, se toda a mulher, maior de vinte e um annos, logo que não tenha pae ou marido deve obedecer ás leis; se, como qualquer cidadão, ella concorre para o augmento das rendas do seu Estado, isto é, para o progresso d'elle, como não lhe assiste o direito de "colher quem a governe?"

E, não será razoavel, admissivel e tão debatido voto feminino?...

Houve tempo em que uma celeberrima reunião chegou até a affirmar que — a mulher não pertencia ao genero humano... Foi o Christianismo, — a

mais santa e bella religião — a que mais elevou a mulher. Do seio de uma mulher, foi que veio ao mundo para salvá-lo, humanada, a propria Divindade. Ah! se aquelles barbaros ingratos só foram homens pelo pae, a que especie pertenceriam pelo lado materno?...

Outros, disseram: "a mulher é um ser imperfeito na sua organisação..."

E quando assim a cobriam de opprobrios, appareceu Joanna d'Arc, Isabel de Baviéra, e talentos admiraveis como Sapho, Heloisa, Stael, Catharina Simiramis e tantas, tantas outras na literatura e nas artes, que nellas acharam protecção, influxo e desenvolvimento.

Era como se o proprio Deus se encarregasse de desafrontar a mulher! E brasileira cooperar

telha do seu Espirito divino, sujeitando-os ás mesmas penas e prometendo-lhes identicas alegrias, abençoando-os e unindo-os por fim. Defendamos, pois, os nossos direitos e deixemos que nos rechassem, nos ridicularisem e nos refutem com sophismas e subterfugios — os retrogrados.

Elles que repitam, por exemplo, estas e outras parvoíces, já de muito gasto espirito: "D'oravante seremos nós, — os homens, — as "donas de casa"; ficaremos criando e ninando o *bibé*, enquanto a senhora sáe a attender seus clientes ou a levar o seu votozinho ás urnas..."

Oh! como é possível admitirse que a mulher intelligente, bem educada e culta, desconheça e queira desonrar-se dos seus principaes deveres, de filha, esposa e mãe!

Se isto acontecesse áquellas, o que seria do pobre ignorante, sentindo-se sempre inferior, e sempre humilhado pelo homem que a seduz?

Princezas houve que governaram brilhantemente reinos e imperios, sem, entretanto, deixarem de ser mães carinhosas, esposas exemplarissimas e dedicadas filhas.

Combatermos pelo nosso alevantamento moral e social é justo, é nobre.

E deixemos falar os inimigos da — Ordem — nas idéas e do — Progresso — nas cousas, unindo-nos todas na defesa dos incontestaveis direitos da mulher!

Unamo-nos todas. Tenhamos a coragem de affrontar os

commentarios hostis, a critica leviana dos homens frivolos e a critica dos homens severos que não têm visão, e formemos um bloco de vontades energicas e decididas.

Para isso, como é de ver, é necessario nosso heroismo, um alto espirito de sacrificio e a resolução de affrontar até o ridiculo. Sim, porque nós, mulheres, vivemos tão escravizadas por preconceitos mesquinhos, por mil embaraços que são o legado das velhas gerações, que algumas mulheres, mais audaciosas, que tentem arriscar um passo para além do circulo traçado pela velha e odiosa rotina, serão apontadas ao dedo como seres anormais, dignas de surriada e de troça.

Uma conquista, como essa que constitue o nosso ideal, não se pôde realisar sem muito combate, sem muito soffrimento, sem o tributo do martyrio. As Americanas do Norte e as inglezas de hoje já acharam o terreno desbravado pelas suffragistas de alguns annos atraz.

DELMINDA SILVEIRA.
Est. de Sta. Catharina, Setembro de 1921.



Os galantes Zisinho, Zezé e Nina, filhinhos da exma. sra. d. Carmelina R. da Silva e sr. Nabor Silva, de Joannapolis, Estado de S. Paulo.



A linda Waldey, filha do distincto cavalheiro sr. José Bezerra do Nascimento, de Garanhuns, Pernambuco.

porque não poderá tambem a mulher para o engrandecimento do seu paiz?

Somos, por exemplo, professoras; temos competencia para ensinar e educar crianças, isto é, — formar os cidadãos do futuro. em nós confiam para tão arduo quanto importante mister; e não teremos intelligencia, nem capacidade bastante para competir com o homem em outras suas attribuições?

Abram-se academias para a mulher brasileira, onde aquella que tiver talento e amor ao estudo, possa habilitar-se a seguir sua natural vocação. Seja advogada, medica, estude escripturação mercantil, etc., etc., e o *sra fragil* terá muito mais sinceros defensores.

Não se deprenda que pretendemos excluir o homem. Nada disso! Seria ineptia! Só desejamos dar-lhe uma companheira condigna, que o saiba apreciar, e, admirando-o, saiba amá-lo e honrá-lo, que junto d'elle occupe o lugar marcado pelo proprio Criador; quando da carne do homem, formou o corpo da mulher, insufflando em ambos a mesma immortal scen-



O encantador Francisco, filhinho do sr. Ozias Corrêa e exma. sra. d. Flora Corrêa, de Parahyba, Piauy.



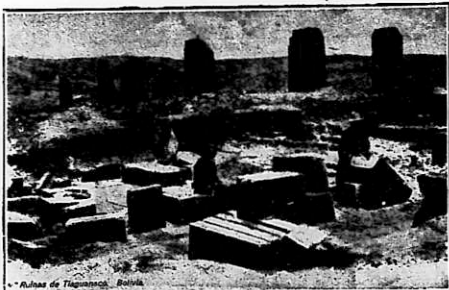
O travesso José, filhinho do sr. José Bezerra do Nascimento, de Garanhuns, Pernambuco.

TIAHUANACU

VIAGEM ATRAVÉS DO ANTIGO PAIZ DOS INCAS

A vinte kilometros do porto boliviano de Guaqui, nas margens do lago Titicaca, a linha ferrea que liga este porto á actual capital da Bolivia, entra em uma vasta planicie que mede approximadamente, de leste a oeste, quinze kilometros de extensão ao sul daquelle lago.

O olhar do viajor curioso que pela primeira vez atravessa essas regiões é surpreendido, ao entrar nessa planicie, por um panorama imprevisito, no meio daquellas paragens desertas. A uns 200 metros da linha ferrea e um pouco aquem da povoação, cujo modesto campanario se desenha finamente no azul do céu como um fundo de aquarella, ergue-se uma collina de forma pyramidal, ao redor de cuja base se alinha uma fileira de pedras talhadas como os "menhirs" de Carnac ou os "cremlachs" da Bretanha, formando um recinto quadrangular. A collina mede cincoenta metros mais ou menos



Ruínas de Tiahuanacu — Bolivia

uma outra construção também de forma parallelogrammica, formada de muralhas de consideravel tamanho. Ao lado e bem proximos da linha ferrea levantam-se dois monolithos enormes, que a mão de um esculptor ignoto revestiu de extranhas formas humanas, envoltas em largas vestes talares, recamadas de ornamentos fantasticos. Esses mysteriosos idolos de pedra plantados á margem da linha, em attitude hieratica, parecem maldizer a locomotiva que passa ruidosamente, despertando-os do seu sono millenario e em suas faces mysteriosas, carcomidas pelo tempo, ha como que uma ameaça perenne ás novas gentes, ao invasor descuidoso e

irreverente, que veiu deavassar aquellas regiões sagradas. Esparsos ao acaso pela planicie jazem grandes bló-

es, como se alli existira, em épocas remotas, uma officina immensa, subitamente abandonada,



Grande monolitho de Asperon Colorado. Tiahuanacu Bolivia



Ruínas de Tiahuanacu — Bolivia

de alto e é formada por terraplenos concentricos, sustentados por muros massivos. Ao norte dessa collina vê-se um grande parallelogrammo, rodeado de um atrio feito com enormes blócos de traquito e a oeste ha

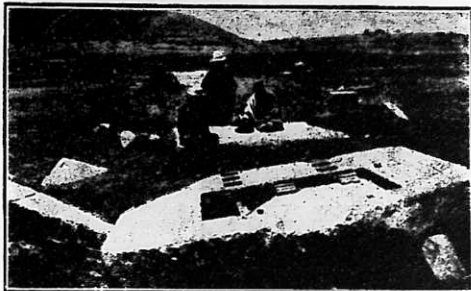
os de pedra talhada, molduras, portaladas colossaes, como se alli existira, em épocas remotas, uma officina immensa, subitamente abandonada,

Que outra Ninive, não sabida da tradição, teria existido allí e cujos destroços mal se dissimulam debaixo da collina artificial que os cobre com os "tells" das ruínas chaldaicas?

Que segredos encerram essas testemunhas megalithicas de uma civilização morta desde remotissimas éras?

Um escriptor que visitou essas paragens, pouco depois da conquista hispanica, colligi a seguinte lenda, relatada pelos sacerdotes incaicos:

"O Creador viveu em Tiahuanacu; dahi os formosos edificios que existem nesse logar. As trevas cobriam a terra, quando elle creou o Sol e a Lua, mandando-os para a ilha de Titicaca, para dali subirem aos seus respectivos logares no céo. Tambem criou o primeiro Inca e, quando o Sol subiu ao céo, chamou o primeiro Inca e ordenou-lhe que fosse o dono do mundo Ao mesmo



Ruínas de Tiahuanacu — Bolivia

cupado os historiadores, desde Cieza de Leon até Bartolomé Mitre e outros mais recentes, já existia quando Manco-Capac, o primeiro Inca e sua mulher Mama-clo, sahiram da Ilha de Titicaca para fundar o seu Imperio, tendo sido o primeiro passo da sua conquista essa cida e immemorial que guarda hoje na nudez dos seus vestigios majestosos o segredo de varios sta-

gios do apparecimento do homem na Terra.

"Os escriptores hispanicos, diz um moderno historiadador, dão uma origem incaica a tudo, quando a historia dessa época apenas começa no seculo XI, e desde essa data até a conquista, ha deficiencia e nada dizem de muitas dessas obras. Dado como certo que o templo do Sol em Cuzco seja de origem incaica, devemos convir que elle representa o ultimo dos cinco estylos architectonicos visiveis nos Andes, representando cada um provavelmente uma época do progresso humano.



Ruínas de Tiahuanacu — Bolivia



Porta da Igreja de Tiahuanacu — Bolivia

tempo o Creador fez com que o primeiro Inca e sua mulher baixassem á terra e sahisses novamente da cova de Paccaritampo. Os antepassados das outras tribus do Imperio foram igualmente criados em Tiahuanacu e, descendo á terra, dirigiram-se ás suas respectivas comarcas".

Essa é a tradição incaica que colloca em Tiahuanacu a origem do seu Imperio.

Estudos posteriores, porém, parecem comprovar que a metropole cujas ruinas cyclopicas tanto têm precoc-

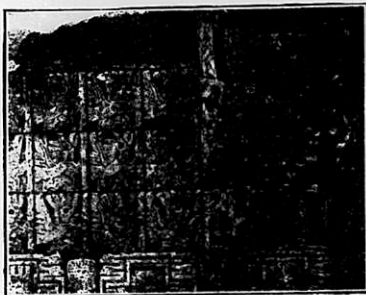
Pode ter-se a certeza de que as imperiaes glorias dos Incas eram tão sómente o ultimo fulgor de uma civilização cujo berço datava de milhares de annos atrás; que muito antes de Manco-Capac os Andes foram a morada de raças cujas origens devem ter sido coetaneas dos barbaros do Occidente da Europa.

Essa architectura gigantesca é o vestigio de uma raça ou familia cyclopea, a mesma que fundou o templo de Babel e as pyramides do Egypto"

Ha mesmo quem creia, hypothese audaciosa e fantástica, que as primeiras construcções megalithicas da

metropole americana das margens do Titicaca são contemporaneas do periodo carnacano da Europa e que os veneraveis picos do Illimani, do Illampu e do Huayna-Potosi contemplaram os movimentos do povo que habitou a velha Tiahuanacu muito antes que existissem Memphis, Ninive e Persepolis.

A Atlantida de Platão, o fabuloso continente que se occultava detrás das columnas de Hercules, não é para os que crêm nessa hypothese imaginosa, uma lenda apenas creada pelos sacerdotes egypcios e divulgada pelo philosopho grego. A Atlantida existiu realmente, dizem os partidarios dessa hypothese, e era seu centro a região onde está Tiahuanacu. De modo que as narrações de Deodoro de Sicilia, de Teopompo, de Timageno, de Herodoto, de Dionisio de Mytilene, de Plutarco, etc., referentes a esse continente fabuloso, vieram ter a sua confirmação. Esse continente não podia deixar de encontrar-se na "meseta telegraphica" andina.

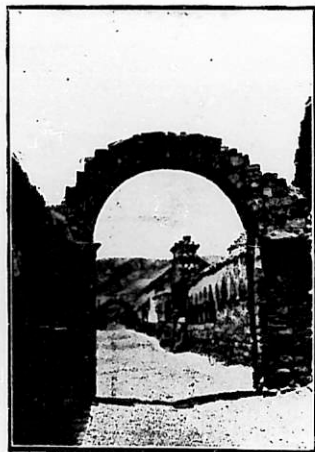


Uma parte da porta do Sol, Tiahuanacu — Bolivia

temperado, que mal poderia servir para levantar a dura pedra de que são feitos alguns dos obeliscos, idolos, as columnas do Palacio e as pedras fundametaes de Tunca-Punco. Essas pedras foram extra-hidas de uma serrania que está a S. S. O. de Tiahuanacu.

As portas do Pantheon e outras, assim como os monolithos que se encontram em Pumapunco, são trabalhados com tal perfeição que hoje mesmo o melhor canteiro, dispendo de ferramentas do melhor aço, não os faria mais perfeitos. Essas pedras são de origem vulcanica, e encontram-se, a uma distancia de oitenta kilometros, em um vulcão extinto do isthmo de Yuguyu, no lago Titicaca, vulcão a que os indios denominam Jopia ou Khaya-ppiha.

Entre os diferentes monolithos, o mais importante é a Porta do Sol que mede dois metros e noventa centimetros de altura, por tres metros e oitenta centimetros de largura e quarenta centimetros de espessura. O peso approximado desse monolitho é de dez tonela-



Tiahuanacu — Bolívia

Das. Essa porta está quebrada no angulo da esquerda, cre-se que por um raio. Collocada em uma posição que faz com que a sua frente esteja voltada para o Oriente, ella apresenta na parte superior uma serie de baixos relevos, adornos e figuras symbolicas cuja interpretação não foi descoberta até hoje. No centro e como chave vê-se uma figura maior que parece representar o sol com a cabeça circundada de raios. Nas mãos elle tem dois sceptros tambem symbolicos.

Os grandes blocos de pedra talhada, que hoje se vem esparsos em criminoso abandono, são trabalhados com uma perfeição admiravel. As ferramentas que se têm encontrado nas ultimas excavações, são de bronze

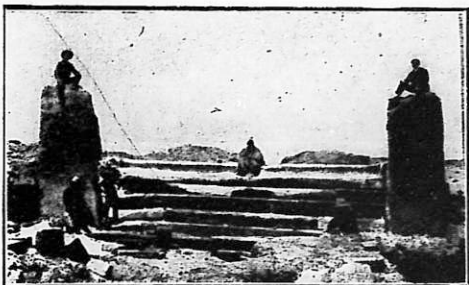


Grande monolitho do Forum de Tiahuanacu — Bolívia

A primeira fila de figuras que se vêm aos dois lados da figura central representa reis alados, empunhando cada um o seu respectivo sceptro. A segunda fila representa condores e na terceira veem-se os mesmos reis alados da primeira. Na ultima fila ha como uma grega entremada de cabeças rodeadas de raios.

Castelnau, referindo-se á perfeição dessas esculturas em pedra, diz: "As gentes do paiz contam as historias mais maravilhosas a respeito dessas obras; segundo essas gentes os antigos povoadores tinham o segredo de amollicer a pedra com certas hervas; apesar dessa tradição é difficil explicar-se como puderam desprender e transportar a tão grandes distancias pedaços de pedras tão pesados".

Um engenheiro que ultimamente estudou a petrographia de Tiahuanacu aventou a idéa de que essas esculturas fossem feitas com lavas ardentes dos vulcões

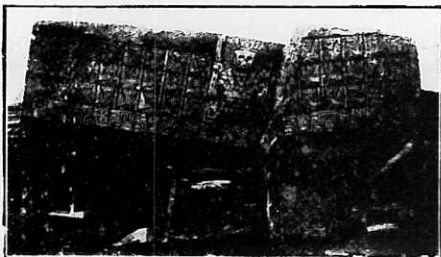


Ruínas de Tiahuanacu — Bolivia

como um ladrão das aguas do Titicaca e que povoações que estavam outrora nas suas margens encontram-se hoje a varios kilometros dessas margens. Esse facto tem sido corroborado pelas gerações contemporaneas. Quem sabe, pois, si esses colossaes blocos de pedra de Tiahuanacu não foram transportados por via lacustre?

O mesmo Castelnau acima citado, notando que todas as construcções obedeciam a um sentimento religioso, assignalou o estreito parentesco e semelhança que tem com a arte creada pela civilisação asiatica e, especialmente, a civilisação egypcia.

O que desde logo, porém, chama a attenção do observador attento, é que esses monumentos não podem ser todos de uma mesma época; muitas das pedras talhadas não estão concluidas, o que parece indicar que um advento qualquer obrigou os canteiros a abandonar o seu trabalho. Essas obras não concluidas devem pertencer á ultima phase da vida de Tiahuanacu. Não são tambem do mesmo material petreo as estatuas gigantescas, que ultimamente serviram de alvo para exercicios de tiro dos soldados bolivianos (1). E' facil, por exemplo, verificar-se que os baixos relevos da Porta do Sol e as estatuas de Akapa-

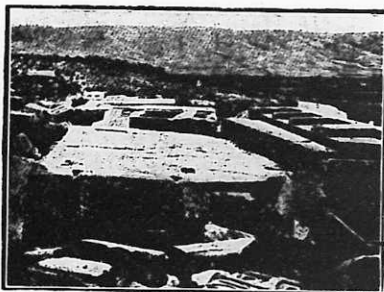


A porta do Sol. Tiahuanacu — Bolivia

vizinhos, vasadas em moldes previamente talhados e, para comprovar essa hypothese, cita o facto de se encontrarem nas ruínas formas que indicam haverem servido para a fundição das estatuas e idolos.

E' notavel a semelhança dos adornos, das vestes e dos toucados desses idolos com as estatuas encontradas nas ruínas chaldaicas de Tello, nas ruínas assyrias de Korsabad, nas ruínas persas de Persepolis e em outros vestigios da archeologia oriental que se vêm hoje nos museus do Louvre e Britannico. Em todo o continente americano parece que só se vêm monumentos analogos nas ilhas do Pacifico e no resto do mundo só no Egypto e nas regiões outrora occupadas pelos imperios assyrio e chaldaico.

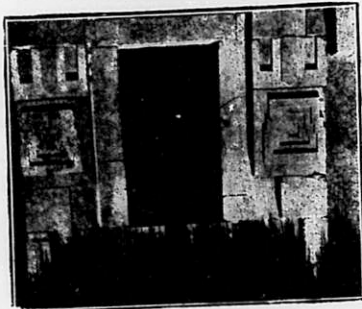
Nas excavações praticadas em 1903 pela missão franceza presidida por d'Orbigny e pela Sociedade Geographica de La Paz, descobriram-se innumerables restos de edificios, monolithos soltos, pilares, escadarias, galerias, vestigios enfim de uma grande cidade e, o que é mais notavel, restos do molhe ou embarcadouro sobre o porto, o que parece provar que o lago Titicaca banhava a cidade, hypothese esta que tem a sua confirmação nos estudos feitos ultimamente sobre o abaixamento progressivo das aguas do lago. Com effeito, parece haver-se verificado que o rio Desaguadero é



Vista geral do Pumapunku, Tiahuanacu — Bolivia

na não obedecem ao mesmo ideal artistico que inspirou o esculptor dos dois gigantes que estão actualmente aos dois lados da porta da igreja da povoação Ração tinha, pois, Mitre, quando disse:

"Tudo indica que as estatuas e as obras congeneres das ruínas são mais antigas que os monólitos e os ídolos. O primeiro indicio é o estado de maior deterioração em que se encontram aquellas pela acção do tempo, apesar de que se pode explicar essa deterioração pelo facto de serem feitas com material menos duro (grés arsenico). Essas obras, porém, constituem uma excepção no estylo escultural de Tiahuanacu. Como negar-se, porém, quando é um facto attestado pelas mesmas pedras que eram as obras do Templo, da casa de Justiça e do Sanctuario as que occupavam os seus desconhecidos constructores quando, por uma causa historica ignorada, foram suspensas no estado em que a encontraram os Incas e como se acham hoje? Tudo indica, pois, que aquellas estatuas pertenceram a uma nova civilização igualmente extincta, mais



Porta denominada Casa dos Incas. Tiahuanacu — Bolivia

am, no seu imponente mutismo, novos e imprevistos problemas para as gerações vindouras, problemas esses cuja solução virá talvez alterar por completo as doutrinas hoje dominantes, relativas ao apparecimento do homem na terra.

La Paz.

Armino de Mello Franco.

Digressão pela historia

A BELGICA

A guerra que ensanguentou o mundo durante cinco apocalypticos annos, pôz em destaque a pequena terra que o Escalda banha, pela bravura de seus fillos, tanto quanto pela lealdade inequívoca de seu rei, o vulto grandioso de Alberto I, — revelando a nobreza do seu caracter, a inteireza de animo, não curvando a cerviz, alivia mesmo ante as hordas agueridas dos barbaros que invadiram sua patria.

A Belgica surgiu para a Historia com a aureola de suprema magestade naquelles dias sanguinosos em que as hostes germanicas, em avalanches irresistiveis, cahiam, qual tromba humana esmagadora, sobre Liège, Namur, Gand, Louvain, Bruxellas, derramando-se, como si um dique de furia se rompesse, pelo urbertoso solo belga, alagando-o de sangue, levando a dor e o luto por toda a parte.

Opportuno, pois, julgamos traçar um breve esboço da vida contemporanea da nação valloonga flamenga, desde a sua constituição em reino independente, uma vez que a antiga historia do valoroso novo belga, já celebrizado por Julio Cesar no Da Bello Gallico, pelo seu amor á terra nativa e indomita coragem, é de todos sabida.

Após o desastre de Napoleão em Waterloo, que fez ruir o Imperio Francez, reunia-se, no mesmo anno de 1815, o congresso de Vienna afim de decidir da sorte dos Estados que haviam sido incorporados por Bonaparte aos seus vastos domínios ou aos dos seus aliados.

Assim, os Paizes Baixos Meridionaes, que correspondem á Belgica actual, arrebatados á Austria em 1792 e annexados á Republica Franceza, foram por decisão do referido congresso cedidos á Hollanda, em recompensa ao auxilio que seu rei Guilherme I havia prestado á colligação, creando-se d'esta arte, o reino dos Paizes Baixos.

Durante quinze annos permaneceram as provincias belgas sob o sceptro hollandez, até que em 1830 estallou a insurreição geral, motivada pela decretação de novos tributos por parte da Hollanda. Nas ruas de Bruxellas desenrolaram-se luctas sangrentas, até que a intervenção das potencias fez cessar as hostilidades, resolvendo a erecção do reino da Belgica, cuja coroa foi offerecida ao principe Leopoldo, fillo do duque de Saxe-Coburgo.

Leopoldo I, primeiro rei da Belgica, nasceu em Coburgo, a 16 de Dezembro de 1790; e sua mocidade, assistida ás ultimas campanhas de Napoleão, alistado no exercito russo. Em 1830, propozeram-lhe a coroa da Grecia, que recusou em consequencia das condições que lhe quizeram impor, consideradas como uma redução do poder real. No anno seguinte, porém, ac-

cedendo ao apello do congresso belga, sob o patrocinio da Inglaterra, accitou a coroa do novo reino da Belgica.

A 26 de Julho de 1831, a conferencia de Londres concluiu o tratado dos direitos articulados, que fixava as novas fronteiras belgas; mas o rei Guilherme III, não se conformando com o referido tratado, rompeu as hostilidades, e sem previa declaração de guerra, invadiu a Belgica. Leopoldo, que sahira a enfrentar o inimigo, foi forçado a bater em retirada, em consequencia da superioridade das forças que o atacavam, dando isso motivo á substituição do mencionado tratado pelo "dos vinte e quatro articulados", que concedia novos territorios á Hollanda.

Ainda assim, não se deu por satisfeito Guilherme III, que se dispunha a começar uma nova campanha. A intervenção das potencias, no entanto, obrigou-o a aceitar aquellas estipulações, não sem que antes a esquadra inglesa tivesse de bloquear o Escalda, precedendo-a um exercito francez na occupação de Antuerpia.

Disfrutou o pair uma paz relativa, após a conclusão de suas questões com a Hollanda. Desenvolveu-se a industria e o territorio belga foi atravessado por innumerables estradas de ferro.

Em 1848, em virtude das jornadas revolucionarias que occasionaram a queda de Luiz Philippe, na França, declarou o monarcha belga, perante os chefes de todos os partidos politicos, que estava disposto a aceitar a republica, renunciando ao throno, si tal fosse o desejo do povo, tendo, porém, sido recusada a sua abdicção.

Nos ultimos annos do seu reinado, poz um decidido empenho em supprimir os direitos de transitio, que deviam pagar á Hollanda os navios que subiam o Escalda.

Leopoldo I falleceu em Lacken, no dia 10 de Dezembro de 1865.

Foi o extincto um monarcha simples, de trato affavel, que soube concentra-se das necessidades de seu povo, de tal maneira que, pode-se dizer, sem exaggero, foi o soberano mais estimado da sua época.

No regimen da nação esteve sempre conforme com as iniciativas da maioria, cumprindo de tal forma os seus deveres constitucionales, que lhe valeu a popularidade em seus Estados.

Leopoldo I, viuvo da princeza Carlota da Inglaterra, fallecida em 1817, contrahiu segundas nupcias, em 1832, com a princeza Luiza de Orleans, filha de Luiz Philippe tendo deste enlace os seguintes fillos: Leopoldo, fallecido em 1934; Leopoldo, duque de Brabant, que o succedeu no throno; Philippe, conde de Flandres, pae do actual rei Alberto, e Carlota e desventurada princeza esposa do imperador Maximiliano, fuilado em Queretaro.

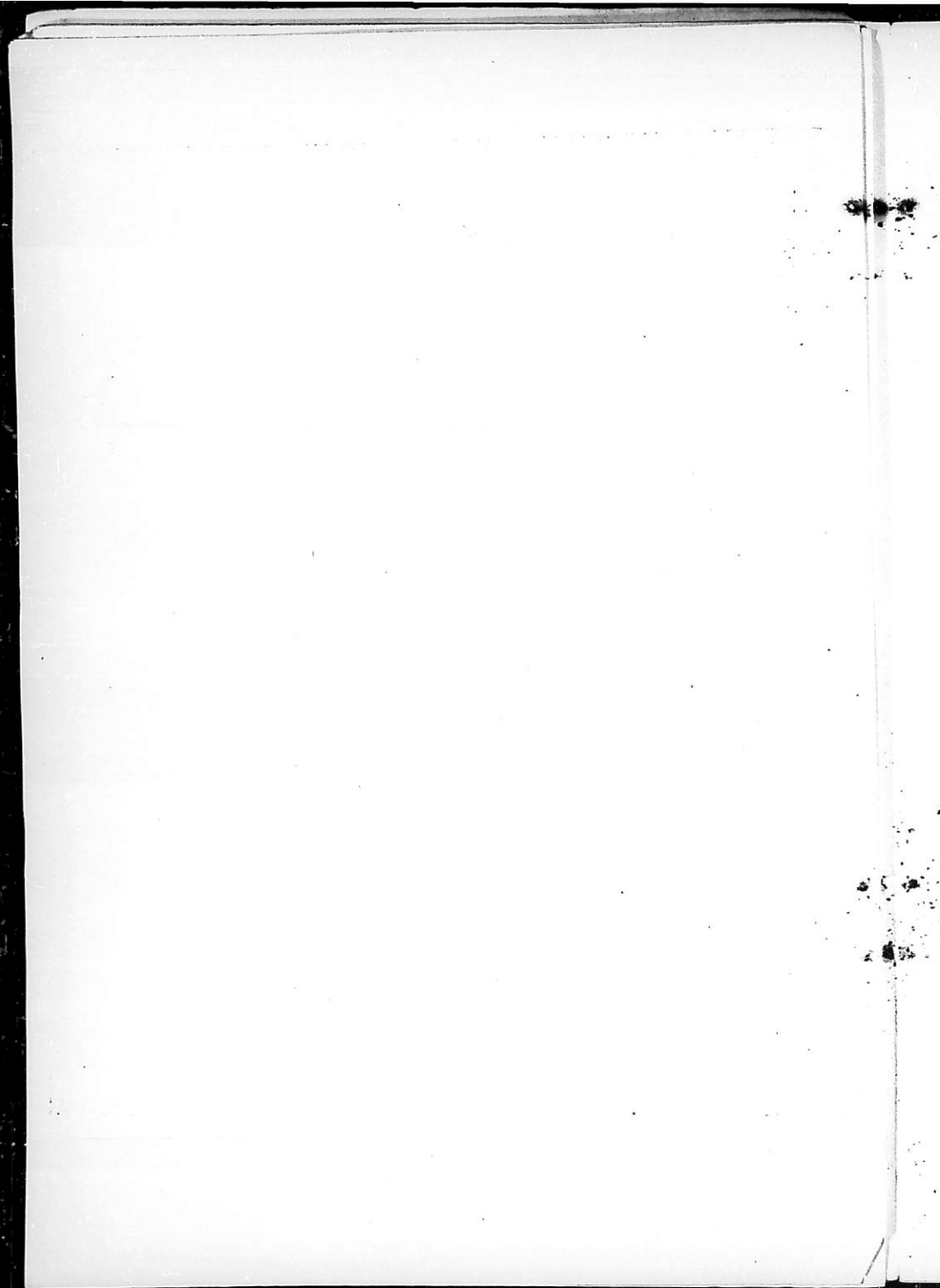


Leopoldo I



A MOÇA DE TURBANTE

Type marroquino. Estudo de W. Laparza



O fundador de um imperio...



Castello de Schönhausen, em que nasceu o príncipe de Bismarck, em 1815

Parque de Saxonia, no qual se conserva o banco em que se sentava Bismarck

A figura do príncipe de Bismarck alcançou proporções gigantescas na Alemanha.

Desde os seus primeiros discursos na Dieta de Saxonia, lá pelo anno de 1847, fez-se notar pelas suas tendencias reaccionarias, como pela forma vehemente de externar suas opiniões.

Denunciava-se no joven sub-tenente de infantaria ligeira o futuro homem de Estado, que havia de exercer um dominio absoluto e uma decisiva influencia não sómente na sua nação, como no mundo.

O que foi a sua carreira triumphal, até receber de Guilherme I o encargo de formar o governo, todos o sabem.

Subindo ao poder, decidira dar um novo rumo á politica germanica. Isso advinha-se já nas "demarches" diplomaticas de 1845 e mais tarde bem delineado no plano traçado em 1863,

ao ser-lhe entregue, pelo soberano allemão, a presidencia do seu ministerio.

Como chefe ministerial da Prussia, poz-se a sonhar com o hegemonia germanica. Para esse fim era mister substituir o governo parlamentar por uma disfarçada ditadura. Suas palavras então eram a expressão audaciosa desse pensamento: "Não

pelos votos das maiorias, nem em virtude dos discursos parlamentares se resolverão as questões do nosso tempo, senão com ferro e fogo!"

A Alemanha vinha, pois, atormentada pela idéa de aggressão e extermínio ha muito tempo...

Bismarck começou a pôr em pratica o que dissera na tribuna, lutando, desde logo, contra as Camaras, a imprensa e os elementos liberaes do seu paiz.

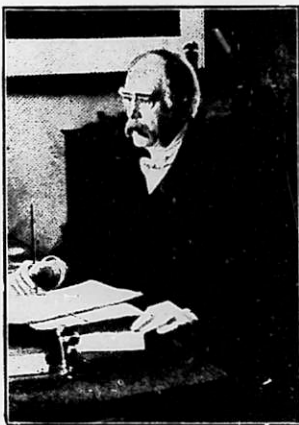
Começada a batalha levou-a até o fim, com sua



Condessa Maria Sodala, filha do príncipe Herberto, segundo príncipe de Bismarck, nascida a 4 de Maio de 1896



Bismarck á paisana



Bismarck no seu gabinete de trabalho



Bismarck falando com o imperador
Guilherme II em 1888



Bismarck e o seu cachorro favorito

mão de ferro. A guerra franco-prussiana, habilmente urdida pela sua politica diabolica, deu em resultado a reunião dos estados germanicos no grande imperio, do qual elle foi o inspirador e criador.

Hoje a obra do terrivel "chancellor" está desfeita. Nas mesmas campinas onde em

70 a França sangrava, o imperio germanico succumbiu.

Não deixa, porém, de ter grande interesse, a evocação dessa singular figura, desse formidavel estadista que preparandc a gloria da sua patria, preparou, inconscientemente, a sua quéda e destruição.

Ao pé da letra

Gumercindo era o primeiro caixeiro da grande casa de comissões e consignações de Meirelles & Comp., successores da viuva Meirelles. O chefe da casa era o sr. Meirelles, typo do portuguez educado no commercio. Fóra da sua loja era risonho e loquaz; quando nella entrava, porém, deixava na rua o riso e a loquacidade. Com a carranca fechada, passava pelos caixeiros e mal correspondia á saudação. Falava-lhes por monosyllabos, e geralmente mais por gestos que por palavras.

O Gumercindo, entretanto, conquistara-lhe as sympathias. O patrão admirava-lhe a competencia, a intelligencia, a assiduidade e até o apuro da toilette. De facto, o rapaz nunca se apresentou no serviço senão cuidadosamente escahoado, elegantemente vestido. Na verdade, elle é que parecia ser o patrão, e era a elle que se dirigiam os freguezes estrangeiros, com os quaes o moço se entendia ora em francez, ora em inglez, com muito desembaraço.

Certa vez o patrão notou-lhe um ar concentrado, melancolico. Isso intrigou-o e preocupou-o. A idéa de que o moço ficasse doente assustava-o, porque a casa Meirelles & Comp. sem o Gumercindo seria mesmo como um corpo sem alma.

Tornou-se taciturno. Porque seria? indagava de si para si o patrão. Teria perdido ao jogo? Não, de certo, porque o rapaz não tinha vicios e era, sobretudo, de uma probidade modelar. Que, pois, podia justificar a sua attitude, o seu gesto abatido, o seu aspecto funebre?

Uma manhã, o patrão, que, por muito tempo recalcaria a curiosidade "para não dar confiança", passou por elle, pretextou qualquer coisa para se demorar alli e falou-lhe:

— Que é que o senhor tem, sr. Gumercindo?

— Nada, patrão.

— Não fale assim se quer que lhe dê credito. Um homem honrado — e eu o tenho na conta disso — não mente. Já ha muitos dias que venho observando a sua mudança. Vamos, fale.

— Já lhe disse...

— E' inútil repetir que é nada. Ahi ha alguma cousa.

— Asseguro-lhe que não.

— Lérias. Não me diz agora o que o amofina, mas dir-m'o-á depois. Venha almoçar hoje commigo.

O moço arregalou os olhos de puro espanto. Era a primeira vez que o sr. Meirelles, da firma Meirelles & Comp., convidava um caixeiro a almoçar. Aquillo estava muito fóra dos habitos commercaes.

— Almoçará commigo, sim.



— Os moços de hoje não prestam n'ra nada. Ah! meus tempos!

— Como o senhor quizer.

Ao meio dia em ponto, patrão e caixeiro estavam sentados á mesa do restaurante.

Gumercindo continuava taciturno.

O patrão observava-o de soslaio. Por fim, decidiu-se a abordeal-o francamente.

— O senhor me vae dizer, tim tím por tím tím, a causa dos seus aborrecimentos. Que é que lhe aconteceu? Necessita algum dinheiro e não se atreve a pedir-m'o? Fale, homem. Sabe que sou rico, que tenho sempre depositado confiança no senhor, sabe em que boa conta o tenho...

— Não se trata de dinheiro.

O sr. Meirelles, que era um fino observador, farejou que a questão de dinheiro era mesmo extranha ás preocupações do rapaz. Então, mais expansivo, redobrou os offerecimentos:

— Não se acanhe, seja franco. Se é questão ahi de uns pares de contos de réis, não seja essa a duvida...

— Palavra que não.

— Trata-se de amores?

E o velhote piscou o olho com malicia.

— Sim... balbuciou Gumercindo, baixando os olhos para o prato.

— Bravo! E é bonita a moça?

— Linda, sr. Meirelles.

— Pois case-te com ella e não penses mais nisso.

— Isso quero eu, isso queremos ella e eu, mas receiamos que os paes se opponham.

— Porque?

— Porque ella tem duzentos contos de dote.

— Oh! isso é serio. Entretanto, ha remedio...

— Pois atraz do remedio é que eu ando ha muito tempo.

A mim não me occorre nada, e saiba o patrão que eu tenho dado tratos á boia.

— Pois, homem, para o seu caso ha um remedio simplicissimo um remedio que é mesmo um porrete, como se diz na roça. E' coiza que não falha nunca.

— Que faria o senhor em meu caso?
 — Eu? Ora! roubava-a!
 — Sim? mas...
 — Rouba-a-ia, leva-a-ia para fóra da cidade, e depois do escândalo os paes se veriam forçados a dar o consentimento.

— Pois é uma idéa, sr. Meirelles.
 E' tiro e queda. E' como quem vae ás goiabas. Os moços de hoje não prestam p'ra nada. Ah! meus tempos!

— O senhor tem razão, mas a coisa é difficil.

— Facilissima. Quero ajudal-o nessa empresa. Empresto-lhe o meu automovel para a fuga e o dinheiro que o senhor necessitar. Bastam-lhe dois contos de réis?

— Acho que sim. O senhor não imagina como lhe sou grato! O senhor é verdadeiramente um paé.

— Os agradecimentos ficam para depois.
 — Separaram-se: Gumerindo para pôr em pratica os conselhos do patrão; este para se dirigir á sua casa.
 Meirelles, ao entrar em casa contou a aventura á mulher, que lhe achou muita graça.



A' hora do jantar, o casal extranhou que Mathilde não apparecesse. O negociante, mal humorado, perguntou por ella.

A surpresa de ambos foi inaudita e quando a creada lhes veiu annunciar que a menina não estava em seus aposentos.

— Meu Deus! que terá acontecido?

E quando a velhota, seriamente preocupada, se dispunha a sahir em busca da filha, a creada entrou com um telegramma.

— Um telegramma! exclamou o sr. Meirelles, pallido, e entregando-o á sua esposa. Toma lá, lê-o tu, que não tenho coragem.

O telegramma rezava assim: "Santos, 17 horas. Gratos

pele automovel. Nenhum accidente. Tudo ás mil maravilhas. Somos felizes.

Esperamos resposta Hotel Magestic. Muitos beijos. Mathilde e Gumerindo.

— Canalha! bufou o sr. Meirelles, crispando o pulso.

L. GABALDÃO.

SEARA DO RISO



Tres estudantes travessos iam por uma estrada, quando encontram um camponio que guisava os seus porcos.

Um dos rapazes gritou:

— Olá, bom homem! Arrede para o

lado esses porcos, que nos vão sujar a roupa!
 Ao que o porqueiro respondeu:
 — Arradem os senhores, que neste mundo uns devem ceder o logar aos outros.

— O professor:
 — Que propriedade tem a agua antes de evaporar-se?
 O alumnio:
 — A propriedade de ser humida.



tão polvorento, que parece que a nossa cruz é nunca lhes ver a cara!

No tribunal do jury, o juiz, dirigindo-se aos accusados, diz:

— Como vedes, foram os vicios e as más paixões que vos trahiram.

— Perdão, sr. presidente, replica um delles, quem nos trahiu foi o soldado.

— Cala a bocca, homem! Somos tão pobres, que é provavel que iremos a pé.

— Fica sabendo, meu filho, que quando aqui é dia, na China é noite.

— Então, papae, quando nós nos deitamos é que os chins se levantam?

— Pois está claro.

— Então nunca me casarei com uma chinesa.

— O' homem, que coisa rara! Como é que o juiz concedeu a voçê o divorcio tão depressa e sem quasi ler o processo?

— E' porque o juiz foi o primeiro marido de minha mulher, e já a conhecia de sobra.

Um numismatico percorre as aldeias em busca de moedas raras e antigas.

Encontrando um velho camponio, pergunta-lhe:

— Diga-me cá, bom homem, quaes são as moedas más raras que ha por aqui?

— Ah, senhor! Todas ellas, porque vivemos

Mudemos de assumpto...

Estavam reunidos á mesa, depois de uma lauta ceia, alguns bohemios elegantes, vestidos segundo o ultimo figurino. As garrafas de champagne, de vinhos, licores e aguas mineaes estavam vazias, e só as taças conservavam no fundo os vestigios das bebidas, revelando-se apenas pelas cores. Todos elles eram grisalhos; uns traziam a barba escanhoada, o que lhes dava a apparencia de velhos, outros traziam a barba negrissima, desse negro azulado que trae as tinturas chemicas.

Emquanto fumavam os longos charutos aromaes, falavam por monosyllabos, preoccupados com a pesada digestão e já sentindo no cerebro os vapores do alcool.

Um delles, dirigindo-se ao mais velho, falou-lhe:

— Mestre, tu que és a maior autoridade em materia de amor, conta alguma das tuas façanhas.

— Eu, autoridade? Porque? A minha modestia protesta contra a expressão.

— E's autoridade, sim, quando o adolescente, amaste á classica e tiveste a tua ercadia, como era de rigor; quando moço, amaste á romantica porque foste contemporaneo do romantismo de 1830; quando velho, amaste á moda naturalista, segundo o espirito "moderno" da epoca, e agora, nesta phase de "após á guerra", amas á maneira cubista.

O mestre então, passando a mão pela cara escanhoada onde as rugas se abriam em sulcos fundos, falou:

— Tenho vivido assás. Apesar de velho, não conto, devo dizel-o francamente, com muitos amores no activo do meu coração. E' provavel mesmo que eu tenha amado menos mulheres que qualquer de vocês. O meu criterio, em amor, foi sempre o da selecção. Amei poucas, mas escolhidas. Nunca me deixei levar pelo criterio da quantidade. Dos meus cincoenta annos em diante comeei a dedicar-me só ás meninas, ás meninas genero collegial. Tenho um "fraco" por essas criaturinhas innocentes...

— Ah! está um genero que nunca me interessou disse um dos bohemios, quebrando no cinzeiro a cinza do charuto.

— Nera a mim, observou outro.

O mestre, então, solemne e cathedratico, dando mais gravidade á voz e ao gesto, explicou:

— A collegial tem ineditismos encantadores.

— Conta alguns episodios.

Houve um silencio respeitoso.

Elle começou:

— Era uma meninasinha, que ainda usava os cabellos soltos. Quando eu estava a seu lado, distrahia-a contando-lhe historias de fadas. Eu tinha então sessenta an-

nos; era, portanto, quasi um moço e não sentia muito a distancia entre as nossas edades.

Ella chamava-me "Don Melloso", por causa da minha linguagem assucarada. Agradava-me o appellido.

Tratei-a de geito a mantel-a na ignorancia do meu amor. Ganhei-lhe facilmente a confiança. Eu era o seu amigo, o seu amigo, quasi o seu pae.

— Com os homens, dizia-lhe eu, nunca mostres muito interesse por elles, mas sim emoção e sensibilidade. Só assim é que poderás conquistal-os. As mulheres gostam do homem que luta, que vence, que triumpha na vida; os homens apreciam a mulher que nada faz mas que sente intensamente as coisas. Encanta-os a sensibilidade, a emoção a lagrima á flor dos olhos.

— Ah! Como o senhor sabe as coisas, Don Melloso!

— Mais impressão lhes causa — proseguia eu — um grithino de admiração, um gesto commovido, um interesse piedoso por um animalinho soffredor, do que toda uma longa conversação de amores. E isto por que o amor pôde ser um calculo, ao passo que a emoção é sempre espontanea.

— Então, quando o senhor cortejava...

Ella referia-se a uma mulher que eu amei como um louco e que, em certo momento do nosso idyllio, desmaiou.

— E' verdade, ella desmaiou. Desmaiou porque eu pisei na cauda do seu cachorrinho.

— Engraçado! — commentou a pequerucha, rindo. — Enamorar-se de uma mulher porque lhe pisou na cauda do cão!

A menina ria, ria perdidamente, com a cabeça inclinada para traz e

mostrando todo o céu da bocca.

— Estás rindo das minhas sensibilidades porque não te lembras que me contaste tu mesma que abrias as gaiolas aos passarinhos que teus irmãos caçavam.

— Pobresinhos! Não posso ver passaros presos. Meus irmãos me batiam sempre por causa disso.

— Mas não te corrigiste...

— De certo. Tenho tanta pena dos passaros!

— Tambem nunca te vi arrancar flores ao jardim.

— E' verdade, tenho pena das flores.

— Já te vi chorar no theatro.

— Ora, Don Melloso! Basta deste assumpto.

Ficámos calados um momento. E logo ella, com vivacidade:

— Fale-me antes de si. Diga-me o melhor ou o peor que já fez na vida.

E arregalou muito os olhos, na curiosidade de ouvir algum episodio sensacional.

— O melhor, não; o peor. Vaes ver. Isto occorreu



— E se eu te quizzes? e se eu não me importasse que fosses velho?

REVISTA FEMININA

ha muitos annos. Eu tinha então quarenta e cinco.
— Então o senhor tem mais de quarenta e cinco annos?

— Não me interrompas. Tinha eu um amigo de infancia, que ao morrer, me confiou os seus filhos: uma pequenina, de genio muito irascivel, e mais dois rapazes, muito bons de genio e que eram o retrato do pae. Eu, solteiro convicto, não pude accèptar de boa cara a missão. Mas, pouco a pouco, fui-me habituando aos meus pequenos hospèdes. Ao cabo de uns dias queria-lhes como se fossem meus filhos.

— Como o senhor é bom!

— Depois descobri que, apesar dos meus annos ou por isso mesmo, me havia enamorado desvairadamente da menina, e para certificar-me da sua sensibilidade contei-lhe uma historia.

— Que historia? Conta lá Don Melloso.

Contei-lhe que, quando era quasi joven, certa noite, numa noite de Natal, em Paris, encontrei, sentada num banco no Campos Elyseos, uma menina que parecia estar adormecida. Avizinei-me della. "Que fazes aqui? Não sentas frio?" Não me respondeu. Sentei-me a seu lado. Interessava-me aquelle silencio. Fui lhe falando então com palavras suaves, bem juntinho do seu ouvido. A menina foi levantando a cabeça. Olhou-me com sympathia, apertou as minhas mãos. Obtida a sua confiança, offereci-lhe ceia, hospedagem, dinheiro, alegria, tudo emfim que lhe faltava. E naquella mesma noite, installada em modesta vivenda, fui-me embora.

— E foi só?

— Sósinho. Mas durante annos e annos cristei a sua educação, dei-lhe roupas elegantes, fiz della uma verdadeira dama.

— Sem pretender nada?

— Pretendia casar-me com ella. Mas, sabes, o solteiro convicto, como então já eu era, não troca por coisa nenhuma a sua liberdade. Um dia, embarquei, deixando-lhe alguns recursos para viver.

— E não te casaste?

— Não, como vês...

Jacintha, que assim se chamava a minha pupilla, aconchegava-se a mim, muito commovida, com os olhos baixos para esconder as lagrimas.

— Meu pobre velhinho!

— Pois por ser velhinho é que a abandonei. O casamento da hera nova com o muro velho é muito bonito na vida vegetal mas na vida humana é o que ha de mais ridiculo.

— Não sei porque, falou Jacintha com uma voz muito meiga. De resto, tu não és velho como dizes.

— Sou, e não posso pretender o coração das moças.

— Podes.

Jacintha pegou-me em ambas as mãos e envolvendo-me num olhar muito enternecido:

— E se eu te quizesse? E se eu não me importasse que fosses velho? E se eu te amasse.

Abraçou-me a pequena pelo pescoço e chorou abundantemente sobre os meus hombros. A coitadinha amava-me. Aquillo não era sómente amor, era paixão. Senti-me remogar, senti desabrochar em mim uma nova juventude e abracei-a tambem e disse-lhe ternuras...

— Então o senhor não é solteiro...

— Sou.

— E ella e esses amores? e todo esse romance?

— Mudemos de assumpto, menina.

Fiz mal contar-lhe essa historia. Perdeu toda a confiança que tinha em mim...

Manuela Mora.



A menina parecia estar adormecida..



Aspectos de Piracicaba. Largo da Matriz.

HYMNO A DEUS

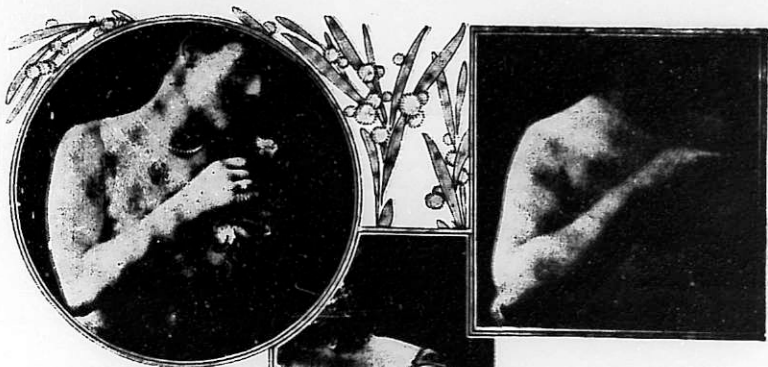
*Bemdito sejas Tu, ó Deus omnipotente,
Fonte de immenso amor, inspirado e fecundo,
Que fizeste surgir num sonho azul e ingente
Do inconcebivel nada o respirador do mundo!*

*Bemdito sejas Tu, que geraste a semente
Opima que da flor e de onde o fructo é
Loriundo;
A montanha e a floresta uberrima e virente,
Os astros do infinito e o rouco mar sem
[fundo!*

*Gloria a Ti, que esculpiste immacel e pura
A imagem da mulher—almo lyrio celesto—
Manancial do perdão, da graça e da andura!*

*Gloria a Ti, que insuflaste a chamma indelivida
Do amor espirital, desse amor que nos deste
Como um chrysol do céu purificando a Vida!*

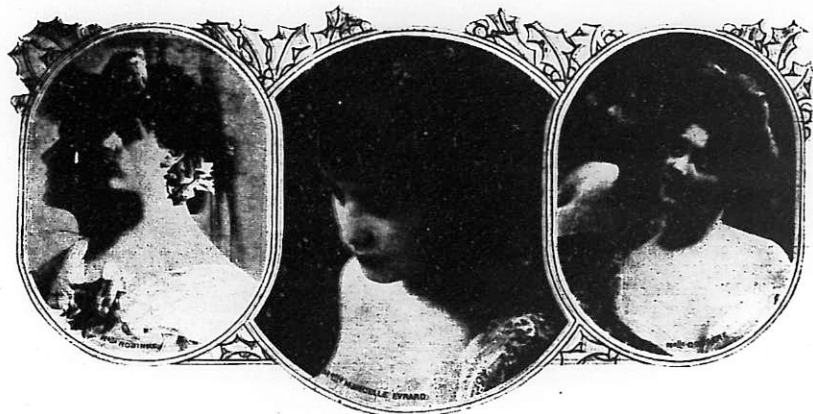
ALLEGRETTI FILHO.



Formosas damas, que sois o ornato dos salões e que, ao atravessar a rua fazendo soar o alto tacão dos sapatinhos, pareceis grandes flores que andassem, chamando a atenção de todos para a vossa graça, para a linha elegante da vossa toilette e para as cores vivas dos vossos ornatos; lindas damas, que sois o encanto do vosso lar, o desvario dos sonhadores e a unica razão por que soffremos, e temos illusões e ambições, e lutamos e vivemos; damas sedutoras, não deixeis perecer a belleza do vosso collo e dos vossos braços! Tratae-os com carinho,

A belleza dos braços e do collo

com minucias intelligentes e constantes! Não consentis que a epiderme dessa parte do vosso corpo, que a que mais se mostra e que é a mais desejada pelos olhos, se creste aos raios do sol, se cubra de manchas pelo contacto constante da luz. Se andaes por casa habitualmente de mangas curtas e decote aberto, acabareis por perder de todo essa belleza, porque a epiderme, delicada como é, não resiste á luz continua, mesmo que esta seja filtrada pelas cortinas. Abrigae o vosso collo e os vossos braços, e só vos decotae quando apparecerdes num salão para o effeito das grandes luzes.





O RICAÇO

I

“Cala a bocca, rapaz, e não intentes convencer-me com tuas razões nem abalar-me com teus suspiros. E’ tudo inutil, meu filho. Sabes de sobra que teu pae não é homem que hoje pense uma coisa e amanhã faça outra. Já te disse que não transijo.

“Hein? que, com minha opposição a que cases com essa moça, faço a tua desgraça? Não o creias. E’s um rapazola sem migalha de experiencia da vida e cuidas que sem o amor de Margarida não poderás nunca ser feliz. Mas asseguro-te que, antes de quinze dias, pensarás de outra maneira. Que não? Hein? Digo-te que sim, verás. Dá tempo ao tempo.

Por certo que te ha de custar algum trabalho esquecel-a. Ah! isso ha de! Queres-lhe muito. Para ser franco, a moça o merece. Ah! isso não ha duvida. Mentiria á minha propria consciencia se o negasse. Ella é bonita, e, segundo dizem todos, sua belleza corre parelhas com sua bondade. Mas pouco a pouco a ferida, que hoje te dóe, porque está aberta, se fechará e deixará de doer.

Quando Margarida se inteirar de que sou eu que te obrigo a que cortes as tuas relações com ella, a pobresinha, como tu, pensarás que vae morrer ou que o mundo se vae acabar. E tambem, como tu, á medida que for passando o tempo, irá consolando-se, e em seu coração nascerá outro amor, que fará esquecer o amor que tem por ti. Isso é da vida. A propria natureza nos está ensi-

nando. As novas rosas que nascem servem para substituir as que arrancamos.

Os paes della, em compensação, não se consolam tão facilmente. Contavam já como seguro o casamento de sua filha com o filho unico do rico, do “brasileiro” Castro, e só pensavam na fortuna que lhes entrava pelas portas a dentro. Mas todos os seus calculos vão cahir por terra. Não contavam aquelles “aguia” com a minha opposição, com a minha resistencia de pedra e cal, que desmornou todos os seus planos. Não gastei atoa minha mocidade e minhas forças trabalhando nos seringaes do Amazonas, no Inferno Verde, para que venham elles agora, com suas mãos limpas e vadias, apoderar-se do fruto do meu trabalho.

Sim, sim, é inutil pretenderes demonstrar-me o contrario. Foi o interesse que aconselhou aos paes da menina a favorecer os teus amores com ella. Ao filho do Castro, do lavrador rude, do pobretão, que embarcou para o Amazonas a tentar fortuna, não lhe dariam nunca para esposa a sua linda filhinha; mas ao filho do “brasileiro”, que voltou para a sua aldeia com algumas centenas de contos de réis em notas do banco, abrem-lhe de par em par as portas de sua casa e entregam-lhe com muito gosto a sua Margarida para que faça della sua esposa.

Mas não o conseguirão, má raios os partam! Com o dinheiro que logrou amealhar o teu pae, podes aspirar a casar com qualquer das senhoras da familia do Olivares.

Não seas tonto, e segue o conselho de teu pae, que te estima muito.

Olha o meu exemplo, rapaz. Quando embarquei para o Brasil, deixei cá a minha "conversada", que depois foi tua mãe. Quando parti, era moço, forte e corajoso, e talvez bonito, talvez bonito como tu. Quando voltei, vinha velho, cançado, os hombros corcovados, pelle e ossos. E ella me quiz assim mesmo, e casamo-nos e fomos felizes. Minha felicidade duraria até hoje se a minha boa companheira estivesse viva.

II

Não digas isso, rapaz, não digas isso. Assustas-me com essas coisas. Nunca pensei que o amor de Margarida tivesse creado raizes tão fundas em teu coração.

E' então verdade que por esse amor esqueces tudo: o bem estar que gosas ao meu lado, o amor á hossa terrinha, o carinho de teu pae...

Dizes que estás decidido a casar com Margarida, e como eu me nego a dar o consentimento, queres tambem partir para o Inferno Verde e tentar fortuna, a reunir o sufficiente para poder viver ao lado della.

Não, não farás isso, meu filho. Não, farás isso.

Pensa na dor que me causaria a tua partida, na angustia horrivel que eu soffreria sabendo que, em terras estranhas, estarias soffrendo os mesmos tormentos que soffri até ajuntar o que possuo.

Ah! tu não sabes que especie de tristeza é essa que sentimos ao deixar a terra que nos viu nascer, as horas de angustia que se passam longe della, a impaciencia com que se espera o momento de voltar á terra adorada...

Pensa em tudo isso, meu filho... e pensa em mim.

Hein? que não podes viver sem a tua Margarida? Que só por ella te arriscas ás peores aventuras por terras desconhecidas?

Ah! filho! recorda-te das minhas palavras de outro dia! Olha-te neste espelho, querido!

Em tua aldeia deixarás uma mulher esperando o teu regresso. Quando regressares, a mulher não será a mesma. Os cabellos de ouro que ella tem serão de prata; o rosto, fino e branco, estará encardido e rugoso; os olhos brilhantes e alegres terão perdido seu brilho e sua alegria á força de chorar a tua ausencia.

Tu não sabes, filho de minha alma, a dor immeisa que sentimos ao ver a mulher, que nos esperou tantos annos, tão velha como nós. O casamento já não se faz por amor, mas por piedade.

Não, meu filho, não. Teu pae não consentirá nunca que soffras essas torturas.

Para evital-as, farei tudo que quizeres. Que se vá para o inferno toda a fortuna que ganhei. Casa-te com Margarida, se é de teu gosto, mas não te vás embora, meu filho, não me abandones...

Ramos Martin



NO CIRCO

— Vamos aos cavallinhos... Acompanha-nos, doutor?

E por este convite simples, de uma boquinha ironica e tentadora, eu quebrei a monotonia do meu viver.

A noite estava serena e estrellada... Luar balsamico, de uma suavidade mystica e evocativa, enchia a nossa alma de um intimo contentamento.

Fomos. O povo, em zumbum, movimentava-se nas proximidades do circo. Uma fileira de tableiros, rodeados de homens que confabulavam, estendia-se á frente da porta da entrada, toda enfeitada de bandeirolas.

Mulheres e crianças por alli espalhadas, risos abafados, cochichos, criticas aos que chegavam.

Uma luz forte no arco da bilheteria, dominava os candieiros das quitandas. E em zigue-zagues cautelosos, conseguimos entrar...

O recinto, bem illuminado, regorgitava. As archibancadas repletas, reflectiam a alegria dos espectadores. Nas cadeiras, junto ao picadeiro, familias aristocraticamente palestravam.

Rompe-se a musica do coreto diametralmente opposto á entrada, num dobrado saltitante e caracteristico. A satisfacção recrudescer. Ditos e piadas, de quando em vez cruzavam o ar calido, provocando risos francos.

Aos reclamos do povo ouviu-se o signal de começo da funcção.

Uma valsa em sur-

dina annuncia a sensacção do "numero".

Um casal de meninos, num trapezio, faz prodigios de equilibrio.

Contemplando-os, as respiracções já se apressam, opprimem-se os peitos, contraem-se os musculos, até que um "hurra" final corôa em palmas o trabalho feliz.

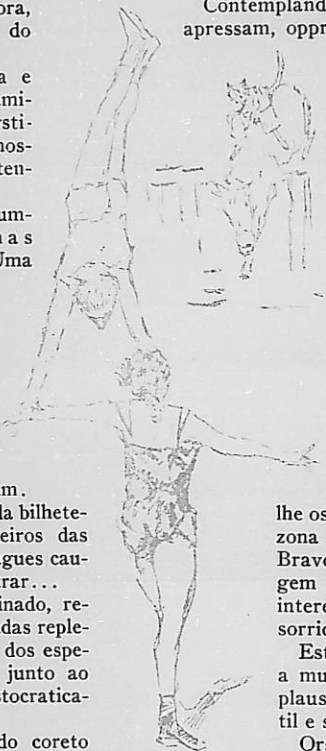
Voltam os comentarios, aumenta o rumor, continua alegre a algazarra e a gente sente-se bem naquelle ambiente anormal.

Prosegue em successo a representacção.

Apparece, afinal, um esplendido cavallo branco, altivo, fogoso, domado por um talhe esbelto de galante moreninha. Um fremito a acolhe. A musica transforma-se, e galopa o ginete, seguindo-o os compassos. A soberba amazona salta, corre, galga e doma... Bravos entusiastas á sua passagem veloz... E eu tambem me interesso pela cavalleira gentil e sorridente...

Está o animal; pára, subito, a musica, e no turbilhão de applausos, entra aos saltos um gentil e sympathico palhaço.

Orgulhoso e exótico, elle cae prostrado ante a amazona trefega e corada. Faz novas peloticas, dá saltos phantasticos entre gargalhadas e graças, terminando por offercer-se para seu noivo, para companheiro ou para marido, quer caval-





gar também. Sempre fei-ticeira, ella, num mixto de desprezo e indiferença, volta-lhe as costas, dá um giro rapido no picadeiro, pula da sella e sóme-se ao rumor vivo e prolongado das palmas. E o pobre excentrico, que em vão tentara reter o cavallo branco, num desespero de vingança ou de amor of-fendido, grimpá-lhe o dor-so, galopa-o em todos os sentidos, crava-lhe os aci-cates, no lubrico prazer de magoar aquelle que tão perfeita domadora carre-gára... E emquanto o povo delira e os corações se desafogam em brados de admiração, elle, olhos faiscantes, en-tre chalaças e cam-balhotas grotescas, desaparece também na nuvem de serra-gem que arranca de seus nervosos pés...

O ar calido tem fulvas pul-veriçações.

...

— Então, doutor?! Que esplendido artista!... Como deve ser feliz, com tanta manifesta-ção de sympathia!... dizia-me, no interval-lo, a galante boqui-nha ironica e tentado-ra que me fizera apre-ciar o bizarro especta-culo.

— Perfeitamente, e a amazona?

— Logo vi que o doutor pensava nel-la... Custava tanto a falar...

— Sim... Pensava um pouco nessa es-trella de circo. E' um bom numero...



— Nada mais? E o palhaço?

— Parece que te cahiu no agrado... Entretanto, eu o las-timo sinceramente...

— Como? Que his-toria é essa?

— Ouve: emquan-to, entre aclamações freneticas, a quella gentil menina de fa-ces afogeadas e ca-bellos ás costas fluc-tuantes, corria a ca-vallo, tu não avalia-te dos segredos que existiam claramente nos olhos do teu feliz saltimbanco... Acomp-anhavam-no em ful-gores que tudo di-ziam. Sim... Por el-la, arrancava aquella unisona consagração. Domina as plateas, suggestiona as mas-sas e colhe louros merecidos, para depos-itar-lhe aos pés, hu-milde e supplice, como flores vivas de ti-tanica victoria. E ella, a estrella, tu não lhe viste a profundeza das pupilas... Quanto sar-casmo, gelo, indifferen-ça e tédio! Sem ella, não existe o teu arlequin... E' o pharol que illumina o seu talento nas arenas do circo; é a deusa que o conduz na vereda do seu destino, pela róta sangrante de sua peregrinação, festejado sempre por esses applausos freneticos e vi-brantes... E' todo o seu ideal, a sua gloria e o seu amor. Verdadeiramente, é a sua unica platéa...



— E elle, doutor?

— E' para essa deusa um simples, indifferente e misero palhaço...

*
* *

A boquinha grácil que me fizêra desvendar esses infelizes amores, contrahira-se num ricto de incredulidade ou de ironia. Eu, então, offendido em meu melindre de observador e psychologo, ou enciumado talvez por sua admiração entusiastica, resolvi convencel-a da inconstancia da mulher e contei-lhe o seguinte: Na Universidade de Coimbra, entre a estudantada, um moço sobresahia pela graça do espirito e dedicação aos estudos juridicos. Um dia foi com os collegas a um circo de cavallinhos. Javial e sympathico, chefiava a turma dos rapazes na archibancada repleta. Moças lindas sorriam enlevadas aos seus ditos pilhericos. E o espectáculo continuara, até que appareceu um cavallo como esse, galopado tambem por seductora moreninha. Foi um delirio. Quando, cedendo ao compasso da musica, o fogoso ginete diminuiu o galope, surgiu tambem ás cambalhotas, de cara toda empoada, num berro, um robusto palhaço. Fez mil peloticas e artes, até que parou attonito a uma piada do estudante, que se poz a responder com graça ás suas endiabradas historias. A amazona enamorou-se do academico que, afinal, se apaixonou por ella; e quando a Universidade commentava esses amores, elle abandonou o curso e desapareceu com o circo.

— Como isso? perguntou-lhe a linda interlocutora, com esvoaçante sorriso na commissura da boquinha fresca.

— Achou que mais valia o amor da ar-

tista, do que o nome honrado dos seus avós e do que a gloria que o esperava no futuro. E trocou o titulo de doutor por uma roupa de saltimbanco...

— Não é invencionice sua, agora?

— Não. Elle pensou que prendesse um fragil coração de mulher com os ouropeis de merecidos applausos. Sacrificou nome, futuro, reputação e gloria por um ente que adorara numa

barraca de panno...

— Mas seria recompensado com affecto eterno...

— Enganas-te. Passado o encanto, ella o abandonou por um hercules de feira. E elle continua a triste sina de "clown", afim de fazer rir a humanidade que sorrira de sua immensa desventura. Chamava-se Polydoro.

— Polydoro é este que nos encantou ainda ha pouco...

— Sim. Se o pae morreu velho e desgraçado, em cabriola nos picadeiros, o filho disfarça, com saltos e pilherias, a agonia do coração infeliz. A rota é a mesma, o desfecho o mesmo. Será, como todos, um ludibriado palhaço.

*
* *

Como este festivo circo, assim o scenario da vida. Ha estrellas, que brilham na constellação ideal dos nossos sonhos e esperan-

ças.

Mas o nosso coração, peregrino que segue a róta encapellada e sangrante da sua fatalidade, é para ellas como esse simples, indifferente e misero palhaço..

Amando Caiuby.

O guarda-chuva

Conta-se que, na idade media, quando, numa scena theatral, se queria representar o diluvio, como nos "Mysterios", o actor encarregado de desempenhar o papel de Jeovah, assistia ao diluvio passando pela scena, abrigado sob um amplo guarda-chuva. Para a imagi-

nação dos espectadores ingenuos daquelles tempos, Deus não podia presidir ao castigo que lançou sobre o mundo, desabrigado como qualquer mortal. O guarda-chuva, era, pois, um objecto de extremo luxo, de que só Deus podia fazer uso.

Mas tudo se vulgarisa: o proprio guarda-chuva, que

era de origem divina, passou a fazer parte dos objectos de uso humano. E parece que algum dia, que não está muito longe e já começa a annunciar-se, elle deixará de existir e a sua memoria se apagará de todo. Bem o merece o horrendo traste!

Dirão os conservadores que o guarda-chuva é um objecto útil, e a sua utilidade se faz sentir a todos nos dias de tempestade. De facto, durante o aguaceiro, elle nos presta algum serviço, quando precisamos atravessar uma rua, tomar um taxi que nos espera á

nossa porta e em outras oportunidades. Mas esse serviço, força é que o não hecer, deixa muito a desejar, porque nós, mesmo abrigados sob o horroroso aragua, atravessamos a rua ás carreiras ou corremos para o taxi de um salto. E' porque elle nos abriga muito pouco. Em rigor só protege o chapéu e uma pequenissima zona dos hombros. Se a chuva é de vento, nem isso. Ora, para tão incompletos serviços, melhor seria não usal-o.

O desaparecimento do guar-

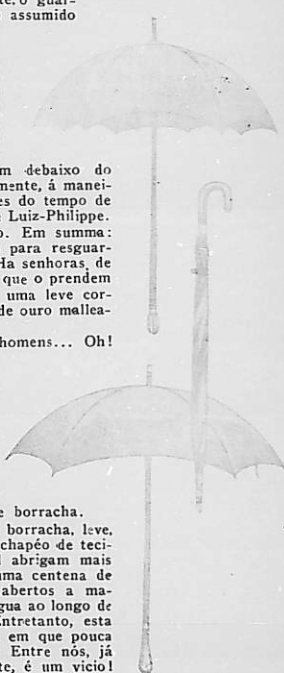
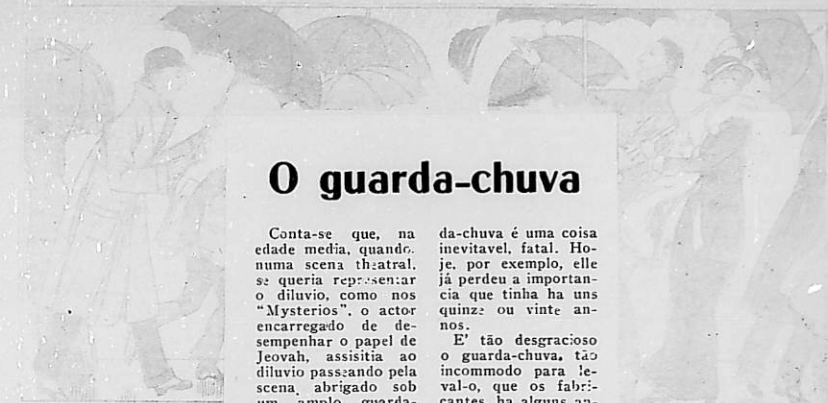
da-chuva é uma coisa inevitavel, fatal. Hoje, por exemplo, elle já perdeu a importancia que tinha ha uns quinze ou vinte annos.

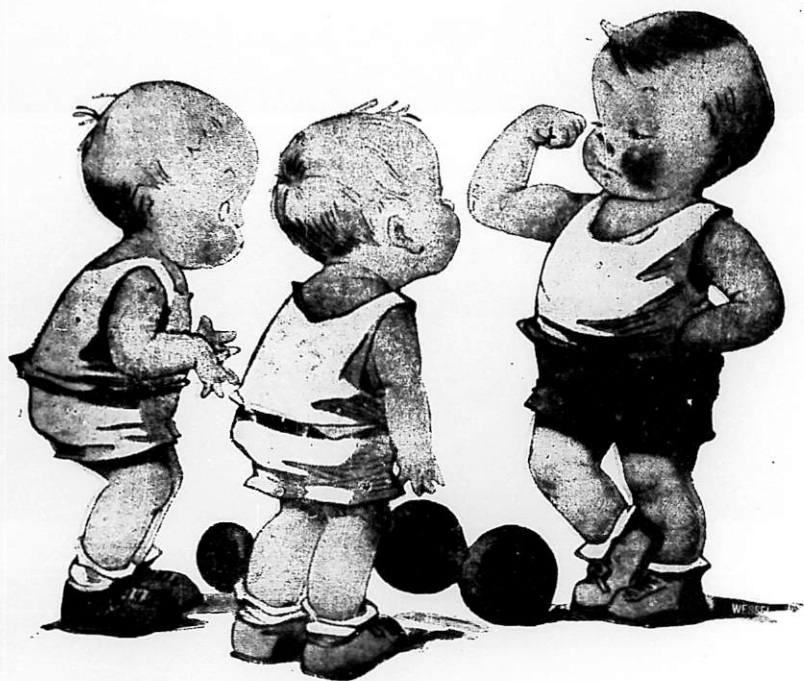
E' tão desgracioso o guarda-chuva, tão incommodo para leval-o, que os fabricantes, ha alguns annos faziam todos de aço. Eram os "paraguas-agulhas", de que alguns individuos atrazados na evolução das modas, ainda fazem uso. Cuidavam os fabricantes que, com o feito de bengalas, se tornavam mais maneiros, mais portateis. Era uma falsificação, sem duvida. Eram ridiculos, hybridos, desprovidos de franqueza...

Hoje, felizmente, o guarda-chuva, tendo assumido o seu aspecto proprio, tornou-se grosso e confortavel. Toda a sua canna é de pao, desde o castão curvo até a ponta. As senhoras elegantes o levam debaixo do braço, corajosamente, á maneira dos burguezes do tempo de Luiz XVI ou de Luiz-Philippe. E' mais pratico. Em summa: é mais proprio para resguardar da chuva. Ha senhoras, de gosto duvidoso, que o prendem aos pulsos por uma leve correa ou cordão de ouro malleavel.

Quanto aos homens... Oh! é incrível que um homem de bom senso tenha a coragem de confessar que prefere essa antipathica barrquinha á confortavel e proveitosa capa de borracha.

Uma capa de borracha, leve, elegante, e um chapéu de tecido impermeavel abrigam mais a pessoa que uma centena de guarda-chuvas abertos a manar jorros de agua ao longo de cada vareta. Entretanto, esta é uma verdade em que pouca gente acredita. Entre nós, já não é um traste, é um vicio!





HYGIENE INFANTIL

A beleza reside na saúde. As mães não se devem deixar illudir sómente pela perfeição dos traços physiomicos dos seus filhinhos e afagar a esperança de que essa belleza se mantenha até á idade adulta. Quasi sempre essa belleza é passageira. Para se tornar estavel, para não "se desmanchar", como vulgarmente se diz, é necessario que a ella corresponda uma saúde perfeita. Se a saúde não é perfeita, a belleza vae pouco a pouco desmanchando-se, os traços, que eram bellos, vão-se desviando da sua linha, e o menino será fatalmente um moço feio, de pelle aspera, de maos dentes, de proporções irregulares, de peito concavo, e será um exemplar humano que, physicamente, não poderá honrar os seus progenitores. A belleza precisa ser cultivada, e os paes, para isso, necessitam estar sempre attentos quanto á saúde dos filhos. A base principal da saúde está na nutrição. Por boa nutrição não se deve entender nutrição abundante, que essa é tão negativa como a nutrição escassa.

Uma creança, que, na primeira infancia, não se nutre convenientemente, fica sacrificada em seu desenvolvimento, e, em vez de attingir uma certa

altura e uma certa proporção, tornar-se-á um individuo rachitico, o que se não daria se se lhe prescrevesse um melhor regimen alimentar.

As mães brasileiras, geralmente, amamentam os seus filhos até muito tarde, até além de um anno ás vezes, sem recorrer a nenhuma outra alimentação. Ora, o leite materno não basta para garantir á creança o musculo, o nervo, o cerebro, o esqueleto. E' prudente, pois, ao attingir o sexto ou setimo mez, consultar um medico, não o medico de clinica geral, mas o pediatra, o especialista em medicina infantil, um medico intelligente, que já se tenha libertado da velha rotina e das superstições.

Em linhas geraes, a hygiene infantil se resume na alimentação conveniente, no evitar excessos de abrigos para que o organismo se habitue a tolerar as mudanças de temperatura, os banhos frios e a mais completa liberdade de movimentos. Não convem tambem trazel-as desabrigadas de todo, porque isso obrigaría o organismo a crear calorías além da sua capacidade, o que é perigoso para a saúde.

Nesse dia Firmo foi só. Nenhum dos colegas quiz acompanhá-lo. Jacyntho, o pretinho, não apareceu. Pedroso não quiz ir. Estava escarmentado.

Ainda na última vez, uma carga de sal grosso quasi o apanhára. Por muita sorte sentira só um ardume no braço, muito ligeiro e mal tivera tempo de despençar-se da jaboticabeira e

saltar o muro, enquanto os companheiros fugiam em desordem, acossados pelos dois filas.

Considerava-se feliz por não ter rasgado a roupa. Si lhe tivesse acontecido o mesmo que ao Jacyntho? Chegar a casa com a calça rasgada...

Pois foi sósinho. Medo não tinha. De que? Até era melhor assim: muito quieto, ninguem o denunciaria. Era até um socego.

Familiarizado com aquella gymnastica, trepou o muro com a maior facilidade. Mas, ó senhor! não podia pular: havia gente... Quem? Não era o chacareiro, nem os filas. Era peor...

— Clorinda! chamou uma voz distante. A moça voltou-se para o lado da voz, mas não respondeu. Aproximou-se do balanço, pendente de uma mangueira e sentou-se, balouçando-se.

Mario via-a de perfil, sem que fosse visto. A surpresa perturbava-o. Complicava-se a sua emoção de aventureiro. Si não temia o perigo, tambem não contava com aquella mansidão de adversario. Diabo! E zgora? Retirar-se não queria, denunciar-se tambem não. Pois lá ficou como pôde, esconde-esconde, sem ser visto. A moça era bonita e, afinal, estava gostando de vel-a, assim escondido. Perdia as fructas, mas... não sabia explicar aquillo. Aliás, não procurava explicação.

Por fim, lá se foi a filha do "seu" Rocha, da chacara, attendendo a dois ou tres chamados. E o pequeno foi ás jaboticabas.

Essa, a primeira vez. Depois dessa, outras. Quando reparou em si, pouco se lhe dava das jaboticabas. Davam-lhe mais gosto os dias em que não podia apanhã-las e ficava a ver Clorinda. Fazia-se ousado. Para intrigal-a, atirava-lhe, de vez em quando,



Ladrões de fructas

Por BRENNO FERRAZ.

roubar quando apparecia Clorinda, e pôr-se a vel-a... Ah! Era alguma coisa profundamente criminosa. Accusava-o a consciencia.

Crescia em audacia, entretanto. A's vezes, depois de intriga-la muito, a melões e chamados furtivos, quando ella, desistindo de decifrar aquillo, já amuada, vermelha, se retirava, pulava elle o muro e se punha a seguil-a, sorrateiramente, escondendo-se pelas moitas, atraz dos troncos, até quasi a casa.

Que perigo! Uma dessas vezes, ouviu um tiro: — um pavor. Teve de correr, esconder-se dos cães e da gente.

Era o Jacyntho, que tambem fugira da escola e viera, sem avisal-o, como um estabanado.

Um desastre: não dava tempo de saltar o muro. Clorinda, ao estampido, voltava correndo. Que fazer ao vel-a? Como justificar a sua presença alli, tão perto da casa?

Não teve duvida. Antes de ser visto, subiu á primeira jaboticabeira que encontrou e lá, muito no alto, poz-se a encher todos os bolsos numa furia. De repente, novo tiro. E despencou-se do alto. Ardiam-lhe as costas...

Ainda quiz correr. Não conseguiu. Clorinda ajudava-o a erguer-se:

— Ah! seu malandro!... Era você, então, que todos os dias...

— Eu, não!... E, seguro por um braço com a outra mão só sabia encher a bocca de jaboticabas, e coçar-se no dorso a arder, com um olhar espantado para a moça, que a rir, o deixou, corrido como um ladrão.

Foi assim o primeiro amor de Firmo: um furto de jaboticabas.



A conversão de frei Justo

POR MARIA HENRIQUETA

Mais alguns dias e Tarelo teria terminado a escultura da Virgem, que, numa cidade da alta Italia, lhe tinha encomendado frei José para a sumptuosa egreja da Purissima.

— Só o esculptor Tarelo será capaz de executar, como se deve, essa obra, disse o frade com accento convencido. Porque na actualidade só elle parece haver recebido do céo tantas luzes ao mesmo tempo. Esse homem é um grande artista.

Já antegosava o frade o prazer de ver a formosa Virgem no altar-mór da egreja, decorado com immensa riqueza e primor pelos artistas de mais renome. Comovia-se o frade com a idéa de ver já, em seu logar de honra, aquella obra-prima, com os braços extendidos, a expressão doce, os olhos piedosos irradiando perdão.

Na tarde do dia seguinte seria collocada a imagem, em festa solemne. O bispo viria benzê-la. Frei José sorria enternecido, pensando em tão agradaveis acontecimentos.

Entretanto, Tarelo, o artista já consagrado pela gloria, trabalhava em sua officina, de portas fechadas.

Seus amigos e discipulos assistiram sómente ao começo da obra: o grande bloco de marmore desgastado pelos obreiros, e depois mais nada. A estatua occupava um gabinete construido annexo á officina, e todos os dias, ao terminar a tarefa, o esculptor fechava a porta

á chave. Ninguem, pois, sabia em que pé estava a obra. Nos primeiros dias, quando o bloco estava exposto, um dos seus amigos felou-lhe:

— Nenhum modelo melhor para fazer a Virgem que tua irmã Thereza, tão pundonorosa, tão bella, de uma belleza em que ha tanta religiosidade e mysticismo...

O artista guardou silencio. Pouco depois se soube que elle já havia de antemão escolhido o modelo.

— Quem podia ser?

Os amigos, curiosos, desejavam saber-o. Mas nada se soube ao certo.

As horas em que elle trabalhava eram sempre incertas.

— O mestre não recebe hoje, respondia frequentemente o criado.

— Quem está com o mestre? arriscava-se ás vezes a perguntar um ou outro curioso.

— Ignoro-o, senhor, dizia o criado.

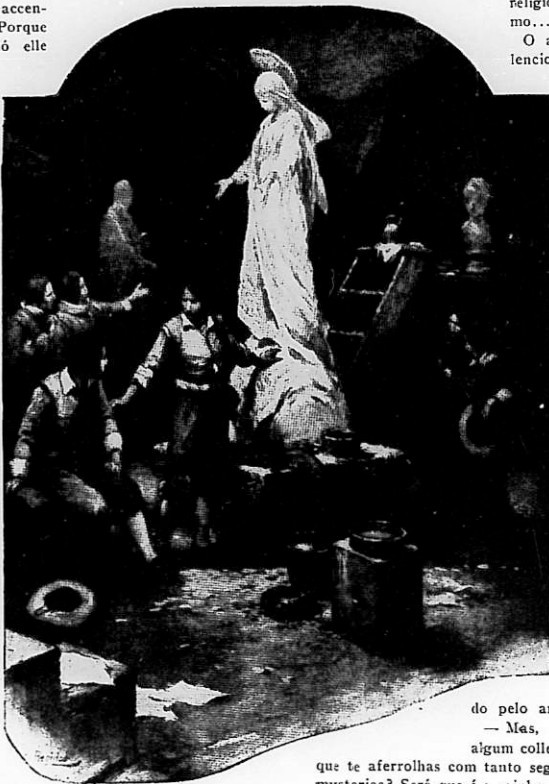
Não se sabia si dizia a verdade ou se estava industria-

do pelo amo.

— Mas, vamos! atrevia-se algum collega a falar-lhe. Porque te aferrolhas com tanto segredo? Porque esses mysterios? Será que é a rainha que te serve de modelo? Será que te decidiste por tua irmã, para gaudio de todos nós? Que é que estás tramando?

Tarelo, impenetravel, tinha um ar sombrio, que tirava aos amigos qualquer oportunidade de troça; e, pretextando algum negocio urgente, sahia para a rua, com o largo chapéo carregado sobre os olhos.

As curiosidades cresciam e já tinham attingido um grau de febre. As imaginações se exaltavam.



REVISTA FEMININA

— Não seria de extranhar, resmungou um pintor seu amigo, que o modelo seja alguma dama respeitável da alta nobreza e provavelmente da corte, e que, por tratar-se da Virgem, se houvesse decidido, muito em segredo, a coadjuval-o nessa obra de piedade e de arte.

— Não é fácil isso, redarguíram outros, porque a dama, verificadas as semelhanças com a escultura, seria descoberta.

— Talvez não.

Talvez seja aproveitada a p e nas para o conjunto, tendo o artista o cuidado de desfigurar um pouco as linhas physiônicas.

— Creio que trabalha sem modelo, alvitrou um dos seus discípulos, porque eu, que entro na officina tres vezes por semana nunca encontrei nenhuma mulher.

— Enganas-te, falou um moço. Já descobri metade da intriga. Ha uma dama velada que vae lá de carruagem e demora-se na officina largas horas. E' o modelo, por certo. Quem será ella? Um véo negro e espesso cobre-a completamente. Impossivel adinhar. Se alguem tomar a peito descobri-la, talvez o consiga. Quanto a mim, já desanimei.

Como é de ver, depois dessa revelação, a curiosidade recrudescceu. Seria a propria rainha? a honestissima esposa do rico Ideon, notavel pela sua formosura e a que chamavam "Madona" por causa da pureza do seu perfil? Seria a senhora Joana Rovero, de linhas rigorosamente hebraicas? A filha de Pedro Silo, velho amigo e tutor de Tarelo?

Uma dellas tinha que ser forçosamente. Não era provavel que fosse qualquer dos modelos profissionais, proprios para fazer nymphas, mas que não tinham nem

o rosto, nem o corpo, nem a attitude que a nova escultura reclamava.

— Eu propuz-lhe Dorina, disse o pintor Gaudencio. Ella serviu-me para fazer o quadro "A Modestia", e sabes que esse trabalho me valeu o premio real. Dorina é uma rapariga lindissima.

— Eu propuz-lhe Thereza, sua irmã.

— Oh! nenhuma como ella! concordaram todos.

— Tã o linda, tão recatada, tão espiritual...

E todos recordaram-na, com sua transparencia de porcellana, com seus grandes olhos negros e purissimos, com sua cabelleira abundante, seu perfil de recorte impecavel e meigo ao mesmo tempo, e alta, esbelta, e mais tudo, pallida, de uma pallidez mystica...

— Deve ser ella, concluiu alguem.

— E a dama velada? objectou outro.

No dia seguinte os amigos de Tarelo iniciaram a espionagem.

Todos viram parar á porta da officina a carruagem e descer apressadamente uma dama envolvida num manto amplo e velado o rosto por um véo espesso. Era alta e parecia corpulenta. Foi a unica coisa que puderam tirar a limpo. A espionagem não deu maior resultado.

— E' preciso ir directamente á fonte, disse um mais audacioso, e perguntar-lhe ao mestre: "Quem é essa dama velada?"

A' noite, quando o artista, rodeado dos seus collegas, discutia com calor, na sua officina, certas questões de arte, o pintor Gaudencio lançou-lhe a pergunta:



— Vae dizer-nos, Tarelo, quem é a dama velada que vem á tua casa de carruagem. Corre por ahí que estás enamorado della perdidamente.

— Eu?! exclamou o artista, num recuo, muito pallido. Eu honro munto a minha casa! Nenhum de vós dirá que me apaixonei pelo "Pescaventos"...

— Pois que! E' a Pescaventos? Que vem cá fazer essa mulher?

— Vem... balbuciou o escultor meio confuso, vem servir-me de modelo para a nova escultura...

— Qual? perguntaram.

— A da Virgem, respondeu Tarelo, com os olhos baixos.

Todos estavam assombrados.

— Que é que dizes, homem! A "Pescaventos" para modelo de uma madona, quando não ha nella nem uma só linha que te possa servir? Olhos de virago, mãos de hypnotisadora de serpentes, cabeça de cabellos rizados de harpia, labios sensuaes, attitudes villãs... Ah! é impossivel!

— Pois não vem sómente para isso, disse ainda mais confuso o escultor. Vem para ver a prova.

E dirigindo-se até ao gabinete, que era um prolongamento da officina, abriu violentamente a porta e desappareceu e mostrou aos seus amigos a obra.

Effectivamente, alli estava, palpitante de vida, a "Pescaventos"; e embora o artista houvesse tratado de desviar as linhas physionomicas e tudo mais que pudesse trahir a semelhança, a semelhança era evidente.

— Já vedes, pois, que prezo muito a honra de minha casa, repetiu Tarelo com uma insistencia que dava que pensar. Já vedes que se não trata de amor... Ah! tendes a prova.

Os amigos guardaram silencio. Era necessario que o escultor estivesse enamorado da "Pescaventos", e enamorado como um louco, para recorrer ao absurdo de aproveitá-la em sua obra, fazendo-a viver numa figura que era a antithese moral da sua pessoa.

Depois que os collegas se retiraram, o artista sentiu o rubor subir-lhe ás faces. Um desgosto indefinivel tinha-o tomado. Seus amigos, ao contemplar a escultura, não tinham pronunciado uma palavra de louvor. Que differença de outras vezes! Os gritos de admiração e de alegria sempre encheram aquella sala para applaudir cada obra concluida.

Mas não era a ausencia do louvor que o abatia: era a descoberta que os amigos fizeram. Seu amor pela "Pescaventos" estava patente. A coisa era tão humilhante, que lhe occorreu fugir da cidade. Quantos comentarios escarninhos se estavam fazendo em torno delle!...

Faltavam quatro dias para entregar a obra. Se ao menos tivesse tempo, elle para disfarçar, se entregaria a outro trabalho novo. Mas já era tarde. Tratou, pois, de alterar, tanto quanto podia, o rosto da figura; e, chegado o dia, dirigiu-se ao convento para avisar a frei Justo que, naquella mesma tarde, a imagem seria collocada no altar-mor.

— Tanta tem sido a minha anciedade em vel-a, disse o frade, que prometti á mesma virgem abster-me do privilegio de ser o primeiro a contemplal-a. Não valho mais do que os outros. Vel-a-ei, portanto, em com-

panhia de todos, á hora de arrancar-lhe a coberta, que será tambem a hora da bençãem na festa de amanhã.

Nessa mesma tarde a escultura foi collocada no altar-mór.

O artista, ao voltar para casa, vinha apprehensivo; tremia á idéa de pensar que, no dia seguinte, á hora de ser retirada a cobertura, toda a cidade ficaria inteirada de que elle, o escultor Tarelo, vivia pelo beicinho da "Pescaventos". Elle começava a ver claro que só um amor cego é que teria descoberto em "Pescaventos" as feições de uma Virgem. Estava acabrunhado de vergonha.

Não somente a sua honra de homem, senão a sua honra de artista ia ser julgada no dia seguinte. Porque, não tendo o modelo nenhuma feição mystica, era natural que a imagem não a tivesse tambem. Elle esperava um fracasso.

Tremia dos pés á cabeça. Quando sua irmã o foi chamar para o jantar, estremeceu ao descobrir no rosto de Thereza toda a doçura e toda a espiritualidade que faltavam á estatua. O modelo, tinha-o elle ao pé de si e elle não o tinha visto.

Que podia fazer agora? Haveria ainda tempo de condemnar a obra?

Tarelo não comeu, e, pretextando um trabalho urgente, sahii para a rua.

Soavam dez horas no relógio da torre. A noite ia clara. Uma lua de ballada illuminava a cidade. Caminhou, quasi a correr, em direcção á igreja. Se estivesse fechada, o que não era provavel porque os frades deviam estar a enfeitá-la, iria até ao convento, que se levantava ao lado do templo.

Era preciso evitar que o povo visse a cortezã no altar-mór. Aquillo não só seria um escandalo como teria todos os caracteres de uma profanação.

Era preciso appear a estatua do altar. Tarelo estava resolvido a confessar a verdade ao bom frade.

O caminho parecia-lhe interminavel; mas, ao cabo, ao dobrar uma esquina, appareceu-lhe o amplo cemiterio que rodeava o templo com seus altos muros, de onde se via a fronde balouçante dos cedros e dos chroões.

Estugou os passos. Entrou no cemiterio. Ao frantar a porta, viu que uma mulher sahia a toda pressa. Aquella mulher, que ia vestida com roupas brancas e esvoaçantes, tomou a alameda que dava para o portão de sahida e que era o mesmo para onde o escultor se dirigia. Elle seguia, sem desviar os olhos do portão. Mas, como se approximou da mulher, notou que ella parecia mais deslisar que caminhar. O artista encariou-a.

Um sobresalto deteve-lhe os passos. Não havia duvida; aquella mulher era a "Pescaventos". Devia ser ella. O orgulho de ver-se no altar levou-a á igreja. Tarelo, indignado, sentindo que, de um só fluxo, lhe subiam á cabeça todas as indignações accumuladas, e as humilhações que lhe causara aquella mulher que ia passando, segurou-a bruscamente pelo braço e interpellou-a:

— Com' te atreveste a vir até aqui?

Mas ao tocar aquelle braço, que elle esperava encon-

trar macio e quente, advertiu que tinha a dureza e a frialdade do marmore.

Aquillo não era, pois, uma mulher, mas uma estatua. O artista, num recuo, retirou a mão, e ponde ver então e reconhecer claramente os olhos, os labios, o collo turgido, o busto amplo, tudo o que o seu escopro tinha, num momento de cequeira, talhado no marmore.

O artista ficou um instante immovel, sem dar conta a si, se sonhara ou estava acordado. Os cabelos eriçaram-se-lhe de terror. Entretanto, a estatua tinha alcançado o portão da sahida e desaparecera no noite.

* * *

Tarelo, com as pernas tremulas, correu à igreja e bateu com fortes pancadas à porta central e às lateraes. O templo estava deserto e ninguém attendeu.

Sem perder mais tempo, encaminhou-se para o convento.

Um frade leigo abriu-lhe a cancella.

— Quero falar com Frei José. Trata-se de assumpto grave. E' um caso de consciencia...

O leigo, apressado, mergulhou nas sombras interiores. Momentos depois voltou e convidou o visitante a entrar.

Frei José entrou em seguida.

O escultor, ao vel-o, cahiu a seus pés, contracto; e em longa confissão lhe referiu tudo, sem omitir a horrivel alucinação de que fóra victima.

— Já vêdes, padre, murmurou o artista ao terminar, que é preciso retirar do altar a escultura profanadora. Não pode ficar alli nem um minuto mais.

— Pois vamos lá meu filho, conciliou o frade. O irmão porteiro e o leigo Ambrosio nos ajudarão a retirar-a. E tu, com as luzes que Deus te deu, poderás depois fazer uma imagem mais formosa, se para isso necessitares modelo digno de obra tão alta.

Frei José tomou as chaves que abriam a porta de communicação com a igreja, e o escultor e o frade, acompanhados do porteiro e do irmão Ambrosio, que levava uma lanterna, internaram-se no corredor amplo e escuro como um corredor de catacumba. Desembocaram na nave esquerda onde uma lampada de azeite piscava como um olho que vela a sombra.

Tarelo, ainda impressionado, estremeceu de novo ao attentar naquelle olho que parecia accusal-o.

Frei José, ao entrar na nave central, falou:

— Necessitamos mais luz, muita luz, porque temos de descer a Virgem.

O leigo obedeceu. Accesas as velas, todo o templo palpitava de luz.

Frei José já adeante, inclinado, humilde, e o escultor seguia-o, confuso, os olhos baixos.

Mas ao chegar em frente ao altar-mór e levantar os olhos, Tarelo e o frade deixaram escapar um grito de assombro: a escultura da Virgem não estava alli e em seu lugar só se via o vácuo...

* * *

Foi essa a causa por que o escultor Tarelo, que foi um artista tão mundano, abandonou o buril, e depois de tomar o nome de Justo, para apagar de todo a recordação de sua gloria, se fez frade e o mais piedoso daquelle convento.

DIGRESSÃO PELA HISTORIA MAHOMET

Nunca foi a grande península arábica completamente dominada pelos conquistadores da historia antiga. Seus habitantes, agrupados em numerosas e bellissimas tribus, soberanas sempre scacudir o jugo do dominador e defender tenazmente a sua independencia.

Não fazendo jamais, parte de Estado algum, continuando os povos arabes divididos, despedaçando-se continuamente em suas luctas intestinas durante varios seculos, sendo o platô central (Neyed) o theatro principal d'estas luctas.

Só a cidade de Meca com o seu antigo Sanctuario — a Kaaba — vinha a ser o centro de uma especie de confederação de tribus, que tinha por objecto assegurar o livre trafico mercantil com o Hedjaz.

A era gloriosa da historia da Arabia começa com o apparecimento e diffusão do islamismo por Mahomet.

Nasceu este grande homem em Meca no anno de 571, e pretendia descender da tribu dos koreshitas, uma das mais importantes da Arabia e que, como a maioria das tribus arabes, pretendia, por uma serie de genealogias, mais ou menos verdadeiras, provir de Ismael, filho de Abraham.

Sua familia havia exercido os mais importantes cargos religiosos e politicos em Meca, embora, mais tarde, entrasse em decadencia.

O pae de Mahomet, Abd-Allah, que exercia o commercio em caravanas, faleceu em 571, mezes antes do nascimento do futuro Propheta. A mãe, sua mãe, não lhe sobreviveu muito tempo, encarregando-se, então, o avô de prover à educação do joven Mahomet. De herança não lhe ficou mais do que cinco camellos e uma escrava ethiopia, peço que, vendo-se só e sem recursos, ao morrer seu avô, foi reunir-se a seu tio Abu-Taleb, o qual como o pae de Mahomet, fazia o commercio com a Syria. Contava elle treze annos de idade quando seu tio o levou, pela primeira vez, em sua caravana.

Algum tempo depois, acompanhou Mahomet seu tio, que chefava um contingente de tropas arabes de Meca, a uma guerra que sustentou contra as tribus vizinhas da cidade Santa. Concluida a campanha, abandonou Mahomet seu tio afim de pôr-se à frente dos negocios de uma rica villa de Meca, de nome Radidja, a qual, seduzida pelas bellas qualidades do joven, com elle se casou, contando este apenas vinte cinco annos de idade, orçando ella pelos quarenta.

Senhor de uma grande fortuna, soccorreu Mahomet fartamente a todos quantos lhe tinham prestado auxilio, e particularmente a seu tio Abu-Taleb.



Mahomet

Aos quarenta annos communicou ter recebido sua primeira revelação. Segundo ella, o anjo Gabriel appareceu-lhe em uma caverna, onde costumava repousar e lhe annunciou a sua missão, dictando-lhe os primeiros versiculos do Alcorão.

A missão que se attribuiu Mahomet foi logo crida por Kadidja, Ali, filho de Abu-Taleb, Abu-Bekr e Osman. Mas, os arabes, arraigados no seu polytheismo idolatra, viram com máos olhos a revolução tentada por Mahomet e d'alli terem sido muito escassas as conversões, das quaes as mais importantes foram as de seu tio Namza e Osman.

Em 621, a cidade de Medina, a mais consideravel da Arabia depois de Meca, converteu-se espontaneamente ao islamismo. Morta sua esposa, e com ella seu ultimo filho, resolveu Mahomet sahir de Meca. Mas, o fez perseguido pelos seus compatriotas; e depois de uma penosa viagem, chegou a Medina, onde foi recebido triumphalmente. D'esta fuga, a que os musulmanos chamam hedjret e que se derivou o hegrira. Estava aberta a lucta entre Medina e Meca, tanto mais quanto Mahomet não pretendia somente restaurar o monotheismo, sino que se dizia enviado por seu deus, — Allah — para ser o chefe espirital de todos os homens.

Em Março de 624 Mahomet atacou e desbaratou em Beir uma grande expedição de Meca; mas os seus habitantes vingaram este desastre derrotando-o no anno seguinte.

Em 627, Mahomet resistiu valerosamente a um forte ataque dos Koreshitas a Medina. No anno que se seguiu estabeleceu-se uma tregua entre os heiligeres e se convem em que os musulmanos poderiam ir a Meca em peregrinação. Em 629, Mahomet submetteu os judeus de Khaibar e, proseguindo em suas victorias, conseguiu que seus generaes submettessem quasi toda a Arabia á sua autoridade, decidindo, então, emprender a conquista do Egypto, Imperio Grego e a Persia.

Em 630, apoderou-se de Meca, destruindo todos os idolos. No anno immediato logrou submeter as poucas tribus rebeldes existentes ainda.

Regressando de uma peregrinação a Meca, viu-se Mahomet acommettido de violenta febre que, em quinze dias, o levou á sepultura (632).

Assim acabou aquelle grande homem que soube agremiar as indomitas tribus da Arabia e constituir o mais poderoso Estado do seu tempo, cumprindo, d'este modo, o fim que lhe estava reservado na historia do mundo.

Os grandes artistas contemporaneos

EMILIO BOURDELLE



Maternidade, de Emilio Bourdelle.



Penélope, Escultura de Emilio Bourdelle.

Precisamos estar sempre a par de todo o desenvolvimento artistico do mundo. Essa preocupação esthetica é de alto alcance para as pessoas de cultura e fina educação. Como, porém, nem a todos é dada a ventura de correr mares e paizes, varejar exposições e mirar monumentos, aos que são, como nós, vehiculos do pensamento, incumbe trazer seus leitores informados de tudo o que de bello e bom vae pelo mundo.

Bourdelle é, por assim dizer, o irmão espirital do grandioso Rodin, Bourdelle talvez e ja actualmente o maior esculptor da França. Sua arte são das normas vulgares para alcançar uma prodigiosa peça expressio-



As tres irmãs.

nal. Desde Miguel Angelo, só com Rodin e Bourdelle ganhou novamente a arte plastica das formas aquella imponencia religiosa de expressividade e rythmos consagrada com Moysés, David e outros monumentos immortaes do genio michelangiolesco.

De Bourdelle, disse Rodin: Consegue, depois dos gregos, os ultimos matizes da belleza. Descobriu o segredo exacto de repartir a luz normal que envolve ao todo, desde os dias primeiros".

O glorioso esculptor francez conta hoje perto de sessenta annos. Nasceu em 1861, em Montanhara, na mesma povoação onde nascera Leão Cladel, o autor famoso dos *Martyres*



Vendedora de frutas.



Um velho.

ridiculos e de *Les van-nu-pieds*. Descende de família de aldeões montanhezes, simples pastores. Sua infância passou-a, pois, na liberdade selvagem dos altos cumes, entre rebanhos e entre castanheiros. A vida ao ar livre robusteceu-lhe o corpo e os riscos das penedias deram-lhe audácias e asperezas.

Hoje mesmo, que coberto de louros penetra os humbraes da velhice, os seus olhos se enchem de estranhas nostalgias, quando pensa no passado. Um quasi scepticismo amargo cõa-se dos seus labios quando elle diz:

“Quando penso que meu pae era canteiro, digo a mim mesmo: elle, ao menos, produzia um trabalho util á sociedade. Preparava materias com que se constroem casas para os homens. Parece-me ainda ver o bom do velho cortando conscienciosamente as pedras, sob as lufadas de ven-

to, quer no inverno, quer no verão. Era um rude oú:eiro.

Nós outros, porém, o que somos? Que serviços prestamos aos nossos semelhantes? Somos malabari-

stas, títeres, personagens chimericos destinados a divertir o publico. Apenas se dignam occupar-se dos nossos esforços. Pouca gente é capaz de comprehender-nos. E, afinal das contas, não sei se o mundo deveria ter condescendencia com nós outros, uma vez que o mundo poderia passar sem nós”.

Será sincero, nessas palavras, o grande Bourdelle? Não! O artista bem sabe que a vida não pôde prescindir da belleza...

Bourdelle não é só o maravilhoso esculptor, como pintor admiravel e bello poeta.

Conheceu a miseria de perto, passou fome, sofreu humilhação, mas alcançou a gloria.

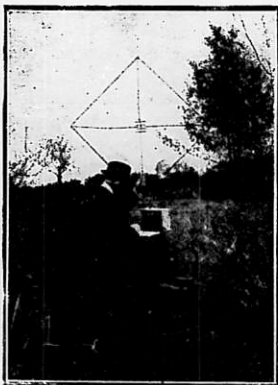


Rodin.

A Telephonographia sem fios

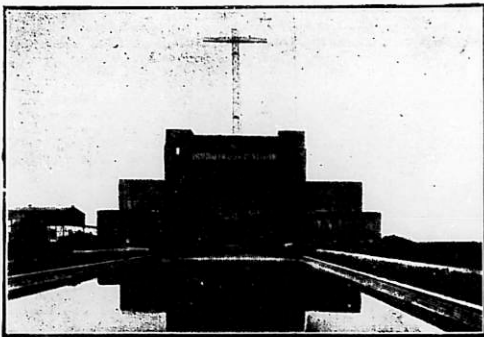
Se Morse, quando inventou seu engenho alfabeto que poz em condições de utilidade pratica o telegrapho electrico, houvesse dito aos engenheiros que extendiam os fios, que não necessitavam ter esse trabalho, pois poderiam encontrar o modo de prescindir d'elles sem sacrificio da transmissão, seguramente seria tomado por louco. Da mesma maneira, foram tomados por loucos Colombo pelos doutores salamanquinos e Galileu pelos inquisidores romanos. Mas as chimeras de hontem são as realidades de hoje, e o que, numa epoca, é considerada impossivel pelos sabios, chega primeiro a fazer a admiração e depois coisa comestivel entre o vulgo, que, como sempre acontece, não conserva nenhum pensamento de gratidão para o seu inventor.

As descobertas dos sabios, que, a principio, parecem tentativas mais ou menos interessantes de laboratorio



O proprio operador armando em pleno campo a antenna do apparellho portatil de telegraphia sem fios

Davy levaram Daguerre ao invento da photographia, precursora do cinematographo. Franklin, Galvani, Volta e Faraday foram, para os empiricos do seu tempo, theoricos frivolos que se entretinham em empinar papagaios de papel, destripar rãs, empilhar rodelas de metal e fabricar gorros de flocos de lã; mas todos esses, na apparencia, brinquedos pueris foram a genese do tranvia electrico, da lampada incandescente do para-



Nova estação radioteographica de Nauen (Allemanha)

e passatempo de amadons, são mais tambe fonte de riqueza e de prosperidade. Pasteur, com a sua theoria da fermentação e seus estudos de prophylaxia, é o genio protector da vinctura e da sericultura. Sem elle, não seria possível a ampelographia, a sciencia da cultura da vinha.

As infructiferas tentativas de Porta, de Wedgwood e

porcionou ao demonstrar a identidade essencial da luz, o calor, o magnetismo, a electricidade, o som e o movimento. Teve-se, desde então, a segurança de converter cada uma destas modalidades da energia unica em qualquer das suas semelhantes, e assim foi possível transmutar o som em electricidade por meio do telephone, e não será utopia o intento de transmutar em electricidade directamente a luz do sol, libertando a industria da escravidão dos dynamos e da escravidão das quedas d'agua.

Nestes ultimos annos, a electrothecnia progrediu em proporção geometrica, embora, entretanto, ninguém no mundo saiba o "que é" a electricidade, pois no dia em que o homem descobrir a natureza desta mysteriosa potencia, o Universo deixará de ter segredos para o seu espirito de investigação

Quando Marconi poz em condições de utilidade pratica a telegraphia sem fios, valendo-se das ondas hertzianas, surgiu em muitos cerebros a idéa de saber se seria possível applicar o mesmo principio ao telephone; e se bem que parecesse o problema muito difficil, embora não insolúvel, empenderam varios engenheiros electricistas uma série de experiencias cujo resultado tem sido tão satisfactorio, que bem se pôde considerar hoje em dia a tele-

raios e da electrotherapia.

Assim, pois, sem as experiencias de laboratorio em que resumiram sua vida Maxwell e Hertz, sem as theorias formuladas por estes sabios especulativamente acerca da unidade e variedade da energia, Marconi não teria podido empender seus pacientes trabalhos em busca da corroboração pratica das theorias fundamentais de seus precurosos.

Para realizar suas experiencias, Marconi apoiava-se na base solida que Maxwell lhe pro-



Novo apparellho portatil de telegraphia sem fios, cuja antenna pôde ser armada em qualquer parte.

phonia sem fio como uma conquista definitiva da sciencia. E' de presumir que ainda decorrerão alguns annos para que o seu emprego se vulgarise, porque, no que respeita a innovações scientificas acontece o mesmo que acontece no que se refere ás reformas sociais, isto é, a rotina resiste sempre ás ideias novas, e os interessados, que della auferem lucros, defendem-se desesperadamente e lutam contra os que aspiram a succeder-lhes no campo da utilidade lucrativa.

Por outra parte, a maior parte das pessoas, consideradas como massa social, olha sempre com tal ou qual desconfiança tudo quanto ameace dar por terra os rotineiros e vetustos processos, a não ser que as vantagens economicas do novo superem evidentemente as do velho.

Quando as vantagens da novidade não são extraordinarias, pelo menos á primeira vista, ou para ser postas em pratica exigem dispendio de avultados capitais ou ainda quando ha capitais avultados na installação dos methodos antigos, então é mais difficil transformar de um golpe o regimen corrente. Assim, por exemplo, a proposito da telegraphia sem fios, a sua adopção official nas communicações dentro do paiz ou fóra delle, de modo a substituir em tudo e por tudo a telegraphia Morse, produziria um tão profundo transtorno no organismo social, seriam tantos os prejuizos dos prejudicados, que mais vale esperar a lenta evoluçao dos factos e. em consequencia, a evoluçao das idéas, na esperanza de que, insensivelmente, sem perturbações, chegue o dia em que as communicações por meio dos fios se tornem tão raras, como são hoje os trollys com relação ao trem de ferro.

Não é da nossa incumbencia entrar em pormenores descriptivos de indole technica a proposito dosapparelhos transmissores e receptores que se empregam na telephonographia sem fios, ou seja no duplo aspecto de communicação escripta e falada a grandes distancias.

Estes novos inventos, durante a guerra, aperfeçoaram-se consideravelmente por imposições da necessidade, bastando dizer que, pelo que se infere do diagrama correspondente, a estação de Nauen, que acaba de ser completamente renovada abarca o mundo inteiro.

Além das setenta estações assignaladas no diagrama, erigiram-se ultimamente outras duzentas com antenas de energia superior a 75 kilowats e um raio de acção de mil kilometros.

Se as estações derivadas da de Nauen se sommam as que, desde muito tempo, estão abertas ao serviço publico em todos os paizes civilizados, podemos dar por assente que a telegraphia sem fios já é um factor tão poderoso quão decisivo na rapidez e exactidão das com-

municacões internacionaes, sobretudo no que concerne a noticias e informacões de jornaes e ás relações constantes entre os vapores e as estações terrestres.

Quanto á telephonia sem fio já é um problema resolvido no ponto de vista scientifico, faltando-lhe apenas a utilisacão pratica com caracter industrial. Seu fundamento scientifico é o mesmo que o da telegraphia sem fios e pode mesmo considerar-se como um derivativo deste systema, pois a consequencia dos cambios de tensão produzidos no interior do apparelho de transmissão, dá origem ás oscillações, ondulantes da corrente que passam por um micróphono onde as vibrações dos sons se transmutam, ou como se dissessemos, se entre-confundem com as electricas e ao chegar ao apparelho receptor, effectua-se a inversão do phenomeno, reproduzindo, como num telephono commum, as vibrações acusticas produzidas na estação de origem.

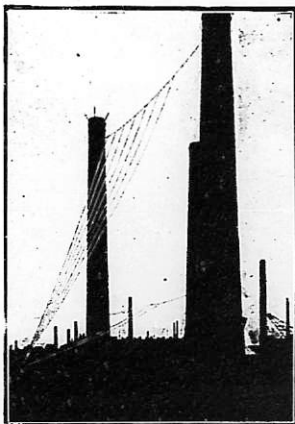
Em resumo, o principio fundamental é o mesmo em ambos os systemas de telephonia, com a differença apenas que, no telephono ordinario, a electricidade vae conduzida por fios e no novo systema a electricidade ondula sem obstaculos no espaço, obediente aos periodicos impulsos que vae recebendo do apparelho transmissor. Mas em ambos os casos ocorre o mysterioso phenomeno de que o "som" da voz humana se transmuda em "electricidade" durante o trajecto, e ao chegar ao

apparelho receptor volta a transmudar-se a "electricidade" no "som" primitivo. E' um erro suppor, como supõe toda gente, que, numa communicação telephonica o individuo ouve "directamente" o interlocutor, como se ambos estivessem falando nas extremidades de um longo tubo acustico. Não ha tal, porque, se assim fosse, não se poderia estabelecer a communicação a remotissimas distancias. E' que o som, transmudado em electricidade, não diminue de volume, não amortece nunca, e, ao contrario, chega incolu-me, com todas as suas inflexões e modulações, ao apparelho receptor, por mais distante que esteja este.

A ninguém, pessoalmente, se pode attribuir a invenção da telephonia sem fio. Muitos engenheiros collaboraram no invento. Disso resultou a diversidade de systemas, todos elles baseados no mesmo principio fundamental, embora diversos nos pormenores de reorganisação electrica, como corpos diferentes animados do mesmo espirito.

Sejam, porém, quaes forem os progressos do telephono sem fios e os aperfeçoamentos por que elle passar, o que é certo é que elle será sempre uma tortura para quem delle se utilisar, porque as telephonistas incumbidas de fazer a ligacão serão sempre censuradas pelos enganos, distracções e desidia.

Os assignantes da C. Telephonica que o digam.



Antenas exteriores da estação de ensaios de telegraphia hertziana, perto de Nauen



O operador, a bordo de um bote, dispõe-se a armar a antena do seu apparelho portatil de telegraphia sem fios.

A escola do cinema

O cinema tem tido uma influencia poderosa na moderna vida social. A cinemomania vem exercendo no animo das novas gerações uma verdadeira pressão annihiladora. Succede que no theatro, as paixões reaes da vida real são menos prejudiciaes pelo facto de ver-

outro lado, os films de fundo moral deverão exercer egual influencia. São, porém, tão raros ante a formidavel produção dos films de aventura, como ainda a divulgação aos quatro ventos destes, que dsapparecem os seus effectos.



Helen Wolcott, que além da formosura, possui notavel intelligencia. Seduz pelo espirito e pelas graças.



Eleonor Griith, typo de belleza severa. Apraz-se nos lances dramaticos.

mos os individuos forçando o temperamento para expressal-as, sem auxilio mecanico, sem certos trucos que são o complemento do cinema.

A moderna literatura tambem tem sofrido os rudes effectos do cinema.

A novella psychologica foi desbancada pela novella de aventuras, sem enredo passionnal. O artista de cinema é por isso, um artista á parte do mundo geral da arte: é mecanico. A preponderancia americana do cinema é maravilhosa, porém, forçoso é confessar que quem já viu uma vez os films de aventuras do Far-West ou de caçadas policiaes, não precisa ver mais nenhum no genero. Os mesmos saltos, os mesmos lances, o mesmo scenario, ás vezes as mesmas scenas, novamente se desenrolam aos olhos do espectador.

Demais, a alma humana tem um fundo de perversidade e escandalo; o cinema põe em evidencia esses sentimentos adorrecidos, aqua-os e dahi o nefasto estimulo para a mocidade que o frequenta, a qual, mais dia menos dia, pratica integralmente e de modo inconsciente o que assistiu. O ponto é encontrar o motivo e este se apresenta sempre sem ser espenado. Dir-se-á que por

A platêa do cinema já está inveterada e é preciso um trabalho de reconstituição geral para restaural-a. Essa reacção se ha de operar pelo proprio film, com tempo e demoradamente. Sobre o mau ensino do cinema vamos ver o que succedeu com duas senhoritas da melhor sociedade mexicana.

Chamam-se Cecilia Calderon Buenrostro e Marget Peza, esta neta do notavel poeta mexicano Juan de Dios Peza.

São duas loucas e formosas creaturas de 17 e 15 annos de idade, afeitadas ao cinema, que pensaram poder realizar a sua vida tal qual os lances que lhes desluzbraram os olhos.

Ambas sonhamam que o seu ideal tinha de passar no mundo como um film de aventuras policiaes, com todas as scenas emocionantes de fugas difficéis, a perseguição da policia, troca de roupas para serem desconhecidas, a sahida por uma janella alta, depois uma corrida, a escalada de um muro, acharem-se numa estação de estrada de ferro á hora da partida do trem; viajarem em cima dos vagões até um porto onde tomam um transatlantico para o desconhecido. Irem a esmo até encontrar, porque não?, o principe azul da fantasia. Isto é em synthese o ar-



Anna Nilsen, uma das mais brilhantes estrellas do Paramount. Muito graciosa e agíl nos papeis de lances perigosos.

REVISTA FEMININA

gumento: "Duas formosas jovens que quiseram conhecer o mundo". Sômente o seu sonho adorado, a branca illusão que teceram, a esperança côr de esmeralda que guardavam como um thesouro, foi truncado,

No dia seguinte ligou o telephone para Margot Peza, a sua amiga do coração.

— Allô! Quem fala?

— Margot, cara Cecilia.

— Vem jantar commigo, hoje, e depois iremos ao cinema.



Florencia Reed, uma das favoritas do povo americano. Tipo de elegancia.



Clajborne Foster, graciosa e de uma superior distincção.

— Sim, pode esperar-me.

O programma foi executado como ambas pensavam; dividiram os cinco mil pesos entre si, irrimamente. Envolveram cuidadosamente entre finos lenços de batiste de seda e papel fino para evitar o tilintar das moedas e sepultaram nas bolsas de mão.

Já não regressaram á casa nessa noite; seus paes inquietaram-se e dirigiram-se á policia. A principio supuzeram que Cecilia e Margot abandonaram o lar, seduzidas por amores donjuanescos. A policia se poz em campo.

Tiveram informações de que as duas pernottaram sós em certo hotel, e o deixaram: no dia seguinte almoçaram no restaurante tal e foram dormir no hotel tal. A perseguição policial se intensificou, e durante tres dias os policiaes não descansaram, tendo mudado de parada mais de vinte vezes.

Por uma manhã de neve, á cidade de Vera Cruz, ainda adormecida, viu-se chegar á estação ferrea de Buena Vista dois operarios, com uniformes de mecanicos, manchados de graxa e com os rostos meio cobertos. Os dois estranhos operarios compraram passagens para o porto de Vera Cruz, em carro de segunda classe; pagaram com moedas de ouro. Quando procuravam tomar o vagão, então cheio de

viajantes, dois individuos mal encarados e de bengalão na mão, puzeram-se a examinar os dois mecanicos. Depois, com cuidado, aproximaram-se dos mecanicos

arrancado pelas mãos implacaveis dos agentes de policia.

Tantas sensações passadas, tantas corridas em desfilada para evitar os perseguidores, tantas palpitações no coração, e o esforço que tiveram de fazer por conter os seus frageis nervos nas violentas emoções, desde o dia em que fugiram da casa de seus paes, até cahir nas mãos brutaeas da policia.

Eram ambas formosas; morenas, olhos negros e grandes, talhe esbeto, pés pequeninos e breves; todas duas muito conhecidas da sociedade. Conheciam o amor através do platonismo de uma perfumada carta côr de rosa; viveram em paraísos de illusão e que tentaram converter seus sonhos em realidade. Para executar tudo isso era preciso dinheiro; pois bem, conseguiram a necessaria somma e emprehenderam a aventura cinematografica.

Cecilia Calderon Buenrostro aproveitou-se de uma hora de silencio; e, animosa, calçando seus mimosos pés com ricas sandalias foi, pé ante pé, para evitar barulho, até o cofre do papae. Não vacillou ante a porta de ferro da "burra"; abriu-a com a mão firme e apoderou-se de 5.000 pesos em reluzentas moedas de ouro e levou-as a esconder sob o seu macio traveseiro de paina de sua caminha de virgem sonhadora.



Catharina Wyley, typo de belleza.

e disseram-lhe bondosamente ao ouvido: — Senhoritas, não façam escândalo, nem opponham resistencia. Temos ordem de prendel-as. Somo, da policia.

Eram as duas aventureiras meninas, que, interrompidas na aventura intentada, eram forçadas a tornar ao lar paterno.

E assim voltaram ao conchego da familia, no qual ambas disseram que, impressionadas com o que viam no cinema, procuraram realisar-o praticamente na vida real.

Porém, o sonho de sua louca aventura desvaneceu-se por completo nas mãos de uns rudes e prosaicos policias, que aprisionaram entre seus dedos a lenda dourada do Principe Azul.

Adeus, brancas illusões de correr o mundo sózinhos nas azas do ideal novellesco! Adeus, esperanças cor de esmeralda que se perdiam.

Cecilia e Margot não mais pensam em sonhos, porque cedo lhes vieram as decepções policiaes.

A influencia do cinematographo é enorme, é muito maior do que se pensa.

O cinematographo é, por menos que se cuide, a mais importante das invenções, porque tem a propriedade de uniformisar o modo de sentir de todos os povos do globo. A razão disso é facil explicar. Obtidas as pelliculas, ellas, quasi que ao mesmo tempo, são exhibidas em todo o mundo. Os povos de outras raças, de raças oppostas, habitando-se a vel-as, acabam por adquirir o modo de sentir da raça onde ellas tiveram origem. Quer isto dizer que daqui a menos de meio seculo todos os povos do globo, o budhista de Bombay, o shintoista do archipelago nipponico, o javanez, o chinez, o egyptio, o fellah, o copta, o beduino, todos emfim, seja qual for a sua religião, a sua pigmentação, as suas superstições, a sua mentalidade, todos sentirão da mesma forma como sentem os americanos do norte e terão a sua sensibilidade afinada pela delles.

Quando todos os povos se uniformisarem desse geito, quanto ao modo de sentir, de agir, de pensar, de ter paixões, os povos do globo não sentirão mais, como hoje sentem, as immensas barreiras que os dividem de

outros povos, creando-lhes, quasi sempre, absolutas incompatibilidades.

Advertim nisto os leitores e digam se uma invenção que tem esse poder de unificar todos os povos pelo mesmo sentimento, é ou não é a maior das invenções do engenho humano.

Dada e sua importancia, é facil de crer que o cinematographo tanto póde ser uma escola de corrupção, como a mais efficaz das escolas de moral.

Pena é que, por emquanto ao menos, por motivos commerciaes, o cinema prefira explorar assumptos novellescos e de exhibições de mudez.

Dissemos por emquanto, porque fatalmente esse estado de coisas terá de passar, graças a censura cinematographica que se vem fazendo, de uns tempos a esta parte, nos Estados Unidos, com o mais louvavel dos rigores. O rigor que lá exercem será a inda maior de futuro; e se a esse rigor se juntar a censura do governo dos outros povos que importam as pelliculas, então a moralidade, que é a escola futura do cinema, acabará por ser a preferida por todas as pessoas que frequentam as casas de exhibição.

De resto, não se trata apenas de moral.

Se essa invenção fosse destinada exclusivamente a propaganda da moralidade, é certo que es-

taria condemnada ao fracasso. O grosso publico, que é quem garante o successo e, portanto, os enormes lucros commerciaes dessas casas de espectáculo, só se sente atrahido para ellas quando a acção das fitas faiz de perto ás suas baixas paixões e aos seus baixos instinctos. Os roubos geniaes, os assassinatos, os dramas de adulterio, as scenas violentas são as unicas pelas quaes se interessa o publico. Verdade é que, no interesse da moral, os fabricantes de fitas podiam attenuar essas violencias; e neste caso o film perdia grande parte do seu interesse e nem porisso a sua acção nociva deixaria de se fazer sentir no animo dos espectadores.

O cinematographo do futuro destinar-se-á á vulgarisação da sciencia.



Rutilante constellação de "Reahart". Da esquerda para a direita: Mary Mac Avoy, Mary Minter, Alice Brady, Constance Binney e Bebé Daniels. Reparem as leitoras na graça desses penteados.

OS MONGES...

Por Apleocina do Carmo



Lá vão os monges, tristes, andando;
Lá vão curvados, em contrição.
Parecem aves de negro bando
A sussurrarem com devoção...

Lá vão passando sob a columna,
Do monasterio soturno e triste...
Ai pobres sêres, tão sem fortuna...
Nesse mosteiro ventura existe?

E vão entrando pelo convento...
E que silencio tão mysterioso...
E lá por fóra gemendo o vento.
Fala num choro tão doloroso!...

Tristonho, o vento geme agoureiro...
Porque lá dentro vive encerrado
Um jovem monge, nesse mosteiro,
Pária da vida, por ter amado...

Ouvem-se passos nos corredores...
E o vento geme na desventura...
São esqueletos que entre rumores,
Estalam ossos nessa clausura...

Os monges todos vão a rezar...
E o vento geme, no seu gemido
Passam as sombras, a meditar,
Na alma do claustro, buscando o olvido...

Ouvem-se passos nos corredores...
E o vento foge pela espessura...
E elles, calados e scismadores,
Lá vão: — espectros da desventura...

S. Paulo, 1921. Primavera.

(Do livro: *Mysterios do Silencio*).

TRISTE CONFIDENCIA

Junho. Noite fria. A neblina augmenta; humedece as calçadas, negrejas as casas e embaça as luzes, formando-lhes á roda um hallo denso e opaco.

Fecham-se os theatros. Os bondes raream. Um ou outro transeunte pelas ruas.

No Centro, num restaurante aberto, de salão profundo, em que se destacavam, sob a profusão das lampadas electricas, as toalhas brancas das mesas desoccupadas, dois retardatarios, após a ceia, palestravam socegradamente, entre goles de whisky e baforadas de fumo:

— O que deves admirar, Octavio, é a fidelidade de minha noiva. Por mais que as nossas familias se oppuzessem, foi ella sempre a mesma, em quatro annos consecutivos. Venceu tudo! Creio que é a unica na especie.

— As mulheres, Jorge, são tidas como inconsistentes... Injustiça. Os homens são mais. Eu, por mim, acredito que a tua noiva não é excepção...

— Como assim? Porque?

Calaram-se os dois amigos. Um, de vinte e poucos annos, elegante, refreava a satisfação dos seus modos na curiosidade da interrogação;

o outro, já na casa dos quarenta, todo de preto, fronte intelligente, quedava-se pensativo, com traços de melancolia nos gestos comedidos.

Jorge insistiu:

— Porque dizes isso?

— Bebamos mais um pouco... Deixa cá essa garrafa!... virou-se Octavio para o garçon. Depois, com um vinco na bocca, pretendeu pilheriar:

— Bebidas fortes afogam lembranças tristes. Contanto que não asphyxiem...

— E's um homem enigmatico, Octavio. Nunca te vi falar da mocidade. Creio que não amaste... Esse mysterio, toda a tristeza que te nóto, não pode ser obra das mulheres. Bem se percebe que as não conheces.

— Quem sabe?... Sou pouco dado a confidencias. Não revivo o passado por questão de habito; pouco adianta e sempre aborrece. Quando não traz maguas, vem as saudades; e no fim, tudo é o mesmo...

— Se te desgosta, deixemol-o então...

— Somos amigos... O whisky enternece-me, e a tua pergunta exige resposta franca. Vou provar-te que não só conheço as mulheres, como tambem a paixão geral dos homens.



Após a ceia, palestravam socegradamente.

É Octavio, virando de vez o copo, começou pausadamente uma dessas historias vulgares: Dois amigos estudantes, um de medicina, outro de direito, moravam juntos em uma pensão. Ambos de largo futuro ante os olhos. No decorrer dos mezes, vividos em festas e passeios, o de medicina — Romualdo, começou a modificar-se, a apurar melhor o vestuario, sempre de sahidas incompreensíveis, pouco apparecendo em casa. Foi-se tornando preocupado, arredio e nervoso. O companheiro enxergou logo uma conquista ou uma paixão; e a proposito dos exames, chegaram á f a l a. Discutiram; aquillo não estava direito, ao menos agora, em vespereas de provas, que se estudasse! Que figura fariam, ignorantes como estava m?! Romualdo abriu-se e contou-lhe o seu desespero. Soffria muito: amava e tinha medo de perdê-la. O unico remedio era pedir a moça em casamento. Não havia quem a conhecesse e a não adorasse, pois era a mais bonita e perfeita da cidade. Chamava-se Dulce...

Debalde o amigo mostrou-lhe os inconvenientes de tão prematuro enlace. Tudo inutil. O coração vencerá. Romualdo pediu-lhe a mão. Passados mezes, um golpe veio pôr á prova esse desesperado amor. Dulce, em vespereas do casamento cahiu doente. Dizem que tanto se narcisára num banho morno, que um golpe de ar a feriu. Foi dalli para a cama, e ao ser salva da morte, tornou-se paralytica das pernas.

Romualdo andava quasi doido. Escabellado, nervoso, corria todos os consultorios, definhando a olhos vistos. Tanto assim a amava!... Quando

viu, porém, que a medicina não tirava a sua noiva daquella horrivel cadeira de rodas, teve um gesto brusco, uma risada cynica, e fugiu para a Europa.

Octavio calou-se. Fechara-se a sua physionomia. As ultimas palavras sahiram-lhe apressadas, enquanto gottas de suor lhe appareciam, tremulas, na larga fronte. Bebeu mais um copo e a custo sentenciou:

— Conheço os homens; é um caso commum da sua constancia...

— Pobre Dulce! morreu? perguntou-lhe Jorge.

— Não! Passados alguns annos, Romualdo, certa vez, numa carta de Pariz, indagou-lhe do fim da desventurada noiva. Não jul gava que o companheiro, relacionando-se com a familia, lhe frequentasse assiduamente a casa. Dulce era outra. Sua belleza de s a b r o c h á r a. Aquella sympathia crescerá com o sacrificio da paralytia. F. nessas visitas foi o estudante avaliando de sua alma na angeltude da resignação. Quando estava para terminar o curso juridico, descobriu-se apaixonado; e preferiu, aos triumphos de um futuro

ruidoso, a felicidade conjugal. Foi um assombro. Casou-se com a paralytica.

E Octavio, enxugando a fronte, concluiu:

— Ninguem se lembra que o amor é isso: a identificação consciente de uma alma com outra, e não o desespero, tão commum, de Romualdo...

E depois de um breve recolhimento, com um suspiro:

— Como vês, meu caro Jorge, conheço alguma coisa do amor...



Depois do banho, um golpe de ar a feriu.

— Foram felizes?

— Sim. Construíram o seu ninho de amor num recanto da bahia. E alli, escondidos de olhos profanos, parece que os céos bemdisseram essa ternura sincera. A brisa marítima, os ares saudáveis e os cuidados do marido, refloriam, a olhos vistos, aquelle organismo alterado. E a esperança da cura brotou para os amantes como justa recompensa. A sensibilidade voltava, os movimentos reflexos coordenavam-se, e os nervos iam cedendo ao influxo da vontade. E Dulce ria, com os olhos rebrilhantes de prazer, e o marido sorria na concentração religiosa de quem vê uma aparição celeste premiar a ardencia da fé inquebrantável. E os sonhos de futuro eram o perenne canto daquelles corações. Ella, com pouco mais, poderia passear as alamedas ensombreadas do parque. Com pouco mais estaria salva, trazida victoriosamente á vida pelo esforço desse amor e dessa ternura. E o seu talhe esbelto dominaria de novo, na olympica magestade da sua belleza resuscitada.

— Sim. A esperança da cura brotou, como justa recompensa. Os movimentos de Dulce ameaça-

vam reaparecer. Mas, quando nessa espectativa soffrega, surgiu estrepitosamente junto delles, sem um aviso, Romualdo em pessoa, desembarcado havia pouco. O choque foi terrivel. Dulce cahiu doente, e a sciencia medica não lhe decifrou a molestia. Morreu logo depois.

Octavio, levantando, murmurou desalentado.

— Talvez não resistisse á vergonha de ter sido noiva de uma alma como a de Romualdo. Conheço as mulheres...

— E o marido? perguntou-lhe Jorge, emocionado.

— Estão fechando as portas. Vamo-nos. Suspende a golla para não te constipares...

— Isso é phantasia!... Onde existir esse marido extraordinario, verdadeiro heróe do amor?! Impossivel! Não creio.

Octavio, voltando-se bruscamente, agarrou a garrafa de whisky, ainda em meio, e ao emborcal-a de vez:

— Não é heróe, é um infeliz. Sou eu.

Amando Caiuby.



A medicina não tirava a sua noiva daquella horrivel cadeira de rodas.

A moda e a arvore de Natal



A arvore de Natal, além da encantadora tradição que encerra e do sentimento religioso que invoca, é um pretexto para a alegria ruidosa das crianças, que se maravilham na contemplação das suas lanterninhas coloridas, dos seus adornos variados e dos bonbons que pendem dos seus galhos, tentadores e apetitosos. Para a mamã que prepara a

abaixo da saia. O menino leva um costume de velludo azul saphyra guarnecido de plissés de crepe da China, branco. O largo cinto frouxo com laço ao lado é igualmente em crepe da China, branco. O menino que, num salto, estende os braços para cima, como a querer alcançar um bonbon que está pendente, leva um costume de duvetine com cinto de franja de setim preto. O effeito é o que ha de mais gracioso. No trio seguinte, que está á direita da escada, a maior leva um vestido

de drap guarnecido de bordado de lã azul faiança; o pequerrucho, uma camisinha de velludo de algodão, cõr de chocolate, bordado de galões; e a menina, um costume de velludo, muito curto; as mangas largas e curtas são guarnecidas de "Nenettes" de seda do mesmo tom; os botões são de seda do mesmo tom e da mesma fazenda.

A meninota, que está carregada de brinquedos, veste-se de sarja azul marinho guarnecido de cachemira azul "roy", formando um cinto frouxo com pontas cahidas.



arvore, isso constitue tambem uma agradável diversão, um raro entretenimento.

Em baixo da gravura vê-se um grupo de nove crianças, todas ellas com roupinhas bem características e variadas. Todos esses modelos são lindos, a despeito da sua extraordinaria simplicidade. O grupo da esquerda mostra uma menina vestida em crepe Georgette rosa guarnecida de fitas de "faillie" azul nattier formando suspensorios e cahindo em laço frouxo até

O pequeno que está sentado na almofada veste uma roupinha de tulle sobre um transparente de taffetà.

Se a arvore de Natal é dedicada ás creanças, é preciso que estas se apresentem com o maximo de elegancia, para que, desta fórma, a alegria delles seja mais completa. Os modelos desta pagina são, como se vê, muito interessantes.

O FEMINISMO NO JAPÃO



Damas que formam o comitê feminino
"Progresso"

O Japão, ou, antes, o Nippon, como que-rem os geographos modernos que se diga, tem passado por tantas transformações de meio século para cá, que é de receiar que



Uma escola de contabilidade mer-
cantil para moças

os povos que se cuidam os mais adeantados sejam forçados a ceder-lhe o passo nessa marcha que elle vem fazendo de progresso em progresso, em todos os ramos da actividade, na arte, nas industrias, na sciencia, na guerra.

A mulher, no Japão, como em todo o Oriente, não passava de uma escrava. Ainda ha poucos annos as recém-casadas nipponicas recebiam de seu marido, no dia das bodas, o "Onna Daigaku" (o maior ensino para as mulheres), um livro archaico, antiquissimo, escripto pelo moralista Kaibara Ekkin, segundo os preceitos de Confucio. A maxima fundamental deste livro, que é ainda lido e meditado por todas as desposadas do Im-



Uma manifestação feminina

perio, excepto nas altas classes e das cidades mais importantes, é a seguinte: "Obedece ao teu marido, como se elle fora o teu senhor. Serve-lhe com avoção e

com reverencia, sem nunca o menosprezar e sem nunca pensar mal delle".

Desde que o feminismo se introduziu no Imperio, as japonezas cultas começaram a desdenhar o horrendo livro "Onna Daigaku", e as suas não menos horrendas lições. O reformador Fukuzawa, a quem se deve o seu extraordinario desenvolvimento, escreveu um livro, o "Shin Onna Daigaku" (O novo ensino para as mulheres), no qual, em boa hora, proclama a igualdade juridica e intellectual dos dois sexos e aconselha as suas

apenas sente mas até exteriorisa a mais absoluta incredulidade religiosa.

Nas classes cultas do archipelago nipponico, o feminismo se adeontou a tal ponto e de uma forma tão surpreendente, que os suicidios entre as jovens chegam a preoccupar seriamente os governantes. Para cada "duas" francezas que attentam contra a vida, ha "oito" ou "dez" japonezas que o fazem... efficacmente.

O governo japonéz, assombrado ante tal estado de coisas, recorreu a um remedio, que não sabemos se será bastante eficaz: Solicitou ás nações europeas que enviem ao Japão missionarios catholicos em grande numero, incumbindo-se o Mikado de proteger com gordas subvenções as casas religiosas que alli existam.

As 1.500 alumnas da universidade de Tokio receberam esta idea com troças e sarcasmos. Por que é preciso convir que as mulheres, quando se tornam livres-pensadoras e negadoras da fé, chegam a um grau de radicalismo a que nunca chegam os homens.

O certo é que o Japão, o tradicional Japão dos ferozes guerreiros e dos poe-



Uma activa propagandista em funções.

adeptas a que rompam as cadeias com que os homens tradicionalmente as prenderam e com as quaes as trazem escravizadas.

Graças a Fukuzawa e a alguns discipulos entusiastas, o feminismo japonéz conseguiu triumphos que ainda não foram alcançados na velha Europa nem na joven America. Ha no Imperio do Sol Nascente varias universidades para mulheres, e só a de Tokio é frequentada por 1.500 alumnas.



Em caminho do club feminino Kultur, de que essa japonezinha faz parte



Assemblea de sufragistas japonezas.

A ingenua japoneza de outrora, educada no lar, fiel ás praticas religiosas, e tão humilde, que devia obediencia não sómente a seus paes e a seu marido, senão, o é peor, á sua propria sogra, succedeu a japoneza de hoje, que nos dezeseis annos discorre sobre os diversos systemas philosophicos, fala de literatura, de questões scientificas e artisticas; que obedece ou não aos seus paes, segundo o seu criterio; que discute com seu marido, que se declara independente e livre, e que não

tas chrysanthemos, está em via de perder esse axotismo suggestivo e encantador, esse attraente mysterio que lhe dava um encanto sem par. As gentilissimas e delicadissimas "musmés" se transformam paulatinamente em bellicosas sufragistas; sua submissão proverbial se mudou em aggressão violenta, em combatividade constante contra o sexo feio — e bem feio, tratando-se de nippões — com grande perigo para a autoridade, até ha pouco tempo absoluta, deste.

Ganhará o Japão com esta transformação dos seus costumes seculares, do seu apparatus immutavel tradicionalismo?

Não o sabemos, mas podemos assegurar que o edificio da tradição oriental ameaça cair, arrastando em sua queda uma fonte que foi de inspiração para muitos escriptores e um sitio encantador de peregrinação para muitos viajantes. O Japão modernizou-se. As mulheres nipponicas se transformam em sufragistas. Morre, para sempre, a poesia oriental.



Uma revista de sport franceza que temos sob os olhos, começa o seu artigo sobre o tennis com estas perguntas: "Existe-t'il un jeu plus répandu que le jeu de tennis? Peut-on citer un endroit du monde ou il n'existe?"

Quem, no Brasil, toma ao serio as coisas sportivas, não pode deixar de sentir-se sensibilizado ao ter de responder á segunda daquellas perguntas. Porque ao chronista francez que pergunta si ha, por acaso, no mundo um logar onde não exista o jogo de tennis, terá de responder que, afóra S. Paulo e algumas das suas cidades adiantadas do interior, esse jogo não só não se cultiva como, o que é para admirar, não é nem sequer conhecido. Isso dá bem a medida do atraso do nosso paiz. Em todos os paizes de grande civilização, principalmente os paizes anglo-saxonicos, que estão na vanguarda, todos os sports hygienicos são cultivados com calor e enthusiasmo.

Verdade é que no Brasil, sobretudo em S. Paulo, o football está grandemente vulgarizado. Isso é alguma coisa, mas

não é tudo. Não basta que haja sports para homens; é preciso que os haja igualmente para as mulheres. Demais, o football, entre nós, só é praticado pelos moços na sua primeira mocidade, dos quinze aos vinte e cinco annos. O nosso patrio, dessa idade em deante começa a desinteressar-se da cultura physica, da conservação da saude, das bellas alegrias ao ar livre. Essa renuncia é injustificavel. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, os jogos que se praticam em conjuncto, como o football, o rowing, a natação e outros, são organizados de accôrdo com a idade dos jogadores.

Vêm-se lá matches onde todos os jogadores já passaram de cincoenta annos. E elles mostram-se tão ageis, patenteiam tanta resistencia, tanta flexibilidade de musculos e tanta presteza de movimentos, que, quem os observa á distancia, com os seus rostos escanhoados e suas gorras a esconder-lhes os cabelos grisalhos, não dirão que são homens velhos, senão graciosos adolescentes. E' que, na verdade, elles são velhos pela idade apenas, mas continuam jovens pela dextreza physica e pelas alegrias sãs e puras do espirito.

Dentre os nossos patrios, qual aquelle que,



Uma "estrella" cinematographica, que é temivel competidora de tennis



Um momento de espera depois do golpe.

depois dos cincoenta annos, rompendo com os preconceitos odiosos de que vive cercado, se arriscaria a fazer parte de um match publico? Quem se arriscasse a isso, seria vaiado ou, pelo menos, perderia toda consideração social e seria considerado como um individuo frivolo, sem compostura e sem nem distincção. Tal é a nossa raça, tal é o modo de sentir geral. O homem de meia idade só pode cultivar o sport da carranca e adoptar as attitudes que convêm á decrepitude. A alegria de viver, a saude, as honestas e higienicas preoccupações sportivas são o apanagio da primeira mocidade.

Se o preconceito, a rotina, o capirismo emfim, escravisa desta maneira o homem, essa escravidão ainda é maior quando se trata das mulheres. Mesmo em São Paulo, poucas são as senhoras casadas que praticam o tennis, a natação e o rowing e essas mesmas são, em sua maior parte, estrangeiras e não se abalançam a tomar parte nas provas publicas, reservadas sómente ás moças solteiras.

O tennis é um jogo encantador.

Todos aquelles ou todas aquellas que assistem a uma partida, terão notado certamente a alegria dos jogadores e das jogadoras. Uma especie de embriaguez dyonisiaca se manifesta em seus movimentos rapidos e precisos, um jubilo indescriptivel emana dos seus olhos que seguem a bola a voar

de um ponto a outro do "court".

Sentir-se a pessoa uma rival digna de temor, comprehender que contra a sua vontade ha uma vontade em riste, que attentos aos movimentos ha uns olhos agudos que os fiscalisam, que contra as suas malicias ha outras malicias e manhas que se improvisam, empregar todos os recursos da sua agilidade e da sua intelligencia e achar-se ao mesmo tempo em todos os lugares, ora aqui, ora alli, conforme o capricho da bola, destruir, por meio de um golpe feliz, todas as previsões do seu adversario pelas manobras



Um "snash"

inesperadas, são alegrias de um raro e alto valor que nenhum sport oferece com a mesma precipitação, que nenhum multiplica tanto em um lapso de tempo determinado.

O tennis é um verdadeiro box. Encontram-se nelle todos os rigores da "nobre arte"; desenvolvem-se as mesmas qualidades de improvisação.

As moças que se dedicam a esse sport e que o cultivam habitualmente, têm sempre no andar, nos gestos e nas attitudes um desgarre, uma desenvoltura, uma elegancia que surpreendem. Em nossa capital ha clubs femininos de tennis. Todas as moças deviam cultivar esse jogo.



O joven Gustavo Carvalho, paulista, estudante em Ithaca, que é um bravo jogador de tennis.



Uma flexão obrigada



Rebatendo



Um raio de sol incommodo

Impressões de uma veranista

As creanças

Podíamos chamar a esta cidade lindíssima a cidade das creanças. Surprehendemo-las todas as manhãs, em numero incontável, a brincar na praia, a construir com a areia castellos, barginhos e ilhotas; encontramol-as, ao cair da tarde, enchendo de encanto e do alvoroço dos seus risos e vizinhas alegres os jardins floriscidos.

Verdade é que para que fosse perfeitamente agradável o conjunto da praia encantadora, esta não podia prescindir do elemento infantil; e foi por isso talvez que os regedores, não se conformando unicamente com a praia aformosçada pela natureza, distribuíram profusamente, por passiosos e praças, massiços de plantas e flores. Por essas praças e passiosos, os bebés, como bandos de passaros inquietos, de borboletas multicores ou de roas, indo e vindo em suas correrias incessantes, unem-se e formam grupos de um encanto singular. Não podemos dizer que haja um em que a graça minguie; tão bella é a mor-ninha de olhos negros de azeitão, como a menina de cabellos de ouro; tão perfeitamente vestida nos parece aancilla que leva o seu amplo chapéo enfeitado de margaridas e de papoulas, como aquella outra que vemos passar com seu modesto gorriño de tule e flores rocoed. O todo marinho curubescou estas carnes; o sol poz em



S. Sebastião, Hespanha. O monte Iguelho.

todos estes rostinhos a tinta da rosa, e a innocencia fez desbrochar em seus labios a flor de um sorriso, esse sorriso adoravel que deixa ver os dentinhos meudos e abre covinhas em suas faces.

Quindo as concernas das creanças, descobrimos as suas inclinações; mostram-se-nos altivas ou humildes, medrasas ou decididas, amigas de mandar ou de ser mandadas... Nessas almazinhas que nascem para a vida, n'atés espiritos que recebem apenas a influencia da mãe ou da institutriz, assoma breve, mas firme, um rasgo, uma luz, que nos indica o fundamento, a base de um caracter que pôde ser fonte de ventura ou de dor...

A distancia, escondidas entre as sounos de verdura, parecem mais outras flores nestes jardins, formosas, como se houvessem sido arrancadas da paleta de um pintor.

Flors e creanças... Sobre vós deposita a mulher os beijos da sua louca alegria, como tambem sobre vossas cabeças e sobre vossas corolas caem ás vezes lagrimas de dôr amarga.

Em certas ocasiões, este grupo de bebés interrompe por instantes os seus brinco. E' que alguma coisa lhes prendeu a attenção. Em primeiro lugar é a orchestra do Grande Casino, que interpreta admiravelmente as valsas de Copelia. Os bebés intentam acompanhar o rythmo; os maiores



S. Sebastião, Hespanha. Hotel de Londres e um trecho da praia formosissima.

escutam, embuchidos. Depois são atrahidos pelo vôo de um acroplano. As meninas, ao pensar nos perigos da aviação, estremem com medrosas. Um pequenote de olhos negros, muito lindo, segue attento o vôo, e diz ás suas amiguinhas:

— Eu quizera ser passuro... E seu olhar sonhador acompanha o aparelho, que se perde no azul.

Estamos em Alderdi-Ed-r. Morre a tarde. O sol, preguizoso, parece que não quer deixar-nos. Os seus ultimos raios ainda dão brilho aos cavallos do monumento da rainha-mãe, beijo as flores e põe ninhos de luz nas cabezinhas infantis.

Est: pequeno mundo, da innocencia, da graça, da belleza, da sinceridade e da ingenidade, ao mover o dia retira-se com sua corte de institutrices e de crecadas. Vejo-se ir-se embora, com pena. Eu amo-os como uma esperanza, como uma promessa, como algo risonho que vem á vida para faz-la amavel. Alli vão os sabios, os heróis, os poetas... Essas meninas lindas como um poema, serão mães amorosas, damas caritativas, talvez chamadas a compartilhar com o homem o governo dos povos...

Contempro-os, simples, innocentes, que não sabem pensar nem no vicio nem na dôr.

As luzes artificiaes da bahia accendem-se, e o pharol de Santa Clara, com suas oscillações, parece que coincide com nossos sentimentos e que são um raio de tenuissima illusão...

De nossa correspondente em Hespanha,

CONCEPCIÓN HERNÁNDEZ DE ROCA.

S. Sebastião, Agosto, 1921.



S. Sebastião. Monumento do centenario 1813 a 1913 e o Grande Casino.

Os bonecos de feltro

SUA INVENTORA MARGARIDA STEIFF

Nada mais desgracioso, mais semsaborão que as bonecas que se usavam antigamente, de cera ou de massa de papelão, inexpressivas, de olhos arregalados, de bochechas inchadas e de cabellos arripados de fibra. Entretanto, as meninas de antanho, que são

encanto da infancia, tornam-se objecto de uma tão séria, tão nobre occupação artistica.

Os typos criados por essa industria são de uma variedade infinita.

Os homens e os animaes, os calungas e as aves, tudo emfim

provavelmente as mães das nossas jovens leitoras, divertiam-se muito com aquellas bonecas, vestiam-

tem tal expressão, que prende os olhos de prompto e provoca o riso.

nas á moda do seu tempo e traziam-nas ao regaço com o mesmo carinho com que mais tarde afagavam os seus filhinhos. As mais preciosas eram as que fechavam os olhos ou aquellas que tinham, dissimuladas na barriga, um botão, que, apertado, as fazia pronunciar "mamã". E' certo que as bonecas não diziam essa doce palavra, mas as meninas, com o esforço da sua imaginação, acreditavam que sim. O que vale nas crianças é a imaginação. Mais tarde vieram as bonecas de feltro, de expressão caricatural, mas de expressão vivissima. As meninas, como é de ver, adopta-

ram-nas logo com enthusiasmo, preferindo-as ás primeiras, que eram muito inexpressivas e semsaboronas. As de feltro tiveram então a sua voga, que se estendeu por todo o mundo e que só agora começam a ser desbañcadas pelas bonecas de celluloides, de olhos maliciosos e de graça ainda mais vivaz.

E quem contempla essas bonecas de feltro, que se vêm nos mostruários das lojas de brinquedos, essas admiráveis caricaturas de trapo, ha de pensar como poudesse industria, que não tem outro fim senão distrahir as crianças e fazer o

Os bonecos chamaram logo a attenção de todos.

Muitos exemplares eram apontados como verdadeiras obras-primas.

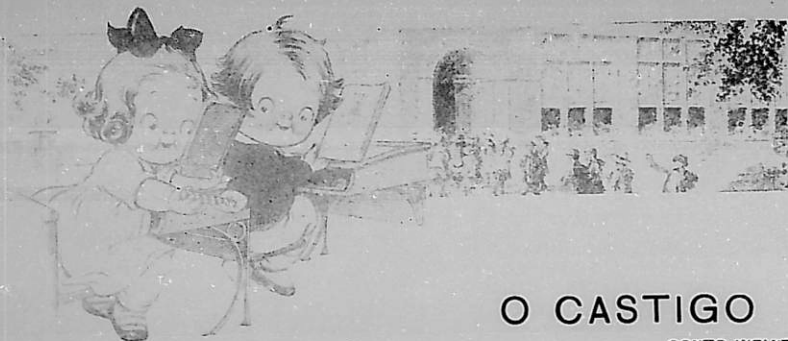
Deante desta acceitação, foi creada essa industria, que teve como origem, como se sabe, o carinhoso amor que Margarida Steiff dedicava ás crianças.

E esse amor fel-a rica e grangeou-lhe a grande reputação de artista, de que é me-

recedora. Creou-se então uma industria e ella foi convidada a dirigir as officinas, tendo ao seu serviço centenas de operarios. Essa arte, apesar de industrializada, nada perdeu da sua graça.

Margarida Steiff é uma benemerita.

Margarida Steiff



O CASTIGO

CONTO INFANTIL

Com a idade de nove annos, frequentava eu a escola publica do Arraial.

A mestra, uma senhora já idosa, era considerada como uma das melhores professoras daquella epoca. E realmente o era, porque se não conseguia que o alumno aprendesse por meios carinhosos, obtinha-o applicando serios castigos. Tinha sempre junto de si, além de uma tremenda férula, duas enormes orelhas de burro, feitas de papelão, que collocava sobre a cabeça da insubordinada, deixando-a em pé á porta da rua. Era este o maior castigo e que nos fazia tremer de horror.

A mestra, não sei se por laços de amizade que a ligava á minha familia, apesar de não ser eu das alumnas de melhor comportamento, dispensava-me todas as attenções, poupando-me assim dos castigos que frequentemente applicava ás outras.

Um dia, porém, que tivera sérias contrariedades, tendo-se retirado por alguns momentos da classe, voltou precipitadamente á sala, encontrando-me a collar uma trança de papel á cabeça da humilde Alzirinha. Não se fez esperar a sua colera.

Saltou sobre o meu debil corpo e, depois de me haver applicado varios safanões, collocou sobre a minha cabeça as temiveis orelhas de burro.

Revoltei-me energeticamente contra essa punição, porém, todos os esforços foram inuteis e tive de sujeitar-me á critica dos

alumnos de outras escolas que por alli passavam.

Estive todo o dia a chorar; e, ao ser dispensada do castigo, reuni todos os meus objectos escolares, prometendo jamais voltar áquella sala de supplicios.

Ao chegar á casa, meu pae correu ao meu encontro. Já me dispunha a lhe confessar a minha resolução, quando elle, envolvendo-me num affectuoso abraço, disse-me:

— “E’s a filha do meu coração, porque me obedeces frequentando a escola. Tua irmã Izaura acaba de dirigir-me uma carta na qual narra que, tendo desobedecido á professora, foi expulsa do collegio, e espera-me para trazel-a. Tu, obediente e bondosa como és, nunca me darás esse desgosto, não é assim?”

Não pude responder a essa pergunta, porque o pranto me embargou a voz. Tive nesse momento vergonha do mau pensamento que havia surgido em mim, e enlaçando meu pae pelo pescoço, fiz-lhe comprehender que seu desejo seria satisfeito.

Resolvi, pois, voltar á escola; e, a partir desse dia, tornei-me a alumna de melhor comportamento e applicação da aula.

Bemdigo essa falta que commetti e que me fez abrir os olhos á luz da instrucção.

Villa de Botelhos, 7 de Outubro de 1921.

Airam.



As arvores de Natal

Conheço uma criança, um sêrzinho adorável de cinco annos, de cabellinhos cortados á bebê, olhos vivos e dentinhos muito miudos e brilhantes. Essa menina, que se chama Edith, é para mim a creaturinha mais interessante do mundo. A razão disso é simples, é porque é minha filha. Ella faz annos a 25 de Dezembro, coincidindo pois o seu anniversario com a festa do Natal de Jesus. Essa coincidência me é grandemente agradável. Pobre como sou, ser-me-ia penoso realizar duas festas no anno, para commemorar o natal de minha filhinha e o Natal do filho da Virgem.

Edith, no decurso do anno, pergunta-me de vez em quando:

— E quando é Natal?

Eu faço o calculo e digo, por exemplo:

— Faltam dois meses.

A criança olha-me com seus olhinhos muito arregalados e pergunta-me:

— Dois meses é muita coisa, mamãe?

Trato de explicar-lhe como posso.

— Não é muito. São alguns dias apenas. Mas não pense nisso, pense noutras coisas. Desde que você consiga distrahir-se dessa espera, o Natal chega sem você dar por isso.

— E como vai ser a festa? Como a do anno passado? Haverá bastante bombons de chocolate na árvore e lanterninhas de cor?

— Haverá tudo isso e muito mais coisas: frutas, variedades de doces, bonequinhas, brinquedos... Verás. Uma lindesza.

Edith bate palmas de contente.

Assim, pois, faço a felicidade de minha filha, provocando-lhe a imaginaçãosinha de lindas promessas que cumprio, e, o que mais é, além da sua expectativa.

E' que é muito facil agradar a uma criança e fazel-a feliz. Não é preciso dispor de grandes quan-

tias para festejar o Natal. Se a leitora é pobre como eu, guie-se pelo meu processo, que se resume em pouca coisa. Para commemorar a data christã, faz-se necessario, em primeiro lugar, uma linda roupinha para o filho. Isso accarreta uma despeza, sem duvida. Pois, para mim, nem isso accarreta despeza, senão economia. Procedo da fórma seguinte: no decurso do anno, a minha filha precisa de uma "toilette" completa para passeio ou visita. Eu não lh'a dou. A quantia destinada a esses gastos, reservo-a para o Natal, e obrigo-a carinhosamente a contentar-se com os vestidinhos velhos, que vou concertando, afeiçãoando ás modas novas e enfeitando de modo a não chocar muito o seu gosto. A estrêa do vestido, annunciada para 25 de Dezembro, enche-a de uma immensa satisfação. Resta a arvore, pela qual aneiam todas as creanças. Ora, um pinheiro novo, ou antes, um galho de pinheiro não é coisa que se arranje difficilmente. Alguns kilos de bombons de todas as variedades, uns brinquedinhos toscos, uns doces feitos em casa e cobertos com papel de seda, umas lanterninhas de papel confeccionadas pela propria mãe e pouco mais constituem coisas interessantissimas para entreter a curiosidade das creanças e alimentar por largo tempo a sua alegria.

De resto, é preciso que as leitoras, mães de familia, advertam que as creanças só se alegram verdadeiramente quando se lhes dão brinquedinhos toscos, de pouca valia e sobretudo muito imperfeitos. Ao contrario, se se lhes dá um brinquedo rico, de aspecto luxuoso, ellas ficam indecisas, receiosas de o estragar. Uma boneca perfeita não fala á imaginação das creanças. Como ellas vivem muito pela imaginação, preferem as coisas imperfeitas e aprazem-se em completar-lhes as imperfeições com o trabalho da sua rica imaginaçãosinha.

BERTHA KARR.

O Natal de Jesus

Quem ainda se lembrará do vago dia em que nasceu Platão? ou da semana em que morreu Leonidas, atravessando as Thermopylas. O rei de Sparta e o sábio de Athenas passaram como todas as cousas humanas e hoje sómente algum letrado mais devoto dos archaismos illustres se recorda de que elles viveram no V seculo, antes de Christo: o pensador espiritualista imaginando e graphando em papyros os capitulos immortaes da sua grande "Republica" impraticavel; o principe dos guerreiros dextrando-se nos campos da Laconia, para morrer na Thessalia, gloriosamente esmagado com os seus trezentos bravos pelas tropas de Xerxes.

Entretanto, pelo occidente do mundo perpassa hoje um fremito espontaneo de commemoração religiosa ao natalicio de Jesus, que não fez livros como Platão nem dirigiu exercitos como Leonidas, mas que se perpetuou por tal forma na memoria dos homens, ao ponto de ficar sendo um marco do tempo, que não tem marcos como o infinito.

Mas, porque esse Gallileu benigno e revoltado, "manso como as pombas e prudente como as serpes", esse homem prodigioso, cujo nascimento já estava integrado ulteriormente na predição dos prophetas; esse juiz indulgente de todas as culpas, esse amigo de todos os desgraçados, esse sábio de todas as sciencias chegou até nós, misturado nos nossos sentimentos, como parte integrante de nós mesmos, através da distancia abysmal de vinte seculos, ou dois mil annos, que não o espaço de tempo necessario para a existencia cyclica de vinte gerações?...

— Por ter sido e por ser sempre o maior vulto da humanidade, tão imprevisito na sua perfeição moral e psychica, que os homens, que esperavam pelas propheticas, reconheceram nelle, como não podiam deixar de

fazer, o filho de Deus, gerado pelo Espirito Santo no ventre virginal de Maria.

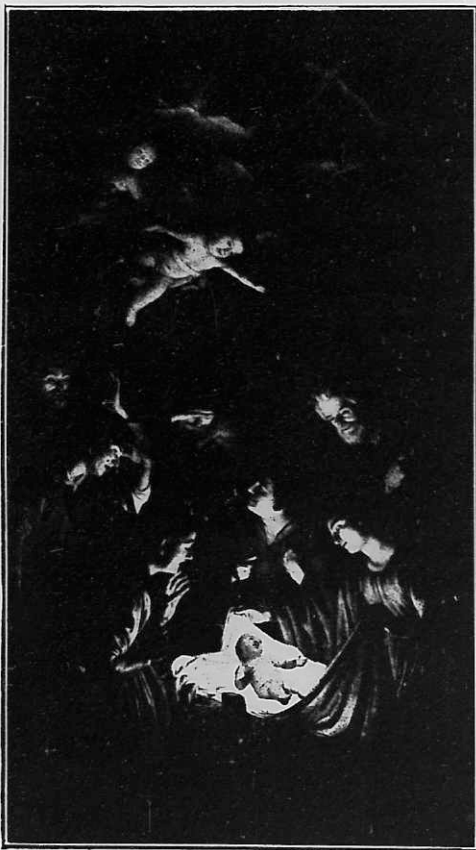
Elle veio com uma promessa, para nos redimir do captivo, e desde então jorrou para a humanidade a fonte do consolo, de que estava privada, e a fonte de bens, de que estava se- quiosa.

Jesus apparece na Palestina na época meio barbara das prescripções não codificadas do Talmud. Os prophetas pela sua abundancia haviam-se tornado vulgares e despreziveis e toda intellectualidade apurada rumava-se para essa formula de ascetismo, que nos deu esses philosophos pessimistas, precursores biblicos de Schopenhauer, como Isaías, Jonathas e o proprio rei Salomão. Todos pregavam a mesma doutrina, orientados nos preceitos muraes e religiosos dos livros sacros hebreus. Mas Jesus apparece e tudo se remodela com a sua presença, tal é a clarividencia do seu espirito divino:

As leis escriptas revogam-se pela sua palavra, orientam-se pelo seu conceito os costumes e a sua doutrina é tão vasta, que transpõe os limites da nação, suffocando os sentimentos estreitos do nativismo regional dos judeus.

A sua predica nas synagogas diffunde uma luz nova nos problemas interiores da consciencia e esse "melhor bem estar possivel" dos visionarios do anarchismo hodierno ensinava-o Jesus por esta maxima despreten- ciosa e transcluida: — "amai a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a vós mesmos".

Dessa fórmula philosophica do amor,—crença abstracta no mysterio das causas e vinculo solitario de alliança entre os homens,— deriva a doutrina synthetica e universal de Jesus Christo, como de um rochedo munto alto a lymphá crystallina, que se faz caudal. A prece complicada daquelles tempos, que os phari-



A adoração dos pastores. Quadro de Gerardo Della Motta



A Virgem adorando o menino Jesus. Quadro de Lourenço di Credi

seus dominavam com as suas astucias e hypocrisias, modificou-a o suave Rabbino, amigo das crianças, ensinando aos seus discipulos essa mystica apostrophe de contrição, que se chama o Padre Nosso. Esse modo de orar implicou a substituição de um deus humano no Jehovah braado de paganismo e diffuso nos muitos preceitos casuisticos do Talmud.

Todos os problemas da moral contemporanea estão enfeixados no "Sermão da Montanha", a que se não comparam "As catilínicas", nem a "Oração da corôa", nem o discurso de Pericles inaugurando o monumento daquelles mesmos bravos das Thermopylas, porque a eloquencia de Jesus como synthese de sabedoria é a mais perfeita do que nos dão noticia os criticos de todo o mundo.

A sua piedade não tinha os limites logicos do egoismo, mas abrangia tudo e todos e porfiava elevar os humildes. Todas as suas virtudes excediam ás possibilidades humanas, e é por isso que o proprio Renan disse que Jesus não pode ser discutido. O individuo ou o nega ou cae de joelhos aos seus pés.

Todos esses grandes livros de critica philosophica, que se têm publicado para affirmar ou negar a Jesus Christo, são tão inúteis como os esforços plausiveis ou ridiculos de alguns lunaticos idealistas, que pretendem modificar com o seu alvedrio a mancha cega e imponderavel da evolução.

A philosophia christã, que é a unica philosophia, é tambem a unica que se harmoniza com as exigencias intellectuaes de todos os povos, apontando-lhes a vida futura como suprema finalidade, pela religião do amor, que tudo estreita nos seus doces laços eternos.

Amemo-nos, pois, reciprocamente, como

devemos amar a Deus, que é a synthese de todos os mysterios inacessiveis ao nosso entendimento.

Seja qual fór o ponto de creença onde volteje a vossa imaginação, tereis a necessidade de um symbolo para objectivar nelle os vossos tristes pensamentos.

Deixae-as, pois, voar essas particulas imponderaveis do vosso sér a esse Deus, que é o unico e verdadeiro, e a cujo reino de bemaventurança chegaremos inconspicuos das miserias terrenas, só por nos termos tão sómente, neste exilio do mundo, amado uns aos outros como a nós mesmos.

Até parece incrível a millenaria incapacidade dos homens para a plena execucao desta sentença tão simples, de cuja observancia generalizada decorreria a felicidade commum.

Muito pelo contrario, quanto mais floresce o christianismo, tanto mais se accentua entre os individuos e povos esse odio congenito, sobre cuja eliminacao Jesus Christo assentou as promessas emulativas da salvacao.

Ah! se nós nos amassemos uns aos outros como a nós mesmos! Mudar-se-ia numa hora a face do mundo; teriamos na terra o reino dos céos e perderiamos, portanto, esses predicados humanos, através dos quaes percebemos a perfeição de Deus.

Assim, pois, com a temperança do odio, o amor, que é o seu antonymo, levar-nos-á lentamente ás subidas atmospheras da perfeição de Jesus.

Será muito longo o infinito caminho, mas todas as cousas têm o seu tempo e a esperança é como a vida immortal. Leitor, meu igual: *exurge et ambula!*

Carlos D. Fernandes.



Maria. "A Santa Familia", quadro de Botticelli

FABULAS EM PROSA

MONTEIRO LOBATO

As fabulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infancia. Por intermedio delias a moral, que não é outra coisa mais que a propria sabedoria, da vida accumulada na consciencia da humanidade, penetra na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação. Esta boa lada mobiliza a natureza, faz falar aos animaes, ás arvores, ás aguas e tece com esses elementos pequeninas tragedias donde ressurte a "moralidade", isto é, a lição da vida. O maravilhoso é o assucar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável a sua ingestão. O autor desta serie que começamos a publicar nada mais fez senão dar forma sua ás velhas fabulas que Esopo, Lafontaine e outros crearam. Algumas são tomadas do nosso "folk-lore" e todas trazem em mira contribuir para a criação da fabula brasileira, pondo nelas a nossa natureza e os nossos animaes sempre que é isso possível.

A CIGARRA E A FORMIGA

Houve uma joven cigarra, de côres rebrihantes, que tinha por costume chilar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e, então, se eu divertimento era observar as formigas operosas, na eterna faina de abastecer as tulhas de Formigopolis.

Mas o bom tempo, afinal, passou, e vieram as chuvas finas de Janeiro. Os animaes todos, arrepiados, cochilavam nas tócas, á espera de que cessasse o horrivel chuvisqueiro.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho secco, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com a asa a arrastar, dirigiu-se a Formigopolis. Bateu.

Surgiu uma formiga friorenta embrulhada em fichú de paina.

— Que quer você? pergunta ella, examinando a triste mendiga, suja de lama e a tossir, a tossir.

— Venho em busca de agasalho. A garoa não cessa e eu...

A formiga olhou-a d'alto a baixo, franziu a testa e disse:

— E que fazia você durante o bom tempo que não construiu a sua casa?

A pobre cigarra, treme-tremendo, respondeu, depois de um accesso de tosse:

— Eu cantava, bem sabe...

— Ahn!... exclamou a formiga, recordando-se. Era você, então, quem cantava, nessa arvore secca, enquanto nós corriamos para abastecer as tulhas?

— Isso mesmo, era eu...

— Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquelle chiado nos divertia e nos aliviava o trabalho. Diziamos sempre: Que felicidade ter como vizinha a uma tão gentil cantora!

Entre, pois amiga, que aqui tem cama e mesa enquanto o mau tempo durar.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantarina dos dias de sol quente e céu azul. E durante toda a temporada chuvosa encheu o formigueiro de alegria com a vibração das suas musicas chiantes.

Mais tarde, quando o sol reapareceu e a cigarra partiu, confessaram as formiguinhas, saudosas, nunca terem passado uma estação de aguas mais divertida que aquella...

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube comprehender a cigarra e friamente a repelliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo.



A cigarra, como de costume, cantara sem parar o estio inteiro, vindo o inverno pilhal-a desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se, nem bichinho que comesse.

Desesperada, bateu á porta da formiga e pediu — emprestado, notem! — uns miseraveis restos de comida. Pagaria. Pagaria com juros altos, essa comida de emprestimo, logo que o tempo lh'o permittisse.

Mas a formiga era uma usuraria sem entranhas. Além disso, invejosa. Corao não soubesse cantar tinha odio de morte á cigarra por vel-a querida de todos os séres.

— Que fazia v o cê, durante o bom tempo?

— Eu... eu cantava!...

— Cantava? Pois dance agora! e fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra alli morreu, entanguidinha; e quando regressou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. E' que faltava na symphonia das cousas a nota estridente daquella cigarra morta em consequencia da avareza da formiga. No entanto, se a usuraria morresse, ninguem daria pela falta della!

Os artistas — poetas, pintores, musicos — são as cigarras da humanidade.

O LOBO E O CÃO

Um lobo muito magro e faminto, todo pelle e ossos, poz-se um dia a philosophar sobre as tristezas da vida. E nisso estava quando lhe surge pela frente um cão — mas um cão e tanto, gordo, forte, bem tratado, de pello fino e lustroso.

Estumado pela fome, teve impetos de atirar-se a elle. A prudencia, entretanto, cochichou-lhe ao ouvido: — Cuidado! Si te mettes a luctar com um cão desses quem sae perdendo és tu.

Ouviu o lobo a voz da prudencia e humilhou-se. E disse:

— Bravos! Palavra de honra que nunca vi cão mais gordo nem mais forte! Que pernas rijas, que pello macio! Vê-se que tu te tratas, amigo!

— E' verdade. Confesso que tenho um tratamento de fidalgo. Mas, amigo lobo, está em tuas mãos levar a boa vida que levo...

— Como?

— Basta que abandones esse viver errante, esses habitos selvagens e que te civilizes como eu.



— Explica-me isso por miudo, pediu o lobo, com um brilho de esperanza nos olhos.

— E' facil. Vens commigo, apresento-te ao meu senhor; elle está claro, sympathisa-se commigo, e te dá o mesmo tratamento que a mim: bons ossos de gallinha, succulentos restos de carne, um canil com cama de palha macia... Além disso, agrados, mimos a toda hora, palmadas amigas, um nome.

Ficou o lobo satisfeitissimo com aquelle programma e respondeu.

— Não ha duvida, irei commigo. Quem não deixará uma vida miseravel como a minha por uma vida de regalos como a tua?

— Em troca disso, continuou o cão, guardarás o terreiro, não deixando entrar os ladrões nem vagabundos. Agradarás ao senhor, e á sua familia, lambendo a mão a todos e sacudindo a cauda.

— Pois accetto, resolveu o lobo, e emparelhando-se com o cachorro partiu a caminho de casa.

Em meio da jornada, porém, notou que o cachorro estava de colleira.



— Que diabo é isso que tens no pescoço?

— E' a colleira.

— E para que serve?

— Para me prenderem á corrente.

— Prender á corrente? Então não és livre, não vas para onde queres, como eu?

— Nem sempre. Passo is vezes varios dias preso, conforme appeteece ao senhor. Mas que tem isso, se a comida é boa e vem á hora certa?

O lobo entreparou, reflectiu e disse:

— Sabes que mais? Até logo! Prefiro viver assim, magro e faminto, porém livre e senhor de meu focinho, do que gordo e liso como tu, mas de colleira ao pescoço. Fica-te lá com a tua gordura de escravo que eu me contento com a minha magreza de animal livre.

E, girando nas patas, afundou no mato para sempre.

A CABRA, O CABRITINHO E O LOBO

Antes de sahir a pastar, a cabra, fechando a porta, disse ao cabritinho:

— Cuidado, meu filho! O mundo anda cheio de perigos. Não abras a porta a ninguém antes de pedir a senha.

— E qual é a senha, mamãe?

— A senha é: "Para os quintos o lobo e toda a sua raça maldita!"

Decorou o cabritinho aquellas palavras e a cabrita lá se foi, socegadona da vida.

Mas o lobo, que rondava a casa, e ouvira a conversa, aproximou-se sem demora e bateu. E disfarçando a voz, repetiu a senha.

O cabritinho cor-

reu a abrir, mas ao pôr a mão no ferrolho, desconfiou. E pediu.

— Mostre-me a pata branca, faz favor...

Pata branca era coisa que o lobo não tinha e

que não poudo mostrar, portanto. E dest'arte, de focinho comprido e desapontado, não teve remedio senão ir-se embora como veiu—de papo vazio...

E assim se salvou o cabritinho, porque teve a boa idéa de "confiar, desconfiando..."

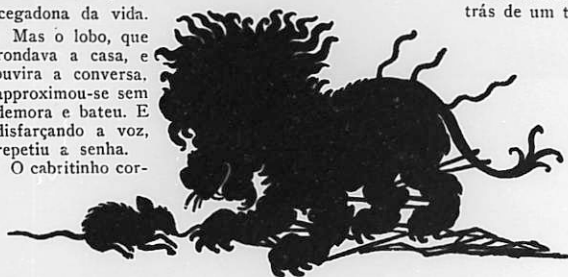
OS DOIS BURRINHOS

Seguiam, lampeiros, dois burrinhos de tropa, trotando pela estrada além. O da frente conduzia brucacas de ouro em pó; e o de trás simples saccos de farello.

Embora burros da mesma igualha, não queria o primeiro que o segundo lhe caminhasse a par.

— Alto lá! dizia elle. Não te emparelhes commigo, que quem carrega ouro não é do mesmo naipe de quem conduz farello. Guarda cinco passos de distancia, e caminha respeitoso como se fóras um pagem.

O burrinho de farello submettia-se e lá trotava



na trazeira, de orelhas murchas, roendo-se de inveja do fidalgo.

De repente...

— Oah! óah!...

São ladrões de estrada que surgem de trás de um tóco de figueira e agarram os burrinhos pelo cabresto.

Examinam primeiramente a carga do burro humilde, e...

— Farello! exclamam, desapontados. O diabo o leve! Vejamos se ha coisa de mais valia no da frente.

— Ouro! ouro! gritam, arregalando os olhos. E atiram-se ao saque.

Mas o burrinho resiste.

Desfere coices e dispara pelo campo afóra. Os ladrões correm-lhe atrás, cercam-no, e dão-lhe em cima de pau e pedra, sem dó nem piedade. Afinal, saqueiam-no.

Terminada a festa, o burrinho de ouro, mais

morto que vivo, e tão surrado que nem suster-se em pé podia, reclama auxilio do outro, que muito fresco da vida, retouçava o capim socegradamente.

— Soccorro, amigo! Vem acudir-me que estou descadeirado... O burrinho do farello respondeu, zombeteiro:

— Mas poderei, acaso, approximar-me de Vossa Excelencia?

— Com o não? A minha fidalguia estava toda dentro da bruaça, e lá se foi nas mãos daquelles patifes. Sem as bruaças de ou-

ro no lombo sou uma pobre besta igual a ti...

— Bem sei. E's como certos fidalgos do mundo que só valem pelo cargo que usurpam. No fundo, simples bestas de carga, eu, tu, elles...

E ajudou-o a regressar para casa, decorando para seu uso, bem decoradinha, a lição que ardia no lombo do vaidoso.



O PAVÃO E O CORVO

O pavão, de roda aberta em

forma de leque, dizia, com desprezo, ao corvo:

— Repara como sou bello! Que cauda, hein? Que cores, que maravilhosa plumagem! Sou das aves mais formosas e a mais perfeita, não?

— Fóra de duvida que és um bello bicho, disse o côrvo. Mas, perfeito, alto lá!

— Quem quer criticar-me! Um avejão negro, caxingó, capenga, desengracado e, além disso, ave de mau agouro!... Que falhas vês em mim, ó tição empennado?

Respondeu o côrvo:

— Note que a natureza para refrear teu orgulho, deu-te um par de patas que, façam-me o favor, envergonhariam até a um pobre diabo da minha marca!...

O pavão, que nunca tinha reparado nos proprios pés, abaixou-se e contemplou-os longamente. E, desapontado, foi andando o seu caminho, sem replicar coisa nenhuma.

Tinha razão o côrvo: "não ha belleza sem se não".

O CAVALLO E AS MUTUCAS

Um cavalleiro vinha chicoteando as mutucas apinhadas no pescoço da cavalgadura. Volta e meia, "plaf"! uma lambada e um insecto de menos.

Mas o homem só chicoteava os insectos gordalhudos, pesadões, já empanturrados de sangue.

Em certo ponto o cavallo perdeu a paciencia e disse:

— Julgas que me prestas um serviço e no entanto...

— No entanto quê, cavallo? Pois livro-te das mutucas e ainda não estás contente?

— Beneficio seria se matasses as magras e poupasses as gordas. Porque estas, fartas que estão, nenhum maleficio me fazem; e as outras, fa-



O LEÃO E O RATINHO

Ao sahir do seu buraco achou-se um ratinho entre as patas do leão. Estacou, de pêlos em pé, paralyzado pelo terror. O leão, porém, não lhe fez mal nenhum.

— Segue em paz, ratinho. Não tenhas medo do teu rei.

O pobre rato moscou-se, radiante de alegria.

mintas, torturam-me sem dó. Matando só as inoffensivas, o bem que me queres fazer transforma-se em mal, porque soffro a dôr da lambada e nada lucro com a morte dos bichinhos.

"Quantos benefícios assim, benefícios só na apparencia!"

O LOBO E O CORDEIRO

Estava o cordeirinho a beber num correjo de agua limpida, quando appareceu um lobo esfaimado, de horrendo aspecto.

— Que desaforo é esse de turvares a agua que venho beber? disse o monstro, arreganhando os dentes. Espera, que vou castigar a tua mácriação!...

O cordeirinho, tremulo de medo, respondeu com innocencia:

— Como posso turvar a agua que vaes beber se ella corre de ti para mim?

Era verdade aquillo e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu o braço a torcer.

— Além disso, inventou elle, sei que andaste a falar mal de mim, o anno passado.

— Como poderia dizer mal de ti o anno passado se nasci este anno?

Novamente confundido pela voz da innocencia, o lobo insistiu:

— Se não foste tu, foi teu irmão mais velho, o que dá o mesmo.

— Como poderia ser o meu irmão mais velho se sou filho unico?

O lobo, furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobrezinho, rematou a contenda com uma razão de lobo faminto:

— Pois se não foi teu irmão foi teu pae ou teu avô!

E "nhoc!" sangrou-o no pescoço.

"Contra a força, amigos, não ha argumentos..."

OS DOIS POMBINHOS

Eram felizes. Queriam-se muito e contentavam-se com o que tinham.

Mas um delles perdeu a cabeça e, farto de tanta paz, encasquetou a idéa de correr mundo.

— Para que? advertiu o companheiro. Não vives socegado, aqui, neste remanso?

— Quero ver terras novas, respirar novos ares...



— Não vás! Ha mil perigos pelo caminho, incertezas, traições... Além disso, o tempo não é proprio. Epoca de temporaes, poderá um delles colher-te em viagem — e ai de ti!...

De nada valeram os bons avisos. O pombinho assanhado beijou o companheiro e partiu.

Nem de proposito, uma hora depois o céu se tolda, os ventos rugem e sobre a terra desaba tremendo aguaceiro.

O imprudente viajante gramma o temporal inteiro fóra de abrigo, repimpado n'uma arvore secca. Sofre horrores, mas, salva-se e, vinda a bonança, poudo continuar a viagem. Dirigiu-se a um lindo arrozal pensando:

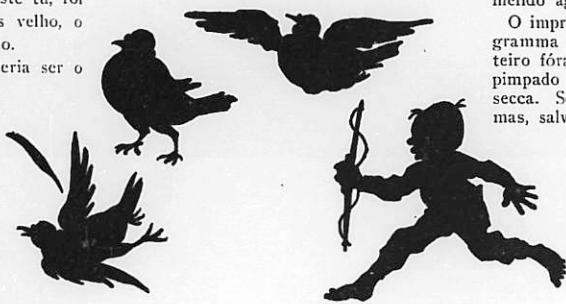
— Que vição irei passar neste mimoso tapete

de verdura!

Ai!... Nem bem pousou e já se sentiu preso num laço cruel.

Uma hora de desespero, a debater-se...

Foi feliz, ainda. O laço, apodrecido pelas chuvas, rompeu-se e o pombinho safou-se. E fugiu,



exhausto, com varias pennas de menos e uma tira de corda aos pés, a lhe embarçar o vôo.

Nisto um gavião surge, que se precipita sobre elle com a rapidez da flexa. O misero pombinho, atarantado, mal tem tempo de lançar-se ao terceiro dum casebre de lavrador. Livra-se, dest'arte, do rapinante, mas não poudé livrar-se dum menino que, de bodoque em punho, correu para cima delle e espeloteou-o.

Corre que corre, pereréca que pereréca, o mal-aventurado pombinho consegue inda uma vez escapar, occulto num ôco de pau.

E alli, curtindo as dores da aza quebrada, esperou pacientemente que o inimigo se fosse. Só então, com mil cautelas, logrou fugir e regressar para casa.

O companheiro, ao vel-o chegar assim, arrastando a aza, depennado, moído de cansira, beijou-o repetidas vezes entre lagrimas e disse:

— "Bem certo o dictado: boa romaria faz quem em casa fica em paz".

A GALLINHA DOS OVOS DE OURO

João Impaciente descobriu no gallinheiro uma pedrez que punha ovos de ouro. Mas um por semana, apenas.

Louco de alegria, disse á mulher:

— Estamos ricos! Esta gallinha traz um tesouro no ovario. Mato-a e fico o grandão das redondezas.

— Porque mata-a, si conservando-a viva tens um ovo de ouro de sete em sete dias?

— Não fosse eu João Impaciente! Queres que me satisfaça com um por semana quando posso conseguir o thesouro inteiro neste instante? E matou a pedrez.

Dentro della, porém, só havia tripas, como nas gallinhas communs, e João Impaciente, logrado, continuou a marcar passo a vida inteira, morrendo sem vintem.

"Quem não sabe esperar, pobre ha de acabar".

OS ANIMAES E A PESTE

Em certo anno terrivel de peste entre os animaes, o leão, apprehensivo, chamou a conselho um afamado chimpanzé de barbas brancas.

— Esta peste é um castigo do céo, disse o oraculo, e o remedio é aplacarmos a colera divina sacrificando aos deuses um de nós.

— O qual? perguntou o leão.

— Ao mais carregado de crimes, respondeu o chimpanzé.

O rei dos animaes fechou os olhos, concentrou-se e, depois duma pausa, disse aos subditos reunidos em torno delle:

— Amigos! E' fóra de duvida que quem deve sacrificar-se sou eu. Commetti grandes crimes, matei centenas de veados, devorei innumeradas ovelhas e até varios pastores. Offereço-me, pois para o sacrificio necessario ao bem commum.

Adeanta-se a raposa e diz:

— Acho conveniente ouvir a confissão das demais feras. Porque, para mim, nada do que V. M. allegou constitue crime. Matar veados, desprezíveis creaturas! Devorar ovelhas, mesquinhos lichos de nenhuma importancia! Trucidar pastores, raça vil merecedora de exterminação! Nada disto é crime. São coisas, até, que muito honram o nosso virtuosissimo rei leão.

Grandes applausos abafaram as ultimas palavras do engrossador e o leão foi posto de lado como improprio para o sacrificio.

Apresenta-se, em seguida, o tigre e repete-se a scena. Accusa-se elle de mil crimes, mas a raposa prova que tambem o tigre era um anjo de innocencia.

E o mesmo aconteceu com todas as mais feras de dente agudo e garras poderosas.

Nisto chega a vez do burro. Adeanta-se o pobre animal e diz:

— A consciencia só me accusa de haver entrado, movido pela fome, na horta do vigario, comendo ahi uma folha de couve.

Os animaes entreolharam-se. Era muito sério aquillo. E a raposa, tomando a palavra, disse.

— Eis, amigos, o grande criminoso! Tão horrivel é o que elle nos

conta que é inutil proseguir nas investigações. A victima a sacrificar-se aos deuses não pode ser outra, porque não pôde haver crime maior do que furtar a sacratissima couve do sr. vigario.

Toda a bicharia concordou e o triste burro foi unanimemente eleito para o sacrificio.

— "Aos poderosos tudo se desculpa; aos miseraveis nada se perdôa."

O JEQUITIBÁ E A TABUÁ

Era um jequitibá enorme, o mais imponente de todos os jequitibás da floresta. Orgulhoso e gabola, porém, costumava apoucar as arvores menores, e rir-se com desprezo das plantinhas humildes. Foi assim que disse uma vez á tabuá:

— Que triste vida levas, tão pequenina, sempre á beira d'agua vivendo entre saracuras e rans... Qualquer ventozinho te dobra. Um tísio, uma viuvinha que pouse em tua haste faz-te vergar como bodoque. Que differença entre nós! A minha copada entesta com as nuvens e as minhas folhas



tapam o sol. Quando ronca a tempestade, rio-me dos ventos e divirto-me, cá do alto, a ver os teus apuros e a tua afflicção...

— Muito obrigada, respondeu a tabúia ironicamente. Mas fica sabendo que não me queixo e vou cá no meu canto vivendo como posso. Se me dobra o vento, em compensação quebrar não me quebra e, cessado o temporal, ergo-me direitinha como dantes. Tu, entretanto...

— Eu, que?

— Tu, jequitibá, tens resistido aos vendavaes de até aqui; mas resistirás sempre? Não revirarás um dia de pernas para o ar?

— Rio-me dos ventos como me rio de ti, murmurou com ar de desprezo a orgulhosa arvore.

— Pois amigo, sei de muitos do teu porte que se riam como tu e hoje estão de raizes arreganhadas para o céu... Cuidadinho!...

O jequitibá nada retrucou, recolhendo-se a um mutismo de soberano desprezo.

Mezes depois, na estação das aguas, arma-se, certa noite, tremenda tempestade. Raios coriscam um atrás do outro e o ribombo dos trovões estremece a terra. O vento com furia infernal rugue na mata, destruindo tudo quanto se lhe oppõem á passagem.

A tabúia, apavorada, fecha os olhos e curva-se rente com o chão. E fica assim, encolhidinha, até que o furor dos elementos se acalme, e uma fresca manhan de ceu limpo succeda áquella noite de horrores.

Ergueu, então, a haste flexivel e poudo ver os estragos do furacão. Innumeras arvores por terra, espedaçadas, e entre ellas o jequitibá orgulhoso, com a raizama colossal á amestra...

A tabúia considerou aquillo longamente e philosophou lá de si consigo:

— “Quanto maior a altura, maior o tombo...”

A PIÚVA E O JABOTI

Brigaram certa vez o jaboti e a piúva.

— Deixa estar! disse esta, furiosa. Deixa estar que eu te curo, meu malandro! Prego-te uma peça das boas, verás...

E ficou de sobreaviso, com os olhos no astuto bichinho, que lá se ria della, sacudindo os hombros.

O tempo corre; esquece o kagado o succedido e um bello dia, distrahidamente, passa ao alcance da piúva.

A rija madeira, incontinente, torce-se, estala e despenca para cima do incauto.

— Toma! Quero ver agora como te arrumas. estás entalado sob o meu tronco e, como sabes, sou páu que duro cem annos...

O jaboti não se deu por vencido. Encorajou-se dentro da casca, cerrou os olhos como para dormir, e disse philosophicamente:

— Pois como eu duro mais de cem annos, esperarei que apodreças...

“A paciencia dá conta dos maiores obstaculos”.

A ONÇA E OS COMPANHEIROS DE CAÇA

Gato do matto, jaguatirica e irara receberam convite da onça para constituir a Sociedade das Nações.

— Alliemo-nos e caçaremos juntos, repartindo a presa irmãmente, de accôrdo com os nossos direitos.

— Muito bem! exclamaram os convidados. Isso resolve todos os problemas da nossa vida.

E sem demora puzeram-se a fazer a experiencia do novo systema. Corre que corre, cêrca daqui, cêrca dalli, cae-lhes nas unhas um pobre veado.

Diz a onça:

— Já que somos quatro, toca a repartil-a em quatro pedaços.

— Optimo!

Repartiu a presa em quatro partes e, tomando uma disse:

— Cabe a mim este pedaço como rainha que sou das florestas.

Os outros concordaram e a onça retirou a sua quota.

— Este segundo tambem me cabe porque me chamo onça.

Os socios entreolharam-se.

— E este terceiro ainda me pertence de direito, visto como sou o mais forte de todos vós.

A irara interveiu:

— Muito bem. Ficas com tres pedaços, concordamos; mas o quarto passa-o para cá afim de que o dividamos entre nós.

— A's ordens! exclamou a onça. Aqui está o quarto pedaço ás ordens de quem tiver a coragem de agarral-o.

E arreganhando os dentes assentou as patas em cima.

Os tres companheiros bigodeados só tinham uma coisa a fazer: metter a cauda entre as pernas. Assim fizeram, e sumiram-se, jurando nunca mais se metterem em Sociedades de Nações com onça dentro.



Apparelhos electricos para os surdos

PEQUENAS PALESTRAS SCIENTIFICAS

Os aparelhos de que nos vamos occupar servem não só para os que têm duros os ouvidos como para os surdos.

A surdez é uma enfermidade, que, como facilmente se comprehende, tem por causa algum defeito constitucional do orgão do ouvido ou a atrophia do nervo acustico, e os que padecem disso vivem privados de destructar um dos mais doces e nobres prazeres da existencia, que é a musica.

Póde affirmar que, depois da perda do sentido da vista, não ha maior infortunio que a perda do ouvido, mas, como para tudo ha mais ou menos remedio, neste mundo, excepto para a morte, desde tempo immemorial, se utilisou a trombeta acustica para alliviar os desagradaveis effeitos da surdez parcial e offerecer ao doente os meios de participar da conversação no trato com os seus semelhantes.

Os progressos da electricidade e a admiravel invenção do telephone de Graham Bell, completada depois pela não menos admiravel do microphone de Edison, proporcionam á therapeutica do ouvido engenhosos aparelhos, cuja maior sensibilidade

ditivo, despertando- da sua modorra e tornando-o capaz de transmittir todas as suas impressões ao cerebro. Sem embargo, a pratica foi demonstrando que o que a principio parecia uma vantagem, com

promessa de dar solução ao problema e promover a audição aos surdos, se tornava um inconveniente pela excessiva sensibilidade do apparelho, que recolhia todos os rumores extranhos, em prejuizo da tonalidade.

Os aperfeiçoamentos introduzidos no telephone e seus derivados, pela conhecida casa Siemens e Halske, da Allemanha, deram como resultado, ao cabo de largos annos de

experiencia e estudo, a construção de um apparelho denominado "phonophor", que serve maravilhosamente para os duros e defeituosos de ouvido.

A electricidade é o agente principal no funcionamento do phonophor, e comprehende-se que assim seja, porquanto a sensibilidade nervosa está intimamente relacionada com o fluido que circula nos nervos, e é sem duvida uma variante especial da energia electrica, segundo o demonstram os resultados obtidos nos tratamentos electrotherapicos. Entretanto, permanece no mysterio a relação existente entre o fluido nervoso e a electricidade dinamica, embora seja certa esta relação; e só falta descobrir-a para converter em realidade a hypothese, hoje aceita entre todos os medicos, de que com o tempo será um phenomeno natural da theurapetica dar



Surdos dançando ao som da musica physiologica.



Apparelho para os surdos. A senhora leva o apparelho na cabeça, á maneira de adorno.

de substituiu vantajosamente a trombeta, pois a sua potencia para recolher as vibrações acusticas era tal, que produziam effeitos sympathicos no nervo au-



O dr. Gerneback com o phonophor da sua invenção.

vista aos cegos, ouvido aos surdos e movimento aos paralyticos, contando que os nervos respectivos conservam algumas células sãs.

Os phonophoros construídos até agora são de tres distinctas tonalidades: grave, media e aguda, correspondentes a outras tantas cordas da voz humana. Um mesmo apparelho póde produzir as tres tonalidades por meio de uma resistencia reguladora do fluxo electrico; mas geralmente se constróe um apparelho para cada tonalidade, segundo a maior ou menor dureza do ouvido da pessoa que o ha de utilizar. Para a transmissão das tonalidades graves, a bateria electrica proporciona o fluido necessario para o funciona-

mento normal do apparelho durante sessenta horas, tempo mais que sufficiente para uma conversação, para um concerto, para uma opera.

Quanto ás condições materiaes do apparelho, não podem ser mais vantajosas, pois, por seu reduzido volume, póde ser usado como se fosse uma joia, um adorno, preso ao botão do paletot ou do casaco. A trombeta é ridicula, porque é volumosa, e obriga a pessoa a maneja-la constantemente.

Os apparelhos de tonalidade grave só levam um receptor e um auricular; os de tonalidade media, um receptor e dois auriculares.

Todos os apparelhos se contêm em lindos estojos, cuja fórma se assemelha ás bolsinhas de moeda que usam as senhoras, ou em fórma de carteiras, como usam os homens. Estão construídos com tanta habilidade e delicadeza, que aug-

mentam extraordinariamente a intensidade dos sons e recolhem as mais subtis vibrações, podendo comparar-se, com relação ao ouvido, como telescópio com relação á vista. Convem advertir que o appare-

lho tão sómente amplia e recolhe os sons harmonicos eliminando do campo da sua produção os rumores e estrepitos grosseiros. O surdo poderá falar ao mesmo tempo com diversas pessoas, e ouvir, do seu logar, conferencias, concertos, operas, etc.

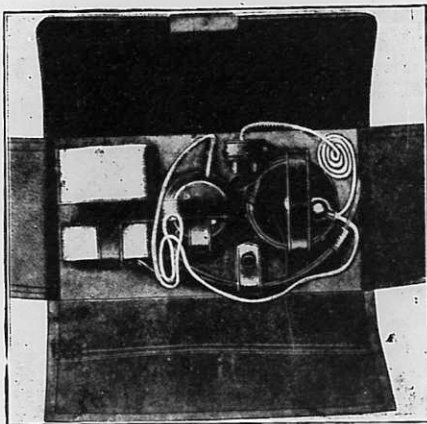
Desde logo se vê que o phonophor não é um dos tantos inventos que ao cabo de algum tempo manda a experiencia pôr a um canto como coisa inutil, senão um meio muito apropriado para que os duros de ouvido gosem os encantos da musica, os prazeres da conversação e todos os demais prazeres que proporciona á alma o precioso sentido do ouvido.

E' tambem possível que a acção magnetica da electricidade influa

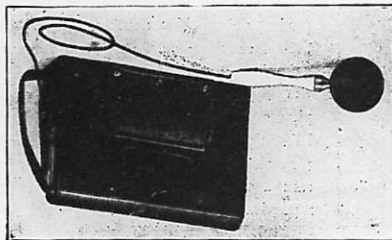
poterosamente nas neuronas ou células do nervo acustico, quando a surdez provem da atrophia parcial deste elemento sensitivo, e avive a sua dynamicidade até ao ponto de restabelecer o seu funcionamento enquanto dura a influencia. Por outra parte pode acontecer que o nervo optico esteja são e que a enfermidade tenha origem em algum defeito constitucional do orgão auditivo, cuja admiravel complexidade comprehende diminutas e delicadissimas peças, entre as quaes não é menos importante o

tympano, que ás vezes costuma endurecer de modo que não vibra com a sufficiente intensidade para transmittir suas vibrações ao liquido onde sobrenadam os subtilissimos filamentos do nervo acustico. Neste caso, a acção da electricidade, que, como se sabe, é uma energia eminentemente vibratoria, converte de rigida em flexivel a membrana do tym-

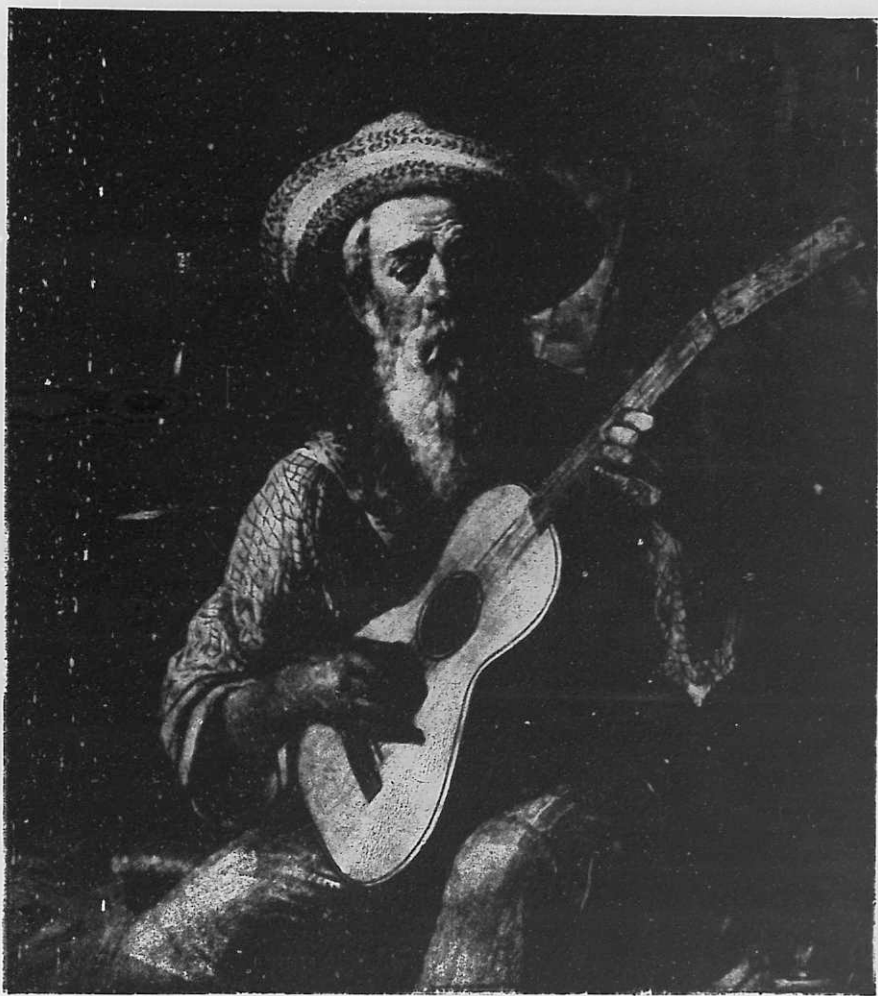
pano, que póde então vibrar com vigor bastante para que o nervoacustico perceba suas vibrações e as transmitta ao cerebro receptáculo commum de todas as percepções sensoriaes.



Apparelho em fórma de carteira, para uso dos homens.

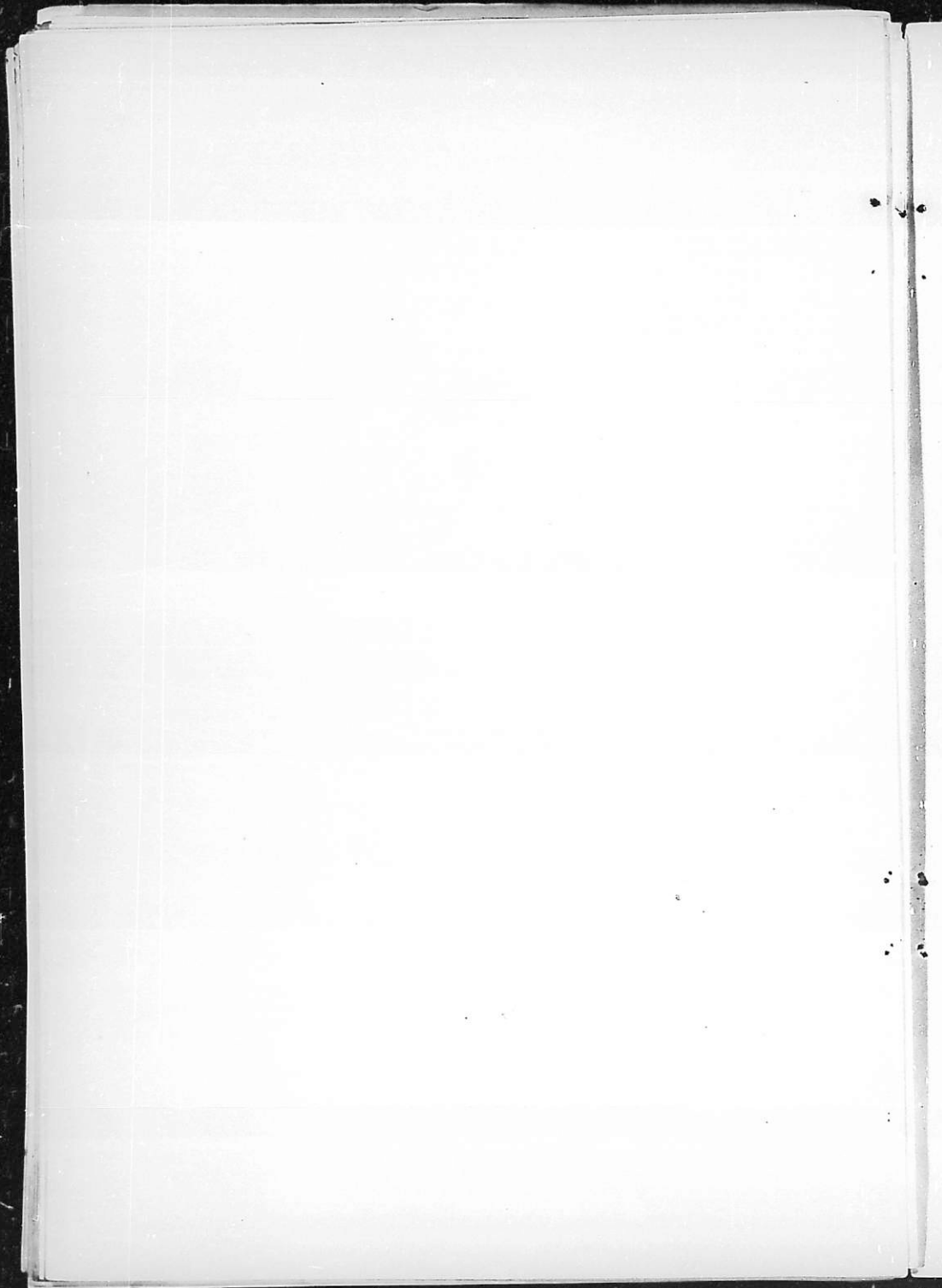


Apparelho em fórma de bolsinha, para uso das senhoras, onde se contém a bateria electrica e o auricular de marfim.



O VIOLEIRO

Magnifico quadro de Oscar Pereira da Silva



O Museo Imperial de Constantinopola

INFORMAÇÕES ARTÍSTICAS

Os europeus occidentaes e os seus descendentes americanos cuidam que os turcos são incapazes de cuidar de sciencias, artes, litteratura e musica, porque, em todos estes ramos da intelligencia humana nenhum nome de desinencia ottomana se tornou conhecido do publico e dos eruditos.

Na chronica do progresso mundial, na chimica, na physica, na astronomia, não apparece, de facto, um nome, não se nos antolha um feito que ponha em relevo a alta cultura musulmana no Oriente europeu.

Não obstante, ha alguns casos esporádicos de erudição.

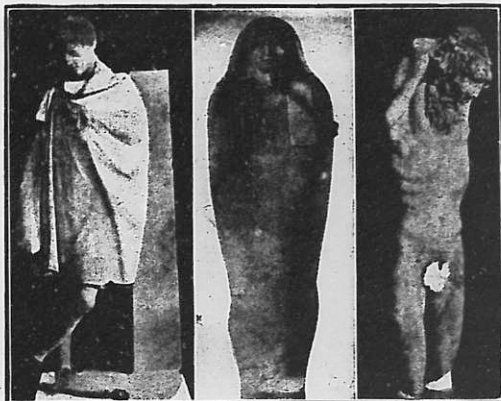
Nem todos os turcos se comprazem unicamente em massacrar os armenios e praticar outras mais atrocidades do estylo. Naquelle esplendorosa cidade, na parte em que, durante algum tempo, esteve assentada a fa-

brica e entre elles o do rei Tabnit, de genuino caracter egypcio, lavrado em pedra de formação basaltica, o qual, segundo se infere das inscripções hieroglyphicas que estão nelle gravadas, pertenceu

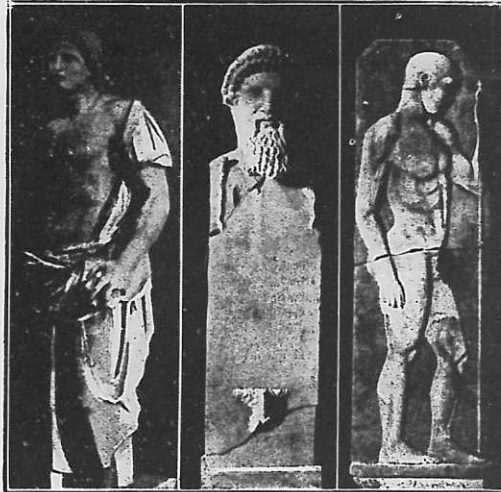
o seu filho Hamdi Bey, a quem se devem preciosos exemplares achados nas excavações realisadas sob sua indicação e vigilancia.

Contém o Museu valiosissimas collecções de antiguidades orientaes, assyrias e islamicas, que constituem uma inapreciavel e fidedigna documentação para quem quer que se dedique especialmente ao estudo, todavia incompleto, das civilisações pre-christãs. Sobretudo, em sarcophagos, não ha no mundo outro museu que se avante ao Imperial de Constantinopola. Os mais famosos são os que Hamdi Bey descobriu no anno de 1887 em Sidon. Um sarcophago pertencente a um chefe militar chamado Pentalha, que floresceu quinhentos annos antes da nossa era. Mas o rei Tabnit apropriou-se do sarcophago, destinando-o em vida a servir-lhe, quando morresse, de sepultura, conforme se deprehende da curiosa inscripção em que o monarcha maldizia de quem ousasse perturbar o seu somno sepulchral. A mumia está a admiravelmente conservada. Ao cabo de dois mil e quinhentos annos, mostra distinctamente a pelle, os ossos, musculos, cabellos e demais partes do cadaver.

Outro sarcophago notavel é o da princeza Gaza, cuja mumia está perfeitamente conservada. A construção deste sarcophago corresponde á época em que os artifices gre-



Formosa estatua de um ephelo em attitude de repouso, depois dos jogos gymnasticos. Sarcophago de um homem. Uma cariatide

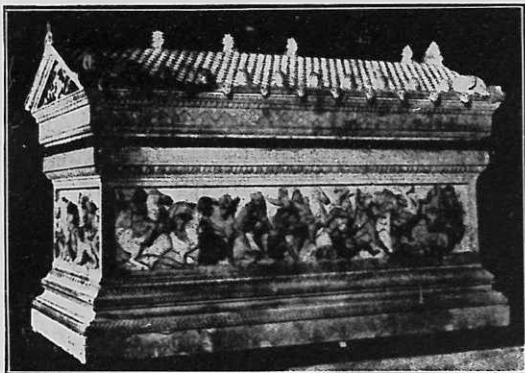


Estatua de Minerva. Uma personagem grega. Alto relevo no sarcophago de um discobulo

mosa Bizancio, ha um museu, o Museu Imperial de Constantinopola, que é um dos mais interessantes e mais ricos do mundo. Esse museu occupa um vasto e elegante edificio de dois andares, em estylo grego, construido por ordem do Sultão, a instancias do notavel pintor Hamdi Bey, o qual manejava com igual habilidade o pincel de pintor e a picareta de archeólogo. Graças ás excavações desse bravo e devotado artista, estão hoje expostos ao publico alguns preciosos sarcophagos da Syria, e graças á sua gestão, enriqueceu-se o Museu Imperial com as collecções particulares. Ao morrer o fundador, succedeu-lhe na direcção do Museu seu irmão Halil Edhem Bey e a este

gos trabalhavam sob as ordens dos mercadores phenícios. O sarcophago chamado do Sátrapa data da primeira metade do seculo V antes da era christá. Está adornado de esculturas de pura arte archaica, portas symetricamente em attitude de repouso. Em cada lado ha um relevo contornado de bellos e magnificos motivos ornamentaes. Ao longo do friso vê-se, sentado em seu throno, o rei de Sidon, a contemplar um joven guerreiro que está subindo para um carro de batalha. O cocheiro, armado de lança, sustem pelas rederas a árdega quadriga, unida ao carro, olhando outros jovens montados a cavallo em attitude de começar a batalha. Atraz do rei estão as damas da córte.

Os orientalistas não lograram ainda decifrar claramente a significação deste relevo, e conjecturam apenas que representa a despedida de um filho do rei que



Sarcophago chamado de Alexandre (lado direito)

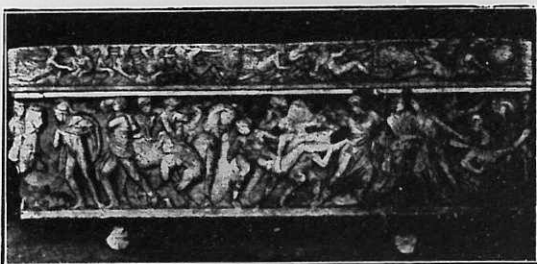
parte para a guerra, unica occupação dos monarchas n'aqueles tempos remotissimos, não muito, seja dito de caninho, da dos monarchas actuaes...

O relevo da direita representa o rei deitado em sua cama. Um criado oferece-lhe vinho numa vasilha de chife; outro, atraz do monarcha, espera, com um panço na mão, talvez para enxugar-lhe os labios após a libação, e junto ao rei está sentada a rainha contemplando o esposo.

Outro sarcophago mostra, esculpido em todos os seus pormenores, um carro de combate occupado por amazonas. Uma dellas guia a quadriga; outra empunha o venábulo, que é de metal. No lado opposto repete-se o motivo fundamental, com a differença, porém, que a amazona do venábulo o dispara contra um leão que está sob as patas erguidas dos cavallos. Num dos lados ha duas centauros no gesto de matar um homem que está extendido no solo entre ambas. As figuras estão mutiladas em alguns trechos do relevo, por mãos de mercadores que, naquelles tempos, profanavam os sepulchros em busca de seus adornos metallicos. O frontão está adornado de grifos alados.

Nesta obra admira-se a habilidade do artifice e a sua apreciavel technica, que, já naquella epoca, denota grandes progressos.

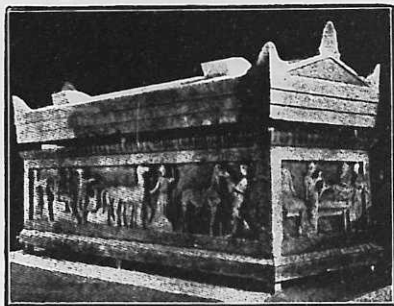
Muito interessante tambem é o sarcophago das "carpideiras". Tem a feitura de um templo grego de ordem



Sarcophago de Meleagro. (O relevo representa a morte do famoso heró etolio)

jonica. Em cima ha um friso que representa o enterro de um monarcha cujo cadaver vae collocado num carro funebre, a que se segde outro e os cavallos do morto, funebre, a que se segde notavel a figura de uma carpideira, a que está no fim da fila. O artista reproduz este motivo funebre no adorno das paredes lateraes, providas de diversos nichos; e em cada um dell'es se vê uma carpideira, sentadas umas, outras de pé, mas todas de feitto e expressão diversos. O estylo corresponde, provavelmente, ao que predominava na Grecia durante a primeira metade do seculo IV antes de Christo, que é a epoca de ouro de Praxiteles. É admiravel, neste sarcophago, a pintura das figuras, que ainda conservam, em alguns pontos, toda a louçania do seu primitivo toque.

Dentre os sarcophagos descobertos em Sidon, o mais moderno da série e, ao mesmo tempo, o de maior valor, é o chamado sarcophago de Alexandre, unico em sua classe, o mais bem conservado, sobretudo no que diz respeito ás pinturas, as quaes podem ser analysadas minuciosamente como se fosse um acabado modelo da epoca da Renascença. Tem a conformação de um coíre, tal como os que se usaram depois, na Edda de Media, para enterro de reis e magnatas. Além da ornamentação das partes lateraes, ha frisos com esculturas, que são um alto testemunho da arte hellenica



Sarcophago chamado do Sátrapa. Epoca archaica de arte grega



Sarcófago chamado das carpideiras, cuja configuração é a de um templo grego da ordem jônica, tendo um friso que representa o enterro do monarca

no anno 300 antes da era chistã. As figuras, de diminuto tamanho, como facilmente se comprehende em vista da configuração do sarcófago, são muito numerosas e estão agrupadas com uma patente intenção artistica, sendo de admirar a expressão das cabeças, que, segundo o caracter de cada figura, denota temor, angustia, dor e outras impressões provocadas pela presença da morte.

A parte anterior representa uma batalha entre gregos e persas. Estes ultimos vestem calções e trazem um panno na cabeça, á moda assyria. Não porque fosse grego o artefice que executou a obra, senão porque se ajusta á verdade historica, os persas são derrotados, embora sejam elles em maior numero que os gregos. Entre estes sobresaem as personagens a cavallo: uma é, sem duvida, o proprio Alexandre Magno, com elmo dourado; o outro é talvez Parmenio, o general dos exercitos do conquistador macedonio.

Embora tenham os archeólogos dado a este sarcófago a denominação de Alexandre, por suporem, a principio, que ahi foi depositado o cadaver do vencedor de Dario, a

verdade é que elle foi sepultado em Alexandria. O sarcófago pertencia ao rei Abdalonymos, de Sidon, em cujas mãos depositou o fundador de tão glorioso quão ephemero reino da Syria, e em agradecimento mandou o dito Abdalonymos esculpir a figura do seu protector. Ao lado esquerdo apparece um friso em que se vê a cara de uma panthera, e no direito á mesma composição, com a differença apenas que a fera é um leão. Embora o conjunto das figuras obedeça á symetria e ao gosto do oriente, os typos persas e gregos apparecem do outro lado. O grupo central compõe-se



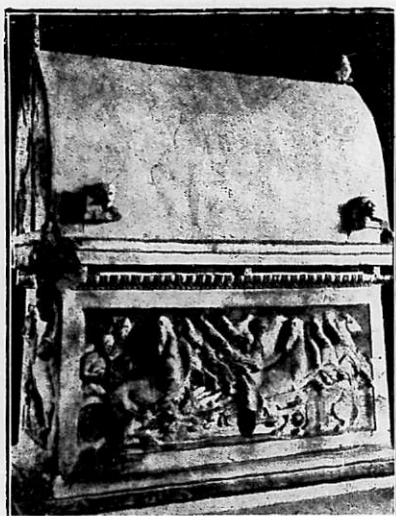
Estatua mutilada de um Apolo



Antigo relevo assyrio que representa uma scena domestica

de um cavallo persa lutando com um leão, que acaba de enterrar-lhe as garras no peito, e em cada lado ha um grego nu, que empunha uma lança; ádeante ha uma caçada a um cervo.

Ha tambem alguns sepulchros se não tão valiosos como obra de arte igualmente valiosos como investigação historica. São estes de terra cozida e pertencem indubitavelmente ás civilizações assyrias e chaldaicas, época em que os gregos ainda não tinham começado a lançar artisticamente o marmore pentelico. Demais, offerecem á observação dos investigadores uma copiosa



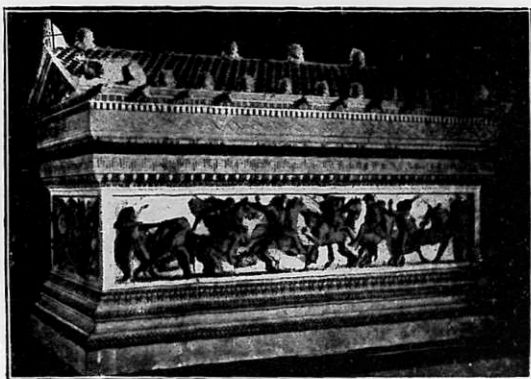
Sarcófago licio de cobertura cônica, mais moderno que o chamado do Sítapa

serie de tavoletas com inscripções cuneiformes, que foram, por certo, em seu tempo, cartas e documentos de correspondencia particular.

Os eruditos e a maioria dos versados em assumptos archeológicos supõem que os autores dos preciosos sepulchros a que fizemos a descripção, e especialmente

o do chamado Alexandre, que a todos supera em valor artistico, foram escultores gregos, do grupo daquelles que, seguindo a escola de Lisipo, modificaram as tradições da arte hellénica no século IV antes de J. C. A delicadeza do perfil das figuras, o traço simples e energico, o effeito de conjunto, revelam um artista de originalissima inspiração que rompeu com as tradições da arte archaica, na qual predominavam a correção do perfil e o minucioso cuidado dos pormenores.

Ao cabo de dois mil e quatrocentos annos, entretanto, os sarcófagos descobertos na actual Saída e antiga Sidon não são inferiores, como concepção e execução escultural, ás melhores obras dos mais famosos mestres da esculptura contemporanea. Ao con-



Sarcófago chamado de Alexandre. (Lado esquerdo)

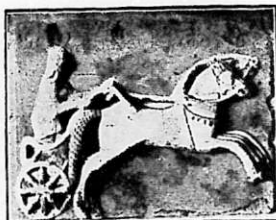
templar as preciosidades artisticas deste Museo Imperial, e, o que é mais, ao estudal-as como documentos historicos, não é possível negar que nas officinas de Athenas se modificaram e esculpiram as obras artisticas confiadas ao cinzel hellénico pelos opulentos monarchas phenicios de Tyro e de Sidon, que tinham tambem ao seu serviço habéis artifices e artistas de genio contratados na Hállada.

Nesse museo admiram-se tambem outras obras, entre as quaes sobresaem uma magnifica estatua de Minerva, dois touros de acanhadissima perfeição anatomica

e a figura de um joven, que é um ephébo de quinze annos, que, cansado, após a luta ou exercicio nos jogos gymnicos, se apoia a uma columna para descansar. Ao contrario do que era commum na arte grega, o ephébo está envolvido numa roupagem e só mostra nuas as pernas. Esta obra pode

hombrear com as melhores que produziu a arte hellénica.

Em summa, as collecções do Museo Imperial de Constantinopola constituem uma valiosa serie de thesouros artisticos, que proporcionam abundantissima materia de observação e de estudo aos investigadores. Este museo não é muito importante pela quantidade das suas obras, mas é importantissimo pela qualidade dellas, pois alguns exemplares constituem verdadeiras joias de arte classica que permite apreciar a evolução por que passou a esculptura grega na epocha imperial.



Alto relevo de estylo assyrio, que representa um carro de batalha, com seu conductor e dois cavalos

O artista brasileiro, ao recordar, pela imaginação, os diversos e preciosos museus de arte antiga que ha pela Europa e nos Estados Unidos, não pode deixar de sentir que o seu coração se confrange, porque em nosso paiz, infelizmente, não ha nada que recorde esses monumentos. Claro está que um paiz novo, sem fortunas accumuladas para dar-se ao luxo de adquirir algumas obras por preços altissimos, não

pode possuir um museo dessa natureza, por mais modesto que seja. Os nossos artistas então têm de recorrer aos museus europeus para fazer a sua educação. Se os nossos governos tomassem a serio essas 'questões de arte, podiam organizar um museo de obras copiadas em telas, marmore e bronze, para educar o artista.

Ponto grosso de Veneza

FIGURA 1

Um quadro em ponto grosso Veneza em via de execução. Tamanho natural.

(Risco, tamanho natural, pelo correio, 25000)

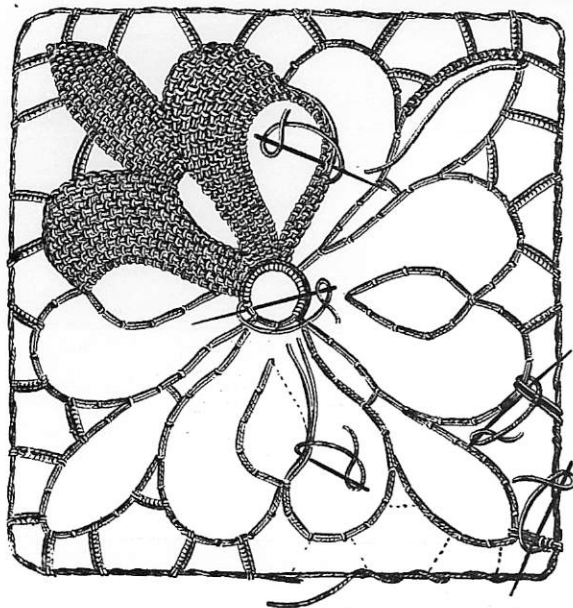
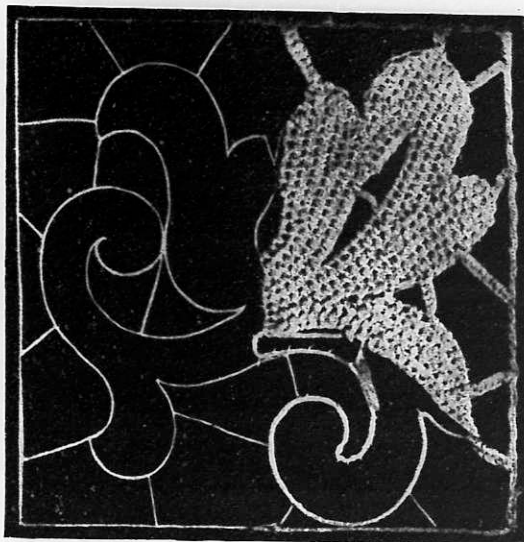


FIGURA 2

O mesmo quadro em via de execução. Dimensão natural.

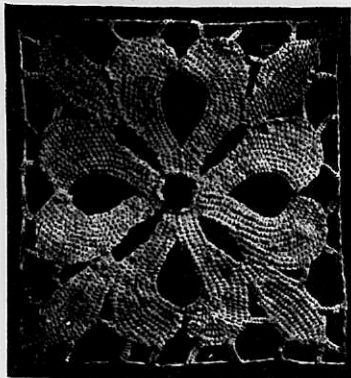


FIGURA 4

Quadrado em ponto grosso de Veneza. Tamanho um pouco diminuído.

(Tira-se o risco. Pelo correio, registrado, 2\$000)

FIGURA 3

Quadrado em ponto grosso de Veneza. Tamanho natural.

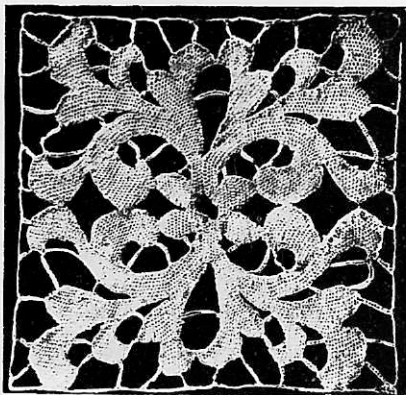


FIGURA 5

Quadrado "A aguia", em grosso ponto de Veneza. Dimensão um pouco diminuída.

(Envia-se o risco. Pelo correio, 2\$000)



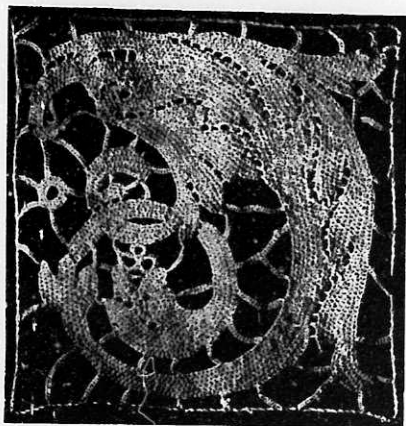


FIGURA 6

Quadrado em grosso ponto de Veneza. "O dragão". Dimensão um pouco diminuída.

(Envia-se pelo correio o risco, 2\$000)

FIGURA 7

Quadrado de Veneza diminuído pela metade. Desenhos symetricos.

(Envia-se o risco pelo correio, Preço 2\$000)

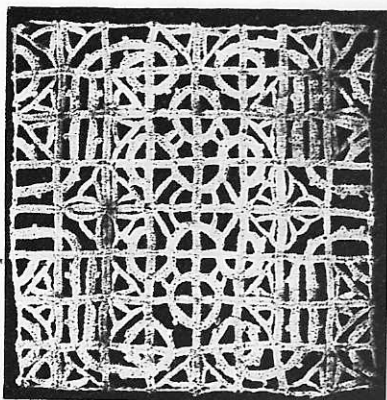


FIGURA 8

Quadrado em ponto grosso de Veneza. Dimensão um pouco diminuída.

(Envia-se o risco. Pelo correio 2\$000)



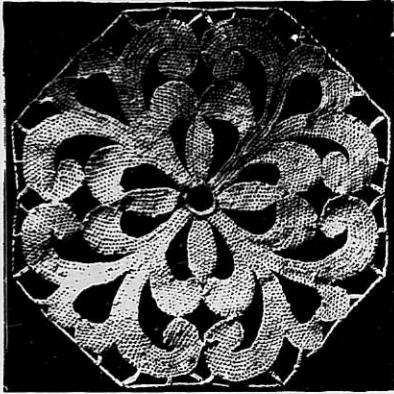


FIGURA 9

Octogono em ponto grosso de Veneza. Desenhos symetricos. Dimensão um pouco diminuida.

(Envia-se o risco pelo correio. Preço, 2\$000)

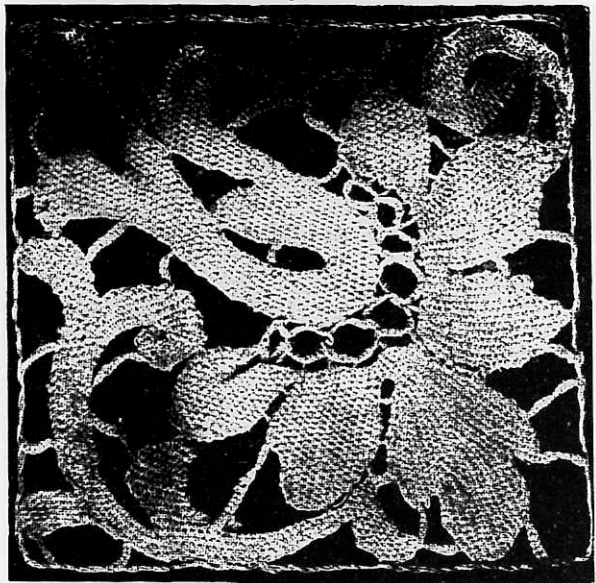


FIGURA 10

Quadrado em grosso Veneza. Tamanho natural. Motivos proprios para stores, cobertas de mesa ou colchas.

(Envia-se o risco pelo Correio. Preço 2\$000)

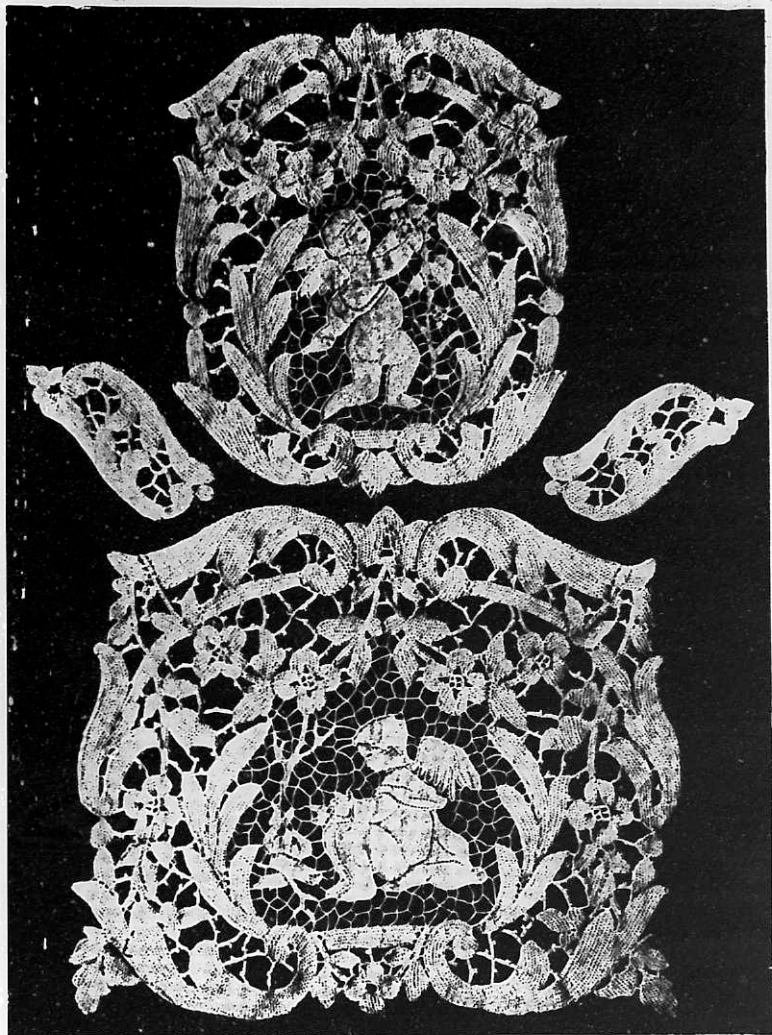


FIGURA 11

Magnífica guarnição para espaldar de poltrona estylo Luiz XV. Os ornatos que formam o enquadramento são executados com linha bem grossa. As figuras, que são dois graciosos cupidinhos, um colhendo flores e outro aquecendo as mãos, são executados com linha fina. O fundo é composto de bridas festonadas.

(Envia-se o risco pelo Correio, registrado. Preço 6\$000 pelos dois modelos)

Na arte do bordado, como em todas as manifestações de arte, só o novo é que nos encanta. Claro está que não nos referimos aos bordados classicos, aos motivos antigos, que são sempre os mesmos, e têm sempre uma elegancia, uma nobreza inconfundíveis.

Mas seja como for, a novidade tem sempre um particular atractivo. E é exactamente essa procura constante do novo que fez surgir o ponto grosso de Veneza (Le gros Venise). Basta o nome para garantir exito

seu trabalho e se impacientam quando a tarefa exige muitos dias de applicação, darão as boas vindas a este novo genero, porque esses trabalhos se executam com uma rapidez extraordinaria. As principiantes de bordado o apreciarão tambem, porque os materiais grossos, com que se executa, exigem uma certa irregularidade no trabalho.

As senhoras, pois, que não se arriscaram a aprender o ponto de Veneza, pelas difficuldades, ás vezes in-

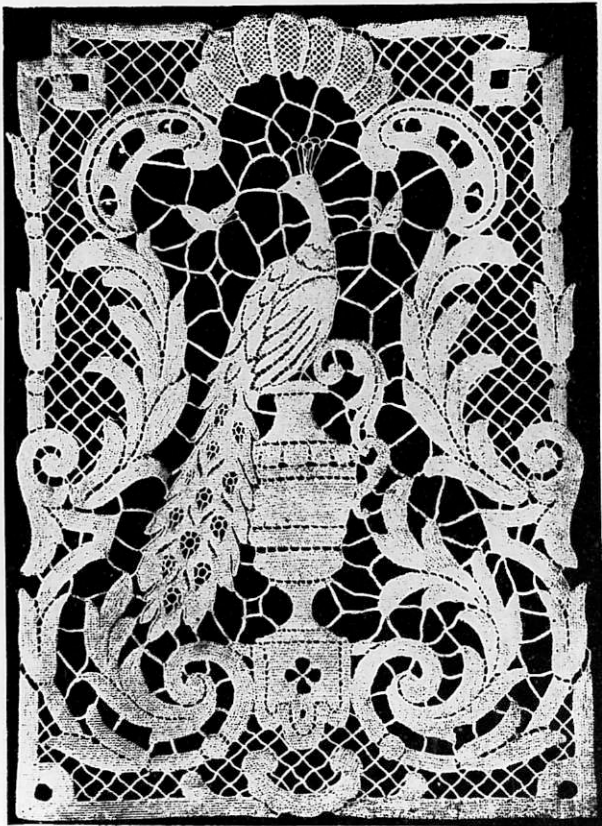


FIGURA 12

"O pavão". Bordado, em ponto grosso de Veneza, combinado com linha fina
(Envia-se o risco pelo Correio, Preço 65000)

a este bordado. E' preciso advertir que esta nova renda, que vai fazer a delicia das leitoras que entendem dessa arte, não é outra coisa mais que a propria renda de Veneza, de que nos temos occupado largamente e com a qual as nossas leitoras já estão familiarisadas. A unica differença consiste em que o ponto é notavelmente engrossado, e, para isso, o material que leve ser empregado nesta renda é material espesso, grosso: tela grossa antiga ou renda de laçet.

As senhoras que têm prazer em ver logo terminado o

superaveis, que elle apresenta, poderão ensaiar um dos motivos que apresentamos nestas paginas. Todos elles são facilimos.

E' provavel, entretanto, que, feito o bordado, elle cause, a quem o executou, uma impressão de decepção. Mas não ha razão para isso, porque o motivo será sempre aproveitavel a despeito da sua irregularidade.

Trata-se de uma renda de aspecto rustico, e é preciso mantel-a tal como é.

Quem, ao cabo de algumas horas de tentativa, con-

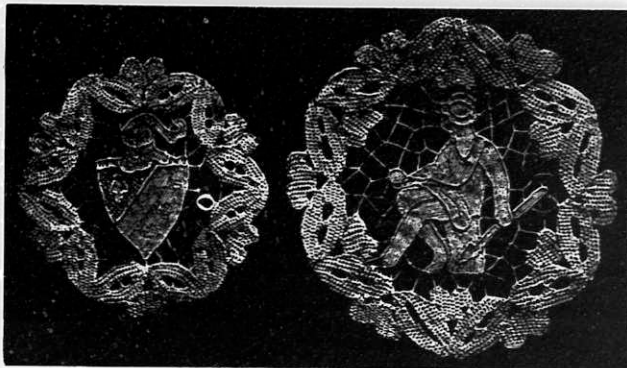


FIGURA 13

Dois fundos de prato, muito artisticos, em grosso Veneza, combinados com linha fina
(Envlam-se pelo Correlo os dois modelos, pelo preço de 45000)

seguir acertar a mão, apaixonar-se-á por este bordado e não preferirá mais o ponto fino ao grosso; e, sem o pensar, ficará habilíssima na execução do lindo ponto de Veneza fino, do qual já temos dado, através de muitos numeros, uma noção bastante pormenorizada.

Encontram-se nestas paginas diferentes motivos separados, destinados a ser incrustados, e encontra-se

tivos do genero. Geralmente, o motivo central é em Veneza fino, e o enquadrado em Veneza grosso.

Para o abanador, borda-se o motivo principal, o pavão pousado sobre uma amphora, com linha fina; os ornamentos do fundo executam-se com linha grossa.

Este desenho, muito artistico, de estylo Luiz XVI, talvez seja o preferido.

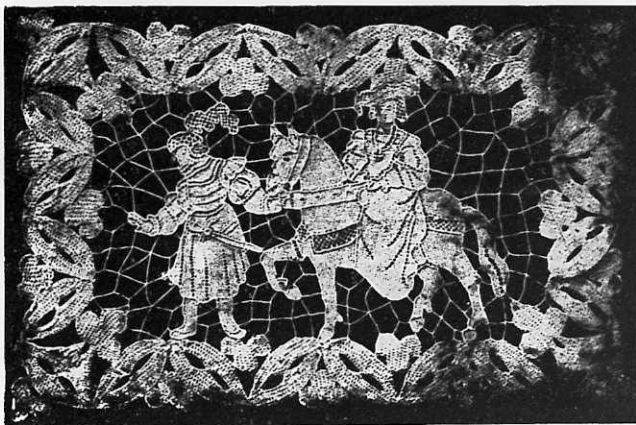


FIGURA 14

Cobertinha de mesa em Veneza de ponto grosso e fino
(Envla-se o risco pelo Correlo, registrado. Preço 45000)

egualmente uma collecção de bellos trabalhos executados dessa maneira.

Podem-se executar os mais encantadores trabalhos, sem ser necessario pisar os mesmos caminhos já conhecidos, combinando o ponto de Veneza com o grosso de Veneza. Aqui ha diversos modelos, e todos elles muito interessantes, e, o que mais é, muito caracteris-

Vê-se ahi tambem uma graciosa guarnição para pequena pokrona. É um trabalho imprevisto, e que, por certo, agrada ás leitoras. Entretanto, esta renda, a despeito de ser um tanto ou quanto grossa, é de um effeito muito rico collocada sobre a seda clara de uma poltrona.

Adeante ver-se-ão, nas figuras 13 e 14, os elemen-

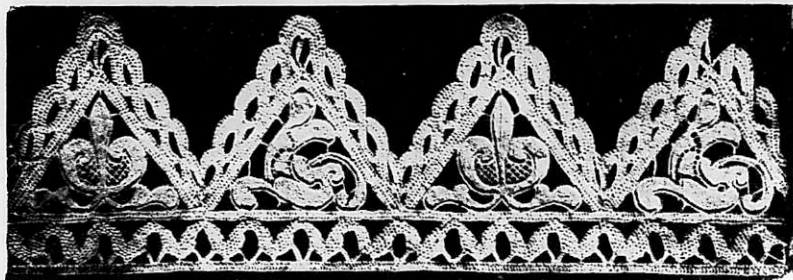


FIGURA 15

Renda executada em ponto de Venezia grosso e fino. Tamanho um pouco reduzido.
(Envia-se o risco pelo Correio. Preço 2\$000)

tos que compõem um rico serviço de chá. Esse trabalho attrae de prompto a attenção pelo contraste encantador formado pelo ponto grosso de Venezia, feito com linha grossa, e pelo ponto fino, executado com linha fina.

No mesmo estylo vê-se a renda representada pela figura 15. Os motivos que alternam nesses bicos são executados em Venezia fino. Os proprios bicos e o pé da renda são executados em Venezia grosso.

Eis aqui igualmente um lindissimo quebra-luz imperio, composto com um desenho de genero antigo. Aqui, só o grosso Venezia é que é aproveitado e executada-se com linha grossa. A composição comprehende tres "panneaux" ornados, cada um com um motivo di-

verso representando assumptos assyrios reunidos numa especie de entre-meo. A renda é collocada sobre um transparente pregueado de seda ouro velho ou verde malva, e o quebra-luz, depois de terminado, é guardado com um picot em cima. Em baixo ha uma franja rala de linha.

Emfim, eis aqui tambem, enriquecendo estas paginas dois lindos fundos de pratos em tela granitada, ornados cada um com um enquadramento em grosso Venezia. O desenho, como se vê, é muito ajourado, isto é, aberto, o que concorre para dar ao trabalho esse aspecto leve que elle apresenta, apesar da linha grossa que entra em seu emprego.

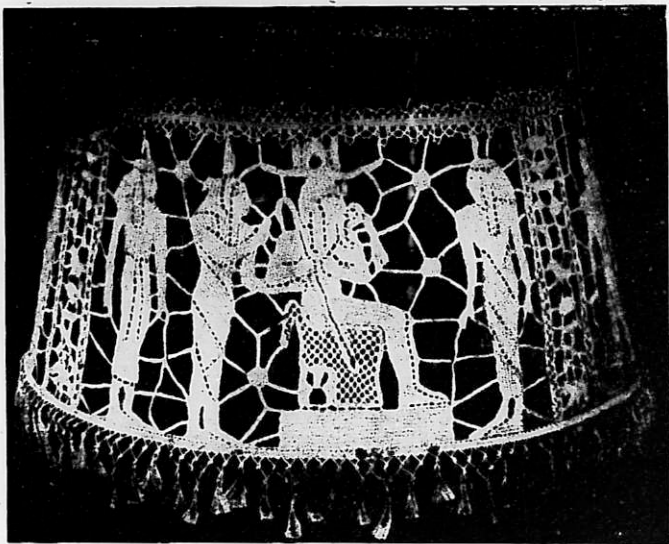
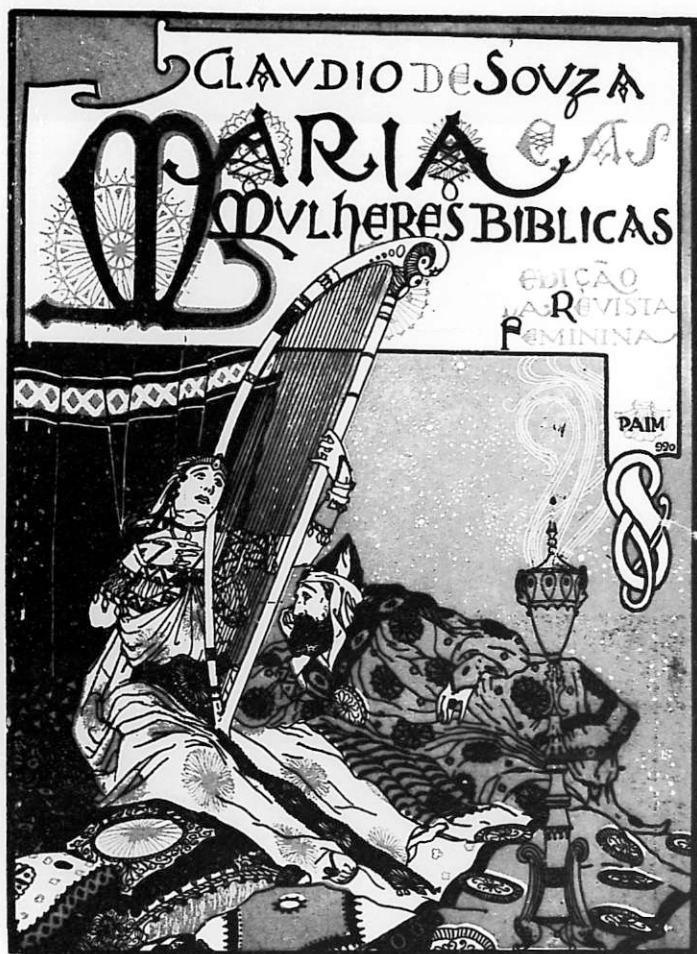


FIGURA 16

Grande abat-jour em grosso Venezia, ornado de motivos assyrios
(Envia-se o risco pelo Correio. Preço 7\$000)



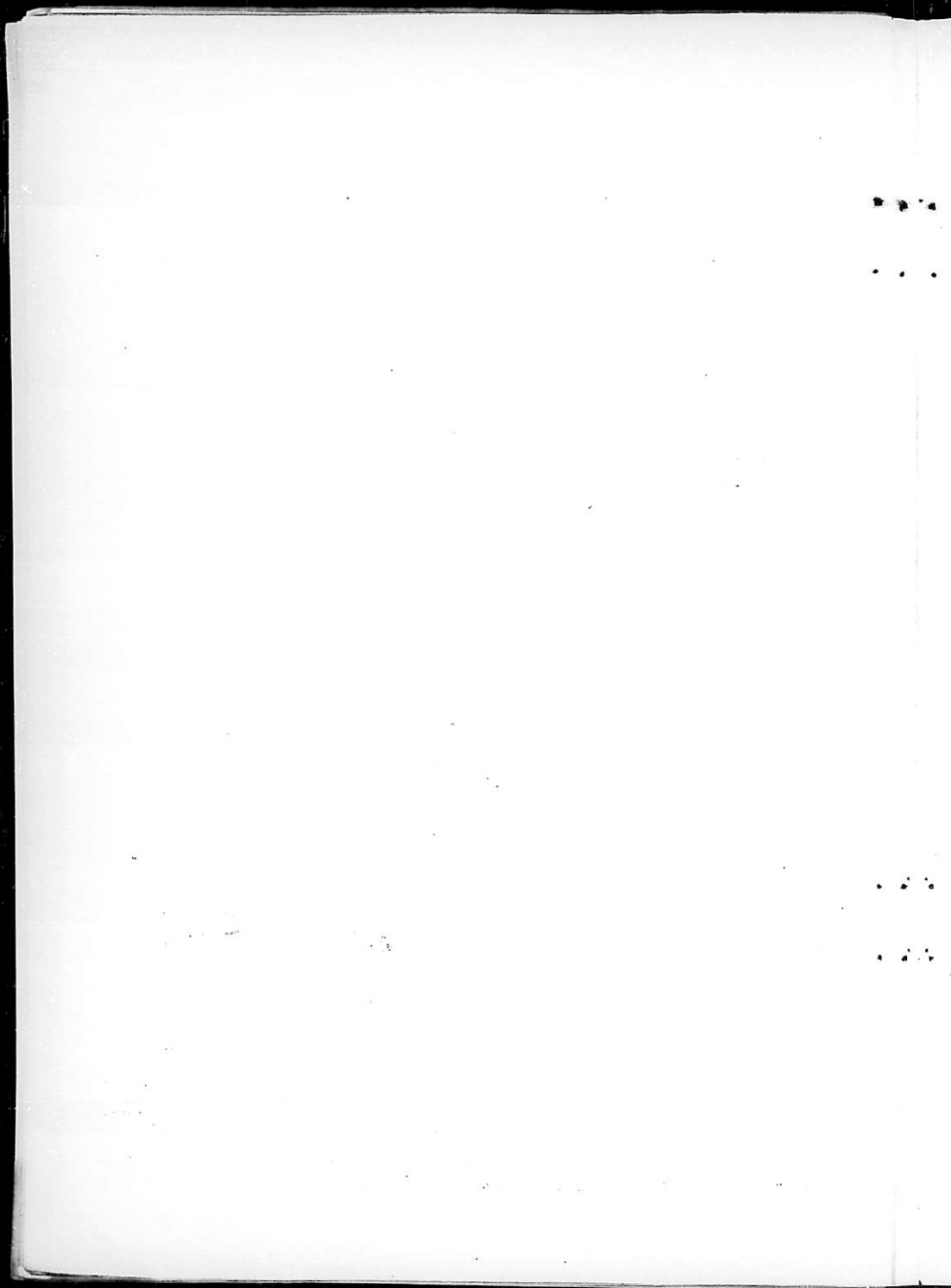
Maria e as mulheres biblicas

Este livro é, no genero, o melhor que tem sido creado em lingua portugueza. Encanta pela pureza da sua linguagem, pela profunda suggestão que desperta no espirito de quem o lê, pela doce emotividade que repassa em suas paginas e pelo seu alto mysticismo. Quem lê as primeiras paginas desse livro encantador, sente-se de prompto arrastado através delle, deixando-se embalar até ao fim pela suggestão evocativa da sua arte. O

leitor de *Maria e as Mulheres Biblicas* sente-se transportado áquellas épocas gloriosas em que floresceram as mulheres mais puras do christianismo.

Todo o volume é illustrado de magnificas gravuras, que são reproduções dos mais famosos quadros de arte.

Pedidos a esta redacção. Preço para todo o Brasil, 4\$000.



Entretenimento para moças

E' com pesar que dizemos que, entre as nossas patricias, tanto as da capital como as do interior, os entretenimentos domesticos que ellas preferem é narcizar-se ao espelho, polir as unhas, ler novelas romanescas, que nem sempre são edificantes, ou, quando muito, fazer crochet ou outras tarefas absolutamente inuteis. O dia, pois, para a



maior parte das nossas jovens e lindas patricias, é muito difficil de encher, tornando-se-lhe o dia, portanto, fastidioso e aborrecido.

Não ha nada que comprometta mais a frescura da juventude que o fastio e o tedio. A ociosidade abre rugas no rosto. Não ha juventude, por mais brilhante que seja, que lhe resista.

Para que a saude seja perfeita e para que a mocidade seja duradoura, é necessario que haja alegria no espirito, serenidade no pensamento e vivacidade nos movimentos. A ociosidade provoca as grandes preguiças, as séstas demoradas, e isso, ao mesmo tempo que entorpece a intelligencia e torna pesado o corpo, apressa a chegada da velhice.

A velhice! Cá está uma palavra que fará rir a muitas das nossas leitoras. Como são jovens, nunca conduzem o pensamento para essa phase afastada da existencia, cuidando que ella custará tanto a chegar que nem vale a pena pensar nella. E' um engano. Ella custa, de facto, muito a vir quando a joven consegue, com o seu proprio esforço, afastar-a o mais possivel, prolongando a sua juventude; mas se se deixar vencer ociosamente, se nunca sentir o prazer delicioso do dever cumprido, a mocidade será curtissima, e muito antes

da idade propria virão as rugas e engelhas com todas as suas fealdades.

Mas não é disso que vamos tratar.

Em geral, as moças que têm por habito ajudar a criada ou as mããs no arranjo da casa, ou porque a isso são obrigadas pelas contingencias da vida, ou porque nisso têm prazer, á noite, quando se vão deitar, estão exaustas, com dores nos musculos do braço e das pernas. A tarefa domestica, sendo assim pesada, acaba por alterar a saude e comprometter seriamente a belleza.

A virtude reside no meio termo. Trabalhar muito é ainda peor que nada fazer. Mas, como diziamos, as moças que se exaurem no trabalho, devem a sua exaustão, não ao excesso do trabalho, mas á falta de methodo. Uma moça que se dispuzer a executar essas tarefas tão complexas, que offerece ao governo de uma casa, com methodo rigoroso e com o proposito de se não afastar do seu programma methodico, finalizará o seu serviço antes de manifestar a fadiga; ao contrario, aquella que trabalha sem methodo, será forçada a muito mais movimentos, fará um serviço notoriamente fahlo e fatigar-se-á demais.

Vejamos um exemplo. Se a sua attenção é reclamada na cozinha, ella, ao passar pela sala de jantar, deve dar uma vista de olhos pelos objectos que precisa levar comsigo, como copos a lavar e outros objectos do guarda-



da-comida ou "étagere"; e isso para não ser obrigada a ter de voltar, o que a forçaria a uma massada que podia evitar.

Não é preciso conceler e estudar um programma de serviço; o programma é inventado de im-



provisão no momento em que se inicia o serviço da casa.



Dessa maneira se faz o serviço em muito menos tempo e com um gasto menor de energia.

As coisas devem estar sempre em seus lugares para poupar o trabalho de as procurar, o que é tão irritante para os nervos. Entretanto, ha senhoras que, nessa exigencia da ordem em que as coisas devem estar, põem uma teimosia excessiva. E' o caso de repetir que a virtude está no meio termo. Se o logar de uma tesoura é certa gaveta, não é preciso que a tesoura, nessa gaveta, ocupe o mesmo logar, o mesmo cantinho, ao lado de taes e taes objectos. Essa ordem excessiva preocupa muito o espirito.

Quer-se uma ordem rigorosa, mas não rigorosissima.

A sciencia do governo da casa consiste na cooperação da ordem com o methodo, da promptidão com a exactidão e do cuidado com a presteza.

Limpar frequentemente, por exemplo, o guarda-comida, não é prova de grande sciencia; muita vez essa occupação, que se torna mania, faz esquecer outras egualmente importantes, faz esquecer os cantos e recantos que precisam ser varridos e onde o pó vive em descaço.

Julgando por esse modo de proceder, a ordem não se obtém senão á conta da desordem; e não é pondo em acção o espanador, a vassoura e o esfregão que a calma, a ordem e o asseo se estabelecem num interior.

Primeiramente, já se vê, se faz o que é mais urgente, e de passagem já se lança uma vista de olhos para o que é preciso executar em seguida, tendo o proposito de não fazer excesso de movimentos e pernadas, evitando-os o mais possível.



Isso são demasias de zelo, de intemperança de actividade que uma boa dona de casa deve reprovare.

No que concerne á conducta da dona de casa, vêm a talho de foice alguns aforismos. Entre os muitos que correm por ahí com direito de cidade, citemos apenas os mais praticos.

Eil-os:

— Cada coisa em seu logar; um logar para cada coisa.

— A cada hora o seu emprego; um emprego para cada hora.

— O tempo perdido não se acha mais.

Já que estamos palestrando ao acaso da nossa volubilidade feminina, mudemos de assumpto. "As mulheres que fallham no casamento" é o titulo de um artigo publicado recentemente no "Daily Mail", de Londres, assignado por J. Mortimer. Eil-o:

"Um sabio medico, com longa e profunda experiencia da natureza humana, disse-me, uma vez, que nove em dez vezes de discórdia matrimonial, a culpa era do marido.

Quando repeti essa affirmação a uma senhora de meia idade que vive agora feliz com seu segundo marido, ella sorriu e sacudiu a cabeça.

— Pensa a senhora que o doutor exaggerou, perguntei eu.

— Certamente. Opponho-me, antes de mais nada, á idéa de culpa. admitto que, em grande numero de casos, o marido proceda mal. Mas, falando de maneira geral, a desavença no casamento não é um resultado de deliberada crueldade, negligencia ou egoismo. Duas pessoas podem pensar que estão sinceramente apaixonadas e principiar a vida matrimonial resolvidas cada uma a desempenhar o seu papel com sinceridade e discrição, e, entretanto, serias divergencias podem surgir.

— A minha opinião pessoal é que, provavelmente, no maior numero de casos de infelicidade matrimonial, a causa pode ser attribuída á esposa.

— Não me comprehenda mal; não estou fazendo um juizo temerario, mas, sómente declarando o que tenho observado. O poder da mulher sobre o homem é illimitado, mas as mulheres raras vezes sabem usar desse poder. Muitas mulheres são habéis em attrahir o affecto do homem, "mas não sabem como conservá-lo depois do casamento". E



um grande numero de mulheres não estão apaixonadas quando se casam.

O professor Arthur Thompson affirmou, ultimamente, que os essenciaes de um casamento feliz, são: affeição organica, sympathia intellectual e capacidade de dividir o trabalho. Muito frequentemente: uma moça inexperiente falta a todos tres destes essenciaes. Pode-se perguntar:

"Então, porque se casa ella?"

Esta pergunta tão razoavel é promptamente respondida. Quando uma moça está constantemente informada que ella

é uma dos dois milhões de solteironas da Inglaterra, logo avalia com segurança que suas possibilidades de casamento são indefinidas. Se reflectir tambem que não é provavelmente bella, que é pobre, fica muito prejudicada na concorrência com as outras mulheres. Dahi a pressa fatal de segurar um marido. Devemos nós surprehender-nos ou censurar que uma mulher nessa situação esteja um tanto ansiosa por convencer-se que o candidato ao seu amor seja o heróe dos seus sonhos? E' muito extraordinario que ella faça pouco caso dos tres essenciaes do professor e se illuda a si mesma com fingida emotividade?

Infelizmente para os planos da humanidade a natureza é inexoravel. Não se pode pretender que exista "affeição" quando ella está ausente. A natureza não tolerará qualquer dissimulação dessa especie. A sympathia intellectual e o desejo de participar do trabalho de seu companheiro podem ser dissimulados com mais facilidade, mas, algumas vezes, ainda quando tal se dá, sobrevem decepção depois do casamento.

A força superior da mulher no amor está na realisação dos tres essenciaes. Sua fraqueza e sua falencia estão no desprezo do facto que os homens não são tão facilmente logrados depois do consorcio como na phase da corte".

O mesmo escriptor, no "Daily Mail", escreve umas coisas interessantes a que dá o titulo de "Livro Sellado". Offerecemos-as á curiosidade das leitoras:

"Uma peça que eu vi esta semana e um livro que li lembraram-me a affirmação de Henry James que, para uma média de moças "uma metade de sua vida é um livro sellado".

Nas "Tres Filhas", do sr. Dupont, do theatro Garrich, a peça se refere a tres moças da classe media, educadas no ordinario lar de "protecção". Julia, retratada com profundo conhecimento por Miss Ethel Irving, case-se sem affeição ou paixão, sendo a verdadeira significação do casamento um livro sellado para ella. Angela segue "mau caminho" e Carolina se comporta como uma solteirona pueril e nevrotica.

Uma grande quantidade de mulheres são criadas na pura fantasia. Todas as verdadeiras realidades da vida estão escondidas no "livro sellado", que ellas não podem abrir. A maior parte das miserias da vida conjugal, muitas das doenças nervosas e mentaes e aberrações e anormalidades de conductas, podem ser referidas a terriveis idéas falsas, concernentes á natureza verdadeira do sentimento amoroso entre as moças. Ha importantes assumptos de vida a respeito dos quaes um poder materno de vinte annos é prohibido até de pensar.

E'-nos licito ficar admirados de que comparativamente tão poucas mães sejam olhadas por suas filhas como seu maior e mais sabio conselheiro

E' inutil illudir-nos com a idéa de que nossas filhas estejam contentes com o livro esteja sellado.

Diante de mim está um authentic "Diario de uma moça", agora publicado, com um prefacio do professor Freud. Cada pagina é elucidativa. "Aos quatorze annos", narra a escriptora, "sou forçada a dizer que, embora muito e muito affeição á minha mãe, não posso conformar-me com o tel-a como minha amiga intima". "Ha algumas cousas que é impossivel a uma moça falar a sua mãe; eu não posso, de modo algum interrogral-a".

Isto não é a affirmação isolada de uma moça.

E' uma declaração feita pela grande maioria das filhas. Mas, com quem, a não ser com sua mãe, deve a moça primeiro aprender as verdades da vida?

A joven diarista procura conhecimentos entre suas companheiras de escola e entre os empregados domesticos e estes "conhecimentos" são simplesmente um tecido de maiores ou menores fantasias perniciosas.

Estas "certas cousas", como disse a autoria do "Diario" são exactamente aquellas que influem na futura conducta da vida, na formação do caracter e no sadio desenvolvimento emocional, felicidade no casamento e na habilidade de transmitir informações essenciaes a seus filhos, mais tarde.

O tecido de fantasias e o sonhar acordado das moças são absolutamente normaes. Mas, condizem frequentemente a sentimentos e crenças erradas, sobre amor e casamento, e põem em perigo a felicidade e a verdadeira adaptação á vida. Ha sempre receio de que as idéas prohibidas e reprimidas possam reaparecer na forma symbolica de hysteria ou pelo menos levantar conflitos mentaes.

Estas vagas curiosidades do espirito das virgens de-ver ser corrigidas pelo ensino materno, antes que se tornem perigosas.

Não ha uma mãe em vinte, que tenha verdadeiro conhecimento das secretas experiencias emocionaes de suas filhas".

Esta palestra está muito tumultuada, e as leitoras já estão fatigadas de tantos assumptos amarranhados sob o mesmo titulo. Fazemos ponto final.



A culinaria delicada

MANJAR DO CÉU

Descasquem-se e cortem-se em fatias tres bananas e cinco laranjas já descascadas. Ponham-se num prato fundo de crystal; junte-se-lhe um copo de coco ralado; acrescentem-se tres rodélas de abacaxi cortadas em pedacinhos; meia chavena de mel e uma de nozes em pedacinhos. Gele-se e sirva-se com creme batido e adoçado com mel. Tambem pôde ser usado com xarope de meple em vez de mel.

PUDIM DE ARROZ COM PASSAS DE AMEIXAS E MEL

Lave-se uma chavena de arroz branco em varias aguas e ponha-se em uma cassarola com uma chavena de agua fria. Faça-se ferver por tres



Pudim de arroz com passas de ameixas e mel.

minutos. Junte-se então um litro de leite e uma colherinha de casca de limão e deixe-se ferver ao fogo lento até que o arroz tenha absorvido o leite. Tire-se do fogo e juntem-se dois ovos batidos com tres colheradas de mel; misture-se bem; ponha-se numa forma unctada de manteiga, cubra-se com papel e submeta-se ao vapor durante trinta minutos pelo menos. Ponha-se num prato quente, feite-se com ameixas em passas e sirva-se com mel e leite.

TORTAS DE GELÉA

Bata-se bem meia chavena de manteiga até que fique como creme; juntam-se-lhe aos poucos tres quartos de uma chavena de calda, um ovo batido, quatro colheradas de creme

uma colherinha de essencia de baunilha e outra de essencia de limão, meia colherinha de creme de tar-



Manjar do céu.

tar, um pouquinho de bi-carbonato de soda em pó e quatro e meia chavenas de farinha. Misture-se tudo muito bem. Amasse-se, estenda-se e corte-se a massa com uma forma em rodélas, pondo geléa na metade delias e tapando-se com outra metade; colloquem-se então estas tortasinhas em uma vasilha unctada e deixe-se no forno por quinze minutos. Quando isto estiver frio, cubra-se com o seguinte: ferva-se juntamente um quarto de chavena de agua e uma meia chavena de calda até que se forme uma massa não muito espessa. Bata-se bem esta massa com uma clara de ovo que já tenha sido muito bem batida de antemão, pondo a calda pouco a pouco e



Tortas de geléa.

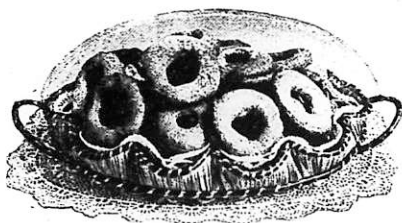
batendo até que a mescla tome a consistencia necessaria para cobrir.



Pão de soro de leite.

PAO DE SORO DE LEITE

Dissolva-se uma pastilha de levedura num quarto de chavena de agua tépida; accréscente-se uma chavena de soro de leite, uma colherada de sal, um quarto de chavena de assucar e a sufficiente farinha para formar uma pasta consistente. Faça-se isto durante o dia e deixe-se repousar durante a noite. Juntem-se então duas colheradas de manteiga e outra de sal, um quarto de chavena de assucar, tres chavenas de soro de leite e mais farinha até a pasta ficar tão dura como se fosse para fazer pãesinhos. Amasse-se bem, accréscente-se um pouquinho de bi-carbonato de soda e continue a amassar-se até que a massa fique dura. Ponha-se em fôrmas



Rosquinhas de leite coalhado.

de pão unctadas, junte-se leite quente e colloque-se ao forno por uma hora.

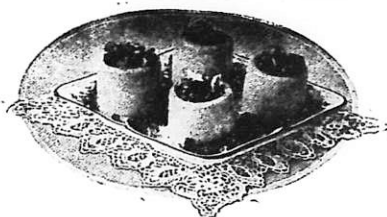
ROSQUINHAS DE LEITE COALHADO

Junta-se uma chavena e meia de leite e tres ovos batidos. Bate-se por cinco minutos. Juntam-se ainda quatro colheradas de manteiga derretida, uma chavena de leite coalhado, uma colherinha de levedura, meia de sal, uma de noz moscada em pó e sufficiente farinha para formar uma pasta consistente. Ponha-se em logar frio durante a noite, e no dia seguinte em logar quente por duas horas. Exten-

da-se numa taboa de amassar, corte-se e frija-se em manteiga fervendo.

PUDINS SECCOS DE LEITE

Misturem-se duas colheradas e quarto de gelatina com uma chavena de agua e dissolva-se ao fogo. Ponham-se duas chavenas de agua e tres ovos numa cassarola e mexa-se ao fogo durante cinco minutos. Misture-se uma e meia chavena de leite com quatro colheradas de farinha de arroz ou maizena, duas chavenas de agua, duas colheradas de manteiga e meia de chavena de assucar. Ponha-



Pudins seccos de leite.

se ao fogo, mexendo até que a mistura fique espessa. Accréscentem-se então os ovos já misturados, a gelatina e o caldo da laranja. Coe-se, ponha-se em fôrmas humedecidas e gele-se até que tomem consistencia. Tire-se da fôrma e sirva-se com geléa em pedacinhos.

SORVETE DE FRUTAS

Meçam-se duas chavenas de fruta bem madura com bastante caldo, como cerejas, mangas, abacaxis, morangos, etc. Expressem-se. Passe-se o caldo por um coador, ponha-se o assucar que baste e prove-se. Misture-se então com quatro chavenas de creme que tenha sido bem batido. Gele-se e sirva-se em taças enfeitadas com frutas em conserva.

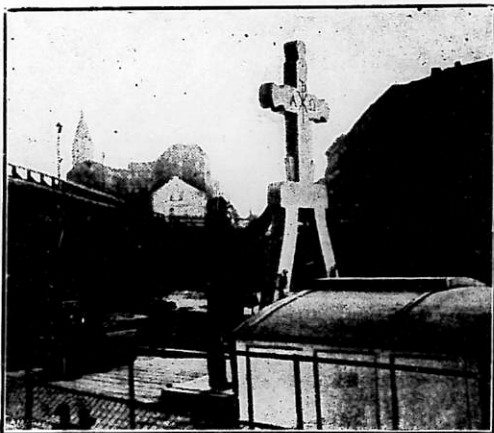


Sorvete de frutas.

As igrejas fluctuantes na Alemanha

O forasteiro que contemplar Berlim de passagem, difficilmente se lembrará de que o povo allemão esteve empenhado na mais tremenda guerra de que ha noticia e na qual, o que é mais, foi derrotado. Aos seus olhos se desdobram perspectivas interessantissimas. A cidade tem um movimento assombroso. As praças, que são amplas, estão lindamente embelezadas de jardins; os parques são expandidos; as pontes monumentaes, que põem em communicação as duas partes em que a cidade é dividida pelo caudaloso e navegavel rio Sprée, em cujas aguas, de um verde pardacento, tremulam as linhas dos edificios que se levantam a cada lado da margem; as estatuas e os monumentos de solida belleza em que predomina o estylo moderno, caracterizado pela força e pela energia compatíveis com os sentimentos artisticos; os panoramas urbanos de tão esplendida perspectiva, como o da rua chamada Sob as Tílias, que se estende desde o Palacio Real á Porta de Brandenburgo, com sua quadrupla fila de tílias frondosas; suas amplas vias de carruagens de ambos os lados, e seus edificios sumptuosos entre os quaes se contam o palacio de Guilherme I, a Academia de Bellas Artes a Embaixada russa e outros cem mais de formoso aspecto, tudo isso parece estar dizendo ao forasteiro que naquella cidade ninguem se preocupa com a guerra ou que todos já se esqueceram della.

O forasteiro admirará tambem a Cathedral, obra da Renascença italiana onde se vêm detalhes de ornamentação verdadeiramente encantadores; o palacio real, residencia dos imperadores, que se levanta magestoso no centro da ilha do Sprée em frente á "Lustgarter", e a bella praça á qual dá acesso a ponte do palacio, que estabelece a communicação de um lado a outro da cidade e



O sacristão de uma igreja fluctuante, chamando os fieis ao officio divino

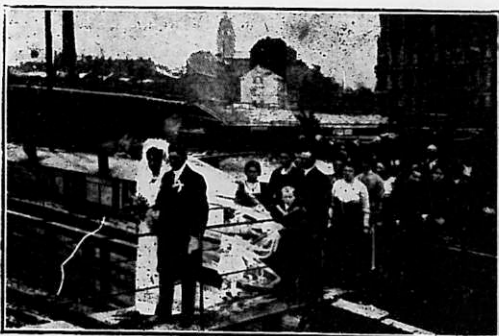
pelo airoso campanario rematado por uma cruz.

A estes templos fluctuantes acodem os fieis da redondeza. E' commum ver-se um grupo de moços de ambos os sexos atravessar a pontesinha que os põe em communicação com a terra, para receber das mãos do sacerdote o sacramento da confirmação, como é commum tambem ver-se a comitiva de uma boda acompanhando os noivos, que, depois de receber a bençãem ante o altar, vão solenizar com um almoço o acto venturoso nas proprias dependencias do barco. O barco tem accommodações para tudo isso.

O povo allemão é eminentemente religioso. A maior parte da população de Berlim é evangelista, porque essa é a religião official, ensinada nas escolas e propagada por todas as formas. A despeito disso, porém, o

catholicismo romano vem fazendo, de uns tempos a esta parte, um progresso extraordinario, que surprehende os pastores evangelicos; e não longe está o dia em que o catholicismo conte, na populosa e cultissima metropole allemã, uma maioria notavel.

O povo, como dissemos, é religioso. Aquellas barcas, onde se exerce o officio divino, não estão immoveis sobre as aguas á espera dos fieis.



Noivos acompanhados da comitiva, dirigindo-se á igreja fluctuante para celebrar o seu casamento e receber a bençãem nupcial

A historia do violão e dos grandes violonistas

O paiz onde ha mais intenso amor pelo violão é o Brasil. Entretanto, se não fossem alguns concertos que aqui realisaram a sfa. Robledo e o paraguay Barrios, ainda não se fazia bem uma idéa dos imensos e encantadores recursos desse instrumento. Os melho-



Miguel Llovet

res dos nossos violonistas tocaram de ouvido; e áquelles que o tocaram por musica, faltalhes escola.

O verdadeiro nome do instrumento é guitarra. Diz-se violão, provavelmente para differenciar da guitarra portugueza de dez cordas de aço.

O violão, que era o instrumento da plebe, começa hoje a gosar seus foros de nobreza, principalmente na Hespanha onde a sua cultura é rigorosissima, e na Republica Argentina, onde começa a ser cultivado com intelligencia.

A sua historia é altamente interessante. Sua origem se perde na noite dos tempos, como se diz. Os hebreus chamaram-lhe "manchul". Não era inteiramente igual ao instrumento moderno; tinha oito cordas e um numero muito limitado de "espaços". A fórmula era, porém, a mesma. Foi ao violão que os persas, os arabes e os mouros

cantaram as suas poesias. Em fins do seculo V vemol-o entrar na egreja para commemorar o baptismo de Clodoneo I, o fundador da monarchia franceza, e foi tal o grau de admiração que causou ao rei, que, num tratado de paz entre a França e Theodorico, rei dos ostrogodos, se consignou uma clausula pela qual se obrigava o principe a mandar um bom violonista com um grupo de musicos italianos.

Naquelles tempos não tinha o instrumento mais que quatro cordas: **Mi, Si, Sol e Re**; a quinta, **La**, foi-lhe juntada dois seculos depois aproximadamente; e a sexta, **Mi**, só ha uns cincoenta annos é que se lhe juntou.

De todos os instrumentos primitivos de cordas, o violão é o unico que continua a ser cultivado, sem duvida alguma por sua forma graciosa, pela suavidade da sua voz, e, sobretudo, pela sua afinação engenhosissima, que o torna susceptivel de execucao. do contraponto e de poder seguir o movimento progressivo musical, enquanto os outros instrumentos, como a teorba, o alaude, o sistro, a viola antiga, defeituosos pela maneira de ser afinados, não eram proprios senão para delles se tirarem certos e determinados effeitos, além de não prestar-se para nenhuma classe de modulações.

Pela metade do seculo XVII conquistou o violão grandes sympathias na corte mais brilhante da Europa. O proprio Luiz XIV recorria a elle, com suas regias mãos, para distrahir as suas horas de ocio. Seu mestre, Roberto de Viseo, expressou-se assim em um volume de peças compostas pelo Rei Sol, publicado no anno de 1686: "Mui honrado me sentira, se, por todo fruto dos meus desveios, pudera distrahir V. M. dos cuidados importantes que tem occupado a vossa real attenção, para bem e repouso de vossos vassallos."

* * *

Desde Roberto Viseo, poucos artistas se destacaram nesse genero de composições; tanto assim é, que, quando appareceu Fernando Sor, cerca de dois seculos mais tarde, o mundo musical experimentou uma vivissima sensação: sua arte surpreendeu pelo encanto e pela novidade

das suas creações, que ficaram como modelos de sciencia e de bom gosto. Com effeito: Fernando Sor compoz e legou ao violão suas joias mais pre-

Dionizio Aguado
1784—1849Fernando Sor
1779—1859

Francisco Tárrega



ciosas. Algumas das suas obras, a maioria dellas talvez, podem ser collocadas ao lado das dos grandes classicos como Haydn e Mozart. Nasceu este celebre e genial violonista em Barcelona, no anno de 1778 e morreu em Pariz em 1839.

Poucos annos depois veiu ao mundo, em Madrid, Dionisio Aguado, cujo mestre, o famoso padre Basilio, foi quem criou a sexta corda do violão. Aguado deu grande impulso ao seu mecanismo, e, embora tivesse composto obras de notorio valor musical, seu principal esforço dedicou-o elle ás obras didacticas. Em seus methodos encontra-se um tão profundo estudo da technica do instrumento, e lhe deu orientação tão nova, que o seu nome occupa um logar proeminente na historia do violão.

Dionisio Aguado foi grande amigo de Sor, e admiravam-se mutuamente.

Por aquelle tempo, na Italia, houve muita predilecção por esse instrumento e em outros paizes da Europa, sobresahindo, entre muitos, a figura de Mauro Giuliani, que possuia uma brilhante execução e uma rara imaginação musical. Mas verdade seja que nunca chégou á altura dos grandes mestres hespanhoes.

Seguiu-se um periodo a que se poderia chamar de transição, comprehendido na segunda metade do seculo passado, durante o qual se rendeu, em Hespanha, mais culto ao violão que em nenhum outro paiz, alcançando gloriosos triumphos o andaluz Julián Arcas, muitas de cujas obras merecem menção especial pela abundancia das idéas que encerram.

Na geração seguntee nasceu Francisco Tárrega em Villa Real, provincia de Castellón de la Plana, a vinte de Novembro de 1854, destinado a dizer a ultima palavra de arte de que nos occupamos. Foi elle quem aperfeiçoou a technica e o levou ao grão maximo, ou, melhor, quem criou uma nova technica, uma nova escola, uma nova maneira de interpretar a musica do violão, elevando-o á mais alta das emoções estheticas.

De Tárrega para cá se nota um marcado movimento em favor do violão, pois deixou elle uma pleiade de discipulos brilhantes que propagam a esthetica do mestre e á testa dos quaes se acha Miguel Llovet.

Miguel Llovet tem hoje quarenta annos aproximadamente e é apontado pela critica como o maior genio contemporaneo do violão.

Esse grande violonista, que é immensamente sympathico, sociavel e franco, forneceu a um jornalista americano algumas notas a proposito da sua vida intima e da sua arte.

Eis o que elle proprio escreveu:

"Depois de aperfeiçoar meus estudos com o grande Francisco Tárrega, dei meus primeiros concertos em Barcelona, minha cidade natal. O exito que então obtive encheu-me de muito entusiasmo, e segui minha carreira artistica musical, abandonando a pintura, que, até aquella data, tinha cultivado com algum proveito e de que são provas os premios que obtive em varias exposições locais. Viajei pela Hespanha, come-

cando por Valencia e seguindo pelas capitães da Andaluzia. Em Málaga nomearam-me Professor honorario e Socio Facultativo do Conservatorio. Passei a Madrid e alli obtive um dos melhores acolhimentos que me têm sido dispensados pelo publico: toquei no Circulo de Bellas Artes, no Atheneo e no Theatro da Comedia; neste ultimo dei cinco concertos que constituiram a nota mais saliente da temporada, havendo noites em que faltou logar para os assistentes. Finalmente, fui convidado a tocar no Real Palacio ante os augustos soberanos e familia real,, tendo feito a minha apresentação o celebre maestro Thomás Bretón.

De Madrid sahi a percorrer as principaes cidades da Hespanha, e os triumphos que obtive afagaram minha ambição e encorajaram a ir a Pariz, onde fui cercado pelas mais notaveis personalidades da arte, e onde minha arte causou uma verdadeira revolução, logrando impor o violão nas espheras mais elevadas".

"Viajei pela França, Belgica e Allemanha, onde meus exitos foram ruidosos, principalmente em Munich. Por causa da guerra transladei-me para os Estados Unidos, estando altamente satisfeito com a campanha realizada. Em Nova York tive um caloroso acolhimento, não só por parte do publico como da imprensa. O jornal "O Globo", por exemplo, disse que — os tres maiores artistas de instrumentos de corda que hoje se acham nos Estados Unidos são Kreisler, Casal e Llovet.

Mas, o que mais me tem interessado e maiores satisfações me tem proporcionado são as audições intimas, dadas em minha honra, em casa do illustre pianista americano Mister Ernest Schelling, com um auditorio composto de Paderewski, Kreisler, Godowski, Zimbalist, Sembrich e outras celebridades europeas que se encontram em Nova York presentemente. Ver estes genios da musica entusiasmados e ser por elles collocado entre os grandes artistas da actualidade, satisfaz-me muito mais que as maiores ovações de um publico anónimo, composto de mil pessoas."

"Mas, nem mesmo nesses momentos de orgulho afastava da minha imaginação minha filhinha, minha esposa, meu pae, meus irmãos, a todos os meus, que vivem em Barcelona, parecendo-me que sem elles não são completos os meus triumphos. Falta-me alquem a quem possa communicar-os, e que possa bem sentil-os, na intimidade do lar..."

E o artista, o maior genio do violão, ficou suspenso, olhando o vacuo onde se esfumavam as imagens dos seus parentes queridos.

Llovet reside em Barcelona.

O Rio de Janeiro parece estar destinado a ser, no Brasil, a capital do violão. Está residindo lá a grande artista Robledo, discipula de Tárrega, que conta com grande numero de alumnos de ambos os sexos, entre os quaes senhoras da melhor sociedade.

Em S. Paulo apontam-se dois amadores de talento e muito esforçados, os srs. José Avelino e Osvaldo Soares.

Aventuras de um dramaturgo



O dr. Candido, mais conhecido pelo diminutivo íntimo de dr. Candinho em todas aquelas redondezas entre Passo Fundo e Sant'Anna das Bicas, mil vezes quiz tentar a aventura e mil vezes trocou de proposito, deixando-se dominar cada vez mais pela velha e invencível mercia. O dr. Candinho tinha um ideal: ir à capital para fazer representar um dos seus dramas Houv manhãs em que elle, ao saltar da cama, disse de si para si: "E' hoje!", como a significar a corajosa resolução de tomar o trem e partir para S. Paulo. Mas essa resolução só era forte nos primeiros minutos, e tão forte que lhe punha centelhas nos olhos e lhe entumescia o peito. A' medida que os minutos passavam, a energia ia perdendo a intensidade e por fim dava lugar á habitual inercia, em que, havia mais de trinta annos, vivia mergulhado. Inercia de movimento, mas não de idéas. Durante trinta annos estudou, leu, produziu. Aprimorou a sua lingua no contacto constante com os classicos. A ambição de conquistar um nome nunca o abandonou. Em qualquer época elle poria em pratica os meios de obter essa conquista... E ia sempre adiando a realisação dos seus idéas. Enquanto os adiava, ia compondo os seus dramas, comédias e outros generos theatraes, retocando os trabalhos feitos, aprimorando-lhes o estylo.

Elle foi nomeado promotor publico de Sant'Anna das

Bicas aos vinte annos. Lá ficou, de lá nunca mais sahiu. Como não tinha vicios nem onde gastar os seus ordenados, foi applicando-os em coisas uteis. Comprou uma chacara com uma linda casinha, e lá vivia, havia annos, uma existencia estudiosa e pacata. D. Catharina, uma velhota portugueza, era sua companheira de solidão desde seus primeiros annos de promotoria. Que elle então já não era mais promotor; pediu demissão e só excepcionalmente, para servir a um ou outro amigo, accetava causas criminaes ou civis. A sua renda bastava-lhe de sobejo para as suas poucas necessidades. D. Catharina tratava da cozinha, da casa, da roupa branca e ainda tinha vagares para tratar da horta e do galinheiro.

Um mez antes, apparecera por lá, por um desses acasos inexplicaveis, o Chaves, que então redigia um periodico illustrado, fundado especialmente para explorar a generosidade dos secretarios do governo. O

tal periodico, que só vinha á luz quando havia promessas de propinas officiaes e cujo unico programma era incensar os chefes da situação politica, tinha o titulo reumbante de "A voz imparcial". A sua secção litteraria era desenvolvida e interessante. O Chaves, apesar da sua profunda ignorancia, era loquaz e intelligente. Na capital era conhecido como "aguia", isto é, individuo de faro para "cavações". Dispunha de boas relações nas rodas litterarias e entre gente de theatro. Elle farejou no dr. Candinho uma boa presa.

E foi sob sua influencia que o dr. Candinho, uma manhã, com grande surpresa para d. Catharina, se levantou mais cedo que de costume e começou a preparar as malas.

— Que é isso, dr. Candinho? fez a velhota, arregalando os olhos, muito admirada de vel-o tão lépido a fazer aquelles preparativos.

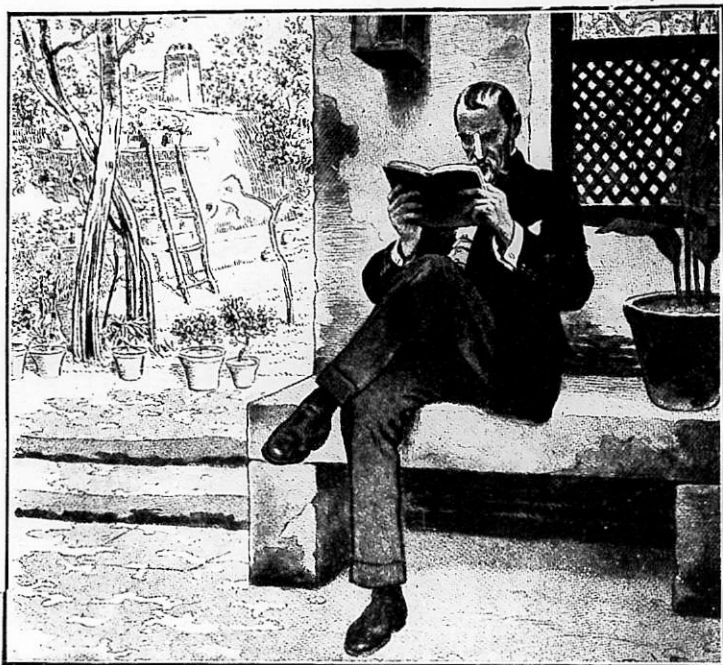
— Qual Chaves qual nada! Nem pensei mais nelle. O dr. Candinho mentia de novo, porque, no fundo, elle não pensava em outra coisa. Contava com o Chaves para tudo. Era o seu homem. Pelas mãos delle seria conduzido ás rodas litterarias, aos empresarios...

E deixando a creada attonita, apressou o passo para alcançar o trem, que chegára. Foi a pé, levando elle proprio as suas malas, porque a sua casa distava vinte passos da estação.

A creada acompanhou-o, arrastando as chinelas e com uma humidade de lagrima nos olhos. A' partida do trem, ella ainda lhe falou enfiando a cabeça pela janellinha:

— O senhor se arrependerá, dr. Candinho, e só trará desillusões!

Os braços do Chaves abriram-se cordiaes para receber o dramaturgo.



— Vou a S. Paulo.

— Mas assim, sem dizer agua vae? sem me avisar com antecedencia para eu dispôr as coisas?

— Tomei a resolução hontem á noite ao deitar-me. O homem mentia como Judas. Elle nada dissera á creada, recando a sua opposição, as suas catturices.

A creada, cruzando os braços e abaixando a cabeça num ar de meditação, falou:

— Está-me dizendo o coração que o senhor doutor vae dar um mau passo.

— Vou tratar da minha gloria.

— Gloria! Falar em gloria da sua idade! A sua gloria está aqui, em sua casa, entre os seus livros, entre os bons amigos que o procuram e o estimam. Sou capaz de jurar que foi o tal Chaves, aquelle badameco, que lhe poz caraminholas na cabeça. Ora, o senhor, um homem de juizo tão assentado, levar-se pela parolagem de um troca-tintas que vem da capital!

— Meu insigne amigo! exclamou. Vae ver com que facilidade conquistamos a capital. Tão certo como dois e dois fazem quatro. A chave com que se abre a arca de ouro é o talento, e você o tem a dar com pão. Ou muito me engano ou algum dos dramas que você trouxe na maleta fará famoso o seu nome em vinte e quatro horas.

O dr. Candinho repeliu-o com modestia:

— Homem, nem tanto! Não aspiro a isso. A minha ambição é mais modesta. Tenho, confesso, uma grande curiosidade de ver representado um drama da minha lavra. Quanto á gloria, a ter um nome consagrado pelas platéas, me é tão indifferente, que assignaria os meus trabalhos com um pseudonymo.

O dr. Candinho não mentia. Elle era realmente modesto. Contentava-se com o successo das suas peças e pouco se lhe dava que o successo puzesse em evidencia o seu nome.

— Pois eu juro que o seu nome, dentro em pouco, será citado entre os dos grandes autores nacionais.

— Admitto que o seja, mas isso não me abala. Desejo apenas realizar um velho capricho: ver em scena uma das minhas peças, principalmente a ultima que compuz, "Alma delirante", que trabalhei com tanto carinho... Não direi que é uma peça magistral, mas estou bem seguro da pureza da sua linguagem e da sua theatricalidade.

Foi Chaves quem lhe procurou hospitalidade, quem o conduziu pela cidade, ora em demorados passeios a pé pelo centro, ora em longas excursões de bonde por arrabaldes e suburbios. Apresentou-o nas rodas literarias e pol-vo em contacto com todos os jornalistas e poetas em evidencia. O dr. Candinho, ao cabo de alguns dias de convivencia com essa gente, estava desiludido. Os homens de letras lhe pareciam maos, perversos, cheios de invejas. Os mais "cotados" andavam rotos, de botinas cambadas e pareciam ter um ar de fome velha. Os outros, de menor cotação, eram rapazes ricos, quasi inacessiveis, que só escreviam em francez ou em portuguez muito suspeito.

Mas o dr. Candinho, optimista por temperamento, cria de olhos fechados em tudo que lhe dizia o periodista da "Voz Imparcial". Quinze dias depois, escrevia á velha Catharina: "Meus negocios correm bem".

Passou um mez, passaram dois e já se ia exgottando o terceiro, e o drama "Alma delirante", que já passára pelas mãos de dois empresarios, parecia estar destinado a não ver a luz da ribalta. Boas palavras e magnificas promessas não faltaram ao novel e encanecido dramaturgo.

O Chaves encarregava-se de manter o fogo sagrado da illusão e as esperanças do pobre homem.

— E' necessario ter um pouco de paciencia. Isto de theatro e empresarios requer muito tempo e muita fadiga...

Toda vez que o periodista ateara esse fogo, não se esquecia de dar um "avança" á bolsa do homem, pedindo-lhe dinheiros emprestados. O dramaturgo, generoso por indole, cria-se, de certo, obrigado a esses desembolsos, mercê da solicitude com que o tratava o rapaz e das suas canceiras no interesse em collocar o drama. Correspondia-lhe, pois, com liberalidade. Entretanto, como quer que o Chaves amedusasse demasiado os pedidos de dinheiro e em quantias cada vez mais avultadas, elle começou a suspectar da moralidade de seu amigo e intimamente a considerá-o um explorador.

Ha tantos exploradores na cidade! Decidiu, portanto, cortar-lhe as vasas. O Chaves, então, vendo diminuir a mamata, redobrou de attenção para com a victima e encheu-a de mais promessas, de mais esperanças, e

com uma tactica genial. Por fim inventou difficuldades de vida, compromissos inadivaveis, desgraças na familia. A debilidade do dr. Candinho ia cedendo ao novo plano de ataque.

O tempo corria. Já ia para seis mezes, e a peça, a despeito das promessas mais formaes, não subia á scena. A sua longa permanencia na capital lhe exgottara quasi todos os recursos. A sua bolsa, como um balão sem gaz, murchava lamentavelmente.

Farto já de esperar, de confiar, de dar, ia pôr fim á aventura, levantando acampamento, quando o Chaves, para quem essa resolução se lhe antolhou como um verdadeiro desastre, revolveu S. Paulo de baixo para cima para que o drama do dr. Candinho fosse representado. Como essa empresa era irrealizavel nos principaes theatros do centro, onde o drama foi recusado e provavelmente sem ser lido, Chaves procurou os theatros de ultima ordem. Ao cabo de muita fadiga conseguiu que a peça fosse admitida.

Quando o pobre homem viu em ensaios a sua "Alma delirante", cuidou ficar louco de alegria. Aproveitando-se disto, o Chaves deu mais um avanço na bolsa do seu amigo. Chegou o noite da estrêa, e o dr. Candinho sentiu uma alegria de Juazeiro, um ardor de vinte annos... Cheio de fé e de enthusiasmo, aguardou o successo. Tal, porém, não aconteceu, por desgraça. O seu drama, apesar da corrección da linguagem, era uma obra ingenua, antiquada, cheirando ao ranço classico. O publico, habituado a coisas vehementes e rapidas, segundo o gosto cinematografico, protestou ruidosamente contra a velharia. Alguns espectadores das "torrinhas" assobiaram. As ultimas scenas não foram representadas, porque o panno cahiu sob a algazarra da platêa.

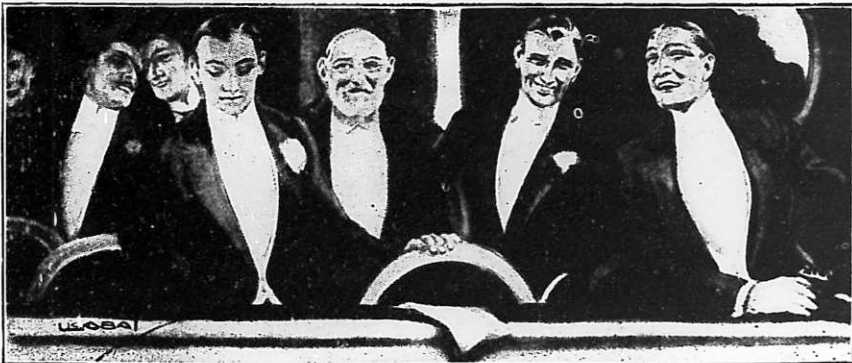
Com a illusão despedaçada, a fortuna arrombada, desencantado, fatigado da existencia frivola da capital, voltou no dia seguintes para Sant'Anna das Bicas, o seu pittoresco e amado rincão.

A velha Catharina, depois que ouviu o relato das suas desditas, ficou estupefacta, parecendo-lhe mentira que um homem de tanto saber e tão sensato se deixasse levar pela labia de uma troca-tintas... Passada a estupefacção, discursou longamente, demonstrando-lhe que ella, sem saber nada e mal sabendo soletrar, sabia mais que elle, pois que lhe havia já annuciado o resultado da aventura.

E terminou:

— Lembre-se bem das ultimas palavras que lhe disse á janellinha do trem: o senhor se arrependerá, dr. Candinho, e só trará desillusões.

Ortiz de Pinedo.



O publico protestou ruidosamente.

O ARTISTA APOSTOLO

Por um dia do mez de Setembro de 1836, viram estupefactos os hospedes do *Hotel da União* de Chamounix, chegar a seguinte caravana: primeiro, um *jovent*, com basta cabelleira negra cahida até os hombros, fumando um enorme cachimbo turco, vestindo comprido casaco de velludo negro aberto sobre um collete vermelho; depois, um senhor de compridas melenas e que mais parecia um carregador tal a quantidade de volumes que trazia; logo atrás seguiam-se uma dama ruiva, envolta em véu de côr verde, um mocinho magro e alto, uma criada levando pela mão um menino e uma menina e, finalmente, um



LISZT E WAGNER

lange e Maurício; a presumida criada, uma ama; o homem dos embrulhos Franz Liszt; a dama do véu verde a amiga de Liszt, a condessa de Agoult; o moço magro, o seu discípulo Herman Cohen, que annos depois se fez carmelita, e o burguez,

o *maire* suíço Pictet, a quem se deve a narrativa desta aventura, que constituiu um dos momentos mais felizes da vida dos seus protagonistas.

Para Liszt, sobretudo, foi um dos poucos intervallos de repouso e alegria que teve em sua attribulada existencia, um dos raros momentos em que se sentiu *bem*. E' que Liszt não foi somente o musico brilhante das *Rapsodias* ou o pianista victorioso de seus concertos; foi um artista de sentimento muito profundo e muito puro, que nos deu o *S. Francisco de Paulo* e o *Santa Izabel* e foi, antes de tudo, um homem de vida santa, um amigo de bondade incomparavel.

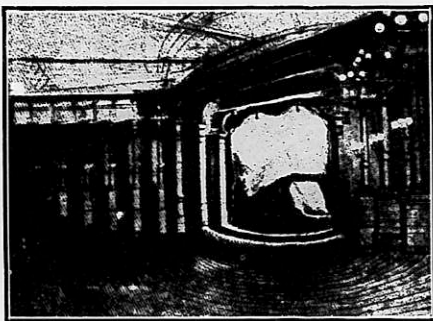
Toda a sua vida poder-se-ia resumir na palavra da *Kundry* do *Parsifal*: servir. Nunca pensou em outra coisa: — servir, servir sempre e servir a todos. Serviu com os seus concertos, que, raras vezes dava para si proprio, pois destinava, quasi sempre, o seu producto a alguma obra pia: a terminação da cupola da cathedral de Colonia, ou o monumento de Beethoven, em Bonn; serviu com os seus escriptos, pois, todas

as suas criticas e toda a sua correspondencia foram

um verdadeiro apostolado em favor de Beethoven, Schumann, Berlioz e Franck. Serviu, por fim, com toda a arduencia de sua fé, do imo da alma, ás glorias e ás idéas pela qual luctou e se entusiasmou: Serviu a Wagner e fez o wagnerismo.



Cosima Liszt, nos seus ultimos annos



Sala do theatro de Beyruth

sujeito de aspecto burguez, que parecia comprazer-se em vêr a tropilha.

Toda essa gente entrou no hotel a um de fundo, numa gritaria ensurdecadora. O jovent de collete vermelho inscreveu-se no livro da porta e tambem os seus companheiros como a *familia Piffocls, vinda de Deus, dirigindo-se para o céu e domiciliada na natureza*.

Permaneceu a caravana no hotel cerca de dez d'as, durante os quaes não cessou de escandalizar os hospedes. Todo o mundo protestava contra os *barbaros*, principalmente um inglez muito respeitavel que, constantemente, recebia na cabeça jarros d'agua, despejados *por descuido*.

Quando os barbaros foram-se embora, viram os hospedes do Hotel da União que o jovent de collete vermelho se havia transformado em mulher.

O jovent a que alludimos era a celebre escriptora Jorge Sand; os dois meninos eram seus filhos So-

Liszt fez Wagner e o fez na sombra, com sacri-

ficio, só pela gloria de tel-o posto de pé.

Sem Liszt jamais Wagner teria a firmeza de levantar a sua obra gigantesca e, — o que é mais, — de levantar-a sem o apoio de concessão alguma.

Lendo-se as cartas do apostolo, uma dellas dirigida áquella que foi a verdadeira irman do seu espirito, essa adoravel e mystica princeza de Sayn-Wittgenstein, com a emoção de que communicam os grandes milagres, vê-se como, pouco a pouco, lentamente, mas com segurança, Liszt foi modelando Wagner.

Tal qual Berlioz que pagou o que por elle luctou Liszt, com a mais negra ingratidão, como Heine que, a generosidade de Liszt correspondeu com sarcasmos e insultos, — Wagner nada mais lhe fez não cumal-o de sofrimentos.

Contudo, elle soube ir procurar Wagner muito além de suas acções e soube perdoal-o sempre, continuando a querer-lhe sempre, e a servil-o sempre.

Após uma intoleravel scena de caprichos e exigencias, escrevia Liszt á princeza: "Ricardo está doente, de enfermidade incuravel. Por isso é preciso dar-lhe o que quizer e fazer-lhe as vontades".

E' que Liszt conhecia todos os soffrimentos e todas as amarguras de artista que crêa, e sabia o quanto tem de terrivelmente solitaria a vida de um artista. Quiz, por isso, que Wagner encontrasse sempre a seu lado uma força para levantar-o e animal-o, e, renunciou a tudo o que era sua vida propria para se dedicar, por completo, á vida de quem chamou *seu filho espiritual*.

Elle, que precisava da communhão do publico, elle, a quem toda a Europa chamava o *Paganini do piano*, e que possuindo a gloria pura de suas composições não havia ainda dado a conhecer sinão as glorias alheias, encerrou-se em Weimar, annos e annos para *fazer Wagner*.

Quando partiu de Weimar, já existia Wagner, dando-lhe, para substituir a sua amizade, o amor



Georges Sand, em sua mocidade

comprehensivo e forte de sua filha Cosima, filha da aventura de Chamounix, que succedeu a seu pae no apostolado wagneriano e que, seguindo o exemplo paterno, presidiu em pessoa, até ao ultimo momento, as representações do templo de Bayreuth.

Tem um quê de dolorosamente tragico a vida de Liszt, e as relações de Liszt e Wagner resumem essa tragedia.

Quem, pensando em Wagner, não pensa tambem em Liszt?

Liszt nasceu para o sacrificio; para elle o sacrificio perdurou mesmo depois de morto.

Em suas longas peregrinações de arte nunca pôde

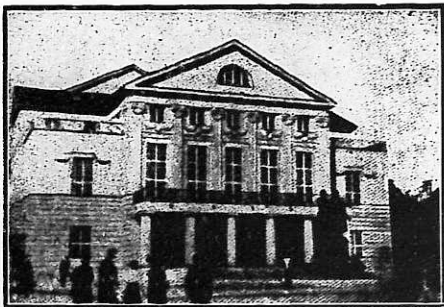
ser *elle proprio*; foi sempre o *interprete de algum*, e o seu talento de pianista o destruiu, condemnou-o! E a magna idéa que nasceu de sua arte elle a encarnou em outro, e assim foi sem cessar.

Aquella que elle chamou a *sua Beatriz* teve que ser só isso; a Beatriz longinqua, que só se approxima em espirito. E si Liszt se reuniu á princeza de Sayn-Wittgenstein, fel-o nas ultimas ardencias, quando, seguindo o mysticis-

mo que dominava *sua Beata*, entrou em religião. E elle, que quiz ser o amante apaixonado, foi o fervoroso abbadé Liszt.

Santa e cheia de sacrificio foi sua morte, como sua vida. Compreendendo ter chegado os seus ultimos instantes quiz dedicál-os, como todos os seus actos, á gloria de Wagner. Deixou Londres, onde os artistas o applaudiam constantemente, e, sem voltar sequer a Paris, onde se executavam as suas *musicas* — Paris, que havia visto representar a sua opera *Dom Sancho*, que terminára aos 14 annos! — foi exhalar o derradeiro alento em Bayreuth, junto ao templo, que era obra sua e fóra o amor de toda a sua existencia. E expirou, murmurando, como ultima palavra o ineffavel nome de *Tristão*.

MARGARIDA NELKEN.



Weimar — O antigo Theatro da Côte



Ricardo Wagner

Porque o casamento emmudece o homem ?

Quem não tem notado no restaurante, no theatro, no bonde, no cinema, na rua, os casaes silenciosos, os casaes mudos, o homem e a mulher presos um ao outro pelas pesadas e invisiveis cadeias da lei, do preconceito, do interesse, do respeito social, do habito ou do



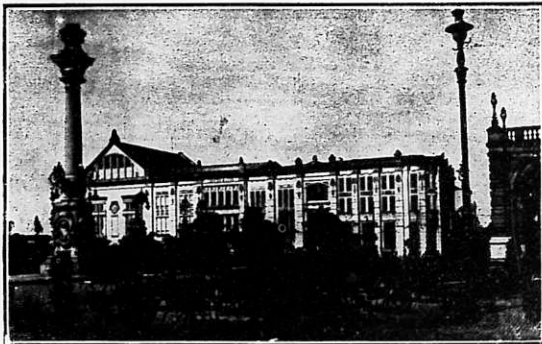
Vistas de S. Paulo. O Viaducto do Chá e o Theatro Municipal

dever, e tão indifferentes um ao outro, tão desunidos de pensamento, tão divorciados de sentimentos, que mais parecem dois seres estranhos, desconhecidos, reunidos instantaneamente por um simples acaso?

Estes casaes mudos são brasileiros ou portuguezes.

Esea mudez que revela os abysmos que separam os dois conjuges, é um vicio de raça ou de educação? Creio ser um grave defeito de educação, protegido por uma predisposição hereditaria. Infelizmente, entre nós, a mulher só exerce sobre o homem o prestigio do seu sexo. Quando o homem não está mais sob o sortilegio exercido pelos encantos da mulher, esta deixa de occupar-lhe o espirito, de interessal-o. Não ha um homem mais seductor que o da nossa raça no periodo da conquista amorosa. Não ha homem, tambem, mais brutal e cruel depois de satisfeitas as suas curiosidades e saciado o seu amor. E é por isso que se encontra um tão grande numero desses silenciosos, que soffrem mudamente o captiveiro do casamento. Depois dos primeiros mezes de convívio, a mulher deixa de inspirar qualquer interesse ao marido, que progressivamente vae deixando de constranger-se perante ella, até chegar á perfeição de nem sequer dar pela sua presença embora sentados um em frente do outro. Nunca lhes aconteceu, ao contemplar um desses casaes mudos, sentir a tentação de conhecer o que pensa

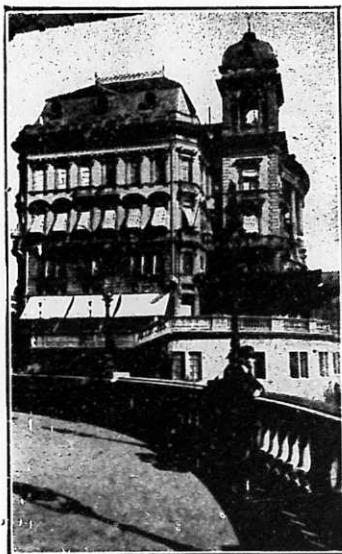
cada um daquelles seres, unidos indissolvelmente pela lei e divorciados irremediavelmente pelo sentimento? — Pois o que não admite sombra de duvida é que cada um pensa em coisas absolutamente alheias ao outro. Na maior parte desses casaes, a mudez não significa inimizade. Tambem não significa concentração. Esse silencio prova, apenas, a falta de harmonia dos dois pensamentos, a negligencia do homem em prestar á sua companheira uma attenção carinhosa, o tedio de dois espiritos que já se exgottaram e que não se combinam nem se comprehendem, a descortezia masculina tão caracteristica de nossa raça e esse hediondo, arrogante, injusto, absurdo orgulho do homem, conservado para com a mulher através de tantas transformações sociaes, e que accusa a sobrevivencia iniqua dos costumes barbaros. Em Portugal, a tradição mourisca infiltrou á civilisação romana de uma reminiscencia de ham. No Brasil, sob essa tara, que herdamos, outras se accumularam, mantendo ou aggravando o mal originario. Ai de nós! ainda ha muitos, muitissimos lares, no nosso Brasil, onde o homem é um soberano taciturno, despotico e omnipotente, mais um dono do que um esposo. Mas emfim, nos sertões, nesses lares patriarchas e rigidos, onde a mulher é quasi



Vistas de S. Paulo. Theatro S. José

escrava, esse regimen toana-se, até certo ponto, toleravel pela sua moralidade. Geralmente, são lares puritanos, de uma honestidade sem macula, e os seus rudes chefes são maridos intransigentemente fieis.

O mesmo não se dá nas cidades. Nem cortezia, nem austeridade... O homem só reconhece o dever de sus-



Vistas de S. Paulo. Rua Libero Badaró

tentar a mulher e de criar e educar os filhos. A isso elle reduz os compromissos do contracto matrimonial. Certo, elle estima a sua mulher, mas não "como mulher", e sim como um sêr neutro, inferior, embora respeitavel, que se chama a "esposa".

Refiro-me, bem entendido, aos casaes imperfeitos, e não devo nem posso dizer que elles são em pequeno numero. Quereis certificar-vos? Olhae em volta de vós, contemple no theatro, no cinema, no restaurante, na casa de chá, no bonde, na rua, esses casaes silenciosos, que não se olham nem se falam, e comprehendereis o drama matrimonial de que a mulher é sempre a victima, quer seja culpada, quer innocente.

Esses casaes mudos sempre me infundiram um profundo e invencivel terror. Conheço alguns na intimidade e não seria verdadeira se occultasse que frequentes vezes, sob essa glacial indiferença visivel, só sobrevive uma intima afeição reciproca.

Nestes casos é a educação que influíu mais poderosamente para criar nas relações entre os esposos essa enancipação de pensamentos, essa separação mutua, essa abstracção sentimental, que nem por isso deixa de reduzir a mulher a uma triste serva, solitaria e abandonada.

Ao almoço, esse marido descortez, desattencioso e concentrado, lê o jornal sem olhar sequer para a sua esposa.

Depois do almoço, desaparece. O trabalho reclama-o e absorve-o. A' noite, o jantar reúne de novo os esposos, e o marido, enquanto come, pensa na sua vida, nos seus negocios, nos seus prejuizos, nos seus lucros ou nos seus afazeres.

Ora, é quasi certo que esses homens nunca teriam chegado a casar com as moças de que fizeram suas tristes esposas, se houvessem praticado durante o noivado esse mesmo methodo de sobrançeria da concentração e do silencio.

Não foi com esse regimen de mudez que elles obtiveram conquistar os corações das suas noivas inexperientes...

E' commum ouvir aos homens invocar com saudade, como os dias mais felizes da sua vida, os tempos do noivado.

Mas porque não prolongaram esse tempo feliz, estimando sua mulher com o mesmo fervor, encontrando na sua convivencia o mesmo encanto?

As mulheres, entretanto, são um bocado culpadas dessa situação. Em Paris, como, de resto, em todas as grandes cidades da Europa, as mulheres casadas fazem sempre o proposito de tornar agradavel, encantadora, cheia de surpresas amáveis a vida commum entre os dois, alimentando a imaginação do seu marido com os mil recursos da sua graça feminina. Os homens, lá, na sua totalidade, não acham encantos nas outras mulheres mais que na sua propria.

Entre nós, porém, a mulher, ao integrar-se na vida do lar, torna-se conscientemente uma escrava e faz



Piracicaba. Matadouro.

por perder expontaneamente todas as seducções do seu sexo, tornando-se um sêr desinteressante e pouco attractante.

Nestas condições, o amor do marido tem uma duração muito passageira.

Dahi a razão desse silencio, dessa frieza, desse alheamento que se nota entre marido e mulher.



A MORTE DO BARDO

PERSONAGENS: *Rouget de L'Isle*, 76 annos.
Elladia, 55.
O Medico João, 60.
Um Viajante.
Um Moço.

(*A acção passa-se em Choisy-le-Roi, em 1836. Sala humildemente mobiliada em casa de João. Elladia, sua mulher, fia, sentada numa cadeira de espaldar. E' tarç. Entra João*).

Elladia — Voltaste tão cedo...

João — Não é muito mais cedo que de costume. Passei pela taverna do *Marselhês*, e, em vez de entrar como as outras tardes... Em resumo: meia hora. E' que me preoccupa muito esse pobre senhor Rouget... Como passou elle o dia?

Elladia — Sentado na sua cadeira. Passou mal, *muito mal*...

João — Pobresinho... Como soffre.

Elladia — E com que calma. A's vezes a tosse afoga-o, e, se me approximo, faz-me signaes como dizendo: "Não te incomodes commigo; cuida de ti..." O infeliz, na sua delicadeza, comprehende que é uma carga para nós. Não nos deu um vintem, fazem tres mezes.

João — Que? Mesmo que fizessem cem annos. Basta

sua presença para nos honrar muito. Teriamos até de, só por isso, agradecer-lhe. Quando esse pobre velho, de quem hoje ninguem se lembra, era o idolo da França todos o enalteciam com enthusiasmo delirante. Foi nessa occasião que elle me salvou a vida... Foi nos tempos inesqueciveis do Terror, quando Paris e a França inteira nadavam em sangue. Sem a nobreza de Rouget, amparando-me sem conhecer-me, a guilhotina teria feito commigo o que fez com muitos outros. Passou o tempo. Caiu a Republica. Napoleão, que até na maldade foi grande, perseguiu Rouget. Rouget abandonou a carreira militar e resolveu viver das letras. As letras, porém, dão tão pouco! Cem vezes pediu um emprego, modesto quiz fosse, para ajudar-nos a viver, até que Luiz Felipe, fazem tres annos, lhe concedeu um premio, que mais se pareceu com uma esmola. Rouget está velho e achacado. Aceitou-a por isso, do contrario...

Elladia — Teria feito mal se a recusasse. O Estado não offende quando apenas premeia qualidades e virtudes.

João — Se chamas premiar meritos dar-se uma tão mesquinha offerenda. Mil e quinhentos francos a um homem como Rouget. Elle que, num tempo, foi o idolo da França, o autor da *Marselheza!*

Elladia — Afinal não seria de todo pouco se ao menos o pagassem...

João — Dizes bem. Quatro mensalidades já estão em atraso. Afinal se não formos nós outros, o pobre teria morrido de fome e de miséria... Somos pobres e esta carga torna-se um pouco pesada. Mas não faz mal. A França é grande; desta vez, porém, foi ingrato ao cantor das suas glórias. Eu, entretanto, o ultimo dos cidadãos francezes, não quero ser ingrato para com quem me salvou a vida.

Rouget — (*Sae do seu quarto, apoiando-se a um bastão e ás portas, arrastando os pés, com um aspecto de valedunário agonizante. João e Elladia ajudam-no a sentar-se numa cadeira de braços.*) *Elladia*... *João*... Ajudae-me, por favor...

João — Estaes melhor?

Rouget — Não sei... De espirito, muito bem. De corpo... Sou quasi um cadaver...

Elladia — Não digais isso...

Rouget — Sim, *Elladia*, sim. E' verdade. Porém isso não me entristece. Quando morrer estarei melhor que neste momento. A vida para mim tem sido um martyrio e um castigo. E' bello viver quando se é jovem, quando tudo nos sorri: as mulheres, as illusões, as esperanças... E' formoso viver, tambem, quando se luta pelos filhos e por elles se vence... Todo aquelle a quem a existencia offereça algum motivo, esse deve viver... Eu não tenho illusões, nem saúde, nem familia, nem dinheiro... Quando a morte vier darei graças a Deus!

João — Não falleis assim, sr. *Rouget*. Vós sois o unico homem amavel neste mundo. Sabeis quanto vos estimo. Pensando nisso não deveis dizer essas coisas.

Rouget — Tens razão, *João*. Vós sois as unicas pessoas que ainda tornam toleravel este mundo. Deus os agradeça... Fazendo noutra coisa: regressaram já os rapazes do povo?

João — D'aqui ha pouco ouviremos seus canticos.

Elladia — Tendes alguma queixa delles?

Rouget — Não, por certo. Não sabeis como me emocionou ouvir-lhes cantar a *Marselheza*, como ingenua homenagem a este pobre velho invalido e indigente.

João — Porém glorioso como nenhum outro! Dizei se vos trocarieis por outro, quando ouves os rapazes cantarem o hymno?

Rouget — E' verdade. Todo o dia estou quieto, taciturno, triste. Porém, quando a tarde cãe, sinto-me renascer. Passam os moços cantando, como de costume... A custo arrasto-me até a um logar de onde possa melhor ouvir suas vozes... Sabeis qual é a ultima illusão da minha vida? Morrer serenamente, numa tarde, ouvindo-os cantar a minha musica.

Elladia — Ora! Ora! Quem pensa em morrer?

Rouget — Eu!... Sem o menor pesar, *Elladia*, podés acreditar-o. A morte é um sonho muito doce, do qual não se desperta nunca...

(*Entra o medico. E' um homem frivolo, corado, de perenne bom humor, despreoccupado até á indifferença.*)

O medico — Boas tardes! Demorei um pouco, não? Como vae então, meu illustre enfermo?

Rouget — Mal, muito mal. Isto dura pouco.

O medico — (rindo) Deixae-se disso. Estaes disposto

a trocar? Vejamos o pulso... Um pouco fraco. E a lingua? Algo saburrosa... Total: nada. (*A Elladia levando-a a um canto*) — E então?

Elladia — Não come quasi nada. Algumas papas...

O medico — E descanço?

Elladia — Nenhum... Cochila pela madrugada e logo acorda, em acessos de tosse...

O medico — Nada ha a fazer. Prosegue com a poção calmante que receitei a semana passada.

Elladia — Porém, doutor, eu queria saber: o seu estado é muito grave?

O medico — Claro que sim! Todo o que chega a essa idade está em estado grave. Sofre de velhice, ahí está. Está bom de raciocinio, porém... Afinal: pôde morrer de um instante para outro. (Sae o medico. *Elladia* fica triste e pensativa.)

Rouget — Estaes perdendo um tempo inutil com medicos... Sou um relógio sem corda. Não me resta mais senão apresentar-me deante do divino relojoeiro...

(Aparece á porta o viajante.)

O viajante — O' de casa! Onde vive *Rouget* de L'Isle?

João — Aqui entrai:

O viajante — Poderia vel-o?

João — Estaes em sua presença.

Rouget — Que quereis de mim? Eu não vos conheço.

O viajante — Nem eu tão pouco. Entretanto, por tua forma tem-me entusiasmado a sua obra, que o admiro e venero de ha muitos annos. Hoje, ao passar por Choisy, soube que vivieis nesta povoação e fiz-me conduzir á vossa presença para saudar-vos, e tambem para entregar-vos um objecto.

Rouget — Um objecto?

O viajante — Sim esta bolsa. E' de um amigo vosso fervente admirador, que vê com pena a ingratidão do nosso governo.

João (*Muito dignamente, quasi offendido*) Em nenhum caso *Rouget* não precisa de esmolas.

O viajante — Perdão. Eu não quiz offender a ninguém...

Rouget — Dai-me a bolsa, senhor. Aceito como presente e vos fico gratissimo... (*Toma a bolsa e entrega-a a João*) Toma, *João*. Ah! tens para o meu enterro.

Elladia e *João* choram dissimuladamente.

O Viajante — Vejo que estaes triste em demasia.

Rouget — Estou abatido, invalido, enfermo...

Sinto que morro,

O viajante — Ora! Não pensais nisso. Fazei o possivel para distrahir-vos. Recordai-vos dos tempos idos, tão melhores, se o presente nos intristeece... Referi-me vossa factanhas guerreiras, vossos triumphos de artista... De que modo surgiu vossa "Marselheza"? Estou certo que essa recordação não vos ha de entristecer...

Rouget — Oh! Pelo contrario. Porém tenho tão pouco que cortar... Estava eu de guarnição em Strasburg, em plena revolução, quando o burgomestre, Barão Dietrick, que me honrava com sua amizade, disse-me um dia.

"Olha: tu que te presumes poeta e musico, porque não escreves um hymno que enthusiasme á nossa gente?" E, como eu me oppuzesse, elle insistiu. "Tens o prazo de uma noite. Amanhan irei á tua casa para escutar tua obra".

O viajante — E acceitaste um praso tão curto?

Rouget — Quasi por brincadeira, confesso-o.

REVISTA FEMININA

Logo, entretanto, interessou-se nisso o meu amor proprio. Propuz-me, immediatamente, trabalhar. Sentei-me ao cravo e trabalhei com as musas varias horas inutilmente. Por fim dormi.

O viajante — Sem haver terminado vossa obra?

Rouget — Sem haver começado, sequer. A inspiração não quiz vir ao meu socorro.

Dormi logo, como disse. Sonhei, porém, que uma mulher de classica formosura, cingia minha fronte com um laurei reservado aos genios... Foi a Patria que corria a inspirar-me! Quando despertei, em pleno dia puz-me a trabalhar febrilmente; ansioso para recuperar o tempo perdido.

O viajante — Foi-lhe facil a obra então?

Rouget — Sem a menor vacillação terminei o hymno. Não tive que lhe fazer a menor emenda. Era como se m'o ouvessem dictado ao ouvido. Quando o burgomestre chegou em casa e ouviu minha obra, abraçou-me com o maior enthusiasmo... Não posso eu mesmo julgal-a, porém, o que é certo é que deu volta ao mundo electrizando as multidões.

O viajante — E' isso mesmo. Podeis estar satisfeito, da vossa musica.

Rouget — Pois não estou! Ella foi para mim como um filho revoltado. Eu não a engendrei para que fosse um canto de barbarie e crueldade... A's vezes me envergonho della... outras, porém, desejo morrer ao som da sua melodia...

(*Accomete-e um violento ataque de dyspnéa iniciador do collapse*).

João — Fallastes demasiado, senhor Rouget.

Rouget — Ar! Ar! Suffoco!

João — Corre á alcova. Elladia. Traz o frasco de calmante.

Rouget — Ai! Ai!

O viajante — Suffoca!

(*Começa a ouvir-se, tibiamente o principio, mas crescendo, o canto da "Marselhesa", entoada pelos rapazes da povoação que regressam do trabalho*).

João — Escutai, sr. Rouget. Os rapazes voltam.

Rouget (Com alegria). Sim! Estou escutando-os... Obrigado, meu Deus!

Elladia — (*Tentando dar-lhe uma colherada de calmante*). Tomai senhor.

Rouget — Não Elladia, nada mais quero porque nada mais ha de salvar-me. Deixa-me ouvir tranquillo essas harmonias emquanto morro... Patria... Revolução!... "Marselhesa"... Minha "Marselhesa"... (*Morre*).

(*O canto aproxima-se. Um grupo de rapazes assoma á porta. Um dell's brada*):

Moço — Viva o sr. Rouget.

João — Cala-te! Não pôde ouvir-te. Está na gloria!

(*Elladia e o viajante ajoelham-se. O moço tira o chapéu e baixa a fronte. Varios companheiros, que chegam, ajoelham-se tambem*).

AUGUSTO MARTINEZ ALMEIDA.



POMPEIA

DIVAGAÇÕES HISTÓRICAS E SENTIMENTAES

Não se encontrará, porventura, de novo nesta cidade gloriosa, invicta e legendaria, porque ella já foi glosada pelos archeologos mais profundos e pelos poetas mais insignes. Parece que ella não offerece mais nenhum mysterio a desvendar, que os seus venerandos despojos já foram sufficientemente examinados, apalpados, cheirados e provados, e que por isso já perdeu todo o interesse para o explorador.

Para o explorador, sim, mas não para o sonhador, porque o encanto das suas ruinas insignes é perenne, é eterno, é fonte constante de invocações lyricas e de extases creadores.

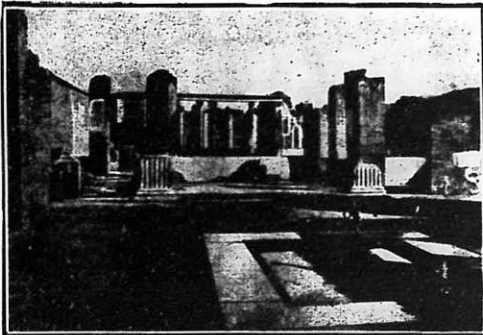
Pompeia é como um versiculo religioso do grande

poema que ao peregrino estheta apraz recordar. Sempre guardará para quem a visita pela primeira vez,

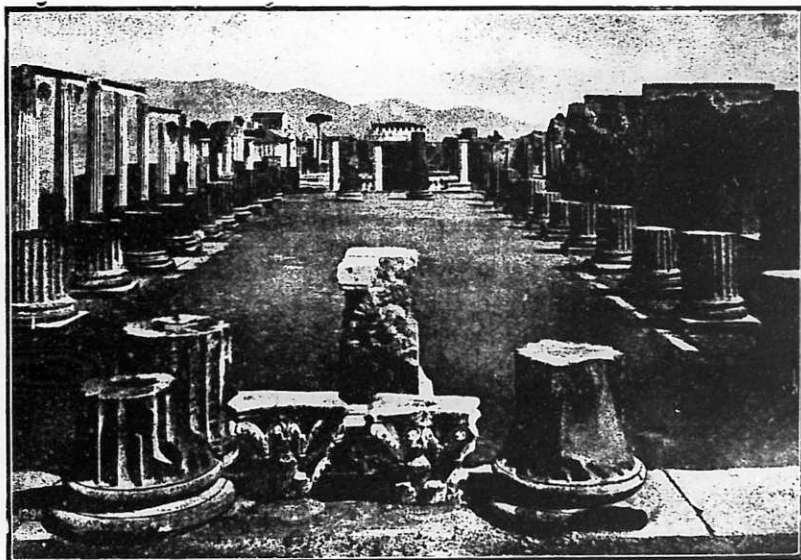
um novo sorriso e o novo germen de uma iniciação espirital. Quem a visita, deve levar o proposito de quem visita o logar sagrado. Levemos, pois, esse proposito, inspirado pela graça immortal da sua belleza. Essa belleza tem um culto em nossas almas.

Olhemos esta paisagem pompeiana. Ella canta em

nossa alma, ella nos diz a sua historia, o segredo que se passa no seu coração de mulher oriental, ebria dos perfumes, ebria dos seus vinhos, ebria de versos e de amor.



Casa do fauno bailarino



Ruínas da basilica

Homero falou dos homens anthropophagos que, na prehistoria, fecundaram a semente pompeiana. Siculos e Osques nos dão exactamente a sua filiação, rompendo essas raças historicas o mytho de Hercules, creador de Pompeia. As inscripções osques que se encontraram offercem a decifração do enigma... Mas o gentil rythmo grego chega até lá. Os etruscos, entretanto, triumpham da fragilidade hellenica, e fundam na terra predestinada a dynastia campuana.

Pompeia chegou a ser uma vasta zona rodeada do vinhedo campuano. Governa-se por si mesma. Sua sina, porém, é receber eternamente a seiva da semente nova, forjar sua vida com os sedimentos das raças distinctas; e sobre a cidade, attrahidas pelo mysterio da terra ardente, estremecidas por voluptuosidades rudes, caem das montanhas as hordas sammitas (420 annos antes de Jesus). Roma domina-a em seguida. Rebel-a em vão. É depois de pacificada por Cornelio Sila, perde o seu nome e chama-se "Colonia Corlenia Pompea".

* * *

Tacito e Seneca, cheios de amor, traçam a historia de Pompeia. São os historiadores da sua etimologia. Nós quizeramos uma etimologia mais romantica, com alguma belleza, embora absurda, em logar do vulgarismo que se tornou corrente entre os historiadores. Teria para nós tanto en-

canto que Pompeia viesse de "pampaios" (conductor) e um dos sobrenomes de Mercurio, como guia satânico e complacente das multidões humanas para as regiões infernaes. Esta etimologia seria tão symbolica... Agradar-nos-ia tambem que derivasse das "pampas" de Hercules, radiosas e triumphaes no Sarno... E', pois, um pouco desconsolador que se dê como certo que vem de "pompeion", plural de "pompeia", e que são os nomes que se deram aos armazens de provisões construidos á beira mar e nas praias do Sarno para abastecer as cidades da Campania, dedicados tambem ás reservas dos deliciosos vinhos guardados em amphoras.

* * *

Pompeia nos faz evocar Venu Urania, envenenada pelo peixe de Akademos e com o seu espirito atheniense macerado em assucenas cheias de latitudade... Monier disse: "Não é só uma galeria de quadros e de estatuas prodigiosas, senão um grande diario illustrado do seculo". Nas columnas, nas estatuas, nas pinturas (com o milagre obtido por meio do processo resinoso), os artistas, forjados pela cultura de Selencidas e de Ptolomeos, trouxeram, como aves miraculosas, ás creações pompeianas a faustuosidade dos céos do Oriente, a luminosidade do sol egyptico e o resplendor enervante do paiz asiatico...



O templo de Isis

A colheita do linho

Da semente ao tecido

Quando um prestidigitador ou illusionista tira um casal de pombos das mangas do seu paletot, ficamos todos maravilhados, e entre os espectadores não faltam ingenuos que atribuam a "sorte" á intervenção da feitiçaria. Entretanto, não nos causa nenhuma surpresa o verdadeiro milagre da natureza, que, guiada por Deus e completada pelo homem, transforma sementes escuras do linho em branquíssimos tecidos, que as princezas e rainhas sempre preferiram para a sua indumentaria interna.

Na Allemanha, as vicissitudes e penurias moveram os agricultores a restaurar a cultura do linho, que até meados do seculo passado, tinha naquelle paiz muita importancia e cuja decadencia, nestes ultimos annos, era notavel. Embora a cultura desta planta textil seja delicada e penosa, esses inconvenientes são amplamente compensados pelo seu re-

caso, embora hoje medre em toda a Europa, norte da Africa, America, Asia e Australia. Mas elle pre-



Manipulação domestica do linho num aparelho destinado a estender as fibras

fere os climas humidos e frescos, pois o clima influe em seu desenvolvimento mais que o terreno, e quando este é secco a sua produção é sempre prejudicada.

Quanto ao terreno, o linho prefere, como se disse, os humidos, mas tambem pôde medrar no secco comtanto que este seja permeavel e não muito secco. Porisso, deve-se plantar o linho nas planicies e nunca nas encostas e pendores de colinas. Não exige um tratamento directo, contentando-se que seja semeado depois da colheita das batatas, dos trevos, feijões, etc. Uma vez colhido o linho, não convem plantal-o no mesmo terreno, senão depois de decorridos oito annos. A terra necessita ser profundamente remexida, porque o seu desenvolvimento depende da profundidade das suas raizes. E' importantissima a selecção das sementes.



Camponias allemãs cuidando das medas de linho e estendendo-as para secar

sultado, porque, além da fibra que tem tão valioso emprego na industria, produz o oleo de linhaça cuja utilidade é apreciavel em muitas applicações industriaes, therapeuticas e domesticas. O cultivo do linho decahiu muito por causa da concorrencia do algodão, do qual o Brasil é um dos maiores productores. O algodão é de facilissima cultura em grande parte do nosso territorio, é barato e é mais confortavel, principalmente no inverno. E quanto ao seu oleo, ainda é mais precioso que o do linho, porque, além das utilidades deste, serve tambem para a alimentação, substituindo, não raro, o azeite de oliva.

E' o linho (*Linum usitatissimum*) uma planta de um metro de altura, com pequenas folhas lanceoladas e flores azues. Parece ser originario do Cau-



Operação de alisar e equalar as fibras do linho.

A proposito da selecção seja-nos permitido dizer aqui alguma coisa, que, para alguns dos nossos leitores que se dedicam á lavoura, terá porventura, importancia. Os nossos lavradores, quando reservam os grãos, sementes ou batatas para semear em tempo opportuno, não cuidam quasi nunca da selecção, contentando-se em fazer a escolha. Não se confunda selecção com escolha. O lavrador "escolhe" as sementes maiores para fazer a sua "roça". A selecção é coisa diferente. Consiste ella em escolher as sementes maiores e plantal-as num terreno pequeno cuidadosamente preparado e ricamente adubado, conforme a natureza da planta o exija, e dessa colheita escolher as melhores sementes para as replantar nas mesmas condições até obterem os mais desenvolvidos e bellos exemplares da planta. Essas plantas são, pois, seleccionadas, e com as suas sementes é que se vão fazer as futuras roças. O processo da escolha é de resultado negativo, razão pela qual os nossos cereaes vão degenerando cada vez mais e se tornando mesquinhos.

Os brotos do linho são muito sensiveis ao frio e porisso é preciso resguardal-os cuidadosamente. Se é semeado tarde, precisa doze semanas para o seu completo desenvolvimento; e se se semeia cedo, o seu desenvolvimento gasta dezese- te semanas, mas, em compensação as suas fibras são

muittissimo mais brancas. Na Allemanha semeia-se o linho em fins de Março e em meados de Agosto, epochas estas que devem corresponder, no Brasil, á epocha que vae de Novembro a Janeiro.

As sementes devem ser lançadas em sulcos transversaes, distantes entre si de uns doze centímetros. Quando a planta attingiu quatro ou cinco centímetros de altura, pode-se proceder, sem inconveniente, ao arranque das plantas advençias, que então acham occasião favoravel para mediar a expensas do linho, aproveitando a boa terra e o estrume que a enriquece.

O pulgão é uma das suas terriveis pragas.

Se o lavrador, na colheita, deseja obter fibras bem

brancas, deve colher logo que amarelleco o terço inferior do talo, arrancando-os um a um e dispondo-os em montes classificados segundo o seu tamanho e a sua resistencia. Uma vez secas as folhas, tira-se o fructo ou se desgrana com um pente de dentes de ferro e guarda-se a semente ou grãos de linhaça em logar proprio ao abrigo da humidade. Na primavera procede-se á maceração do linho, para a qual se empregam diversos methodos, segundo o costume agricola de cada paiz.

Com o linho se fabricam os tecidos mais finos e mais caros para a roupa branca. São, ás vezes, mais caros que a melhor seda e muito mais duraveis.



Habitacão de uma camponã allemã, que serve de atelier para fiar e de quarto de dormir



Jovens fiandeiras allemãs occupadas em mover a tradicional roca domestica

PAIZ ENCANTADO

(Do poeta indú Rabindranath Tagore)

O meu palacio encantado eu o farei sumir-se no ar, se algum quizer saber onde elle fica.

Suas paredes são de prata e seu tecto de ouro reluzente.

A rainha mora numa casa de sete pátcos, e usa uma joia que custa a fortuna de sete reinos.

Mas a ti, minha mãe, eu direi, muito em segredo, onde é o meu palacio real; é alli ao canto do terraço onde fica o vaso de túluxi. Dorme a princeza na praia longinqua dos sete mares bravios.

Não ha ninguem no mundo capaz de uchal-a a não ser eu. Seus cabellos vão até o chão e ella usa braceletas de ouro e brincos de perolas.

Se eu a tocar com a minha varinha magica, ella acordará e então o sorriso dos seus labios se deslizará, em pedrarias.

Mas a ti, minha mãe, eu direi muito em segredo onde está a princeza; ella está alli ao canto do terraço alli onde fica o vaso de túluxi.

Quando fór a hora do teu banho no rio, demor-te um pouco, mãe, no nosso terraço. Eu estarei sentado ao canto, onde se encontram as sombras das duas muralhas.

Só o gatinho pôde vir comigo, porque elle conhece todos os segredos da minha historia.

Mas a ti, mãe, eu contarei tudo; é alli, no cantinho do terraço, onde fica o vaso de túluxi.

A Agenda do Tobias

— E que bréca levou aquelle teu collega de Tamandua, o Tobias?...
— Ah! o Tobias da "Agenda"?

— Como Tobias da Agenda?... Falo do Tobias, com quem appareceste uma vez aqui, nas ferias.

— Pois é esse mesmo: Tobias José de Abreu; eu é que o rebaptisei com o outro nome.

— Porque?...
— Porque? É uma historia, que já te contei, parece...
— A mim? Nunca.

— Pois então ouve lá, e dir-me-ás, depois, se não é justo.

"Tu não conhecestes de perto o Tobias. Se elle tivesse nascido rei de alguma parte, no tempo em que as partes todas os tinham, com appellidos a lhes synthetisar os predicados mais proeminentes, como Pedro, o cruz; Pepino, o Breve; Carlos, o temerario, etc., etc.—teria passado indubitavelmente á historia com o honroso epitheto de — Tobias, o methodico.

"Mas, talvez, sem maior vontade sua, nasceu em nosso tempo e em nossa terra, e nunca passou de "seu" professor Tobias. Nem por isso, comtudo, era menos interessant, para nós seus mais chegados, do que nenhuma daquelles Pepinos e temerarios de gloriosas memorias, mas infelizmente remotos.

"Como te disse, Tobias era a encarnação mais bem encarnada do — Methodo. E esta sua feição de espirito, o que o distinguia do restante dos mortaes e dos professores publicos. Tobias era perfeito.

Nunca lhe vi ceroulas vivuas dos respectivos botões, nem, jamais, em hypothese alguma, lhe faltou o collarinho-espelho requerido para a mais repentina e inesperada solemnidade. Nunca o vi, ancioso e perplexo, apalpar as algibeiras á procura de algum canivete esquivo. Os seus canivetes, suas tesourinhas, seus lapis, seus nickels, tudo tinha o seu bolso ou escaninho de bolso, especial, particular e invariavel, onde os dedos de Tobias, á primeira necessidade, lá os iam encontrar, infalliveis e serenos. Tobias seria um genio num corpo de bombeiros.

"Mas não só a sua propria pessoa e accessorios desfructavam dos beneficios innegaveis decorrentes daquelle methodisação irreprensivel. A parte em que morava Tobias, em a nossa modesta republica de mestres-ecolas, era o espelho do seu caracter. Havia alli pregos e estaqueiras competentes para cada uma das peças do vestuario e os grãos de poeira, na sua provincia, tinham minutos contados para pousar sobre as

coisas: um espanador, que habitava um desvão entre a parede e a estante, lá os ia fustigar, duas vezes ao dia, brandido pelo Tobias, chronometricamente ás 10, antes do almoço, e ás 6, após o jantar. A mala de roupas, dividida por artes de Tobias em labyrinthicos compartimentos, trazia, collado á parte interna da tampa, um catalogo por meudo e remissivo de todas as cousas nella encerradas. Tobias não abria um livro, se a isso não o autorizava certo cartelsinho azul, pendurado á parede, sobre a sua mesa de trabalho. Era o seu Horario, e por alli se regulavam e prescreviam os dias da semana e as horas do dia em que licitas lheram a Philosophia, a Critica, a Historia, a Literatura, a Economia Politica...

"Emfim, eu não acabaria nunca de enumerar os mil e um symptomas que o meu collega manifestou da sua mania durante o tempo em que vivemos juntos em Tamandua, que foi de anno e pico. Basta acrescentar que, para todos os factos e actos da vida, mesmo os minimos, Tobias tinha de antemão regras fixas, preceitos anteriormente assentados, dos quaes nenhuma força cosmica conseguia arredal-o.

"Disso é um exemplo a sua Agenda.

"Esse livrinho, que eu sempre folheava com admiração, era o mais perfeito "manual" dessa difficilissima sciencia que ensina — a viver. Era um Larousse complicado de Chernoviz, de mistura com a Encyclopedia e entremeadado de resumos completos de todos os secretarios conhecidos. Havia nelle, de par com as mais solidas prescrições de moral orthodoxa, dissertações sobre os meios mais efficazes de apapar os callos, e receitas para remendar um paletó sem deixar ver o remendo.

Tudo isso comprimido num tomosinho escaurite, de marroquim da Russia, com meio decimetro de comprimento e folhas douradas, que lhe habitava o bolso superior direito dos colletes.

"Tobias consultava a "Agenda" umas cem vezes por minuto, e nunca o fazia sem procurar pelo indice, repetindo durante a operação o titulo do artigo esclarecedor. Nunca deixava ao correio uma carta, sem ter antes verificado numa balança especial e na "Agenda", a legitimidade do porte adherido. Pela "Agenda" verificava a compatibilidade digestiva das fructas da sobre-mesa, bem como o tratamento mais adequado ás pessoas, segundo as respectivas nuanças pigmentares. Singularissimo Tobias! Quando lhe falleceu a irmã, no Sanatorio, foi ainda a "Agenda" sollicita que o informou do grau dos parentes a quem competia communicar o lutooso feito.



WESSFL

"Ora, um dia andávamos nós, Tobias e eu, a perambular pelas margens do Tamandá, quando o meu amigo teve ensejo de patentear aos meus olhos escandalizados todo o seu immenso apego à reflexão, ao methodo e á "Agenda".

"Tamo-nos de vagar, gozando a tarde, falando aqui, calando aliem, parando despreocupados, em algum trecho, ou saltando sobre um ou outro tronco caído. De improviso, entre canhões e avenas, deparámos com um homem extendido de bruços, o rosto mergulhado nas mareas que lambiam a praia.

"— Um afogado! bradei numa forte emoção, dispondo-me a correr pela policia.

Mas o meu collega fez-me serenamente signal que esperasse; e, sacando do bolsinho a "Agenda", começou calmamente a percorrer-lhe o indice.

"Acqueei-me, intrigado, suppondo que elle fosse certificar-se da opportunidade da policia em casos semelhantes, e já disposto a explorar-lhe a mania.

Enganava-me. Tobias percorria o indice, a repetir como de costume:

"— Afogados... afogados... afogados...

"De repente extendeu-me o livrinho, aberto numa pagina que tinha, no alto, em letras gordas, o seguinte:

Dos soccorros e remedios em caso de accidentes.

"E, logo abaixo:

"Submersão.

E ainda um poucochinho mais abaixo:

1.º — Desapertar as roupas...

"Só então, recalhando em mim, envergonhado da precipitação, occorreu-me a possibilidade de restituir o folego ao nêliz, que alli estava à mercê da nossa diligencia e sangue frio. E como a desquitar-me do meu desasado impeto, em menos de um segundo arranquei, num repelião, os dois botões das calças encharcadas do afogado, únicos eprtos que se mostravam no seu vestuario, resumido naquella peça e na camisa, já rota e enxovalhada.

"Feito isso, volvi a olhar interrogativo para Tobias.

que, impassivel, leu gravemente:

2.º — Exgottar a agua dos pulmões extendendo o paciente de bruço e levantando-o pelo meio, de modo que a cabeça fique mais baixa; sacudir o corpo varias vezes...

"Executei a ordem com toda a rapidez possivel ás minhas forças; e ondas successivas de um liquido lojoso e enverdinado golpharam-lhe de dentro do corpo, como duma extranha bomba hydraulica.

"Tobias, sempre de pé, ao lado, continuou no mesmo andamento seguro e pausado:

3.º — Puxar a lingua para fora, segurando-a com um lenço, ou prendendo-a com um cordão, si for possivel.

Nós não tínhamos cordão. Mas eu sacrifiquei o meu lençinho, segurando na bocca do afogado a lingua viscosa e entumescida; puxei-a para fóra e ella ficou pendente como um batoque violaceo.

Tobias rezou ainda:

4.º — Imitar o movimento respiratorio, comprimindo e extendendo alternativamente as costellas inferiores umas vinte vezes por minuto. O movimento alternativo dos braços, dos dois lados até cima da cabeça, estimula a acção das costellas. Fazer isso de vagar, mas com persistencia...

E enquanto Tobias marcava no relógio a duração das alternativas, puz em pratica os conselhos da "Agenda", vencendo, do melhor modo que pude, a falta dos outros dois braços que a natureza se esquecera dar-me para tal contingencia. O arcabouço do submerso comprimia-se e dilatava-se, sob as minhas mãos, enquanto bracejava com o impulso que eu lhe procurava dar com os pés, executando uma especie de dança russa sobre o corpo inerte.

"Uns dez minutos, e o meu collega clamava ainda:

5.º — Applicar calor e fazer fricções nas extremidades...

Diabol! Esta agora não era das facéis... Mas sob o olhar imperativo de Tobias, galguei a barranca e, correndo pelas immedições, voltei dahi a pouco com uma bracaça de palhas e gravetos apanhados febrilmente aqui e alli... Extendi o corpo de braços abertos como se o fóra crucificar e ateei tres foguetas que aqueceram as extremidades, segundo ordenava a "Agnda". Pa-

rallealmente encetei as fricções salutaes, constatando, meio intrigado, que uma substancia gelatinosa e fria se despegava daquellas extremidades e diabolicamente se apagava ás minhas. Ia chamar a attenção da "Agenda" para esta circumstancia imprevisita, mas susteve-me a voz inclemente de Tobias, que declamava:

6.º — Pode-se tentar a introdução directa do ar, puxando a lingua para diante, fechando as ventas do paciente e apertando para baixo o "pomo de Adão". Tomar uma respiração forte e sopral-a á força na bocca do paciente; comprimir as bochechas deste para impellir o ar nos pulmões e repetir a operação.

"Eu já, era uma bica de suor e sentia que o desaforçado paciente iria succumbir á mingua de musculos mais resistentes que os meus... Todavia, armei-me de coragem, e carregando magistralmente o pomo, sobrei grandes baforadas de ar pelas bochechas previamente comprimidas com os meus joelhos, enquanto com uma das mãos puxava a lingua e com a outra tapava as ventas do accidentoso. E, submetto á autoridade de Tobias, prosegui na operação com encarnicamento, até que elle novamente olhou para o livrinho e proseguiu naquella ladainha infundavel:

7.º — Não desanimar! Muita gente tem sido salva depois de horas de pacientes esforços.

Como, diante daquelle capitulo um tanto abstracto e especulativo, eu olhasse estupidamente para a face do amigo, elle remergulhou no canhenho, e voltou:

8.º — Quando a respiração recomeça, colloque-se o paciente em um leito quente, dêm-se-lhe bebidas aquecidas ou espirituosas, ás colheres de chá, proporcionando-lhe ar puro e reposo.

"Evidentemente, esta ultima recommendação era descabida. A respiração do nosso homem não dava mostras pronunciadas de recomeço; antes, deixava-o sempre prostrado, de lingua de fóra, e desconcertando um pouco o Tobias, a quem, pela primeira vez, vi que covava a orelha, indeciso, a olhar ora para o livrinho, ora para o asphyxiado.

"Por fim ia eu protestar contra uma sua nova exigencia de encetar de novo a serie, para, dizia elle, reparar alguma possivel omissão, mas a situação mudou-se improvistamente. Chegava gente ao local, atrahida talvez pelo luzir das ultimas brazas das foguetas e pelo nosso vozear insolito, áquella hora, á beira d'agua.

Resolvi, incontinentemente, transferir para aquelles que chegavam as honras do salvamento, cuja impossibilidade já me torturava a alma num começo de remorso.

"Mas ás primeiras exclamações dos desconhecidos, os meus olhos encontraram-se machinalmente com os de Tobias, e ambos conhecemos, em toda a sua amargura, o amargo sabor do desapontamento.

"Os homens andavam á procura do cadaver dum pescador que dois dias atrás tombara da canoa, meia legua acima, quando tentava vadear o rio na mais radical embriaguez.

"Naquella noite não trocamos palavra.

"Mas no dia seguinte, após o café matinal, eu vi Tobias puxar do livreco e do lapis e garatujar umas frases sobre uma pagina impressa. Não resisti á tentação e pedi-lhe a "Agenda", que elle me entregou com certo sorriso superior.

"Procurei a frase a lapis e, logo após o titulo — **Submersão**, li isto:

"Precaução preliminar: verificar a data do accidente."
"Deuses eternos!... Tobias procurava ainda aperfeiçoar a "Agenda"!

"E não ficou ahí. A "Agenda" informou Tobias de que os poderes publicos costumam abonar certa quantia aos que acham defunctos perdidos. Dahi a dias, entrando da rua, Tobias entregou-me uma estampilha, dizendo: — "Você me passa um recibo de 25\$000... Não é desconfiança, você comprehende, mas eu gosto de ter tudo regularizado..."

"— Mas que 25\$000? Você não me deve nada!...

"— E' a tua parte dos 50 que recebemos pelo encontro do cadaver..."

"No mez seguinte pedi a minha remoção para outra cidade, sufficientemente distante de Tamandá.

"E, desde esse tempo, nunca mais o vi. Irral!

— E', mesmo.

Como as creanças se interessam pela leitura

A vida das creanças não é despendida de dissabores, em que pese á opinião daquelles que pensam que as creanças não soffrem quando têm os seus appetites satisfeitos. O maior soffrimento das creanças consiste no aprendizado da leitura. E isso porque, em nosso paiz, só se lhes dão leituras desinteressantes, que lhes não falam á alma, que lhes não traduzem os sentimentos e, sobretudo, que lhes não tocam á imaginação. Em França, na Inglaterra, na America do Norte, onde a pedagogia é tomada ao serio e onde os grandes genios do pensamento curam seriamente da educação infantil, as creanças, á medida que se lhes vae desenvolvendo a intelligencia, commecam a preoccupar-se com a aprendizagem da leitura, só para terem o prazer de ler os livros de historias e as narrações interessantes que andam vulgarizadas nas escolas. No Brasil, porém, não ha desses livros. São todos absolutamente sensaborões, frios, rigidos, e, o que mais é, escriptos em linguagem suspeita, onde as incorrecções andam a par da desgraciosidade do estylo. Dahi a razão por que os nossos patriciosinhos, que são, na generalidade, notavelmente intelligentes, recebem como um tributo de soffrimento a obrigação de se exercitarem na leitura.

Foi para obviar esse inconveniente que nós podemos á delicadissima e patriótica tarefa de confeccionar esse volume magistral, conhecido em todas as escolas do paiz pelo titulo de **Nova Seiva**. As creanças que

se estão exercitando na leitura, não podem dispensar esse livro que tem, mais que todos os que ha por ahi no mesmo genero, a propriedade de lhes falar á imaginação, de lhes aguçar a curiosidade, de lhes educar o gosto, de lhes preparar o espirito. — **Nova Seiva** é uma rica collecção de novellas e de narrações sobre varios assumptos, todos elles educativos e interessantes. E' um grande e elegantissimo volume nitidamente impresso, em rico papel "glacé" e ornado de numerosas e lindas gravuras elucidativas. E' o melhor presente que se pôde dar a um menino ou menina.

De resto, **Nova Seiva**, pela belleza da edição, pelo seu luxo typographic, pelo encanto das suas narrações e pela moralidade das suas novellas, é um livro de entretenimento tambem para as pessoas adultas, que encontrarão nelle a sua leitura predilecta.

E' o livro de maior successo que ha no genero. Edição de luxo encadernada.

Pedidos a esta redacção. Pelo correio, registrado, 6\$000.

As mães de familia, que se interessam pela educação dos seus filhos, aconselhamos que comprem esse livro, que é o mais precioso que ha.



A distincta senhora d. Maria Julia Rocha Santos, de S. Miguel dos Campos, Estado de Alagoas, representante desta revista e uma das suas mais preciosas auxiliares.



O gracioso e lindo Ruy, filhinho da exmã. sra. d. Marietta Senna.



Yone, galante filhinha da nossa representante em Theophilo Ottoni, a distincta senhora d. Marietta Senna.

O voto feminino no Brasil

A Comissão de Constituição e Justiça, da Camara dos Deputados, sob a presidencia do sr. Cunha Machado, tomou conhecimento do parecer do sr. Heitor de Souza, sobre as emendas ao projecto de modificações parciaes da legislação eleitoral.

Estavam presentes á reunião, além do presidente da comissão e do relator, os srs. Arlindo Leone, Carlos Maximiliano, Verissimo de Mello, Arthur Lemos e Juvenal Lamartine, assim como outros deputados, srs. Leoncio Galvão, Costa Ribeiro, Nogueira Penido e Bittencourt Filho. A senhorita Bertha Lutz foi dado participar da reunião.

O sr. Heitor de Souza fez um sério estudo de cada uma das emendas, principalmente da que instituía o suffragio feminino, contra a qual não se manifestou em principio, mas condemna-a por inopportuna. Travou-se debate a respeito. O sr. Arthur Lemos defendeu a equiparação da mulher ao homem, para o exercicio de todos os direitos, argumentando com o que se verifica na quasi totalidade dos paizes do velho e do novo continente. Na sua opinião, o argumento de que á mulher se deve restringir a sua acção ao lar é improcedente, tanto mais quanto a concessão que se lhe faça e se deve fazer, dos direitos politicos, não implicará a obrigatoriedade da pratica desses direitos. Usal-os-ão as que quizerem.

O sr. Juvenal Lamartine manifesta-se a favor do voto feminino e o sr. Verissimo de Mello declara já ter opinião conhecida nesse sentido, quando se manifestou o anno passado, favoravel ao projecto do sr. Mauricio de Lacerda, dando á mulher direito ao suffragio politico.

A vista dessas opiniões, a comissão, por unanimidade, resolveu acceptar a emenda, mas para constituir projecto separado, sujeito a um mais

amplo debate. O proprio sr. Arlindo Leone, que não se manifestara sympathico em principio da proposição, concordou com esse alvitre.

Os adversarios do reconhecimento dos direitos politicos da mulher, arguem que tal concessão seria presentemente inutil, porquanto sómente um numero mui limitado de mulheres se aproveitaria da concessão.

Si tal facto fosse certo, longe de ser um inconveniente, constituiria, sob o ponto de vista partidario, um motivo poderoso para a adopção de semelhante reforma.

Com effeito, implantado que seja o suffragio feminino, é possível que nas proximas eleições só votariam uns poucos de milhares de mulheres, cujo numero ira crescendo de modo progressivo nas eleições futuras, sem, portanto, que a incorporação dessa nova força eleitoral, produzisse a menor alteração de importancia nos partidos politicos.

Si ao contrario, esperarmos que se complete a tão falada educação politica do brasileiro, educação essa que só existe para quem tem intelligencia e vistas curtas, para se conceder o suffragio feminino, poderia occorrer que uma reforma de tal indole, lançaria ás urnas uma quantidade tão grande e tão imprevisita de votos que representaria um grave perigo para a propria estabilidade dos partidos em jogo na Republica.

Essa objecção, talvez a mais seria e mais forte dos nossos adversarios, está amplamente respondida, e a presença da senhorita Bertha Lutz na reunião daquella comissão da Camara dos Deputados é muito significativa, dado o papel saliente que essa nossa distincta collaboradora vem desempenhando em torno dessa momentosa questão, o suffragio feminino.

Pobre Amôr!

(Valsa lenta para piano e canto)

GRANDE SUCESSO — MUSICA DA MODA

de FRANCISCO PERRONE — letra de J. do Sul

Á venda na CASA BEVILACQUA



ELIXIR DE NOGUEIRA — Grande depurativo do sangue

KOLA SOEL

Anemia, fraqueza, rachitismo, molestias do estomago. Util no crescimento das creanças

A TARDE DA CRIANÇA

Uma das instituições mais interessantes de quantas funcionam nesta capital, destinadas a beneficiar a infancia, é essa que se acaba de crear subordinada ao suggestivo nome de A tarde da criança, e fundada sob os auspícios de um grupo de senhoras da nossa mais alta sociedade. Só a essas senhoras, dotadas de finissima sensibilidade e de evangelica doçura, poderia occorrer uma idéa como essa de proporcionar ás crianças horas de recreio e ao mesmo tempo instructivas. Não se trata de certo genero de espectaculos cujo programma é organizado para entreter infantes e adultos e onde estes, mais que aquelles, encontram distrações e entretenimentos. Não. São espectaculos exclusivamente destinados a divertir ás crianças, a instruí-las, a insuflar-lhes sentimentos elevados, a educá-las emfim segundo os mais rigorosos preceitos da moral.

Em S. Paulo, como em todo o paiz, nunca se tratou de organizar espectaculos para as crianças.

As matinees infantis, que se dão aos domingos nas salas de espectáculo cinematographico, estão longe do fim a que se deveriam destinar.

De resto, os programmas, examinados com bastante rigor, deixam muito a desejar, além de aberrarem, em muitos episodios, embora veladamente, das boas normas da moral. Sob muitos pontos de vista, esses espectaculos são até nocivos; edificantes é que não são nunca.

A tarde da criança veiu, pois, preencher uma lacuna que ha muito se estava fazendo sentir.

Os espectaculos realizar-se-ão durante o dia, uma ou mais vezes por mez e num dos melhores theatros da capital.

As senhoras e cavalheiros que queiram inscrever-se como socios, deverão contribuir com a mensalidade de 10\$000, com direito a 4 logares numerados antes do primeiro espectáculo, que se realizará no dia 25 de Dezembro, serão considerados socios fundadores e, como taes, ficarão isentos do pagamento da joia.

Aquellas das nossas leitoras que desejarem fazer parte de tão util e sympathica associação, podem dirigir-se a esta redacção, que daqui será encaminhada a propositura.

O endereço da Comissão Directora é: Rua Veiga Filho, 63-A, (Hygienopolis).

Eis os nomes das distintas senhoras que tiveram a sympathica iniciativa e que fazem parte da directoria:

Directoras: — M. Candida Bastos de Carvalho, Victoria Serua Pimenta, Isabel de Azevedo von Ihering.

Conselheiras: — Ambrásina dos Santos Moreira, Alice de Barros Pimentel, Benedicta M. Vieira de Souza, Clotilde de Freitas, Dulce Cardoso de Mello Munhoz, Edith Abreu, Eugénia Saraiva, Mary Buarque, Maria Egidio de Souza Aranha, Maria Amelia Salles de Mattos, Maria Carmelita Barbosa de Oliveira, Maria José Cesar Netto, Maria Soledade Marques de Lima, Maria Thereza Ferraz e Regina de Souza Queiroz.

PRINCEZA ISABEL

A morte da princesa Isabel, occorrida em Paris no dia 14 de Novembro, encheu de luto o coração de todos os bons brasileiros, de todos aquelles que amam esta terra e, com ella as suas glorias e o seu passado. A excelsa senhora, que fechou para sempre os olhos, foi um dos vultos maiores da nossa historia. Foi ella que, com suas mãos tornadas divinas, assignou as duas leis, as mais importantes, porventura, que se assignaram em nosso paiz: a lei de 1871, que considerou livre o ventre das escravas e a Lei Aurea de 13 de Maio de 1888, que libertou a escravidão. Ao assignar a primeira, a heroica senhora sabia que ia tornar-se alvo do odio e da calumnia de todos os poderosos de então; e ao assignar a segunda, sabia que ia abalar o throno e decretar a sua ruina. Ella não vacillou: resignou-se ao odio e ao exilio, fazendo a apostasia de todas as felicidades terrenas. E' tão grande esta senhora, que ao falar nella temos vontade de genuflectir.

Paz á sua alma.

Entretanto, a despeito do seu immenso valor, que a colloca como uma das figuras de maior destaque da nossa historia, desses dois gestos de renuncia de que só seriam capazes as santas da agiologia christã, da sua alta belleza moral e da gratidão que lhe deve a raça negra, a despeito de tudo, os republicanos, á excepção do sr. Epitacio Pessoa e de poucos mais, fizeram o proposito de esquecer-lhe o nome, fazendo em torno d'elle a conjuração do silencio. Não contentes com isso, a unica rua que, em S. Paulo, lhe perpetuava o nome, leu hoje um nome differente, de um herde de ultima hora, mais glorioso e mais representativo...

Põe a prova da actualidade
Hoje ainda precisa experimentar esta qualidade contra.

TOLUOL --

TOSSSE, BRONCHITES, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO E GARGANTA.

VENDE-SE EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS

Em que consiste a felicidade



Por esta revista se vem discutindo, de ha muito, essa complexa questão da felicidade e em que ella consiste. Claro está que uma discussão desta natureza é sempre esteril, porque nunca se chegará realmente a um accordo, ou melhor, nunca duas opiniões serão concordantes. Cada qual encara a felicidade ao seu modo e, o que mais é, no seu ponto de vista actual, e, portanto, ephemero. Machado de Assis, numa synthese ironica, mas profundamente humana, resumiu essa especie de felicidade a "um par de botas curtas". O individuo, a quem lhe apertam as botas, só encara a felicidade de uma fôrma: é arrancar as botas para dar allivio á dôr dos callos. Por muito humoristica que seja a definição, ella é a que mais se approxima da verdade, quando se trata da felicidade actual, dessa que o individuo almeja em certo momento da vida. Ora, todas as collaboradoras desta revista, ao responder á "enquêite", se collocaram nesse ponto de vista, e nenhuma dellas se referiu, mesmo accidentalmente, á saude como elemento de felicidade.

Para nós, como para todas as pessoas que encararem seriamente a questão, a saude não é só um elemento de felicidade, mas é a propria base sobre que ella assenta. Para o individuo, cuja felicidade consiste nos gosos materiaes, conforto, appetite satisfeito, etc., a saude deve antecêder a todos os demais desejos; os espirituaes, os que amam os prazeres do espirito, só podem ser felizes se forem sadios; os affectuosos, os abnegados, os caritativos, todos esses para os quaes a felicidade consiste em fazer o maior numero de bens, não podem pôr em pratica os seus desejos se não tiverem saude.

A saude é, portanto, a base de tudo. Como se adquire ella? Por um unico processo: fortalecendo a cellula, dando á natureza elementos de defesa efficaz contra a enfermidade.

Quando o individuo se sente enfermo, a primeira coisa que faz é tratar do órgão affectado, sem advertir, que, na maior parte das vezes, é o órgão que cria a doença, o que importa dizer que a droga correspondente é inocua e, não raro, nociva. A unica verdadeira cura é a operada pela natureza, pela "vis medicatrix". Fortaleçamos, portanto, a nossa natureza, forneçamos-lhe elementos bastantes de defesa, de maneira a ella resistir ás infecções exteriores. O melhor meio de se obter isso é pela tonificação do organismo. O problema, pois, que primeiro se impõe é a escolha do tonico. O tonico que nos occorre como o mais efficaz, de resultados mais duradouros, é o *Vinho Biogenico*, que, pela riqueza dos phosphatos biologicos que entram na sua composição reconstitue de prompto as forças sendo porisso o mais aconselhavel aos neurasthenicos, aos asthricos, aos anemicos, aos convalescentes, ás parturientes, ás senhoras que soffrem de fluxos brancos, a todas as pessoas emfim que necessitam de um reconstituente. O *Vinho Biogenico*, do sr. Francisco Giffoni, é uma das mais notaveis creações da pharmacopêa brasileira.

A sua efficacia faz-se sempre sentir em qualquer caso, quer para adultos, quer para creanças.

LIVROS A' VENDA NESTA REDACÇÃO

Os nossos leitores e assignados não podem prescindir de um certo numero de obras que são necessarias, em estabellimento de uma biblioteca. Todas as que temos á venda, nesta redacção, são uteis, interessantes, variadas, absolutamente moraes.

Nos preços marcados em cada um dos volumes está incluido o frete e o correio.

Accedemos, pois, pedidas das seguintes obras:

“ESCRIVA OU RAINHA, linda romance publicado nas paginas da “Revista Feminina”, e que tanto erito alcançou. E' edificante pela sua concepção altamente moral, e ao mesmo tempo ágil e o espirito da escriptura, cada uma das suas epistolas. O enredo deste magnifico romance, é tão bem urdido, que o leitor se deixa momentaneamente arrastar atravez das suas paginas, vivendo a vida dos seus personagens e transportando-se para o lugar onde a acção se passa. E' uma leitura que satisfaz a todos os gostos.

Um grande volume lindamente impresso. — Preço 48000.

ENTRE DUAS ALMAS, é um romance sensacional que tem feito um immenso successo em todo o mundo. Elle conta já traducções para quatro idiomas, e que põe bem em evidencia o seu valor. E' um romance real, e cuja enredo decorre de uma maneira empolgante. Um volume, preço 48000.

COLLECÇÕES ENCADERNADAS DA “REVISTA FEMININA”, referem-se aos annos de 1912 e 1920. As pessoas que não collocam-nas a nossa revista ou aquellas que não curisidade de conhecer, devem adquirir as nossas collecções, que formam grandes e luxuosissimos volumes encadernados, em precioso e cores d'azul e verde. A primeira e a segunda volumes proprios para presentes de aniversario e que devem ser conservados como livros de consulta, mercê da sua variada e interessantissima leitura. — Preço 258000 cada collecção.

FLORES DE SOMBRA, comedia de Claudio de Sousa, uma das obras de maior exito no theatro nacional. — Preço 38000.

NOVA SEIVA, o melhor livro de contos que ha para creanças, com instructivos, interessantes pelo enredo, e escriptos em linguagem simples, correcta, ao alcance das intelligencias infantis. Grande volume in-quarto, encadernado, com varias centenas de nitidas e variadas gravuras. Edição luxuosa propria para presentes ou para premio ás creanças estudadas. — Preço 48000.

MADRE MARIA THEODORA, elegante e luxuosissima polythética offerecida á Superiora Provincial de “Igreja de S. José de Chambray”. Precioso volume de cerca de “scenas papais”, cheias de lindas gravuras impresso em finissimo papel glacé. — Preço 158000.

A LUA CRESCENTE, collecção das famosas formas do grande poeta indio Rabindranath Tagore, que pelo seu alto valor, recebeu o premio Nobel, que o consagrou o maior poeta do seu raca e um dos maiores do mundo. A versão em prosa portugueza, de Plácido Barbosa, é excellentissima, dando-nos idéas da belleza original dos poemas. Quem não conhece a poesia oriental, são suggestivos, são profundos. No original, deve ler esta collecção do poeta indiano. — Preço 48000.

O TURELHAO, esse peça theatral de Claudio de Sousa, que é uma das mais sensacionais creações do moderno theatro e que tanto erito alcançou, acaba de ser publicada em elegantissima brochura e com uma formosa capa cores. Vende-se nesta redacção a 8000 réis exemplar. — Pelo Correo, registrado, 38500.

A DOR DE AMAR, um dos mais interessantes romances do vida actual. Narração de amor, cheia de episodios sentimentaes e inteiramente romancados. O autor, neste romance, tem concetos sobre a vida sentimental que impressiona pela sua justiza e verdade. — Preço 48000.

A JANGADA, linda comedia em tres actos de Claudio de Sousa. Pelo correo, registrado, 38000.

AS SENSITIVAS, magnifica comedia em tres actos de Claudio de Sousa. Pelo correo, registrado, 38000.

HELOISA, Este romance de d. Augusta Franco de Sá vem fazendo um verdadeiro successo, mercê da sua escriptura clara, da curiosidade que se enredo desperta e de numerosos episodios que se passam em Paris, Londres, Roma e outras capitales. Heloisa, que é uma creatura perfeita, filha má, cheia de adios e intrigas, que pouco a pouco perdendo estes defeitos e adquirindo qualidades e virtudes que a tornam uma verdadeira conta. Não ha quem se não seja impressionado e encantado ao ler este romance.

E' um grosso volume de mais de 300 paginas, em elegante e soada encadernação. E' um livro proprio para apresentar uma moça. Um volume, 68000 réis. Pedidas nesta redacção.

A FILHA DO DIRECTOR DO CIRCO, E' este um dos romances mais interessantes da grande escriptura da baronesa Ferdinande von Brackel, e uma das obras mais vulgarizadas em todo o mundo. A sua leitura é empolgante e impressionadora. Ha episodios de amor tratados com tal profundidade, que nos deixam a alma recordando inapagavel. O enredo é curisissimo, e todo elle baseado na vida real.

A traducção portugueza é excellentissima.

Um grosso volume de cerca de 400 paginas, lindamente encadernado e lindamente impresso, proprio para presente, 68500 réis. Pedidas nesta redacção.

DIGESTIVO PICARD é um tónico digestivo incomparavel em todas as formas da dyspepsia. Produz bem-estar gastro-intestinal em todos os casos de má digestão, azia, prisão de ventre, acidez, má hálito e outras enfermidades do tubo digestivo. E' de resultado absolutamente effizca.

Vende-se nesta redacção. Um frasco, 68000, registrado pelo correo. Nesta redacção, 68000 o vidro, registrado pelo correo.

Preparados que se vendem nesta redacção

RECITAS DE BELLEZA PARA COLORIR OS CABELLOS. Deita com algumas tinturas psychologicas e com a magica Henna — o homem procura resistir, por meios artificiaes, aos estragos da idade, visando principalmente os cabellos brancos, que são os primeiros e os mais evidentes signaes da velhice.

Entre os tinturas usadas para tal fim figuram as de saes de chumbo, de prata, de cobre, de mercúrio, de cal, de bismutho, de estanho e outras, que produzem sobre o organismo inteiro graves não a base de sulfato de camium e sulphato de ammonio. São menos tóxicas, mas irritam o couro cabeludo e provocam a queda rapida. As tinturas a base de nitrato de prata, são espalhadas, são de acção tóxica, lenta e fatal. Ha, porém, algumas producções vegetaes e infusões, que indolentemente, dão uma coloração muito fraca e pouco duravel. A unica que se pôde recomendar sem receio e que dá resultados admiraveis, é a Petalina, com a qual se pôde obter, graduando as doses, todos os tons, do castanho claro ao negro acurico. Infelizmente este producto é raro em nosso meio, sendo oriundo da Persia, de onde actualmente se pôde vir com grande difficuldade.

A Empresa Feminina Brasileira acaba de receber uma pequena quantidade.

Podeis obtela por intermedio da nossa “Revista”, enviando a importância de 10800 e mais 4500 para a remessa.

POMADA RENEY PARA SARDAS, MANCHAS E FAVOS. Este preparado, que se recomenda por mais de vinte annos de accção e pela sua effizca sobremaneira comprovada, é o que ha de melhor para as manchas da pelle e para a tornar clara, macia e fina. E' absolutamente inoffensivo. Bastam alguns dias de uso. A sua effizca é prompta e duravel.

E' fabricado em tres typ: “Moderada”, “Forte” e “Extra-forte”. A primeira é usada no manho das cascas; a segunda para os annos em que a primeira não faça effeito, e a ultima para ser applicado unicamente nos braços e nas mãos.

Pedidas a esta redacção, 48000 o frasco; pelo correo, registrado, 58000.

VANADIOL, é o mais effizca dos tónicos reconstituintes. E' aconselhado para todos os casos em que se exige um tratamento tonicificante. E' o especifico da anemia, da chlorose, da falta de sangue, da tuberculose; é o tónico das células, dos nervos, dos musculos, do cerebro, do estomago. O seu uso se faz indispensavel a todos as pessoas enfraquecidas, aos neurasthenicos, aos valiosos, aos convalescentes. Pedidas a esta redacção. Preço: 188000; pelo correo, registrado, 118000.

CREME DE BEAUTE ZABELLA E LOCOES. Preparado por Madame Zabella, directora do Consultorio Technico de Belleza do Rio de Janeiro. Este creme é usado geralmente como se usam todas as cremes. Emquanto os outros, porém, se servem para branquear a pelle e fazer o pó d'arroz, o Creme de Beauté Zabella, tem, além dessa utilidade, em que supera os melhozes, a propriedade de atuar sobre todas as partes da cutis, como manchas, bolhas, epididros, pannos, asperzes e outros defeitos, que tanto affiam a rosto.

A sua effizca é garantida. Ler no prospecto a maneira de usar.

A' venda nesta redacção. 88000, pelo correo, registrado, 108000.

PREPARADO N.º 1, loção adstringente para a cutis de transpiração gordurosa, para manchas, pontos negros e borbulhas. Depois de humedecer o rosto com este preparado, facese uma pequena massagem com o “Creme de Beauté Zabella”. A cura é garantida das enfermidades da pelle. — Preço 88000, pelo correo, 108000.

PREPARADO N.º 2, loção emoliente para a cutis muito delicada. Esta loção, pelos seus componentes medicinos e hygienicos, deve fazer pôr insuperavel das coisas uteis e indispensaveis a todas as damas que prezam a sua belleza. Sua acção é extraordinaria contra as manchas de sol, as asperzes da pelle produzidas pelo frio e outras causas, tendo a propriedade de amaciar e branquear a cutis. Depois de usado, applica-se o “Creme de Beauté Zabella”. Preço 88000, pelo correo, 108000.

UM TONICO MARAVILHOSO. Os brasileiros são, em geral, anemicos. A anemia, na mulher, conduz á velhice precoce, e na homem domina a capacidade de acção, sem fazer em outros males muito mais serios. A fealdade da pelle, a sua asperza, e a sua coloração desagradavel são ás vezes proveniente da anemia de origem hereditaria, e por este caso, como para todos em que se exige uma tenificação poderosa e de resultados promptos, aconselhemos a “Hemotol”. E' o especifico da saúde. Preço, 78000. Pelo Correo, 98000.

PRODUCTOS DE BELLEZA “GABY”, pela sua excellencia incomparavel, pela sua effizca, conquistadora dos sympathias em horas de tratamento. O creme Gaby, magnifico para a pelle, 58500, pelo correo 68000. O emalme Gaby, para polir as unhas, 48500, pelo correo 58000. As limas Gaby, flexiveis, para regularizar as unhas, 28000, pelo correo 38000.

FLUXOSEDATINA — Medicamento de real effizca nos incommodos uterinos, como nos amenorrhéas, dysmenorrhéas, hemorrhagias, colicas e nos perturbacões da vida critica em muitas de suas horas cedem as colicas uterinas. Com este medicamento, os partos effectuam-se sem dor e rapidamente e sem os perigos decorrentes. Preparado do chimico Sibino Pacheco de Azevedo.

Vende-se nesta redacção. Um frasco, 68000, registrado pelo correo.

ELIXIR 914 — O mais activo e racional anti-siphilítico e anti-rheumatico. E' uma medicação energica e segura no tratamento de todas as molestias da pelle e do sangue. E' o tónico depurativo mais poderoso que se muito tarde são percebidas. As tinturas americanas poderosas que se conhece.

DR. B. TOLOSA

Assistente extra-num. da Clinica de Partos da Fac. Med. S. Paulo. Cons.: Rua Libero Badaró, 67, 1.º and., das 15 ás 17 horas. Tel. Cent. 2349. Resid.: Tel. Avenida, 335.

DOUTORA MATARAZZO

MEDICINA E CIRURGIA EM GERAL

Senhoras e crianças

Das 14 ás 16 horas: Quintino Boscayuva, 4 (Sala 6, 2.º andar) — Telephone, Central 5259.

Residência: Avenida Celso Garcia, n. 348, das 12 ás 13 horas — Telephone. Braz. 347.

Thomaz, Irmão & C.

IMPORTADORES

Ferragens para construcções :::::

::::::::::::::: Oficinas e fabricas

Ferramentas para artes, officios e
lavoura

Tintas,

Oleos,

Vernizes,

esmaltes,

etc.

19 — RUA DA QUITANDA — 19

Caixa Postal, 923

————— Tel. Cent. 969 —————

S. PAULO

JOIAS

Não façam suas compras sem primeiro verificar os nossos preços

CASA HENRIQUE

A MAIOR E A MAIS BARATEIRA FABRICA DE JOIAS

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 18

Carrapaticida "Kiltik,"

DOS FABRICANTES
THE SHERWIN — WILLIAMS CO.

O melhor e mais economico dos carrapaticidas até hoje conhecidos. Acaba de ser experimentado e aprovado pelo Ministerio da Agricultura, em virtude dos resultados surpreendentes obtidos nas experiencias a que foi sujeito na Fazenda de Santa Monica.

Eis alguns trechos do certificado obtido das experiencias feitas na Fazenda de Santa Monica:

"Ao fim de uma semana, mais ou menos, verificou-se que todos os carrapatos grandes e pequenos, machos e fêmeas, haviam morrido e alguns que ainda se achavam agarrados á pelle estavam inteiramente secos.

Offerece vantagens que não devem ser desprezadas. Assim é que para um banheiro de doze mil e oitocentos litros, que foi a capacidade com que trabalhamos em Santa Monica, gastou-se OITENTA E OITO LITROS do preparado "Kiltik", enquanto que de SARNOL e COOPER seriam necessarios CENTO E VINTE E OITO LITROS, uma diferença de QUARENTA LITROS".

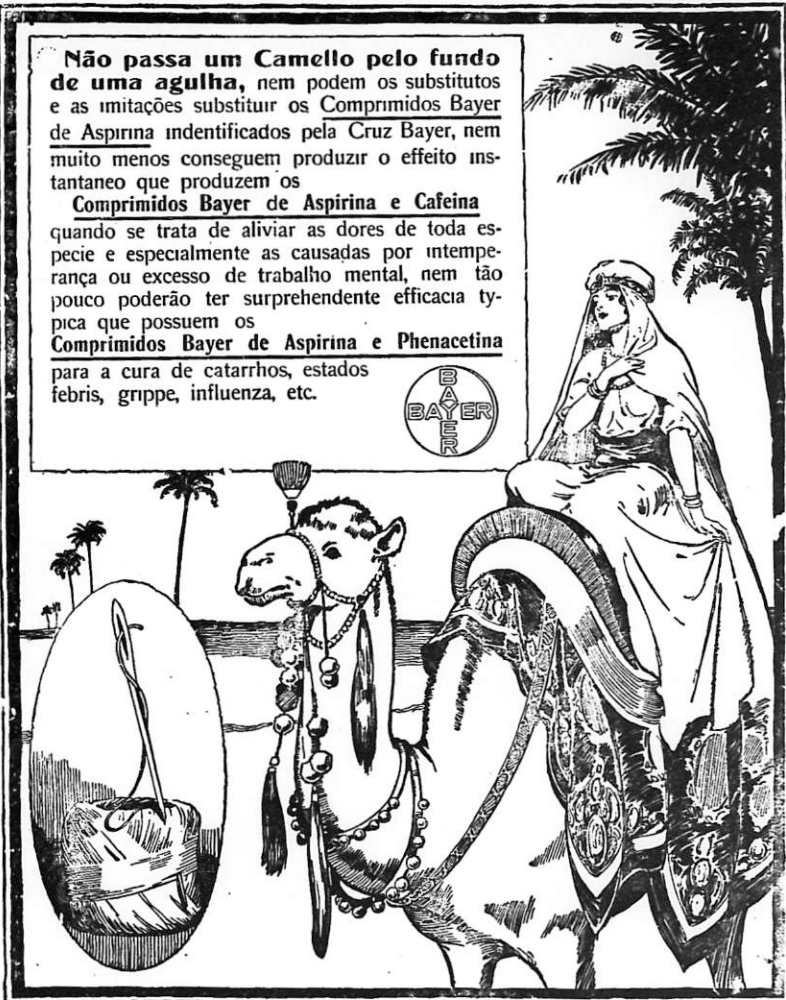
Para mais informações e preços, na

Companhia Mechanica e Importadora de São Paulo

RUA 15 DE NOVEMBRO N.º 36

Não passa um Camello pelo fundo de uma agulha, nem podem os substitutos e as imitações substituir os Comprimidos Bayer de Aspirina indenticados pela Cruz Bayer, nem muito menos conseguem produzir o efeito instantaneo que produzem os

Comprimidos Bayer de Aspirina e Cafeina
 quando se trata de aliviar as dores de toda especie e especialmente as causadas por intemperança ou excesso de trabalho mental, nem tão pouco poderão ter surprehendente efficacia typica que possuem os
Comprimidos Bayer de Aspirina e Phenacetina
 para a cura de catarrhos, estados febris, gripe, influenza, etc.



PREÇO DE VENDA DO TUBO ORIGINAL:

Comprimidos de Aspirina	3\$000
„ de Aspirina-Cafeina e de Aspirina-Phenacetina	3\$500

Livraria Francisco Alves

Caixa Postal, L

End. Telegr. FILALVES

RUA LIBERO BADARO' N.º 129

S. PAULO

- POESIAS, por Olavo Bilac: nova edição aumentada com os 98 sonetos do Livro "Tarde", 1 vol. de 391 pag., br. 7\$000, enc. 8\$500
- CANTOS DE LUZ, versos de Luiz Guimarães Filho, musica do Dr. Carlos de Campos e desenho de Corrêa Dias. 1 grande vol. ricamente impresso e encadernado 20\$000
- HISTORIAS E PAIZAGENS, por Affonso Arins, 1 vol. br. 4\$900, encadernado 5\$500
- EM PERNAMBUCO, pelo Dr. A. Austregesilo, 1 vol. br. 4\$900, enc. 5\$500
- HISTORIAS DO GUEDES, com illustrações de J. Carlos, 1 vol. cart. 3\$000
- PRIMEIRAS SAUDADES, leitura para o curso medio das escolas primarias, por M. Bonfim, 1 vol. cart. 4\$000
- RESERVISTA PRATICO, ensino pratico do exercicio de infantaria, nomenclatura de fuzil Mauser mod. 1908 e nomenclatura do tiro para os Reservistas, 1 vol. br. 5\$000
- GEOGRAPHIA GERAL, compendia destinada ás Escolas Normaes, Lyceus, Gymnasios, Atheneus, Collegios Militares, Cursos de Adultos e de Preparatorio, por Olavo Freire, 1 vol. de mais de 500 pag., contendo todas as modificações havidas na Europa e outros partes do mundo 10\$000

Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophul., sas, Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de GIFFONI é um excellente re-constituente dos organismos enfraquecidos das crianças, *podere-se tonico depurativo e anti-escrophuloso*, que nunca falha no tratamento das molestias ceneumptivas acima apontadas.

É superior ao óleo de fígado de bacalhão e suas emulsões porque contém em muito maior proporção o *toda vegetalizada* intimamente combinado ao *tannino da nogueira (Juglans Regia)* e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitalisador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel.

Um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao óleo e às emulsões dahi a prescencia dada ao **JUGLANDINO** pelos mais distinctos clinicos, que o recitam diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO IODO TANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral: **Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & C.ª** Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

NOVA SEIVA

Este é o melhor livro de contos que ha para creanças. É um grosso volume, nitidamente impresso em finissimo papel e ornado com mais de 150 illustrações onde se vem magnificos contos instructivos, moraes e interessantissimos como enredo que farão as delicias das creanças e das pessoas adultas. Edição de luxo, propria para presente de anniversario. — Vende-se nesta Redacção. Preço 5\$000. Pelo correio registrado 6\$000.

Acaba de sahir do prelo:

A Esposa do Sol

emocionante romance historico

DE

GASTON LEROUX

Tradução autorizada do fr. uevz

POR

Nykota Sampaio

Encadernado 5\$000

Para o porte mais 500 réis

Não será grande o numero de romances de valor que deixam o leitor ansioso, suspenso, para saber a sorte dos protagonistas, como esta nova obra de GASTON LEROUX,

As notas historicas, longe de prejudicarem o interesse, concorrem muito para maior apreciação do romance.

Pedidos á redacção da

REVISTA FEMININA

AV. S. JOÃO, 87

(Altos)

— — — S. PAULO — — —

Officina de Photogravura

— A PAULICÉA —

— de —

Castignani & Lastrri

Rua Gusmões, 82

TELEPHONE CIDADE, 5889 — S. PAULO

Marmoraria TOMAGNINI

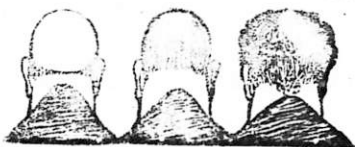
Especialidade em tumulos de marmore e granito polido

DIETRASANTA (Carrara) talia

Rua Paula Souza, 85

S. Paulo - Telephone, 3378 — central

“O PILOGENIO” serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir o cabelo novo e abundante.
Se começa a ter pouca, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.
Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da calva

Ainda para o tratamento da queda e loção de Fallot. OPILOGENIO

Sempre “O PILOGENIO”

“PILOGENIO” SEMPRE

A' VENDA em todas as farmacias, drogarías e perfumarias

LYCETOL

GRANULADO
GIFFONI
DISSOLVE E EXPELLE
O ACIDO URICO

ESPECIALLY MANAGED FOR THE TREATMENT OF
CONTRA
DIATHESE URICA—COLICAS NEPHRITICAS
CALCULOS BILIARES
ARTHRITISMO—RHEUMATISMO
→ GOTA ←

EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS DO BRASIL
DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI
DE
FRANCISCO GIFFONI & C.^ª—RUA 1.^ª DE MARÇO 17
RIO DE JANEIRO

PALACE HOTEL

Aos forasteiros elegantes, nos tomamos a todas as pessoas que têm hábitos finos e de conforto, aconselhamos que, ao vir a S. Paulo, se hospedem de preferencia no PALACE HOTEL, á rua Florencio de Abreu n. 102. Esse hotel foi montado segundo os melhores modelos do genero, não temendo competições com os mais modernos. Ocupa um vasto predio, especialmente construido para esse fim, e á sua montagem, presidia um alto espozito de elegancia, de bom gosto e de luxo discreto. O seu serviço é incomparavel. A sua cozinha, magnifica, recomendo-se pela riqueza e variedade dos “menus”. Tudo é executado com assido, escripto e a mais rigorosa hygiene. Todos os quartos, que são amplos, elegantemente mobiliados e confortaveis, têm telephone, agua encanada e muitos outros recursos. Podemos afirmar que, mesmo nas capitães europeás mais adiantadas, poucos estabelecimentos se lhe podem comparar.

Um magnifico quarteto de professores executa, durante as refeições, um variado programma onde figuram as mais recentes composições musicæes.

Os seus preços, entretanto, quer os de hospedagem, que os de restaurant e bar, são notoriamente commodos.



VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da “Vitalidade”, o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardiaca.

E' o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio-scleroses), etc. Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite. E' um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Receitado diariamente pelas summidades medicas

Encontra-se nas boas farmacias e drogarías. Deposito Geral:
PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.
Rua 1.^ª de Março, 17 — Rio de Janeiro

2 ESPECIALIDADES

QUE NUNCA DEVEM FALTAR
NUMA BEM-QUEZIDA CASA



CERA PARA SOALHOS
Parquetine
MARCA 2 ANCORAS

PARQUETINE
É UM PREPARADO ESPECIAL, ÚNICO
NO GÊNERO, QUE LUSTRA E RENOVA
QUALQUER SOALHO, SENDO A MAIS
ANTIGA MARCA, PREFERIDA PELAS DO-
NAS DE CASA DE BOM GOSTO. —
AS "DUAS ANCORAS" SÃO A GARANTIA
DA QUALIDADE.

Fabrica  **ANCORAS**

A. BEHMER & FILHOS
CALLE F. LANGE 20, RIO DE JANEIRO, S.



**PASTA
DUAS
ANCORAS**

PATENTE Nº 2250

PARA CONSERVAR E POLIR CALÇADOS

A PASTA "2 ANCORAS" — recommenda-se pela verdadeira conservação do calçado.
A "PARQUETINE" — torna qualquer soalho novo e brilhante.